

CONTEÚDO

Abreviações usadas neste Livro-Texto e Comentário	6
Uma Palavra do Autor: Um Breve Sumário desse Método Interpretativo	8

INTRODUÇÃO

I. Uma Palavra a Respeito da Tendência na Interpretação Bíblica Para Especializações em Hermenêutica	11
II. A Experiência do Autor no Ensino da Hermenêutica em Igrejas Locais, Classes, e Seminários.....	16
III. A Questão da Autoridade	18
IV. A Necessidade de Procedimentos Hermenêuticos Não-Técnicos.....	19
A. Indiferença entre os Crentes	
B. Dogmatismo Entre os Crentes	
V. Pressuposições Básicas sobre a Bíblia	21
VI. Declarações Gerais sobre o Método Contextual/Textual.....	22
VII. Alguns Comentários Gerais para o Leitor.....	23

A BÍBLIA

I. O Cânon.....	25
II. Reivindicações da Inspiração	27
III. O Propósito da Bíblia	27
A. Não um Livro de Regras	
B. Não um livro de Ciência	
C. Não um Livro Mágico	
IV. Pressuposições do Autor sobre a Bíblia	29
V. Evidência para Autoridade e Inspiração Sobrenatural da Bíblia.....	24
A. Profecia Preditiva	
B. Descobertas Arqueológicas	
C. Consistência da Mensagem	
D. Pessoas Transformadas Permanentemente	
VI. Problemas Relacionados com nossa Interpretação da Bíblia	31
VII. As Principais Fontes Textuais da nossa Bíblia Moderna	32
A. Antigo Testamento	
B. Novo Testamento	
C. Breve explanação dos problemas e teorias do criticismo textual	
D. Os princípios básicos do criticismo textual	
E. Alguns exemplos do problema dos manuscritos copiados à mão no NT Grego	
F. O problema da tradução de uma linguagem para outra	
G. O problema da linguagem humana ao descrever Deus	

AUTORIDADE BÍBLICA

I.	Definição Pressuposicional do Autor	41
II.	A Necessidade de Interpretações Verificáveis	41
III.	Exemplos de Abuso Interpretativo	43

O INTÉRPRETE

I.	Condicionamento Pressuposicional.....	44
II.	Alguns Exemplos de Condicionamento Evangélico	45
III.	O que Pode Ser Feito?.....	50
IV.	A Responsabilidade do Intérprete	50

O MÉTODO CONTEXTUAL DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

I.	Sua História e Desenvolvimento	51
	A. Interpretação Judaica	
	B. A Escola de Alexandria	
	C. A Escola de Antioquia	
	D. Os Princípios Básicos de Antioquia	
II.	Questões Interpretativas	54
	A. O que o autor original disse?	
	B. O que o autor original quis dizer?	
	C. O que o autor original disse sobre o mesmo assunto em outros lugares?	
	D. O que outros autores bíblicos dizem sobre o mesmo assunto?	
	E. Como os ouvintes originais entenderam a mensagem e como responderam a ela?	
	F. Como essa verdade se aplica aos meus dias?	
	G. Como essa verdade se aplica à minha vida?	
	H. A responsabilidade do Intérprete	
	I. Alguns livros úteis	

ALGUMAS POSSÍVEIS ARMADILHAS INTERPRETATIVAS

I.	Necessidade de um Foco Textual e Processo Lógico na Interpretação.....	71
	A. O contexto literário da passagem	
	B. O contexto histórico	
	C. O gênero literário	
	D. A sintaxe e gramática	
	E. O significado original da palavra e conotações	
	F. Uso apropriado de passagens paralelas	
II.	Exemplos de Abusos das Primeiras Cinco Questões Interpretativas	77

PROCEDIMENTOS PRÁTICOS PARA INTERPRETAÇÃO

I. Os Aspectos Espirituais.....	77
A. Oração por auxílio	
B. Pureza pessoal	
C. Desejo de conhecer Deus	
D. Aplicar a verdade na vida	
II. O Processo Lógico	77
A. Ler em diversas traduções	
B. Leia o livro inteiro ou a unidade literária	
C. Escreva suas observações textuais	
1. propósito da passagem	
2. gênero da passagem	
D. Neste ponto é útil você comparar seu esboço	
E. Releia o livro inteiro e esboce as unidades	
F. Compare suas observações com outros recursos bíblicos	
G. Compare as passagens paralelas significativas	
H. Povos orientais apresentavam verdades em pares de tensão	
I. Teologia Sistemática	
J. Uso de Passagens Paralelas	
III. Ordem Proposta para uso de Ferramentas de Pesquisa.....	83

EXEMPLO DE CATEGORIAS DE ANOTAÇÕES

I. Ciclos de Leitura	85
II. Procedimentos Exegéticos.....	87
III. Procedimentos básicos para um estudo acadêmico de palavras do NT	88
IV. Um breve sumário de princípios hermenêuticos	90

UMA LISTA SELETA DE FERRAMENTAS DE PESQUISA RECOMENDADAS

I. A Bíblia	91
II. Como Pesquisar.....	91
III. Hermenêutica	91
IV. Introdução básica aos livros bíblicos	92
V. Enciclopédias Bíblicas e Dicionários.....	92
VI. Conjuntos de Comentários	92
VII. Estudo de Palavras	93
VIII. Contexto Histórico	93
IX. Teologias	94
X. Apologética	94
XI. Dificuldades Bíblicas	94
XII. Criticismo Textual.....	95
XIII. Léxicos	95

XIV. Sites para comprar livros usados e com descontos	95
---	----

UM GUIA PARA A BOA LEITURA BÍBLICA: UMA BUSCA PESSOAL PELA VERDADE VERIFICÁVEL.....	96
--	-----------

BREVE DEFINIÇÃO DE FORMAS VERBAIS QUE CAUSAM IMPACTO NA EXEGESE

I. Breve Desenvolvimento Histórico do Hebraico.....	104
II. Aspectos da Predicação.....	104
A. VERBOS	
B. DERIVAÇÕES	
C. MODOS	
D. <i>Waw</i>	
E. INFINITIVOS	
F. INTERROGATIVAS	
G. NEGATIVAS	
H. SENTENÇAS CONDICIONAIS	

DEFINIÇÕES DAS FORMAS GRAMATICAIS GREGAS QUE INFLUENCIAM A INTERPRETAÇÃO

I. TEMPO	110
II. VOZ.....	111
III. MODOS.....	112
IV. FERRAMENTAS DE PESQUISA	112
V. NOMES.....	113
VI. CONJUNÇÕES E CONECTORES	113
VII. SENTENÇAS CONDICIONAIS.....	115
VIII. PROIBIÇÕES.....	115
IX. O ARTIGO	116
X. MODOS DE DEMONSTRAR ÊNFASE NO GREGO	116

EXEMPLO DE FOLHAS DE TRABALHO

I. Exemplo de unidade literária em Romanos 1-3	119
II. Exemplo em Tito.....	124
III. Exemplos a partir dos comentários do Dr. Utley	
A. Efésios 2.....	131
B. Romanos 5	152
C. Romanos 6	168

APÊNCIDES

Apêndice 1, AT como História	180
Apêndice 2, Historiografia do Antigo Testamento Comparada a Culturas Contemporâneas do Antigo Oriente	183
Apêndice 3, Narrativa do AT.....	185
Apêndice 4, Profecia do AT.....	187

Apêndice 5, Profecia do NT.....	191
Apêndice 6, Poesia Hebraica	194
Apêndice 7, Literatura Hebraica de Sabedoria	197
Apêndice 8, Apocalíptica.....	201
Apêndice 9, Interpretando Parábolas	203
Apêndice 10, Glossário de Termos Usados em Hermenêutica.....	207
Apêndice 11, Bibliografia de livros recomendados	216
Apêndice 12, Declaração Doutrinária.....	220
Poema de Hermenêutica (autoria de um estudante aposentado).....	220

Abreviaturas Usadas Neste Estudo

- AB Anchor Bible Commentaries [Comentários da Bíblia Anchor], ed. William Foxwell Albright e David Noel Freedman
- ABD Anchor Bible Dictionary [Dicionário da Bíblia Anchor] (6 vols.), ed. David Noel Freedman
- AKOT Analytical Key to the Old Testament [Chave Analítica para o Antigo Testamento] de John Joseph Owens
- ANET Ancient Near Eastern Texts [Textos do Antigo Oriente Médio], James B. Pritchard
- BAGD A Greek-English Lexicon of the New Testament and Early Christian Literature [Um Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento e Literatura Cristã Primitiva], Walter Bauer, 2ª edição de F. W. Gingrich e Fredrick Danker
- BDB A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament [Um Léxico Hebraico Inglês do Antigo Testamento] de F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs
- BHS Biblia Hebraica Stuttgartensia, GBS, 1997
- DSS Dead Sea Scrolls [Rolos do Mar Morto]
- IDB The Interpreter's Dictionary of the Bible [Dicionário do Intérprete da Bíblia] (4 vols.), ed. George A. Buttrick
- ISBE International Standard Bible Encyclopedia [Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional] (5 vols.), ed. James Orr
- BJ Bíblia de Jerusalém
- JPSOA The Holy Scriptures According to the Masoretic Text: A New Translation [As Sagradas Escrituras de Acordo com o Texto Massorético (The Jewish Publication Society of America)]
- KB The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament [O Léxico Hebraico Aramaico do Antigo Testamento] de Ludwig Koehler e Walter Baumgartner
- LAM The Holy Bible From Ancient Eastern Manuscripts [A Bíblia Sagrada a Partir de Antigos Manuscritos Orientais] (a Peshita) de George M. Lamsa
- LXX Septuagint (Greek-English) [Septuaginta (Grego-Inglês)] de Zondervan, 1970
- MOF A New Translation of the Bible [Uma Nova Tradução da Bíblia] de James Moffatt

TM	Texto Massorético Hebraico
NAB	New American Bible Text [Texto da Nova Bíblia Americana]
NASB	New American Standard Bible
NEB	New English Bible
NET	NET Bible: New English Translation [Bíblia NET: Nova Tradução Inglesa], Segunda Edição Beta
NIDNTT	New International Dictionary of New Testament Theology [Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento] (4 vols.), de Colin Brown
NIDOTTE	New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis [Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento] (5 vols.), ed. Willem A. VanGemeren
NVI	Nova Versão Internacional
NJB	New Jerusalem Bible [Nova Bíblia de Jerusalém]
NRSV	New Revised Standard Bible
OTPG	Old Testament Parsing Guide [Guia Analítico do Antigo Testamento] de Todd S. Beall, William A. Banks e Colin Smith
REB	Revised English Bible
RSV	Revised Standard Version
SEPT	The Septuagint (Greek-English) [A Septuaginta (Grego-Ingês)] de Zondervan, 1970
TCNT	The Twentieth Century New Testament [Novo Testamento do Século Vinte]
TEV	Today's English Version das Sociedades Bíblicas Unidas
YLT	Young's Literal Translation of the Holy Bible [Tradução Literal da Bíblia Sagrada de Young] de Robert Young
ZPBE	Zondervan Pictorial Bible Encyclopedia [Enciclopédia Ilustrada da Bíblia de Zondervan] (5 vols.), ed. Merrill C. Tenney

UMA PALAVRA DO AUTOR: COMO ESTE COMENTÁRIO PODE AJUDAR VOCÊ?

Interpretação bíblica é um processo racional e espiritual que tenta compreender um escritor antigo de tal maneira que a mensagem de Deus possa ser compreendida e aplicada nos nossos dias.

O processo espiritual é crucial mas difícil de definir. Envolve uma rendição e abertura a Deus. Deve haver uma fome (1) por Ele, (2) para conhecê-Lo e (3) para servi-Lo. Este processo envolve oração, confissão e a disposição para mudança de estilo de vida. O Espírito é crucial no processo interpretativo, mas por que cristãos sinceros, piedosos compreendem a Bíblia diferentemente é um mistério.

O racional é mais fácil de descrever. Nós devemos ser consistentes e honestos ao texto e não ser influenciados por nossos preconceitos pessoais ou denominacionais. Nós todos somos historicamente condicionados. Nenhum de nós é um intérprete objetivo, neutro. Este comentário oferece um processo racional cuidadoso contendo três princípios interpretativos estruturados para nos ajudar a superar nossos preconceitos.

Primeiro Princípio

O primeiro princípio é observar o cenário histórico em que o livro bíblico foi escrito e a ocasião histórica particular para seu autor. O autor original tinha um propósito, uma mensagem para comunicar. O texto não pode significar algo para nós que nunca significou para o autor original, antigo, inspirado. Sua intenção – não nossa necessidade histórica, emocional, cultural, pessoal ou denominacional – é a chave. Aplicação é um parceiro fundamental para interpretação, mas interpretação apropriada deve sempre preceder aplicação. Deve ser reiterado que todo texto bíblico tem um e somente um significado. Este significado é o que autor bíblico original pretendia através da liderança do Espírito comunicar para sua época. Este significado único pode ter muitas aplicações possíveis para diferentes culturas e situações. Estas aplicações podem ser vinculadas à verdade central do autor original. Por esta razão, este comentário guia de estudo é destinado a fornecer uma introdução para cada livro da Bíblia.

Segundo Princípio

O segundo princípio é identificar as unidades literárias. Todo livro bíblico é um documento unificado. Os intérpretes não têm direito de isolar um aspecto da verdade excluindo outros. Portanto, nós devemos nos esforçar para compreendermos o propósito do livro bíblico todo antes de nós interpretamos as unidades literárias individuais. As partes individuais – capítulos, parágrafos ou versículos – não podem significar o que o todo não significa. A interpretação deve mover-se de uma abordagem dedutiva do todo para uma abordagem indutiva para as partes. Portanto, este comentário guia de estudo é destinado a ajudar o estudante a analisar a estrutura de cada unidade literária por parágrafos. Divisões de parágrafo e capítulo não são inspiradas, mas elas nos ajudam ao identificar unidade de pensamentos.

Interpretar num nível de parágrafo – não sentença, oração, frase ou nível de palavra – é a chave ao seguir o significado pretendido do autor bíblico. Parágrafos são baseados num tópico unificado, muitas vezes chamado o tema ou sentença tópica. Toda palavra, frase, oração e sentença no parágrafo se relaciona de algum modo com este tema unificado. Elas o limitam, expandem, explicam e/ou questionam. Uma verdadeira solução para interpretação adequada é seguir o pensamento do autor original numa base parágrafo-por-parágrafo através das unidades literárias individuais que constituem o livro bíblico. Este comentário guia de estudo é destinado a ajudar o estudante a fazer isso comparando traduções modernas inglesas.

1. O texto grego da United Bible Society é a quarta edição revisada (UBS⁴). Este texto foi dividido em parágrafos por eruditos textuais modernos.
2. A New King James Version (NKJV) é uma tradução literal palavra-por-palavra baseada na tradição de manuscrito grego conhecida como o Textus Receptus. Suas divisões de parágrafos são mais longas do que as outras traduções. Estas unidas mais longas ajudam o estudante a ver os tópicos unificados.
3. A New Revised Standard Version (NRSV) é uma tradução modificada palavra-por-palavra. Ela forma um meio-ponto entre as duas seguintes versões modernas. Suas divisões de parágrafo são bastante úteis ao identificar os assuntos.
4. A Today's English Version (TEV) é uma tradução dinâmica equivalente publicada pela United Bible Society. Ela tenta traduzir a Bíblia de tal maneira que um leitor ou falante de inglês moderno possa compreender o significado do texto Grego. Muitas vezes, especialmente nos Evangelhos, ela divide parágrafos pelo que fala em vez de pelo assunto, da mesma como a NVI. Para os propósitos do intérprete, isto não é útil. É interessante observar que tanto a UBS⁴ e TEV são publicadas pela mesma entidade, contudo a divisão de parágrafo delas difere.
5. A New Jerusalem Bible (NJB) é uma tradução dinâmica equivalente baseada na tradução católica francesa. É muito útil ao comparar a divisão de parágrafos a partir de uma perspectiva européia.
6. O texto impresso é a Updated New American Standard Bible de 1995 (NASB), que é uma tradução palavra-por-palavra. Os comentários versículo por versículo seguem esta divisão de parágrafos.

Terceiro Princípio

O terceiro princípio é ler a Bíblia em traduções diferentes a fim de compreender a mais ampla extensão possível de significado (campo semântico) que as palavras ou frases bíblicas podem ter. Muitas vezes uma palavra ou frase grega pode ser compreendida de várias maneiras. Estas traduções diferentes produzem estas opções e ajudam identificar e explicar as variações de manuscrito grego. Estas não afetam doutrinas, mas elas realmente nos ajudam a tentar regressar ao texto original redigido por um antigo escritor inspirado.

Quarto Princípio

O quarto princípio é observar o gênero literário. Os autores originais inspirados escolheram registrar suas mensagens de formas diferentes (e.g., narrativa histórica, drama histórico, poesia, profecia, evangelho [parábola], carta, apocalíptico). Estas formas diferentes têm soluções especiais para interpretação (veja Gordon Fee e Doug Stuart, *Entendes o que lêes?* Ou Robert Stein, *Playing by the Rules* [Jogando pelas Regras]).

Estes princípios têm me ajudado a superar muito do meu condicionamento histórico forçando-me a lutar com o texto antigo. Minha esperança é que será uma bênção para você também.

Bob Utley
East Texas Baptist University
27 de junho de 1996

INTRODUÇÃO

I. Uma Palavra a Respeito da Tendência na Interpretação Bíblica Para Especializações em Hermenêutica

Posso lembrar, quando era novo crente, como fiquei contente por entender mais sobre Cristo, a vida cristã e a Bíblia. Disseram-me que era alegria e tarefa de todo crente estudar a Bíblia. Mas posso lembrar-me de quanto fiquei frustrado quando comecei a ler a Bíblia. Era como se estivesse numa emocionante aventura transformada em um confuso pesadelo.

“A ideia de estudo bíblico pessoal assusta muitos cristãos. Parece ser muito difícil sem treinamento formal. Contudo o Salmo 119 persistentemente conclama todos os cristãos para se alimentarem da nutrição espiritual que encontram na Escritura” (Mayhue 1986, 45).

Mas havia esperança. Disseram-me que os estudos iriam me providenciar as ferramentas e técnicas necessárias para entender a Bíblia por mim mesmo, mas acabou sendo verdade apenas em parte. Era verdade que o treinamento cristão abriu a Bíblia para mim em muitos caminhos maravilhosos. No entanto, rapidamente se tornou evidente que eu necessitava de mais educação e especialização se realmente quisesse entender a Bíblia. De repente, percebi que para compreender a Bíblia plenamente seriam necessários anos de linguística, semântica, hermenêutica e perícia teológica e exegética. A essa altura, minha educação era tal que percebi que os especialistas que me treinaram não interpretavam a Bíblia com uniformidade (Silva 1987, 2,3). Cada um deles afirmava que ter perícia em seus campos de estudos era crucial para a uma interpretação adequada, mas ainda continuavam a discordar sobre como interpretar certas passagens de difícil entendimento.

Esses comentários não têm a intenção de ser uma dura crítica ao sistema educacional cristão, mas um reconhecimento de que não pôde garantir tudo quanto prometia. De alguma forma, em algum lugar, devia-se ter mais que educação.

“A Bíblia é tão simples, que o menos culto pode entender sua mensagem básica, e tão profunda que o mais culto acadêmico jamais poderá exaurir seu completo significado” (Schultz e Inch 1976, 9).

De alguma maneira temos relegado a interpretação da Bíblia para o uso exclusivo de acadêmicos especialistas. Tomamos a Bíblia, que é um livro escrito para pessoas comuns, e a demos aos privilegiados, especialistas acadêmicos.

Wycliffe escreveu: “Cristo e seus apóstolos ensinaram ao povo na linguagem que mais lhes era familiar. Certo é que, quanto mais se compreende a verdade da fé cristã, mais evidente se torna a própria fé. Logo, a doutrina não deve estar somente em Latim, mas na língua vulgar e, como a fé da igreja está na Escritura, quanto mais dela puder ser conhecido, melhor será. O leigo deve entender a fé, e como as doutrinas da nossa fé estão nas Escrituras, os crentes devem tê-las em uma linguagem em que plenamente possam entender” (Mayhue 1986, 106).

Pode-se comparar aquilo que temos feito com os princípios de interpretação ao que (1) os judeus fizeram com seus especialistas da lei, os escribas; (2) os Gnósticos fizeram com sua ênfase intelectual e conhecimento secreto, que somente eles

dispensavam; e ao que (3) a Igreja Católica Romana fez na Idade Média, com a divisão clérigo/laicato, que continua até o presente. E nós temos novamente tomado a Bíblia do alcance da pessoa comum somente para fazer suas verdades disponíveis ao especialista. Temos feito com a Bíblia o que a medicina fez com os médicos: um especialista para cada sistema do corpo humano – e como se não bastasse, discordando entre si a respeito de diagnósticos e tratamentos. A mesma tendência afeta quase todas as áreas da vida humana contemporânea, incluindo as disciplinas acadêmicas das faculdades cristãs e dos seminários.

Com a fartura de informação de que dispomos hoje, nem mesmo os especialistas podem manter-se em seus próprios campos. Então, como a maioria dos cristãos poderia esperar acompanhar a academia do conhecimento bíblico, quando nem mesmo os especialistas podem fazer isso? Gordon Fee, em *Interpreting the Word of God*, fez esta declaração:

“As sugestões apontadas nesse trabalho podem soar tão distantes para o homem comum, àqueles a quem a Bíblia foi originalmente endereçada, que a interpretação acaba se tornando um negócio reservado aos especialistas. Felizmente, o Espírito Santo, como o vento, ‘sopra onde quer’ (João 3.8), e fazendo assim, tem um maravilhoso modo de graciosamente ignorar o especialista e vir diretamente a nós” (Schultz e Inch 1976, 126).

Acredito que devemos concordar que nessa área da hermenêutica (os princípios da interpretação bíblica) e exegese (a prática da interpretação) temos inadvertidamente tomado a Bíblia das mãos daqueles para quem de fato ela foi dada. Daniel Webster comenta o seguinte:

“Eu acredito que a Bíblia seja para ser entendida e recebida no significado óbvio e simples das suas passagens, desde que não posso conformar-me crendo que um livro que é para salvação e conversão do mundo inteiro tenha encoberto seu significado de forma misteriosa e duvidosa de tal maneira que somente os críticos e filósofos possam descobri-lo” (Mayhue 1986, 60).

Parece-me claramente que a insistência na educação avançada como uma necessidade para interpretar a Bíblia deve estar equivocada, diante do fato que a vasta maioria do mundo nunca teve, não tem e nunca terá o nível de treinamento teológico que desfrutam Europa e América, desde o Iluminismo.

“Muitas das pessoas creem que livros de referência, como comentários e dicionários bíblicos, são ferramentas necessárias para o estudo da Bíblia. Sem dúvida são de enorme ajuda, pois nos dão as percepções dos estudiosos da Bíblia. Mas muitos cristãos, especialmente aqueles em circunstâncias humildes, não podem ter esse tipo de ajuda. Será que devem esperar por essas ferramentas para poder estudar a Bíblia? Se sim, muitos terão que esperar para sempre” (Sterrett 1973, 33).

“Pode-se estar seguro que o idioma vernáculo irá transmitir a maior parte dos fatores gramaticais para a compreensão dos escritos bíblicos. Se assim não fosse, a massa da Cristandade seria desqualificada para o estudo bíblico, e a Bíblia seria acessível a somente uns poucos privilegiados” (Traina 1985, 81).

A igreja deve voltar a uma balanceada posição entre (1) educação e (2) capacitação sobrenatural. Há muitos fatores envolvidos em uma adequada compreensão da mensagem bíblica, não menos dos quais é a motivação espiritual, o compromisso e o dom espiritual do intérprete. Obviamente, uma pessoa com mais

instrução será mais capacitada para alguns aspectos da tarefa, mas não necessariamente as questões cruciais.

“A presença do Espírito Santo e a habilidade da linguagem para comunicar a verdade se combinam para dar tudo que você precisa para estudar e interpretar a Bíblia por você mesmo” (Henricksen 1973, 37).

Podemos afirmar que a interpretação bíblica é tanto um dom espiritual como uma disciplina aprendida? Isso não implica que todos os cristãos não tenham o direito e a responsabilidade de interpretar as Escrituras por si mesmos, mas será que algo além da educação está envolvido? Uma boa analogia talvez seja o dom do evangelismo. Em ocasiões para o testemunho é bem claro quando esse dom é presente. Sua eficácia e frutos são visíveis. Mas isso remove ou diminui dos poucos dotados a responsabilidade bíblica de testemunhar? Não. Todos os crentes podem aprender a fazer um melhor e mais eficaz trabalho de compartilhar sua fé por meio dos estudos (treino) e experiência pessoal, e acredito que isso também é verdade em relação a interpretar a Bíblia. Devemos combinar nossa dependência do Espírito (Silva 1987, 24-25) com as percepções da educação formal e os benefícios da experiência prática.

“Pode parecer a essa altura, que estou advogando uma aproximação anti-intelectual da interpretação bíblica. Certamente esse não é o caso. Spurgeon nos adverte disso quando diz, ‘É estranho que certos homens que tanto falam do que o Espírito lhes tem revelado se preocupam tão pouco com o que Ele tem revelado a outros’” (Henricksen 1973, 41).

Isso nos traz a questão de como balanceamos essas duas óbvias verdades: (1) A habilidade de Deus em comunicar através da sua Palavra ao homem não culto, e (2) como a educação pode facilitar esse processo.

Primeiro, gostaria de afirmar que nossas oportunidades para a educação certamente devem ser tomadas em consideração. “A quem muito é dado, muito será cobrado” (Lucas 12.48). Muitos cristãos carecem de motivação para melhorar, mas não carecem de oportunidades. Somos administradores não apenas das nossas oportunidades, mas também da nossa motivação e atitude.

“Deus é o seu próprio intérprete, mas o estudante da Escritura deve trazer para sua tarefa uma mente disciplinada e um coração aquecido. Fé não oferece atalhos para uma leitura responsável da Bíblia. Nem podemos entregar a tarefa da interpretação bíblica a uns poucos especialistas. Nenhum de nós pode evitar a tarefa da interpretação. Sempre ouvimos alguém falar, ou se lemos algo que alguém tem escrito, interpretamos o que está sendo dito. Não é diferente quando abrimos a Bíblia. A questão não é quando abrimos a Bíblia. A questão não é se necessitamos interpretar, mas como melhor ou pior fazemos isso” (Jasen 1986, 17).

Sobre a necessidade do coração aquecido, gostaria de acrescentar que embora nosso coração possa assim estar, ele ainda é pecaminoso (Silva 1987, 23, 118). Precisamos sempre tomar muito cuidado ao vincular nossa compreensão da Bíblia ao entendimento de Deus. Todos nós temos sido, e continuamos a ser, afetados pelo pecado. Em última análise, nem nossos melhores princípios hermenêuticos ou procedimentos exegéticos nem um coração aquecido podem sobrepujar nossa propensão para o pecado. Por isso a humildade deve acompanhar nossas interpretações.

“Uma hermenêutica adequada demanda uma postura de humildade. Isso inclui não somente a humildade para aprender de outros, mas o mais importante: a humildade de

estar sob o julgamento da própria Palavra que está interpretando. Apesar da tarefa do intérprete requerer estudo e julgamento, sua tarefa última é deixar a Palavra que ele está estudando se endereçar a ele e chamá-lo a obediência” (Gordon Fee citado em Shultz e Inch 1976, 127).

Outra possível solução é o conceito de graus variados ou níveis de interpretação. É óbvio que as pessoas sem treinamento não terão a profundidade de conhecimento dos intérpretes que estudaram. Mas isso não significa dizer que conhecimento incompleto seja conhecimento defeituoso.

“Dizer que entendemos a Palavra de Deus não significa dizer que podemos entender tudo, resolver todos os problemas da interpretação e ter as respostas a todas as questões. O significado preciso de algumas coisas parece estar ainda secreto” (Sterrett 1973, 16)

Se for assim, todo o conhecimento humano está na mesma categoria. A tarefa do Espírito de guiar os filhos de Deus na verdade (João 14.26; 16.13-14; 1 João 2.20-21) é apenas expandida pelas nossas habilidades intelectuais. O básico da fé cristã pode ser entendido por qualquer um por meio de uma simples leitura da Bíblia numa tradução que se possa compreender. É na área de maturidade e equilíbrio que a educação cristã se torna uma ajuda de inestimável valor. Nós podemos confiar no Espírito na área da interpretação. Certamente haverá má compreensão de algumas coisas e problemas, mas os estudiosos acadêmicos estão por acaso livres delas?

A necessidade crucial para a igreja moderna é envolver todos os cristãos em um estudo da Bíblia significativo, pessoal e diário por eles mesmos. E tal necessidade requer treinamento nas técnicas interpretativas que eles possam compreender e utilizar.

“O desafio da igreja é sublinhar o estudo individual da Bíblia entre aqueles que creem na Bíblia” (Osborne e Woodward 1979, 13).

Mais ainda pode ser acrescentado:

“estudo profundo da Bíblia, como temos visto, é significativo para todo crente, seja um leigo estudante da Palavra ou um profissional cristão. Devemos lembrar que Deus não requer de nós brilhantismo, mas que sejamos fiéis. Gastar uma grande quantidade de tempo em detalhado estudo da Escritura não nos torna gênios, mas faz de nós crentes disciplinados. Fidelidade e disciplina são dois lados de uma mesma moeda” (Osborne e Woodward 1979, 82).

As técnicas hermenêuticas devem ser reduzidas a conceitos do senso comum, pois elas devem realmente envolver nada mais que simples aplicação da razão humana e das habilidades da linguagem (Fee 1982, 16; Sire 1980, 51). Deus quer se comunicar conosco, e nós de forma tão insuficiente queremos entender Sua mensagem. As técnicas necessitam equilibrar o processo analítico individual enquanto fornecem um bom e confiável material de referência tão rápido quanto possível ao processo. Isso é particularmente verdadeiro em relação ao material de pano de fundo histórico e cultural. Gordon Fee oferece essas sugestões de grande ajuda:

“Não deixe que o ‘não especialista’ se desespere; mas deixe-o preparado para estudar, não simplesmente para devocionalizar o texto. Para o estudo ele deve usar essas ferramentas básicas: (a) Mais de uma boa tradução contemporânea. Isso irá assinalar os momentos em que os problemas ocorrem. Ele deve estar certo de usar traduções que reconhecem as diferenças entre prosa e poesia e estar consciente dos parágrafos. (b) Ao

menos um bom comentário, especialmente um que leve em conta os princípios hermenêuticos apresentados nesse estudo (por exemplo, C. K. Barrett, em I Cor.; F. F. Bruce, em Hebreus; R. D. Brown em João). Novamente, consultar vários irá geralmente possibilitar avaliar diversas opções. (c) Seu próprio senso comum. A Escritura não é cheia de significados obscuros que devem ser escavados por mineiros em minas sombrias. Tente descobrir o que é claramente pretendido pelo autor bíblico. Essa intenção geralmente repousa sobre a superfície e necessita somente de um pequeno insight na gramática e história para tornar-se visível. Muito frequentemente esse significado repousa bem na superfície e o profissional o perde porque está muito preocupado em escavar primeiro e olhar depois. Nessa hora, o não profissional tem muito a ensinar ao profissional. (Gordon Fee em *Interpreting the Word of God*,” citado em Shultz e Inch 1976, 127).

Uma Palavra ao Leigo

Para muitas pessoas leigas, há um crescente desinteresse e indiferença para com o estudo bíblico pessoal. Muitos desejam alguém pra lhes interpretar a Bíblia. Tal coisa ressoa do princípio bíblico do “sacerdócio do crente”, que foi tão entusiasticamente reforçado pela Reforma. Nós todos somos responsáveis por conhecer a Deus através de Cristo e por entender para nós mesmos Sua vontade para nossas vidas (i.e., competência da alma). Não delegamos essa maravilhosa responsabilidade a outro, não importa o quanto respeitamos tal pessoa. Afinal, todos nós prestaremos contas a Deus sobre nosso entendimento da Bíblia e sobre como vivenciamos seus ensinamentos (cf. 2 Cor 5.10).

Por que a razão o material de estudo bíblico pré-digerido (sermões, comentários) é tão evidente nos dias de hoje? Primeiro, creio que o enorme número de interpretações tão prontamente disponíveis na cultura ocidental tem causado grande confusão. É como se ninguém concordasse a respeito da Bíblia. Mas esse não é o caso. Contudo, é importante distinguir entre verdades principais, verdades cristãs históricas e questões periféricas. Os pilares centrais da fé cristã são compartilhados por todas as denominações. Refiro-me a doutrinas sobre a pessoa e obra de Cristo, o desejo de Deus de salvar, o lugar central da Bíblia e outras verdades que são comuns a todos os cristãos. Pessoas leigas precisam ser treinadas para distinguir entre o trigo e a palha. O fato de haver muitas interpretações disponíveis não nos isenta da responsabilidade de escolher aquelas que estão mais de acordo com a intenção autoral inspirada expressa em um contexto bíblico.

Mas não apenas a variedade de interpretações é uma barreira, mas também as tradições denominacionais do intérprete. Com frequência, leigos sabem o que o texto bíblico significa antes mesmo de estudá-lo ou lê-lo por si mesmos. Frequentemente nos tornamos tão confortáveis em um sistema teológico que esquecemos os problemas que esses sistemas criados pelos homens têm causado através da história da igreja. Também nos esquecemos de quantos sistemas diferentes, aparentemente conflitantes, existem na comunidade cristã. Não devemos nos limitar àquilo com o que somos familiares! Devemos fazer um esforço para remover as lentes da tradição denominacional e cultural e ver a Bíblia à luz do seu próprio tempo. Tradições denominacionais e culturais podem ser de grande ajuda, mas devem sempre estar sujeitas a Bíblia, e não o contrário. É um pouco doloroso examinar o que temos aprendido, mas é crucial que o façamos, individualmente, sem considerar nesse aspecto pastores, professores, cônjuge, amigos ou nossa educação parental.

Devemos compreender que todos temos sido afetados, não somente por nossos pais, nosso lugar de nascimento, nosso tempo de nascimento, mas também por nossas experiências pessoais e tipo de personalidade. Tudo isso influencia grandemente como

interpretamos a Bíblia. Não podemos eliminar ou mudar estes fatores, mas podemos reconhecer sua presença, que nos ajudará a não sermos indevidamente influenciados por eles. Todos nós somos historicamente condicionados.

Havia um tempo na América quando os leigos conheciam a Bíblia tanto quanto os pregadores, mas em nossos dias de especialização e invasão da mídia das massas, fizemos opção pelo especialista. Contudo, a interpretação bíblica devemos fazer por nós mesmos. Claro que isso não significa que não iremos consultar os dotados, chamados, e treinados líderes cristãos, mas não podemos permitir que a interpretação deles se torne a nossa, sem uma análise bíblica pessoal, individual e piedosa. Todos nós somos afetados pelo pecado, mesmo depois de salvos. Isso afeta todo aspecto da nossa compreensão sobre Deus e sobre seus propósitos. Devemos reconhecer a grande verdade que nosso entendimento nunca será o entendimento de Deus. Precisamos nos agarrar às verdades principais do Cristianismo, mas também permitir expressão máxima da interpretação e prática nas áreas não periféricas ou não essenciais. Necessitamos cada qual decidirmos onde ficam os limites e vivermos de modo adequado, pela fé, amor, na luz que temos da Escritura.

Sumarizando, acredito que a igreja deva devotar mais energia na comunicação dos princípios para uma compreensão correta da intenção do autor bíblico inspirado antigo. E nós, como leitores da Bíblia, devemos também reduzir nossas pressuposições encadeadas na tradição, no denominacionalismo ou nas experiências, de forma que possamos verdadeiramente buscar a mensagem do escritor bíblico inspirado, mesmo quando essa possa violar nossos vieses pessoais ou tradições denominacionais. Devemos deixar de lado nossas técnicas de "texto-prova" e irmos em direção a uma interpretação verdadeiramente contextual do autor bíblico original. A única pessoa inspirada na interpretação bíblica é o autor original.

Os crentes devem reexaminar seus objetivos e motivos à luz de Efésios 4.11-16. Queira Deus nos guiar na plenitude da Sua Palavra em pensamentos e ações.

II. A Experiência do Autor no Ensino da Hermenêutica em Igrejas Locais, Classes, e Seminários

Como pastor por quinze anos e professor universitário por dezesseis, tive ampla oportunidade de observar e discutir questões hermenêuticas com cristãos de diversos grupos denominacionais. Tenho pastoreado em igrejas batistas do sul (EUA) e ensinado em três faculdades batistas do sul (extensão de Wayland Baptist University, Lubbock, Texas; The Hispanic School of Theology, Lubbock, Texas; e East Texas Baptist University, Marshall, Texas), e numa faculdade bíblica carismática (Trinity Bible Institute, Lubbock, Texas). Desde que aposentado, tenho ministrado cursos por muitos anos no seminário Emaús, no Haiti (OMS Emmaus Seminary); no seminário batista armênio em Yerevan, Armênia, e no seminário interdenominacional de Novi Sod, Sérvia. Também sou membro associado da Igreja Metodista Unida (United Methodist Church) e da Igreja Presbiteriana da América (Presbyterian Church of America). Fiz meu trabalho doutoral em um seminário interdenominacional, o Trinity Evangelical Divinity School em Chicago. Isso tem me permitido ministrar para diferentes linhas por muitos anos. Um tema comum que tem sido desenvolvido nessas discussões é a óbvia carência de treinamento nos conceitos hermenêuticos e procedimentos. Muitos cristãos, ao interpretar a Bíblia, dependem de

1. Textos-prova
2. Literalização

3. Alegoria/moralismo
4. Doutrinação denominacional
5. Experiência pessoal
6. Condicionamento cultural

Há uma desesperada necessidade de uma aproximação hermenêutica textual, verificável e consistente. É crucial que os princípios hermenêuticos sejam apresentados em (1) Linguagem não-técnica; (2) Princípios declarados de modo simples; e (3) Princípios que possam ser demonstrados com muitos exemplos bíblicos relevantes.

Os leigos respondem prontamente a uma abordagem hermenêutica simplificada que pode providenciar um procedimento mais consistente e confiável para a interpretação pessoal das Escrituras. Muitos leigos sentem a relatividade de grande parte do estudo bíblico ao qual eles são apresentados nas igrejas locais, na literatura cristã e também na mídia. Tenho ensinado hermenêutica em muitos contextos:

1. Seminários livres
2. Seminários em igrejas locais
3. Escolas bíblicas dominicais
4. Faculdades
5. Classes universitárias

Em cada um desses contextos tenho encontrado leigos que estão abertos e ansiosos por responder a uma abordagem de estudo bíblico consistente e verificável. Há uma verdadeira fome por compreender a Bíblia e viver à luz dos seus ensinamentos. Mas há também uma enorme frustração por causa de

1. Multiplicidade de interpretações
2. Relativismo das interpretações
3. Arrogância denominacional conectada com certas interpretações
4. Falta de habilidade de verificar o que eles têm aprendido no nome de Deus

Este livro-texto não é designado para ser uma apresentação técnica, exaustiva e acadêmica da hermenêutica, mas uma introdução para a maioria dos crentes a abordagem contextual/temática da escola de interpretação textual (i.e., Antioquia da Síria) e a aplicação desses princípios na vida e estudo diário. A Introdução irá focar em cinco áreas específicas:

1. A necessidade de treinamento hermenêutico
2. Princípios contextuais e textuais da hermenêutica bíblica
3. Algumas das principais armadilhas da hermenêutica contemporânea
4. Alguns procedimentos de orientação metodológica, e
5. Os recursos de estudo bíblico disponíveis aos leigos que falam português.

Este livro-texto foi designado para elevar o interesse e o desejo dos cristãos por interpretar as Escrituras por si mesmos. É reconhecidamente um passo inicial, mas não obstante crucial. A Bibliografia fornece numerosos recursos adicionais para posterior estudo técnico da Bíblia. O objetivo maior desse livro-texto é que se reconheça que há um problema nos nossos métodos populares de interpretação bíblica e que há uma abordagem mais consistente, verificável disponível aos leigos. É como uma jornada de

milhas começa com um primeiro passo, essa Introdução irá iniciar os leigos no emocionante caminho do estudo bíblico pessoal, diário, que transforma o estilo de vida.

III. A Questão da Autoridade

Pessoalmente, a questão se há ou não um Deus nunca na realidade foi uma questão para mim. Eu, seguindo os escritores bíblicos, tenho assumido a existência de Deus. Nunca senti a necessidade de argumento filosófico para apoiar minha fé neste ponto. As cinco provas da existência de Deus por Tomás de Aquino são interessantes para quem procura evidências racionalistas para o assunto. No entanto, mesmo os argumentos filosóficos não provam de fato a existência do Deus da Bíblia, o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Na melhor das hipóteses eles somente apontam uma necessidade lógica, um motor não movido, ou uma causa primeira.

Igualmente, a questão sobre se podemos conhecer a Deus (filosofia grega) nunca tem sido uma preocupação central para mim. Tenho assumido que Deus está tentando comunicar-se conosco. E isso não é verdade somente na revelação natural: (1) Deus testemunha por meio da criação (Sl 19-1-6; Rm 1.19-20) e no (2) testemunho moral interior da humanidade (Rm 2.14,15), mas exclusivamente na revelação escrita de Deus (2 Tm 3.15-17). Deus tem falado por meio de eventos, leis, e profetas (cf. Mt 5.17-19). Ele tem falado do modo supremo no Seu Filho (Jo 1.1-14; Heb 1.1-3; Mt 5.21-48).

A questão central para mim girava em torno do que Deus estava dizendo. Esse interesse se desenvolveu desde muito cedo na minha vida cristã. Desejando conhecer a Bíblia fiquei horrorizado diante de todas as diferentes interpretações das Escrituras. Era como se cada um tivesse sua própria opinião a respeito da Bíblia, com frequência baseada em seu tipo de personalidade, ou no pano de fundo denominacional, experiência pessoal ou formação parental. Eles estavam convencidos e também convenciam. Eu ficaria surpreso se, com algum grau de certeza, algum deles pudessem realmente saber o que Deus estava dizendo.

No seminário eu fui finalmente introduzido ao conceito de “autoridade bíblica.” Ficou claro para mim que a Bíblia era a “única base para a fé e prática”, e que isso não era um clichê para defender algumas teologias e metodologias tradicionais. Era uma resposta específica para a questão da autoridade.

Mesmo depois de aceitar a autoridade da Bíblia como devidamente interpretada, ainda permanecia a difícil tarefa de saber qual sistema hermenêutico é o melhor, e a mesma desorientação que senti no labirinto das interpretações encontrei na área da hermenêutica. Na realidade, a divergência de princípios hermenêuticos expressos e não expressos, conscientes e não conscientes, pode ser realmente a causa da multiplicidade de interpretações. Os princípios hermenêuticos eram extremamente difíceis de analisar porque eles mesmos não são inspirados, mas foram desenvolvidos em diferentes tradições teológicas e através de crises históricas. E há intérpretes devotos em todos os diferentes sistemas. Como então se decide qual sistema usar? A questão básica pra mim repousa na “verificabilidade” e “consistência”, e estou certo disso porque vivo em tempos dominados pelo método científico. Contudo é preciso alguns limites na interpretação. Existe ambivalência na hermenêutica porque ela é ao mesmo tempo um dom (arte) e um conjunto de diretrizes lógicas para compreensão da linguagem humana (ciência). Qualquer que sejam os princípios da interpretação, eles devem balancear essas duas perspectivas.

A escola de Antioquia (Síria) de interpretação ofereceu o melhor equilíbrio disponível. O seu enfoque contextual/textual permite ao menos alguma medida de verificabilidade. Nunca haverá unanimidade, mas ao menos ela sublinhou a importância de interpretar as Escrituras no seu sentido normal e óbvio.

Deve-se admitir que sua abordagem era basicamente uma reação histórica contra a escola alegórica de Alexandria (Egito). Essa é uma simplificação (Silva 1987, 52-53), mas ainda é de boa ajuda usá-la ao analisarmos as duas abordagens básicas de interpretação bíblica da igreja. A escola de Antioquia, com sua metodologia aristotélica, proveu uma adequada base lógica para a interpretação da Reforma/Renascença, que define o cenário para nossa orientação científica moderna. A abordagem contextual/textual da interpretação permite que a Bíblia fale primeiro ao seu próprio tempo (um significado), e depois aos nossos dias (várias aplicações), o que preenche a lacuna temporal e cultural em uma metodologia aceitável para a comunidade intelectual dos nossos dias. Eles a aceitam porque é basicamente o mesmo método que é usado para interpretar toda a literatura antiga, e ele se encaixa com as formas do pensamento da mentalidade acadêmica moderna.

Assim que a hermenêutica se tornava uma preocupação central no meu ministério, comecei a analisar a pregação, ensino, e os escritos religiosos com mais cuidado. Foi apavorante ver os abusos que eram feitos no nome de Deus. É como se a igreja louvasse a Bíblia e depois pervertesse a sua mensagem. E não era verdade apenas com respeito aos leigos, mas também com respeito aos líderes das igrejas. Não era uma questão de piedade, mas sim verdadeira ignorância dos princípios básicos de interpretação. A alegria que encontrei ao conhecer a Bíblia por meio da intenção e propósito do autor foi simplesmente algo inimaginável para os crentes amáveis e compromissados. Decidi então desenvolver um livro-texto com a intenção de introduzir leigos aos princípios básicos de interpretação do método de Antioquia, o método com enfoque contextual/textual. Àquela época (1977) não havia muitos livros disponíveis sobre hermenêutica, o que era especialmente verdade para os leigos. Tentei aumentar o interesse pela exposição das nossas interpretações defeituosas assim como nossos vieses conscientes, combinando isso com uma explanação do método contextual e uma lista de erros teológicos comuns encontrados nas nossas interpretações. Finalmente, uma sequência de procedimentos foi proposta com o fim de ajudar os crentes sobre como caminhar através das diferentes tarefas hermenêuticas e sobre o tempo certo de fazer consulta e uso das ferramentas de pesquisa.

IV. A Necessidade de Procedimentos Hermenêuticos Não-Técnicos

A. Indiferença entre os Crentes

Esse problema permaneceu em meu coração como pastor por muitos anos. Estou dolorosamente consciente do declínio do conhecimento bíblico entre os crentes em nossos dias. Essa carência de conhecimento tem sido a raiz de muitos problemas na igreja contemporânea. Eu sei que os crentes modernos amam a Deus tanto quanto as gerações passadas amaram a Ele e Sua Palavra, então qual é a causa da degeneração da nossa compreensão, não somente a respeito do conteúdo da Escritura, mas também sobre o seu significado e sobre como ele pode ser aplicado hoje?

Em minha opinião, um senso de frustração tem feito com que a maioria dos cristãos se tornasse indiferente e apática em relação ao estudo e interpretação da Bíblia. Essa apatia se pode discernir em várias áreas da vida moderna. Um dos grandes problemas é nossa atitude cultural de consumismo. Nós como pessoas somos

acostumados com a gratificação instantânea de todos os nossos feitos. Nossa cultura tem transformado a mentalidade de indústria “fast food” em uma norma cultural. Somos acostumados com um produto instantaneamente consumido e prontamente disponível. A maturidade cristã baseada no conhecimento bíblico e no estilo diário de vida não pode se harmonizar com essa expectativa cultural. O conhecimento da Bíblia só é acessível por meio do preço de uma vida de oração, persistência, treinamento, estudo regular e aplicação pessoal. Mas infelizmente muitos dos crentes modernos estão seguindo o materialismo americano do século 21 e não desejam pagar tal preço pessoal.

Igualmente, a dicotomia antibíblica de clero/leigos tem acentuado o problema. Por pouco nossa mentalidade assustadora não tira completamente dos leigos o senso do dever de estudar a Bíblia pessoalmente. O refrão “deixe o pregador fazer isso” tem se tornado nossa mentalidade. O problema com essa mentalidade é, “E se o pastor interpretar mal?” ou “E se você mudar de pastor?” Essa atitude apática se afasta da verdade bíblica que a Reforma reenfatizou (Lutero), a doutrina da “competência da alma” (1Pe 2.5,9; Ap 1.6). Essa atitude reforça o enfoque de retirar de nós a responsabilidade espiritual e a direcionarmos a outros. Os líderes das igrejas então se tornam gurus ou intermediários em vez de treinadores (Ef 4.11-12). Nós não apenas temos como cultura dividido a vida em secular e sagrado, mas temos também delegado o sagrado a substitutos.

Outra causa principal para apatia entre a maioria dos crentes modernos na área do estudo bíblico, é a tendência crescente de especializações. O estudo bíblico tem se tornado o domínio técnico de especialistas treinados. Os princípios e procedimentos são tão complicados que as pessoas se sentem incapazes a não ser que tenham vários graus doutorais: Linguística, Grego, Hebraico, Hermenêutica e Teologia. No fim das contas esse problema introduz o perigo do “gnosticismo moderno,” em que a verdade espiritual é acessível somente a uma elite intelectual. Mas é claro, nem os da elite concordam plenamente entre si, porque nem mesmo as habilidades técnicas trazem consenso.

Isso nos traz para a próxima razão para apatia, que é a multiplicidade de interpretações. Os confrontos não são apenas de diferentes denominações, mas mesmo dentro de uma mesma há divergência de opiniões. Não é de surpreender que a maioria dos crentes se confunda diante de tanto desacordo, que geralmente se apresenta como um vigoroso estilo dogmático.

B. Dogmatismo Entre os Crentes

Por acaso surpreende que haja confusão e relutância em se envolver com o processo de interpretação? Ao lado desses fatores externos mencionados previamente, há muitos fatores internos. Se há uma apatia pelo envolvimento no estudo da Bíblia, também parece que uma vez que a decisão é feita para superar aquela apatia, uma imediata polarização e exclusivismo resultam. O nível de dogmatismo entre os estudantes ocidentais modernos é muito grande.

Isso parece envolver vários fatores. O primeiro é frequentemente relacionado com a tradição espiritual. Com frequência o dogmatismo é uma resposta aprendida de nossos pais ou mestres das igrejas que pode ser tanto a completa identificação com sua visão e prática ou a completa rejeição de sua posição. Essa transferência, assimilação, ou reação negativa é geralmente sem relação com o estudo pessoal da Bíblia. Frequentemente nossos vieses, pressuposições e *a priores* são transmitidos através da família.

Se nossos pais não nos carimbam com sua visão espiritual, asseguradamente nossa denominação o fará. Muito do que nós cremos não é resultado do estudo da Bíblia, mas da doutrinação denominacional. Hoje poucas igrejas ensinam sistematicamente o que creem e por quê. Esse problema é afetado não somente pelo denominacionalismo, mas pela localização geográfica da igreja. Assim como é óbvio que a era (pós-modernidade) em que vivemos afeta nosso sistema de fé, assim também o faz a localização geográfica. O paroquialismo é tão significativa nessa questão quanto o parentalismo ou a tradição denominacional. Por mais de trinta anos estive envolvido com evangelismo de parcerias e tive membros das igrejas e estudantes em viagens missionárias para trabalhar com igrejas da minha denominação em países estrangeiros, e tenho ficado surpreso ao ver como são diferentes as expressões de fé de igrejas da mesma tradição denominacional! Esse fato realmente abriu meus olhos para a doutrinação paroquial e denominacional (não da leitura da Bíblia) que tem afetado a todos nós.

A segunda causa central do dogmatismo entre os crentes é relacionada a fatores pessoais. Assim como somos afetados pelo tempo, lugar, e pais, assim também, somos igualmente impactados por nossa própria personalidade. Esse conceito será desenvolvido com mais detalhes em seções subsequentes desse livro-texto, mas é necessário mencionar no início quanto de nosso tipo de personalidade, experiência pessoal, e dom espiritual afetam nossas interpretações. Frequentemente nosso dogmatismo pode ser expresso como “se isso aconteceu comigo deve acontecer com você”, e “se isso nunca aconteceu comigo, deveria nunca acontecer com você.” Ambas frases são falsas!

V. Pressuposições Básicas sobre a Bíblia

Neste ponto eu preciso ser o mais transparente o possível e tentar desvelar minhas suposições. Se nós somos tão afetados por fatores não-bíblicos, por que motivo esse livro-texto não seria apenas mais um na série? Não estou chamando você para concordar comigo, mas quero providenciar uma metodologia verificável mais consistente para o estudo pessoal da Bíblia (não-técnico). A metodologia não é inspirada, mas é um desenvolvimento do modelo cristão antigo. Minhas pressuposições básicas são:

- A. A Bíblia, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, vem do Deus Redentor, o único Deus e Criador. Ele nos deu por meio da instrumentalidade humana para que possamos compreendê-lo e saber sua vontade para nossas vidas (cf. 2 Tim 3.15-17). Ela é autoridade absoluta.
- B. A Bíblia, assim como a hermenêutica, não é um fim em si mesma, mas um meio de encontro pessoal com Deus (Grant e Tracy 1984, 177; Carson 1984, 11; Silva 1987, vi). Deus tem claramente falado conosco pela Bíblia e muito mais claramente em Seu Filho, Jesus Cristo (Heb. 1.1-3). Cristo é o foco de toda a Escritura. Ele é o seu coroamento, plenitude, e objetivo. Ele é o Senhor da Escritura. Nele a revelação é completa e final (João 1.1-18; 1 Cor 8.6; Col 1.13-20).
- C. A Bíblia é escrita em linguagem normal, não técnica. Seu foco é o normal e óbvio significado das palavras, orações e sentenças (Silva 1987, 42). O Espírito Santo deu declarações simples da verdade. Mas isso não é dizer que a Bíblia não tenha ambiguidades, que não contém expressões idiomáticas culturais, ou que ela não contém passagens difíceis e, neste ponto, erros de escribas. Contudo ela

não tem significados ocultos ou secretos. Ela não é contraditória (analogia da fé) embora contenha tensões dialéticas e paradoxais entre suas verdades.

- D. A mensagem da Bíblia é primariamente redentiva e entendida por todos os seres humanos (Ez 18.23,32; Jo 4.42; 1 Tim 2.4; 4.10; 2 Pe 3.9). Ela é para o mundo, não exclusivamente para Israel (Gn 3.15; 12.3; Ex 19.5-6). Ela é para o mundo “perdido” (caído), não apenas para a igreja. Ela é para os seres humanos comuns, não apenas para os dotados de espiritualidade ou intelectualidade.
- E. O Espírito Santo é um indispensável guia para o adequado entendimento.
 - 1. Deve haver um balanço entre o esforço humano e piedade (2 Tim 2.15) e a direção do Espírito (Jo 14.26; 16.13-14; 1 Jo 2.20-21,27).
 - 2. Interpretação bíblica é possivelmente um dom espiritual (como evangelismo, caridade, ou oração) ainda que seja também tarefa de todos os crentes. Embora seja um dom, por meio de uma análise dos que o receberam todos nós podemos fazer um melhor trabalho.
 - 3. Há uma dimensão espiritual acima do alcance intelectual humano. Os autores originais frequentemente registraram mais do que eles entenderam (eventos futuros, aspectos da revelação progressiva e profecia de múltiplos cumprimentos). Os ouvintes originais com frequência não compreendiam a mensagem inspirada e suas implicações. O Espírito nos ilumina para compreendermos a mensagem básica dos escritores bíblicos. Talvez não entendamos todos os detalhes, mas então, quem pode? O Espírito é o verdadeiro autor da Escritura.
 - 4. A Bíblia não fala diretamente sobre toda questão moderna (Spire 1980, 82). Ela é ambígua em muitas áreas. Algo dela é localizado no contexto histórico original (e.g. 1 Cor 15.29) e outras partes são escondidas atrás do “ainda não” da história (e.g., Dn 12.4). Deve ser lembrado que a Bíblia é verdade análoga, não verdade exhaustiva. E ela é adequada para fé e para vida. Não podemos saber tudo, nem sobre Deus nem sobre uma doutrina específica, mas podemos saber o que é essencial (Silva 1987, 80).

VI. Declarações Gerais sobre o Método Contextual/Textual

Este livro-texto é basicamente uma introdução ao método de interpretação bíblica literal ou contextual/textual. Este método se desenvolveu no terceiro século A.D em Antioquia, Síria, em reação ao método alegórico, que foi previamente desenvolvido em Alexandria, no Egito. O desenvolvimento histórico e a explicação dessa metodologia serão apresentados em lições posteriores. Nessa seção introdutória deixei-me fazer algumas declarações sobre o método de Antioquia.

- A. É o único método disponível que provê controle sobre a interpretação que permite outros verificarem, a partir do texto, uma dada interpretação. Providencia uma medida de segurança e consistência de tal forma que se pode interpretar a passagem propriamente na luz da intenção do autor original inspirado. Como Gordon Fee diz, “Uma Bíblia que pode significar qualquer coisa, significa nada.”
- B. Não é um método para especialistas ou líderes da igreja somente, mas um meio de voltar aos ouvintes originais. Esses ouvintes originais devem ter entendido a mensagem em seu próprio meio cultural e contexto existencial. Por causa do tempo, linguagem e cultura, a tarefa de entender o contexto original e a

mensagem se torna cada vez mais difícil (Virkler 1981, 19-20). Aquilo que é facilmente perceptível se perde muitas vezes na história, cultura ou idioma. Portanto, o conhecimento da história e cultura se torna essencial. Conhecer a linguagem original, sua estrutura, e expressões se torna de grande ajuda. Por causa da lacuna cultural e linguística, nos tornamos pesquisadores, ou ao menos, leitores de pesquisadores competentes.

- C. Nossa primeira e última tarefa na interpretação é entender da melhor maneira possível o que os autores bíblicos estavam dizendo nos seus dias, o que os ouvintes originais estavam entendendo, e como essas verdades são aplicáveis a nossa cultura e a nossa vida pessoal. Sem esses critérios, não há interpretação que tenha significado!

Neste ponto, deixe-me elencar algumas questões contextuais e de conteúdo que se deve fazer a todo texto bíblico.

1. O que o autor original disse? (crítico textual)
2. O que o autor original quis dizer? (exegese)
3. O que o autor original disse em outro lugar sobre o mesmo assunto? (passagens paralelas)
4. O que outros autores bíblicos disseram sobre o mesmo assunto? (passagens paralelas)
5. Como os ouvintes originais entenderam a mensagem e como responderam a ela? (aplicação original)
6. Como a mensagem original se aplica ao meu dia? (aplicação moderna)
7. Como a mensagem original se aplica a minha vida? (aplicação pessoal)

VII. Alguns Comentários Gerais para o Leitor

- A. O pecado afeta a interpretação de todos (mesmo depois da salvação); afeta a educação, oração e a sistematização. Eu sei que ele me afeta, mas nem sempre entendo como e onde. Portanto, cada um de nós deve filtrar seu estudo por meio do Espírito Santo que habita em nós. Observe meus exemplos, pondere sobre a lógica e me permita alargar os seus conceitos.
- B. Por favor, não julgue ou rejeite esse livro-texto com base unicamente no que você tem ouvido ou acreditado. Dê-me ao menos a oportunidade de desafiar suas compreensões tradicionais. Com frequência digo aos meus alunos, “Só por que eu disse algo que vocês nunca ouviram, não significa que sou um misterioso!”
- C. Os exemplos que eu uso são controversos. Eles são colocados para fazer você pensar e reexaminar suas técnicas de estudo bíblico e sua teologia pessoal. Por favor, não se envolva tanto nas ilustrações desses princípios hermenêuticos ou procedimentos exegéticos a ponto de perder a metodologia que estou tentando apresentar. Esses exemplos servem para:
1. Mostrar interpretações alternativas
 2. Mostrar aspectos inadequados nas interpretações
 3. Ilustrar princípios hermenêuticos
 4. Chamar e fixar sua atenção
- D. Por favor, lembre-se de que não estou tentando transmitir a você minha teologia pessoal, mas introduzindo você em uma metodologia hermenêutica cristã antiga e em suas aplicações. Não estou procurando que você concorde comigo, mas desafiando você a implementar procedimentos interpretativos. Princípios que,

mesmo que não respondam a todas as nossas questões, ao menos nos ajudarão a reconhecer quando alguém diz menos ou mais do que a própria passagem da Escritura diz.

- E. Esse livro-texto não é primariamente designado a novos cristãos. Ele é para crentes que estão lutando com maturidade e procurando por expressar sua fé em categorias bíblicas. Maturidade é um processo carregado de tensão de autoexame e estilo de vida na fé. É uma peregrinação que nunca cessa.

A BÍBLIA

I. O Cânon

Considerando que este livro-texto é basicamente uma introdução aos princípios contextuais/textuais de interpretação bíblica, parece óbvio que primeiro necessitamos olhar para a própria Bíblia. Para o propósito deste estudo iremos assumir a direção do Espírito na formação do cânon (a maior de todas as pressuposições).

A. Pressuposições Gerais do Autor

1. Deus existe e quer que O conheçamos
2. Ele tem revelado a Si mesmo a nós
 - a. Ele agiu na história (revelação)
 - b. Ele escolheu certas pessoas para registrar e explicar Seus atos (inspiração)
 - c. Seu Espírito ajuda o leitor (ouvintes) da sua revelação escrita a entender suas principais verdades (iluminação)
3. A Bíblia é a única fonte digna de confiança da verdade acerca de Deus (eu sei sobre a vida de Jesus somente através da Bíblia). Toda sua coleção é nossa única fonte de fé e prática. Livros do AT e do NT, escritos para tempos e ocasiões específicos, agora são orientações inspiradas para todas as ocasiões e épocas. Contudo, eles contêm verdades culturais que não transcendem seu próprio tempo e cultura (i.e., poligamia, guerra santa, escravidão, celibato, lugar da mulher, uso de véu, beijo santo, etc.).

B. Eu percebo que o processo de canonização é um processo com alguns lamentáveis eventos e incidentes, mas é minha pressuposição que Deus guiou seu desenvolvimento. A igreja antiga aceitou os livros reconhecidos do AT que eram aceitos pelo Judaísmo. Por meio da pesquisa histórica, é evidente que as igrejas antigas, não apenas os concílios, decidiram o cânon do Novo Testamento. Aparentemente os critérios seguintes foram envolvidos, de modo consciente ou não.

1. O Cânon Protestante contém todos os livros inspirados; o cânon está fechado! (i.e., ‘a fé’ (At 6:7; 13:8; 14:22; Gl. 1:23; 6:10; Jd vv. 3,20).
 - a. AT aceito pelos judeus
 - b. Trinta e sete livros no NT (um processo histórico progressivo)
2. Autores do Novo Testamento tiveram contato com Jesus ou um Apóstolo (processo histórico progressivo).
 - a. Tiago e Judas, com Jesus (seus meios-irmãos)
 - b. Marcos, com Pedro (seus sermões em Roma se transformando em um Evangelho)
 - c. Lucas, com Paulo (parceria missionária)
 - d. Hebreus, tradicionalmente com Paulo

3. Unidade teológica com treinamento apostólico (mais tarde chamado de “regra de fé”). Os Evangelhos foram escritos depois da maioria dos livros do NT.
 - a. Por causa do advento da heresia (i.e., Adocionismo, Gnosticismo, Marcionismo, e Montanismo).
 - b. Por causa do tardar da Segunda Vinda
 - c. Por causa da morte dos doze apóstolos
4. As vidas moral e permanentemente transformadas dos ouvintes onde esses livros foram lidos e aceitos
5. O consenso das igrejas antigas e dos concílios posteriores pode ser visto nas listas dos livros canônicos.
 - a. Orígenes (A.D. 185-254) afirma que havia quatro Evangelhos e Epístolas dos Apóstolos em circulação entre as igrejas.
 - b. O Fragmento Muratoriano data entre 180-200 A.D, de Roma (a única cópia disponível hoje é um texto latino, danificado). Ele lista 27 livros como o NT Protestante (mas adiciona Apocalipse de Pedro e Pastor de Hermas).
 - c. Eusébio de Cesaréia (A.D. 265-340) introduziu uma designação tríplice (como Orígenes) para descrever os escritos cristãos: (1) “recebido”, e desse modo aceito; (2) “disputado”, e assim aceito por algumas igrejas, mas não todas; (3) “espúrio”, e desse modo não aceito pela vasta maioria das igrejas e não deve ser lido. Os únicos nessa categoria de disputados que foram finalmente aceitos, foram: Tiago, Judas, 2 Pedro, e 2 e 3 João.
 - d. A lista de Cheltenham (em Latim), do Norte da África (A.D. 360), tem os mesmos 27 livros (exceto Hebreus, Tiago, e Judas [Hebreus não é especificamente mencionado, mas deve ser incluído nas cartas de Paulo]), como o NT Protestante, mas em uma ordem incomum.
 - e. A Carta Pascoal de Atanásio, de 367 A.D., é a primeira a alistar exatamente os mesmos 27 livros (nem mais, nem menos) do NT Protestante.
 - f. O conceito e conteúdos de uma lista autoritativa de livros únicos foi um desenvolvimento histórico e teológico.
6. Leituras sugeridas
 - a. *The Canon of the New Testament*, de Bruce Metzger (Oxford)
 - b. Artigos sobre cânon, na *Zondervan Pictorial Bible Encyclopedia*, Vol. 1, pp. 709-745c.
 - c. *Introduction to the Bible*, William E. Nix e Norman Geisler (Moody Press), 1968 (esp. p. 22)
 - d. *Holy Writings – Sacred Text: The Canon in Early Christianity*, de John Barton (Westminster John Knox Press)
7. O Antigo e Novo Testamentos são apenas produções literárias do Antigo Oriente Próximo que foram “canonizadas” como recebidas e reveladas de modo especial dos propósitos divinos. Não há nenhuma lista religiosa que diferencie entre livros canônicos (i.e., autoritativos) vs. escritos não-canônicos. Como, por quê, e quando este processo histórico aconteceu?
 - a. Pelas decisões dos concílios das igrejas do terceiro e quarto séculos A.D.?

- b. Pelo uso de escritores cristãos do segundo século?
- c. Foi pelas igrejas do primeiro até o quarto século?

II. Reivindicações da Inspiração

Em nossos dias de reivindicações e declarações conflitantes sobre a Bíblia, sobre a autoridade bíblica e interpretação, torna-se extremamente importante que foquemos no que a Bíblia reivindica para si própria. Discussões teológicas e filosóficas e suas reivindicações são interessantes, mas não inspiradas. Categorias e formulações humanas têm sido sempre culpadas de afirmações exageradas. É crucial que permitamos a Bíblia falar por si mesma.

Desde que Jesus é o foco da nossa fé e doutrina, se pudermos achá-lo falando desse assunto, será boa informação. Ele fez isso em Mateus 5.17-19, na abertura da seção do chamado “Sermão do Monte” (Mt 5-7). Ele apresenta claramente sua visão a respeito do corpo de literatura sagrada que chamamos de Antigo Testamento. Observe sua ênfase na perpétua significância para a vida e fé dos crentes. Também note o lugar de Cristo no propósito e cumprimento. Esta passagem não apenas dá suporte a um Antigo Testamento divinamente inspirado, mas um supremo enfoque na revelação nEle (tipologia cristocêntrica). Contudo, é prontamente perceptível que nos vv. 21-26, 27-31, 33-37, e 38-40 que Ele completamente reorienta a interpretação tradicional do Antigo Testamento entre o Judaísmo rabínico dos seus dias. A Escritura, ela mesma é inspirada, eterna, cristocêntrica, mas nossas interpretações humanas não o são. Esta é uma verdade extremamente fundamental. A Bíblia, e não nosso entendimento dela, é eterna e inspirada. Jesus intensificou a aplicação tradicional centrada nas regras da Torá, e a elevou a um impossível nível de atitude, motivação e intenção.

A clássica declaração da inspiração bíblica vem do apóstolo dos gentios, Saulo de Tarso. Em 2 Timóteo 3.15-16 Paulo especificamente declara a “dádiva divina” (literalmente, soprada por Deus) da Escritura. Até esse ponto é textualmente incerto se devamos incluir todos os escritos do Novo Testamento que conhecemos nessa declaração. Contudo, por implicação eles seguramente são incluídos. Também, em 2 Pedro 3.15-16 os escritos de Paulo são incluídos na categoria de “Escritura.”

Outra passagem de Paulo que dá esse suporte para inspiração é encontrada em 1 Tess. 2.13. Aqui, assim como antes, o foco é em Deus como a fonte real das palavras do Apóstolo. Essa mesma verdade é ecoada pelo apóstolo Pedro em 2 Pe 1.20-21.

Não somente as Escrituras são apresentadas como divinas na origem, mas também em propósito. Toda Escritura é dada aos crentes para sua fé e vida (Rm. 4:23-24; 15:4; I Co. 10:6, 11; I Pe. 1:10-12).

III. O Propósito da Bíblia

A. Não um Livro de Regras

Muito da nossa má compreensão com respeito à Escritura começa em nossos enganos relacionados aos seus propósitos. Um modo de estabelecer o que é uma coisa é estabelecendo o que ela não é. A tendência humana caída em direção ao legalismo, tão evidente entre os fariseus, é viva e ativa e habita na sua igreja local. Essa tendência transforma a Bíblia em um extensivo conjunto de regras. Por pouco os crentes modernos têm transformado as Escrituras num livro legalista, um tipo de “Talmude Cristão.” Deve ser vigorosamente declarado que o foco primário da Escritura é a redenção. Ele existe para confrontar, convencer, e fazer a humanidade desobediente

voltar-se para Deus (McQuilkin 183, 49). O foco primário é a salvação (2 Tm 3.15), que foca na semelhança com Cristo (2 Tm 3.17). Essa semelhança com Cristo também é o objetivo principal (Rm 8:28-29; II Co 3:18; Gl. 4:19; Ef 1:4; I Tess 3:13; 4:3; I Pe 1:15), mas é o resultado do primeiro objetivo. Ao menos uma possibilidade para a estrutura e natureza da Bíblia é seu propósito redentivo, e não um livro sistematizado de regras (i.e., não um Talmude cristão). A Bíblia não trata com todas as nossas questões intelectuais. Muitas questões são tratadas de modo ambíguo ou incompleto. A Bíblia não foi desenhada primariamente como um livro de teologia, mas como uma história seletiva do relacionamento de Deus com sua criação rebelada. Seu propósito não é meramente regras, mas relacionamento. Ela deixa áreas descobertas de modo que somos forçados a andar em amor (1 Co 13), não em regras (Cl 2.16-23). Devemos ver a prioridade do povo feito em Sua imagem (cf. Gn 1.26-27), não as regras. Não é um conjunto de regras que é apresentado, mas um novo caráter, um novo foco, uma nova vida.

Isso não implica que a Bíblia não contenha regras, porque ela tem, mas elas não cobrem toda a área. Frequentemente as regras se tornam barreiras em vez de pontes na busca da humanidade por Deus. A Bíblia nos provê informação suficiente para vivermos uma vida no prazer de Deus; ela também nos providencia algumas diretrizes e limites. Seu dom primário, contudo, é o "Guia", o "Mestre", não as diretrizes. Conhecer e seguir o Mestre até nos tornarmos semelhantes a Ele é o segundo objetivo da Escritura.

B. Não um livro de Ciência

Outro exemplo de tentativa da humanidade de fazer perguntas das Escrituras para as quais ela não foi designada para responder está na área da moderna pesquisa científica. Muitos querem forçar as Escrituras dentro da rede filosófica ou lei natural, particularmente em relação ao "método científico" de raciocínio indutivo. A Bíblia não é um livro-texto divino sobre lei natural. Ela não é anticientífica; ela é pré-científica! Seu propósito primário não é nesta área. Muito embora a Bíblia não fale diretamente a estas questões, ela fala sobre a realidade física, contudo, faz isso na linguagem de descrição (linguagem fenomenológica), não científica. Ela descreve a realidade em termos dos seus próprios dias. Ela apresenta uma "visão de mundo" mais do que uma "imagem do mundo". Isso quer dizer que ela foca mais no "que" do que no "como." Coisas são descritas assim como elas aparecem (i.e., os cinco sentidos) para a pessoa comum. Alguns exemplos são:

1. Os mortos realmente vivem embaixo da terra? A cultura hebraica, assim como a nossa, enterra seus mortos. Portanto, na linguagem da descrição, eles estão na terra (Sheol ou Hades).
2. A terra realmente flutua sobre as águas? Isso com frequência tem relação com o modelo de universo em três partes. Os antigos sabiam que a água estava presente sob a terra (i.e., oásis). Sua conclusão era expressa em linguagem poética.
3. Mesmo nós, em nossos dias, falamos nessas categorias.
 - a. "o sol se levanta"
 - b. "o orvalho cai"

Alguns livros que tem sido de enorme ajuda para mim nesta área.

1. *Religion and the Rise of Modern Science*, R. Hooykaas
2. *The Scientific Enterprise and the Christian Faith*, Malcolm A. Jeeves

3. *The Christian View of Science and Scripture*, Bernard Ramm
4. *Science and Hermeneutics*, Vern S. Poythress
5. *Darwinism on Trial*, Phillip Johnson
6. Several good books, Hugh Ross, Pensacola Bible Church, Pensacola, FL
7. *Science and Faith: An Evangelical Dialogue*, Henry Poe and Jimmy Davis
8. *The Battle of Beginnings*, Del Ratzsch
9. *Coming to Peace with Science*, Daniel Falk
10. *Mere Christianity: Science and Intelligent Design*, William Demoski

C. Não um Livro Mágico

A Bíblia não é um livro de regras ou de ciência, mas também não é um livro mágico. Nosso amor pela Bíblia tem nos levado a usá-la de modos estranhos. Você já procurou a vontade de Deus em oração e então deixou sua Bíblia abrir-se e colocou seu dedo ali em um verso? Essa prática comum trata a Bíblia como se ela fosse uma bola de cristal ou um divino ‘‘tabuleiro de Ouija.’’ A Bíblia é uma mensagem e não um moderno Urim e Tumim (Ex 28.30). Seu valor está em sua mensagem, não em sua presença física. Como cristãos, levamos a Bíblia para o hospital, não porque podemos lê-la, mas porque estamos muito doentes. Fazemos isso porque ela representa a presença de Deus a nós. Para muitos cristãos a Bíblia se tornou um ídolo físico. Sua presença física não é seu poder, mas sua mensagem sobre Deus em Cristo. Colocar sua Bíblia sobre seu corte cirúrgico não irá ajudar a curá-lo mais rápido. Nós não apenas precisamos da mensagem da Bíblia ao lado da nossa cama, precisamos de sua mensagem em nosso coração.

Tenho ouvido pessoas que ficam aborrecidas se alguém deixa uma gota de água cair sobre uma Bíblia ou escreve nela. A Bíblia não é nada mais que pela de vaca (se você tem uma Bíblia daquelas bem caras), polpa de árvore e tinta. Ela só é santa em sua conexão com Deus. A Bíblia é inútil a menos que seja lida e seguida. Nossa cultura é reverente diante da Bíblia e rebelde diante de Deus. Há tempos em nosso sistema judicial o indivíduo tinha que jurar para falar a verdade enquanto colocava sua mão sobre uma Bíblia. Se alguém é crente, de qualquer forma não iria mentir. Se alguém está jurando sobre um livro antigo em que ele não acredita e cujo conteúdo ele não sabe, o que nos leva a crer que ele não irá mentir?

A Bíblia não é um amuleto mágico. Ela não é um livro-texto detalhado, integral, completo sobre fenômenos naturais e ela não é um livro de regras de Hoyle sobre o jogo da vida com instruções detalhadas em todas as áreas da vida. É uma mensagem de Deus que age na história humana. Ela aponta para Seu Filho e para nossa rebelião.

IV. Pressuposições do Autor sobre a Bíblia

Ainda que a Bíblia tenha sido vítima de abuso por parte das expectativas e usos da humanidade, ela ainda é nossa única guia de fé e prática. Gostaria de elencar minhas pressuposições a respeito da Bíblia.

Eu creio que a Bíblia, tanto Antigo quanto Novo Testamento, é a única clara autorevelação de Deus. O Novo Testamento é o perfeito cumprimento e intérprete do Antigo Testamento (devemos ver o AT através das novas revelações de Jesus no NT, que radicalmente universalizou as promessas de Israel). Eu creio que o único Deus Redentor, Criador, Eterno, foi quem deu início aos escritos do nosso cânon da Escritura, inspirando certas pessoas escolhidas para registrar e explicar Seus atos nas vidas de

indivíduos e nações. A Bíblia é nossa única e clara fonte de informação sobre Deus e Seus propósitos (Eu sei sobre Jesus apenas por meio das páginas do NT). A revelação natural (cf. Jo 38-39; Sl 19:1-6; Rm.1:19-20; 2:14-15) é válida, mas não completa. Jesus é a coroação da revelação de Deus sobre Si mesmo (cf. Jo 1:18; Cl 1:14-16; Hb 1:2-3). A Bíblia deve ser iluminada pelo Espírito Santo (cf. Jo 14:23; 16:20-21; I Co. 2:6-16) para que possa ser corretamente compreendida (em sua dimensão espiritual). Sua mensagem tem autoridade, é adequada, eterna, infalível e digna de confiança para todos os crentes. O modo exato da sua inspiração não sabemos, mas é óbvio aos crentes que a Bíblia é um livro sobrenatural, escrito por pessoas naturais sobre uma orientação especial.

V. Evidência para Autoridade e Inspiração Sobrenatural da Bíblia

Embora a declaração acima seja pressuposicional, assim como todo conhecimento humano, não significa que não haja evidências confiáveis que a suportem. Neste ponto vamos examinar algumas dessas evidências.

A. A Bíblia contém muitas predições precisas (históricas, não tipológicas [Oséias 11.1] ou apocalípticas [Zacarias 9]) sobre eventos futuros, não em formulações vagas, mas com precisão específica e frequentemente assustadora. Abaixo, dois bons exemplos.

1. Era predito que a área do ministério de Jesus seria Galiléia, Is. 9.1. Era muito pouco esperado pela comunidade judaica que esse fosse o lugar, considerado pouco Kasher, por sua longa distância física do Templo. Contudo, a maior parte do ministério de Jesus ocorreu nessa área geográfica.
2. O lugar do nascimento de Jesus é especificamente registrado em Miqueias 5.2. Belém era uma pequena vila cuja única fama a reivindicar era o fato que vivia ali a família de Jessé. Contudo, 750 anos antes do nascimento de Jesus, a Bíblia aponta para ali como o lugar do nascimento do Messias. Mesmo os estudiosos rabínicos de Herodes sabiam disso (Mt 2.4-6). Alguns podem duvidar sobre a data (oitavo século A.C) de ambas profecias, Isaías e Miqueias, entretanto, por causa da Septuaginta (que é a tradução Grega das Escrituras hebraicas, que começou aproximadamente em 250-200 B.C.), mesmo a menor dessas profecias foram feitas cerca de 200 anos antes do seu cumprimento.

B. Outra evidência se relaciona com a moderna disciplina científica da arqueologia. As últimas décadas tem visto uma tremenda quantidade de descobertas arqueológicas. No meu conhecimento nada tem sido encontrado que tenha repudiado as precisões bíblicas históricas (Nelson Glueck, *Rivers in the Desert*, p.31, "Nenhuma descoberta arqueológica tem sido feita que contradiga as declarações históricas da Escritura"), muito pelo contrário. A arqueologia tem facilitado a confiança na historicidade da Bíblia cada vez mais.

1. Um exemplo é o uso dos nomes mesopotâmicos nas tábuas de Nuzi e Mari, do segundo milênio A.C., que também ocorrem em Gênesis. Não são o mesmo povo, mas os mesmos nomes. Nomes são características de um tempo

particular e lugar. Os nomes “Terá” e “Naor” são comuns no registro bíblico e nessas tábuas antigas.

2. A existência de uma civilização hitita na Ásia Menor é outro exemplo. Por muitos anos (19º século) a história secular não teve referências sobre a estável e grandemente desenvolvida cultura conhecida por esse nome (Archer 1982, 96-98, 210). Contudo, Gênesis 10 e os livros históricos da Bíblia os mencionam várias vezes (2 Rs 7.6,7; 2 Cr 1.17). Arqueologia tem então confirmado, não apenas sua existência, mas sua longevidade e poder (i.e., em 1950 arqueólogos encontraram uma biblioteca real de 2000 tábuas cuneiformes onde a nação era chamada tanto de Anatólia quanto Hitita).
3. A existência de Belsazar, o último rei da Babilônia (Daniel 5) tem sido frequentemente negada. Há dez listas de reis babilônicos na história secular tomados de documentos babilônicos, mas nenhuma contém o nome Belsazar. Com descobertas arqueológicas posteriores se tornou óbvio que Belsazar era co-regente e oficial em exercício durante aquele período de tempo. Seu pai, Nabonido, cuja mãe era sacerdotisa da deusa-lua Zin, esteve tão envolvido na adoração de Zin (Nana) que teve que se mudar para Tema (Arábia), sua cidade santa, enquanto um exército lutava contra o Egito. Ele deixou seu filho, Belsazar, como regente da Babilônia durante sua ausência.

C. Uma evidência a mais para uma Bíblia sobrenatural é a consistência da sua mensagem. Não significa dizer que a Bíblia não contenha material paradoxo. Ela tem, mas esses materiais não se contradizem. É surpreendente quando consideramos que ela foi escrita em um período de mais de 1600/1400 anos (dependendo da data do Êxodo, i.e., 1495, 1290 A.C.) por autores de educação radicalmente diferentes e contextos culturais da Mesopotâmia ao Egito. Ele é composta de vários gêneros literários e escrita em três línguas separadas (Hebraico, Aramaico e Grego Koiné). E ainda, mesmo com toda essa variedade (i.e., enredo), uma mensagem unificada é apresentada.

D. Finalmente, uma das maravilhosas evidências para a inspiração única da Bíblia é a vida moral permanentemente transformada de homens e mulheres de diferentes culturas, níveis de educação e condições econômicas diferentes, através de toda a história. Onde quer que a Bíblia tenha simplesmente sido lida, houve uma mudança radical e permanente no estilo de vida. A Bíblia é a melhor apologista de si mesma.

VI. Problemas Relacionados com nossa Interpretação da Bíblia

O que foi dito acima não implica dizer que ela é fácil de entender ou que não haja problemas conectados à Bíblia. Por causa da natureza da linguagem humana e das cópias de manuscritos combinados com o problema da tradução, nossas modernas Bíblias devem ser interpretadas de um modo analítico.

O primeiro problema com que o leitor moderno irá se deparar, é o problema das variações dos manuscritos existentes. E isso não é certo apenas em relação ao Antigo Testamento hebraico, mas também em relação ao Novo Testamento grego. Este assunto será discutido de um modo mais prático em um capítulo subsequente, mas por enquanto olhemos para o problema. Frequentemente chamamos isto de Criticismo Textual. Ele basicamente tenta determinar a redação original da Bíblia. Alguns bons livros sobre esse assunto são:

- A. *Biblical Criticism: Historical, Literary and Textual*, de B. K. Walke, D. Guthrie, Gordon Fee, e R. H. Harrison.
- B. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration*, de Bruce M. Metzger.
- C. *Introduction to New Testament Textual Criticism and Scribes, Scrolls, and Scriptures*, de J. H. Greenlee.
- D. *The Books and the Parchments*, de F. F. Bruce.
- E. *The Early Versions of the New Testament*, de Bruce Metzger
- F. *The New Testament Documents: Are They Reliable?*, de F. F. Bruce
- G. *The King James Version Debate: A Plea for Realism*, de D. A. Carson.
- H. *Ancient Orient and Old Testament*, de K. A. Kitchen.
- I. *The Orthodox Corruption of Scripture*, de Bart D. Ehrman.
- J. *Rethinking New Testament Textual Criticism*, editado por David Alan Beach

VII. As Principais Fontes Textuais da nossa Bíblia Moderna

O texto moderno do Antigo Testamento em hebraico é chamado de Texto Massorético (o texto consonantal configurado por Rabbi Aquiba em 100 A.D.) Provavelmente era esse o texto usado pelos fariseus dos tempos de Jesus, que eram o único grupo religioso que havia sobrevivido à destruição de Jerusalém por Tito em 70 D.C. Seu nome vem de um grupo de estudiosos judeus que colocaram pontos vocálicos, sinais de pontuação e alguns comentários textuais no texto hebraico (terminado no 9º século A.D.) sem pontuação (sem vogais). O que segue é um breve esboço das fontes do AT e NT.

A. Antigo Testamento

1. Texto Massorético (TM) – A forma textual consonantal hebraica foi estabelecida por Rabbi Aquiba em 100 A.D. A adição de pontos vocálicos, acentos, notas marginais, pontuação e aparatos foi terminada no 9º século A.D. pelos estudiosos massoréticos. Essa forma textual é citada no Mishnan, Talmude, Targums (tradução aramaica), Pesita (tradução siríaca), e Vulgata (tradução latina).
2. Septuaginta (LXX) – A tradição diz que ela foi produzida por 70 estudiosos judeus em 70 dias para a biblioteca de Alexandria, no Egito, supostamente encomendada por um líder judeu do rei Ptolomeu II, que vivia em Alexandria (285-246 B.C.). Os governantes ptolomeus ostentavam a maior biblioteca do mundo. Essa tradição vem da “Carta de Aristeu.” A LXX provê uma tradição textual hebraica diferente do texto de Rabbi Aquiba (TM). Textos de ambas as tradições estavam representados nos Manuscritos do Mar Morto.

O problema começa quando esses dois textos não concordam. E, em livros como Jeremias e Oséias, eles são radicalmente diferentes. Desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto em 1947, tem sido óbvio que tanto o Texto Massorético quanto a Septuaginta tem autenticação manuscrita antiga. Geralmente o Texto Massorético é aceito como o texto básico para o Antigo Testamento e a Septuaginta é usada para suplementá-lo em passagens difíceis ou leituras corrompidas.

- a. A LXX tem ajudado no entendimento do TM (um exemplo):
 - (1) na LXX, Isaías 52.14, “como muitos se maravilharam diante dele”
 - (2) no TM, Isaías 52.14, “assim como muitos pasmaram sobre ti”
- b. Os Manuscritos do Mar Morto (MMM) tem ajudado no entendimento do TM (um exemplo):
 - (1) O MMM (IQ Isaías) de Isa. 21.8 – “então o atalaia gritou, sobre a torre de vigia estou de pé...”
 - (2) O TM de Isa. 21.8 – “e eu gritei como um leão! Meu Senhor, sobre a torre de vigia estou em pé continuamente durante o dia...”
- c. Tanto a LXX quanto os MMM tem ajudado no entendimento de Isaías 53.11
 - (1) LXX e MMM – “após o penoso trabalho de sua alma ele verá a luz, ele ficará satisfeito”
 - (2) MT – “ele verá o penoso trabalho de sua alma. Ele ficará satisfeito. (O TM dobra o VERBO, mas deixa de fora o primeiro OBJETO).

Nós não temos os autógrafos ou manuscritos originais de qualquer dos autores bíblicos originais, mas somente cópias de cópias de cópias.

3. Os Manuscritos do Mar Morto (MMM) – Escritos durante o período romano anterior a Cristo próximo aos tempos do Novo Testamento por uma seita de judeus separatistas chamado “Essênios” (eles deixaram a adoração do templo porque o sumo sacerdote vigente não era da linhagem de Aarão). Os manuscritos hebraicos (MSS) foram encontrados em 1947 em muitas cavernas ao redor do Mar Morto. Eles contêm a família textual anterior tanto a LXX e TM.

Outro problema nessa área é a discrepância entre o Texto Massorético e as citações do AT no Novo Testamento. Um bom exemplo seria uma comparação de Números 25:9 com 1 Coríntios 10:8. A referência do AT diz que 24.000 morreram, enquanto Paulo declara que foram 23.000. Aqui enfrentamos o problema de um texto antigo que foi copiado à mão, podendo ser um erro de escriba na transmissão ou uma citação de memória feita por Paulo, ou uma tradição rabínica. Eu sei que é difícil para nós (por causa das nossas pressuposições sobre inspiração) encontrar discrepâncias como esta, mas a verdade da questão é que nossas modernas traduções da Bíblia tem alguns problemas menores desse tipo.

Um problema similar é encontrado em Mateus 27:9, onde a citação do AT afirma ser de Jeremias, quando de fato é de Zacarias. Para mostrar a você quanto desacordo isso tem causado, deixa-me dar algumas das supostas razões apontadas para essa discrepância.

1. A versão Siríaca Pesita do 5º século simplesmente remove o nome “Jeremias.”
2. Agostinho, Lutero e Keil afirmam um erro no texto de Mateus.
3. Orígenes e Eusébio afirmam um erro de copista.

4. Jerônimo e Ewaldo afirmam que é uma citação de um escrito apócrifo atribuído a Jeremias, e que portanto não se trata de uma citação de Jeremias.
5. Mede afirma que Jeremias escreveu Zacarias 9-11.
6. Lightfoot afirma que Jeremias foi listado como o primeiro dos profetas; esta designação implica todos os outros profetas.
7. Hengstenberg afirma que Zacarias citou Jeremias.
8. Calvino afirma que um erro tem sido inserido de uma forma desconhecida.

Com muitas teorias de homens eruditos e piedosos, é óbvio que nós simplesmente não sabemos. Negar o problema (#1) também não é a resposta; escondê-lo atrás de clichês ou pressuposições, também não resolve o problema. Nossas traduções modernas da Bíblia têm alguns problemas que devemos tentar separar. Para os leigos, isso pode ser feito com frequência por meio de comparar traduções modernas. Uma sugestão simples e prática, seria: se na margem da sua Bíblia de estudo está escrito, “não consta nos melhores e mais antigos manuscritos gregos”, então não construa uma doutrina naquele texto. Encontre a passagem paralela em que a doutrina é claramente ensinada.

B. Novo Testamento

Existem hoje mais de 5.300 manuscritos (inteiros ou fragmentados) do Novo Testamento Grego. Cerca de 85 deles são escritos em papiro. Há 268 manuscritos (unciais) escritos em letras maiúsculas. Mais tarde, cerca do século 9 A.D., desenvolveu-se um tipo de escrita corrida (minúsculas). A quantidade de manuscritos gregos escritos dessa forma aproxima-se de 2.700. Também temos cerca de 2.100 cópias de listas de textos das Escrituras usadas na adoração, que são chamadas de lecionários. Abaixo temos um breve esboço das fontes do NT.

1. O Papiro – Cerca de 85 manuscritos gregos contendo partes do Novo Testamento estão preservados, escritos em papiro, datados do segundo século A.D., mas muitos deles são do terceiro e quarto século A.D. Nenhum destes manuscritos contém o Novo Testamento inteiro. Alguns são feitos por escribas profissionais, mas muitos deles apressadamente copiados por escribas menos exigentes. Apenas o fato de ser mais antigo, dentro e fora de si mesmo, não faz com que seja mais preciso.
2. Códice Sinaítico – é conhecido pela letra hebraica “A” (*aleph*), א, ou (01). Ele foi encontrado no mosteiro de Sta. Catarina, no Monte Sinai, por Tischendorf, e data do 4º século A.D. Contém ambos Antigo e Novo Testamentos. Ele é do tipo “texto Alexandrino”, assim como Códice B.
3. Códice Alexandrino – é conhecido como “A” (alpha) ou (02). É um manuscrito do sexto século A.D. que foi encontrado em Alexandria, Egito. Somente os Evangelhos são do tipo “texto Alexandrino.”
4. Códice Vaticano – conhecido como “B” ou (03), foi encontrado na biblioteca do Vaticano em Roma, e data da metade 4º século A.D.
5. Códice Efraimita – parcialmente destruído, é conhecido como “C” ou (04), do quinto A.D. Suas raízes remontam ao P⁴⁵, do terceiro século. O Códice W, do século quinto, também é desta família textual.
6. Códice de Beza – é conhecido como “B” ou (05); é um manuscrito do sexto século A.D. Suas raízes, segundo Eldon Jay Epp, remontam ao segundo século, com base nas traduções do Antigo Latim e Antigo Siríaco, assim como em

muitos fragmentos de papiro. Contudo, Kurt e Barbara Eland não listam qualquer papiro conectado a essa família textual e eles o colocam no quarto século e não mais cedo, mas listam alguns papiros precursores (i.e., P³⁸, P⁴⁸, P⁶⁹). Este é o principal representante do que é chamado “Texto Ocidental.” Contém muitas adições e era o principal texto grego da terceira edição do Novo Testamento de Erasmo, sendo este o principal texto grego para a tradução King James.

Os manuscritos do NT podem ser agrupados em três, possivelmente quatro, famílias de manuscritos que compartilham de certas características.

1. Texto Alexandrino “local”, que inclui:
 - a. P⁷⁵, P⁶⁶ (cerca de 200 A.D.), os Evangelhos
 - b. P⁴⁶ (cerca de 225 A.D.), as cartas de Paulo
 - c. P⁷² (cerca de 225-250 A.D.), Pedro e Judas
 - d. Códice B, chamado Vaticano (cerca de 325 A.D.), que inclui todo o NT e o AT
 - e. Citado por Orígenes
 - f. Outros manuscritos que incluem esse tipo de texto, são: \aleph , L, W, 33
 2. Textos do Ocidente que incluem:
 - a. Citações do Norte da África: Tertuliano, Cipriano, e o Latim Antigo
 - b. Citações de Irineu
 - c. Citações de Tatian e Antiga Siríaca
 - d. Códice D “Beza”
 3. Texto Bizantino
 - a. Refletido em mais de 80% dos 5.300 manuscritos (maioria em letras maiúsculas).
 - b. Citado por líderes de Antioquia da Síria: Capadócius, Crisóstomo e Teodoro.
 - c. Códice A, somente nos Evangelhos
 - d. Códice E (oitavo século), para todo o NT
 4. A quarta possibilidade é o tipo “Cesareano”
 - a. Primariamente visto em Marcos
 - b. Algumas que o atestam, são P⁴⁵, W, **H**
- C. Breve explanação dos problemas e teorias do “baixo criticismo,” também chamado de “criticismo textual.”
1. De que maneira as variantes ocorrem?
 - a. Inadvertidamente ou acidentalmente (vasta maioria das ocorrências)
 - (1) deslize da visão
 - (a) na cópia à mão, que lê a segunda ocorrência de duas palavras similares, omite todas as palavras no meio delas (homeoteleuto)
 - (b) omissão de uma letra dupla ou frase (haplografia)
 - (c) na cópia à mão, o erro de repetir uma frase ou linha do texto grego (ditografia)
 - (2) deslize da audição ao copiar por ditado oral, onde um erro de ortografia ocorre em palavras com som similar. Frequentemente

os erros de ortografia implicam ou resultam em outra palavra grega.

- (3) Os textos gregos mais antigos não têm capítulos ou divisão de versos, pouca ou nenhuma pontuação e não têm divisão entre palavras. É possível dividir as letras em diferentes palavras

b. Intencional

- (1) Mudanças foram feitas para melhorar a forma gramatical do texto copiado
- (2) Mudanças foram feitas para colocar o texto em conformidade com outros textos bíblicos (harmonização de paralelos).
- (3) Mudanças foram feitas combinando uma ou mais leituras variantes em um texto longo combinado (fusão)
- (4) Mudanças foram feitas para corrigir um problema percebido no texto (cf. Bart Ehrman, *The Orthodox Corruption of Scripture*, pp. 146-50, sobre Hb. 2.9)
- (5) Mudanças foram feitas para tornar o texto mais ortodoxo doutrinalmente (cf. 1 Jo 5:7-8)
- (6) Algumas informações adicionais sobre contexto histórico ou a interpretação propriamente dita, foram escritas na margem por um escriba, mas colocadas no texto por um segundo escriba (cf. Jo 5:4)

D. Os princípios básicos do criticismo textual (probabilidades transcricionais)

1. O texto mais desajeitado ou gramaticalmente incomum é provavelmente o original, porque os escribas tendiam a fazê-lo mais suave.
2. O texto menor é provavelmente o original, porque os escribas tendiam a adicionar informações ou frases de passagens paralelas (isto tem sido recentemente desafiado pelos estudos comparativos de papiros)
3. Dá-se mais peso ao texto mais antigo, por causa da sua proximidade histórica ao original, tudo mais sendo idêntico
4. Manuscritos que são geograficamente diversos, usualmente têm as leituras originais
5. Tenta-se explicar como as variantes ocorrem. Este é considerado o mais importante princípio por muitos estudiosos.
6. Análise de um estilo literário de um autor bíblico, vocabulário, e teologia é usada para decidir a redação original provável.
7. Textos doutrinalmente mais fracos, especialmente aqueles relacionados às discussões teológicas durante o período de mudança dos manuscritos, como a Trindade em 1 João 5:7-8, devem ser preferidos. Sobre isto, gostaria de mencionar uma citação do livro de J. Harold Greenlee, *Introduction to New Testament Textual Criticism*:

“Nenhuma doutrina cristã se sustenta sobre um texto discutível; e o estudante do Novo Testamento deve tomar cuidado ao esperar que seu texto seja mais ortodoxo ou mais forte doutrinalmente que o texto original inspirado.” (p. 68)

8. W. A. Criswell disse a Greg Garrison, do THE BIRMINGHAM NEWS, que ele (Criswell) não cria que toda palavra na Bíblia era inspirada, “pelo menos não toda palavra que tem sido dada ao público moderno por séculos de tradutores.” Criswell disse mais tarde, “Eu sou um firme crente no criticismo textual. Desse modo, creio que a última metade do capítulo 16 de Marcos é heresia: ele não é inspirado, ele é apenas

inventado... quando você compara os manuscritos de diferentes épocas, não há tal coisa como aquela conclusão do livro de Marcos. Alguém adicionou aquilo...”

O patriarca dos inerrantistas da Convenção Batista do Sul (EUA) também afirmou que há uma “interpolação” evidente em João 5.4, no relato de Jesus no tanque de Betesda, e discute os dois relatos do suicídio de Judas (cf. Mt 27 e At 1), “É apenas uma diferente visão do suicídio,” disse Criswell. “Se está na Bíblia, há uma explicação para isso. E os dois relatos do suicídio de Judas estão na Bíblia.” E Criswell acrescenta, “O Criticismo Textual é uma maravilhosa ciência em si mesmo. Ele não é efêmero, nem impertinente. É dinâmico e central...”

Um problema adicional com as nossas cópias modernas da Bíblia, é que do tempo dos autores originais até a invenção da imprensa, a Bíblia era copiada à mão. Frequentemente estes copistas adicionavam seus próprios pensamentos ou “corrigiam” o manuscrito que estavam copiando. Isto causou muitas adições não originais ao Novo Testamento.

E. Alguns exemplos do problema dos manuscritos copiados à mão no Novo Testamento Grego.

1. Mc 16:9vss – no manuscrito grego de Marcos, há quatro finais diferentes. O final mais longo de doze versos encontrado na versão King James foi perdido no manuscrito \aleph e B. Os textos gregos usados por Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio, e Jerônimo igualmente não contêm esse final longo. O final longo está presente nos manuscritos A, C, D, K, U, e \aleph^c . Nos Pais da Igreja, a testemunha mais antiga deste final longo é Irineu (que ministrou de 177-190 A.D.) e Diatessaron (A.D. 180). A passagem é obviamente não-Marcana (i.e., não inspirada).

Os versos contêm termos e teologia não encontrados em nenhum lugar em Marcos. Eles até mesmo contêm heresia (i.e., beber veneno e manipulação de serpentes).

2. João 5.4 – Este verso não está no P⁶⁶, P⁷⁵, nem nos manuscritos unciais \aleph , B, C, ou D. Contudo, ele é encontrado em A. Obviamente ele foi adicionado por um escriba para explicar o contexto histórico. Era a resposta folclórica dos judeus à questão sobre o motivo de haver tantas pessoas doentes ao redor da piscina. Deus não cura por meio de anjos que movem as águas, onde o primeiro a entrar recebe uma recompensa de cura física.
3. João 7.53-8:11 – Esta passagem não aparece em nenhum dos antigos manuscritos gregos ou nos Pais primitivos até o sexto século A.D., no manuscrito “D”, conhecido como Beza. Nenhum Pai da igreja grega, até o século 12 A.D., comenta sobre esta passagem. O relato é encontrado em muitos lugares nos manuscritos gregos de João, depois 7:36, depois 7:44, e depois 21:25. Ele também aparece no Evangelho de Lucas, depois de Lucas 21:38. É obviamente não-Joanino (i.e., não inspirado). Provavelmente se trata de uma tradição oral da vida de Jesus. Parece-se muito como sendo dEle, mas não vem da pena de um Apóstolo inspirado, portanto, rejeito-o como Escritura.
4. Mateus 6:13 – Este verso não é encontrado nos manuscritos \aleph , B, ou D. Ele é presente nos manuscritos K, L, e W, mas com variações. Também está ausente nos comentários dos Pais sobre oração do Pai Nosso (i.e., Tertuliano [150-230

A.D.], Orígenes [182-251 A.D.], e Cipriano [ministrou de 248-258 A.D.]). É encontrado na tradução King James porque foi incluído na terceira edição do texto grego de Erasmo.

5. Lucas 22:43-44 – Estes versos são encontrados nos manuscritos gregos unciais \aleph^* , \aleph^2 , D, K, L, X, e Delta. Também são encontrados nas citações de Justino Mártir, Irineu, Hipólito, Eusébio e Jerônimo. Contudo, eles são omitidos no MSS P⁶⁹ [provavelmente], \aleph^c , A, N, T, e W, assim como os manuscritos usados por Clemente de Alexandria e Orígenes. O UBS⁴ classifica sua omissão como “segura” (A).

Bart D. Ehrman, em *The Orthodox Corruption of Scripture*, pp. 187-194, afirma que estes versos são uma adição do início do segundo século com vistas à refutação dos cristologistas docéticos (agnósticos) que negavam a humanidade e sofrimento de Cristo. O conflito da igreja com as heresias cristológicas era a fonte de muitas mudanças nos manuscritos primitivos.

A NASB e NRSV colocam estes versos entre parêntesis, assim como a NKJV, TEV, e NIV tem uma nota de rodapé que diz, “alguns manuscritos antigos omitem os versos 43 e 44.” Esta informação é unicamente para o Evangelho de Lucas.

6. 1 João 5:7-8 – Estes versos não são encontrados nos manuscritos \aleph , A, ou B nem em qualquer outro manuscrito grego dos Pais, nem mesmo em sua defesa do conceito de deidade de Cristo ou a Trindade. Estão ausentes de todas as antigas traduções, incluindo a Vulgata de Jerônimo. Eles aparentemente foram inseridos tardiamente por copistas bem-intencionados com o fim de reforçar a doutrina da Trindade. Eles são encontrados na tradução King James porque foram incluídos na terceira edição (e somente esta) do texto grego de Erasmo.

As nossas traduções modernas da Bíblia têm alguns problemas textuais. Contudo, eles não afetam a doutrina central. Podemos confiar nas traduções modernas da Bíblia para tudo que é necessário para fé e prática. Um dos tradutores da RSV, F.C. Grant, disse, “Nenhuma doutrina bíblica tem sido afetada pela revisão, pelo simples razão que, embora milhares de leituras variantes nos manuscritos, nenhuma pareceu tão distante que necessitássemos de uma revisão da doutrina cristã.” “É digno de nota que para a maioria dos estudiosos, mais de 90% de todas as variantes no texto do NT estão resolvidas, porque na maior parte dos casos a variante que melhor explica as origens de outros é também suportada pelo mais antigo e melhor testemunho” (Gordon Fee, *The Expositor's Bible Commentary*, Vol. 1, p. 430).

Tenho citado estes exemplos para mostrar a você que devemos analisar nossas traduções (Fee e Stuart 1982, 30-34). Elas têm problemas textuais. Não me sinto confortável com essas variantes textuais, mas elas são uma realidade. É reconfortante perceber que elas são raras e não afetam qualquer das maiores doutrinas cristãs e que, em comparação com outras literaturas, a Bíblia tem notavelmente poucas variações.

F. O problema da tradução de uma linguagem para outra.

Ao lado do problema das variantes dos manuscritos está o problema adicional da tradução de uma linguagem para outra. Na realidade, todas as traduções são comentários concisos. Possivelmente um entendimento da teoria da tradução irá (1) nos encorajar a usar mais de uma tradução em nosso estudo e (2) nos ajudar a saber que diferentes traduções comparar. Há pelo menos três métodos disponíveis aos tradutores.

1. Uma abordagem literal tenta usar uma correspondência palavra/palavra.
2. Uma abordagem de idioma/idioma tenta usar cláusulas ou frases, não palavras, como a base para comunicar o texto antigo.
3. Uma abordagem pensamento/pensamento tenta usar conceitos em de termos reais e frases dos originais.

Podemos ver isso mais claramente no diagrama abaixo.

KJV	NIV	Bíblia Ampliada
ASV	NAB	Tradução de Phillips
NASB	TEV	LB
RSV	JB	
	NEB	
	Tradução de Williams	
Literal	Idioma/idioma	Ideia/ideia
Palavra/palavra	Cláusula/cláusula	Equivalência Livre
Correspondência Formal	Equivalência Dinâmica	Paráfrase

Uma boa discussão da teoria da tradução pode ser encontrada no livro de Gordon Fee e Douglas Stuart, *How To Read the Bible for All Its Worth*, pp. 34-41. Igualmente, grande ajuda nessa área pode ser encontrada nas publicações de Eugene A. Nida para as Sociedades Bíblicas Unidas, sobre a teoria da tradução e prática.

G. O problema da linguagem humana ao descrever Deus.

Não apenas enfrentamos às vezes um texto duvidoso, mas também, se não somos fluentes no antigo Hebraico e Grego Koiné, enfrentamos uma variedade de traduções. Complicando ainda mais o problema é nossa finitude humana e pecaminosidade. A linguagem humana por si mesma limita e determina as categorias e o escopo da revelação divina. Deus tem falado a nós por meio de analogias. A linguagem humana é adequada para falar sobre Deus, mas ela não é exaustiva ou definitiva. Podemos conhecer a Deus, mas com algumas limitações. Um bom exemplo desta limitação é o antropomorfismo, isto é, falar sobre Deus em termos físicos, humanos ou psicológicos. Não temos mais nada a usar. Afirmamos que Deus é uma pessoa e todos nós sabemos sobre personalidade em categorias humanas. A seguir, alguns exemplos dessa dificuldade.

1. Antropomorfismo (Deus descrito em termos humanos)

a. Deus com corpo humano

- (1) Andando – Gn 3:8; 18:33; Lv 26:12; Dt 23:14
- (2) Olhos – Gn 6:8; Ex 33:17
- (3) Homem sobre um trono – Is 6:1; Dn 7:9

b. Deus como feminino

- (1) Gn 1:2 (Espírito como ave feminina)
- (2) Dt 32:18 (Deus como mãe)
- (3) Ex 19:4 (Deus como mãe águia)

- (4) Is 49:14-15; 66:9-13 (Deus como uma mãe cuidadosa, e possivelmente em Os 11:4)
- c. Deus advogando a mentira (cf. 1 Rs 22:19-23)
- d. Exemplos do NT sobre a “mão direita de Deus” (cf. Lucas 22:69; At 7:55-56; Rm 8:34; Ef 1:20; Cl 3:1; Hb 13:1; 8:1; 10:12; 12:2; 1Pe 3:22)
- 2. Títulos humanos usados para descrever Deus
 - a. Pastor (cf. Salmo 23)
 - b. Pai (cf. Is 63:16; Sl 103:13)
 - c. Go’el – parente resgatador (cf. Ex 6:6)
 - d. Amado – marido (cf. Oséias 1-3)
 - e. Pai e mãe (cf. Os 11:3-4)
- 3. Objetos físicos usados para descrever Deus
 - a. Rocha (cf. Sl 18)
 - b. Castelo e fortaleza (cf. Sl 18)
 - c. Escudo (cf. Gn. 15:1; Sl 18)
 - d. Chifre da salvação (cf. Sl 18)
 - e. Árvore (cf. Os. 14:8)
- 4. Linguagem é parte da imagem de Deus na humanidade, mas o pecado tem afetado todos os aspectos da nossa existência, incluindo a linguagem.
- 5. Deus é fiel e comunica adequadamente, se não exaustivamente, o conhecimento de Si mesmo, usualmente na forma negativa, analogia, ou metáfora.

O maior de todos os problemas que enfrentamos na interpretação da Bíblia, ao lado dos demais mencionados, é nossa pecaminosidade. Tudo nós distorcemos, incluindo a Bíblia, para se ajustar ao que queremos. Nunca temos uma visão de Deus que não seja afetada, ou nosso mundo, ou nós mesmos. Contudo, mesmo com todas essas desvantagens, Deus é fiel. Nós podemos conhecer a Deus e Sua Palavra porque Ele quer que isso (Silva 1987, 118). Ele tem providenciado tudo que precisamos pela iluminação do Espírito Santo (Calvino). Sim, há problemas, mas também há abundantes provisões. Os problemas devem limitar nosso dogmatismo e aumentar nossas ações de graças por meio da oração e diligente estudo da Bíblia. O caminho não é fácil, mas Ele caminha conosco. O objetivo é a semelhança com Cristo, não apenas uma interpretação correta. Interpretação é um meio para o fim do conhecimento, serviço, e louvor Àquele que nos chamou das trevas por meio do Seu Filho (Cl 1:13).

AUTORIDADE BÍBLICA

I. Definição Pressuposicional do Autor

Muitos cristãos concordarão que a Bíblia é a única fonte de fé e prática. Se assim é, então qual o porquê de tantas interpretações diferentes? Muitos falam de interpretações aparentemente conflitantes no nome de Deus. Como sabemos em qual crer? Estas perguntas refletem a confusão da comunidade moderna e o assunto é crítico. Como a maioria dos crentes pode avaliar tudo quanto ouvem ou leem – tudo o que reivindica ser verdade de Deus? Para mim, a resposta está em minha definição pressuposicional do que envolve a “autoridade bíblica”, Eu compreendo que estou reagindo contra minha própria circunstância existencial, mas até o momento não tive outra opção. Pode aborrecê-lo falar aqui de “pressuposições”. Contudo, muita das questões da vida, se não todas, são tratadas desse modo por causa da natureza da nossa situação humana. Objetividade total é impossível. Espera-se que não tenhamos assimilado as nossas “suposições” culturais indiscriminadamente. Numa tentativa de limitar, não apenas as minhas “suposições”, mas as de outros, eu tenho tentado colocar alguns limites na interpretação da Bíblia. Eu compreendo que isto pode significar que não estarei apto a receber alguma verdade, mas sinto que me protegerá dos erros de interpretação empírica, cultural e denominacional. Na verdade, o método de interpretação contextual/textual irá nos forçar a dizer menos sobre a Bíblia, mas nos ajudará a sermos mais comprometidos com os mais importantes pilares da fé cristã.

Para mim, “autoridade bíblica” é normalmente definida como a crença na dádiva divina da Bíblia, e por meio disso, sua autoridade. Também é entender o que o autor bíblico estava dizendo nos seus dias e então aplicar isto aos meus dias. Isso significa colocar-se nos seus dias, no seu raciocínio e nos seus propósitos. Eu devo tentar ouvir como os ouvintes originais ouviram. Devo debater-me com o “depois” do autor bíblico, livro, evento, da parábola etc. Eu devo estar apto a mostrar a outros, a partir do texto da própria Bíblia, o como, o porquê, e o onde da minha interpretação. Eu não sou livre para deixar o texto dizer ou fazê-lo dizer o que quero que ele diga (Liefeld 1984, 6). Devo ser livre para falar; devo estar pronto para ouvir e passar esta verdade adiante às pessoas dos meus dias. Somente se eu tiver entendido o autor original e somente se eu tiver transferido a verdade eterna aos meus dias e à minha vida, eu terei participado na verdadeira “autoridade bíblica”. Haverá certamente alguns desacordos a respeito do “depois” e “agora” da interpretação bíblica, mas devemos limitar nossas interpretações à Bíblia e verificar nosso entendimento a partir das suas páginas.

II. A Necessidade de Interpretações Verificáveis

Uma das pragas da Reforma Protestante é a multiplicidade de interpretações (manifestadas no denominacionalismo moderno), que foi resultado do seu movimento de “retorno à Bíblia”. Eu não tenho real esperança de unanimidade deste lado do céu, mas devemos retornar às Escrituras, interpretadas de modo verificável e consistente. Nós devemos andar em nossa própria luz, mas esperançosamente estaremos aptos a defender nossa doutrina (fé) e prática (vida) a partir das Escrituras. Deve-se permitir às Escrituras que falem; que falem no seu contexto gramatical, literário e histórico. Nós devemos defender nossa interpretação à luz de:

- A. Uso normal da linguagem humana
- B. Intenção autoral na passagem
- C. Equilíbrio das Escrituras
- D. Semelhança com Cristo

A maldição contemporânea da espiritualização e descontextualização tem devastado a igreja. Os cultos têm aprendido nossas técnicas e como usá-las com grande eficácia (Sire, 1980, *Scripture Twisting*; Carson 1984, *Exegetical Fallacies*; Silva 1983, *Biblical Words and Their Meanings*). A esperança deste manual não é somente dar uma metodologia para interpretação, mas também capacitar você a avaliar outras interpretações. Devemos defender nossas próprias interpretações e estar aptos a analisar outras. Aqui está como fazemos isto.

- A. Os escritores das Escrituras usaram linguagem humana normal e esperavam ser entendidos.
- B. Intérpretes modernos procuram a intenção original do autor por meio da documentação de vários tipos de informações.
 - 1. Contexto histórico e cultural dos seus dias
 - 2. Contexto literário (livro inteiro, unidade literária, parágrafo)
 - 3. Gênero (narrativa histórica, profecia, lei, poesia, parábola, apocalíptica)
 - 4. Plano textual (e.g., João 3 – Sr. Religioso, e João 4 – Sra. Irreligiosa)
 - 5. Sintaxe (relações e formas gramaticais)
 - 6. Significados originais da palavra
 - a. Antigo Testamento
 - (1) Línguas cognatas (línguas semíticas)
 - (2) Manuscritos do Mar Morto
 - (3) Pentateuco Samaritano
 - (4) Escritos rabínicos
 - b. Novo Testamento
 - (1) A Septuaginta (os escritores do NT eram pensadores hebreus escrevendo em grego popular)
 - (2) Papiros achados no Egito
 - (3) Literatura grega
- C. O equilíbrio de toda a Escritura (passagens paralelas) porque ela tem um autor divino (o Espírito).
- D. Semelhança com Cristo (Jesus é o alvo e a plenitude da Escritura. Ele é ao mesmo tempo a perfeita revelação da deidade e o perfeito exemplo da verdadeira humanidade).

É uma pressuposição básica que todo texto tenha uma e somente uma interpretação própria, e esta é a intenção do autor original. Este significado autoral tem uma aplicação. Essa aplicação (significância) pode ser multiplicada em diferentes situações, mas cada uma deve ser inseparavelmente ligada à intenção original (cf. *The Aims of Interpretation*, de E.D. Hirsch).

III. Exemplos de Abuso Interpretativo

Para ilustrar meu ponto sobre a difusão de hermenêutica imprópria (mesmo entre evangélicos), considere os seguintes exemplos.

- A. Deuteronômio 23.18 é usado para provar que os crentes não devem “vender” seus cães. Cães em Deuteronômio são prostitutas machos do culto de fertilidade cananita.
- B. II Samuel 9 é usado como uma metáfora da graça cobrindo nossos pecados, sendo os pés aleijados de Mefibosete alegorizados como “nosso pecado” e a mesa de Davi alegorizada como a graça de Deus cobrindo-os da vista (povos antigos não sentavam com seus pés sob uma mesa).
- C. João 11.44 é usado para falar de “coisas que se ligam” para se referir a hábitos inapropriados, motivos e ações.
- D. I Coríntios 13.8 é usado para provar que línguas cessarão primeiro, quando no contexto, tudo irá cessar exceto o amor.
- E. Colossenses 2.21 é usado para provar abstinência total, quando na verdade é uma citação de falsos mestres!
- F. Apocalipse 3.20 é usado como uma passagem evangelística, quando é endereçada a uma das sete igrejas.

A praga da espiritualização e da descontextualização aflui em grande quantidade.

- A. “A prática de isolar sentenças, pensamentos e ideias do seu contexto imediato é quase sempre fatal quando aplicada em Paulo. A ‘descontextualização solitária’ afirma o Professor H. A. A. Kennedy, ‘tem laborado mais destruição à teologia do que todas as heresias,’ *A Man in Christ*, de James Steward, p. 15.
- B. “O método descontextualizado de interpretar as cartas de Paulo, que as vê como revelações diretas da vontade sobrenatural de Deus transmitindo aos homens verdades eternas e imortais que precisam somente ser sistematizadas para produzir uma completa teologia, obviamente ignora os meios pelos quais Deus se agradou em dar aos homens Sua Palavra,” G. E. Ladd, *Theology of the NT*, p. 379.

Então, o que pode ser feito? Precisamos todos reexaminar nosso trabalho de definição da autoridade bíblica. Se nossa interpretação pudesse surpreender o autor ou os ouvintes originais, provavelmente surpreenderá a Deus. Se falamos em seu nome, certamente devemos ter pago o preço da confissão pessoal, oração e estudo diligente. Nós não precisamos todos ser estudiosos, mas precisamos ser sérios, regulares e diligentes estudantes da Bíblia (i.e., bons leitores da Bíblia, veja Tabela de Conteúdos, “Um Manual para a Boa Leitura da Bíblia”). A humildade, a docilidade e um andar diário de fé irão nos proteger de muitas armadilhas. Lembre-se, todo parágrafo tem uma verdade principal (palavras têm sentido somente em sentenças; sentenças tem sentido somente em parágrafos; parágrafos devem se relacionar com uma unidade literária). Tenha cuidado com o excesso de confiança ao interpretar os detalhes (o Espírito ajudará os crentes a encontrar as verdades principais dos parágrafos)!

O INTÉRPRETE

I. Condicionamento Pressuposicional

Nós todos somos historicamente condicionados. Objetividade total não é possível (Carson, *Biblical Interpretation and the Church*, 1984, 12). Contudo, se pudermos identificar nossos vieses, ou ao menos áreas nas quais eles podem ser encontrados, estaremos mais capacitados a controlar sua influência. Há uma excelente discussão do nosso pré-entendimento no livro de Duncan Ferguson, *Biblical Hermeneutics*, pp. 6-22.

“Porque todos nós temos nossos preconceitos e equívocos, é muito fácil ver nas Escrituras somente o que queremos ver, e perder a nova e edificante revelação da verdade mais completa que é o propósito de Deus para nós... É muito fácil também lermos nossas próprias ideias na Escritura em vez de extrair o que ele ensina, que deve possivelmente derrubar nossas ideias” (Stibbs 1950, 10-11).

Há muitas áreas das quais nossas pressuposições podem vir.

- A. Um fator principal é nosso tipo de personalidade. Isto causa muitas confusões e desacordos entre os crentes. Esperamos que todos pensem e analisem como nós. Um livro muito válido nesta área é *Why Christians Fight Over the Bible*, de John Newport e William Cannon. Alguns crentes são muito lógicos e estruturados em seus processos de pensamento, enquanto outros são muito mais emocionais e menos inclinados a detalhes e sistemas. Contudo, todos os crentes não responsáveis por interpretar a Bíblia e viver à luz das suas verdades.
- B. Outro fator é nossa percepção pessoal do mundo e nossa experiência dele. Não somente fatores pessoais nos afetam, mas também nossa masculinidade e feminilidade. Estamos aprendendo com estudos da função cerebral como homens e mulheres percebem seus mundos de maneira diferente. Isto afeta como interpretamos a Bíblia. Também, nossas experiências pessoais, ou as experiências daqueles que nos cercam, podem afetar nossas interpretações. Se nos tiver acontecido uma experiência espiritual única, iremos certamente procurá-la nas páginas da Bíblia e na vida de outros.
- C. Estreitamente relacionado à diferença de personalidade, está o dom espiritual (1 Coríntios 12-14; Rm 12.3-8; Ef 4.7, 11-12). Frequentemente nosso dom espiritual é relacionado ao nosso tipo de personalidade (Sl 139.13-16). Este dom vem na salvação (1 Co 12.4,7,11), não no nascimento físico. Contudo, eles podem estar relacionados. O dom espiritual tem o sentido de ser serviço gracioso (1 Co 12.7) aos nossos irmãos na fé, mas com frequência transforma-se em conflito (1 Co 12.12-30), especialmente na área da interpretação bíblica. Nosso tipo de personalidade também afeta como abordamos as Escrituras. Alguns abordam as Escrituras procurando por categorias sistemáticas, enquanto outros o fazem em um modo mais existencial e devocional. Nossa razão para buscar na Bíblia frequentemente afeta nosso entendimento. Há uma diferença entre ensinar em uma classe dominical para crianças de cinco anos e preparar uma série de lições para uma universidade. Contudo, o processo de interpretação deve ser o mesmo.
- D. Outro fator significativo é nosso lugar de nascimento. Há muitas diferenças culturais e teológicas mesmo nos Estados Unidos e isto é multiplicado por outras culturas e nacionalidades. Com frequência aprendemos sólidos vieses da nossa cultura, não da Bíblia. Dois bons exemplos contemporâneos são o individualismo e capitalismo americanos.
- E. Assim como o lugar de nascimento nos afeta, também a época do nosso nascimento. Cultura é um fator líquido. Mesmo aqueles da mesma cultura e área geográfica podem ser afetados pelo “fosso entre gerações”. Se multiplicarmos esse fosso entre gerações ao longo de séculos e culturas até aos tempos bíblicos, a potencialidade para os erros se torna significativa. Somos afetados pela mentalidade do século 21 e por nossas formas e normas sociais. Toda era tem o “sabor” que lhe é próprio. Contudo, quando buscamos na Bíblia, devemos compreender seu contexto cultural para o fim da interpretação.
- F. Não somente a geografia, tempo e cultura nos afetam, mas também a educação recebida de nossos pais. Os pais muito influenciam e às vezes em um sentido negativo. Seus preconceitos são transmitidos aos filhos ou mesmo os filhos rejeitam totalmente os ensinamentos e estilo de vida dos pais. Quando os fatores denominacionais são adicionados a isto tudo, fica claro como podemos nos tornar pressuposicionais. A triste divisão da

Cristandade em grupos dissidentes, cada qual reivindicando autoridade e preeminência sobre os outros, tem causado grandes problemas à interpretação bíblica. Muitos sabem o que crer sobre o que a Bíblia diz antes de sequer ler ou estudá-la pessoalmente, porque foram doutrinados em uma perspectiva particular. A tradição não é boa nem má. Ela é neutra e pode ser muito útil. Mas, toda geração de crentes deve permitir-se analisar a cultura à luz da Bíblia; a tradição pode nos proteger ou cegar (filme “Um violinista no Telhado”).

- G. Cada um de nós tem sido e continua a ser afetado pelo pecado e pela rebelião, tanto pública quanto involuntariamente, consciente ou inconscientemente. Nossas interpretações sempre são impactadas por nossa maturidade espiritual ou a falta dela. Mesmo os mais semelhantes a Cristo são afetados pelo pecado, e os crentes mais carnis tem a luz da habitação do Espírito. Todos nós, esperançosamente, continuaremos a crescer em nosso relacionamento com Deus através de Cristo por meio do Espírito. Devemos andar na luz que temos, sempre sendo abertos a mais luz das Escrituras através do Espírito. Nossas interpretações irão certamente mudar e modificar quanto mais vivermos e mais contato tivermos com o povo de Deus e com Ele próprio.

Se você não tem tido um novo pensamento sobre Deus em tantos anos, seu cérebro está morto!

II. Alguns Exemplos de Condicionamento Evangélico

Neste momento gostaria de dar alguns exemplos concretos do relativismo que resulta dos fatores mencionados acima.

- A. Natação mista (meninos e meninas juntos) é um problema sério em algumas igrejas, geralmente aquelas em lugares onde a natação não é muito acessível.
- B. Uso do tabaco é um problema real em algumas igrejas (especialmente na América do Sul), geralmente em áreas geográficas onde ele não é a principal fonte de renda (crentes, com frequência fisicamente fora de forma, usam o tabaco como desculpa para acusar outros de ferirem seu corpo).
- C. Uso do álcool na América é um problema importante em muitos grupos eclesiais, enquanto em partes da Europa e América do Sul, não é um problema. América é mais afetada por movimentos antialcoolismo dos anos vinte do que pela Bíblia. Jesus certamente bebeu vinho fermentado. Você é mais “espiritual” que Jesus?

O que segue abaixo é um Tópico Especial extraído dos comentários do Dr. Utley. Você pode visualizá-los e baixá-los gratuitamente em www.freebiblecommentary.org.

TÓPICO ESPECIAL: ÁLCOOL (FERMENTAÇÃO) E ALCOLISMO (VÍCIO)

I. Termos Bíblicos

A. Antigo Testamento

1. *Yayin* – Este é o termo geral para vinho (BDB 406), usado 141 vezes. A etimologia é incerta porque ele não vem de uma raiz hebraica. Sempre tem o sentido de suco de fruta fermentado, geralmente de uva. Algumas passagens relacionadas são Gn. 9.21; Ex.29.40; Nm. 15.:5,10
2. *Tirosh* – Este é o “vinho novo” (BDB 440). Por causa das condições climáticas do Antigo Oriente Próximo, a fermentação começava logo após as seis horas depois da extração da fruta. Este termo se refere ao vinho no processo de fermentação. Para algumas passagens relacionadas, veja Dt.12.17; 18.4; Is. 62.8-9; Os. 4.11.
3. *Asis* – Este evidentemente é usado para bebidas alcoólicas (“vinho doce” BDB 779, e.g., Joel 1:5; Is 49:26).
4. *Sekar* – Este é o termo “vinho forte” (BDB 1016). A raiz hebraica é usada no termo “bêbado” ou “embriagado.” Algo foi adicionado a ele para fazê-lo mais tóxico. É paralelo a *yayin* (cf. Pv. 20.1; 31.6; Is. 28.7).

B. Novo Testamento

1. *Oinos* – o equivalente grego de *yayin*.
2. *Neos oinos* (vinho novo) – o equivalente grego de *tirosh* (cf. Mc 2:22).
3. *Gleuchos vinos* (vinho doce) – vinho nos primeiros estágios de fermentação (cf. At 2:13).

II. Usos Bíblicos

A. Antigo Testamento

1. O vinho é um presente de Deus (Gn. 27.28; Sl. 104.14-15; Ec. 9.7; Os. 2.8-9; Jl 2.19,24; Am 9.13; Zc. 10.7).
2. O vinho é parte das ofertas de sacrifício (Ex. 29.40; Lv. 23.13; Nm. 15.7,10; 28.14;Dt. 14.26; Jz. 9.13
3. O vinho é usado como remédio (II Sm. 16.2; Pv. 31.6-7)
4. O vinho pode ser um problema real (Noé - Gn. 9.21; Ló - Gn. 19.33,35; Sansão - Jz. 16.19; Nabal - I Sam. 25.36; Urias- II Sam. 11.13; Amon - II Sm. 13.28; Elá - I Rs.16.9; Ben-Hadade - I Rs. 20.12; Governantes - Amós 6.6; e Senhoras - Amós 4)
5. O vinho pode ser mal usado (Pv. 20.1; 23.29-35; 31.4-5; Is. 5.11,22; 19.14; 28.7-8; Os 4.11).
6. O vinho era proibido para certos grupos (sacerdotes na função, Lv 10.9; Ez 44.21; nazireus, Nm 6; e governantes, Pv. 31.4-5; Is 56.11-12; Os 7.5).
7. O vinho é usado num cenário escatológico (Amós 9.13; Joel 3.18; Zc 9.17).

- B. Interbíblico
 - 1. O vinho com moderação é muito útil (Ec 31.27-30)
 - 2. Os rabinos dizem, “O vinho é o maior de todos os remédios, onde o vinho está em falta, logo medicamentos são necessários.” (BB 58b).
- C. Novo Testamento
 - 1. Jesus transformou grande quantidade de água em vinho (João 2.1-11)
 - 2. Jesus bebeu vinho (Mt 11.18-19; Lc 7.33-34; 22.17ss).
 - 3. Pedro foi acusado de embriaguez com “vinho novo” no dia de Pentecostes (At 2.13).
 - 4. O vinho pode ser usado como remédio i (Mc 15.23; Lc 10.34; 1 Tm 5.23).
 - 5. Líderes não devem abusar do álcool. Isto não significa total abstinência (1 Tm 3.3,8; Tt 1.7; 2.3; 1Pe 4.3).
 - 6. O vinho é usado em contextos escatológicos (Mt 22.1ss; Ap 19.9).
 - 7. A embriaguez é lamentável (Mt. 24.49; Lc 11.45; 21.34; I Co. 5.11-13; 6.10; Gl.5.21; I Pe. 4.3; Rm. 13.13-14).

III. Percepção Teológica

- A. Tensão dialética
 - 1. O vinho é um presente de Deus.
 - 2. A embriaguez é o principal problema.
 - 3. Crentes em algumas culturas devem limitar sua liberdade por causa do evangelho (Mt 15.1-20; Mc 7.1- 23; I Co. 8-10; Rm. 14).
- B. Tendência de ir além dos limites dados
 - 1. Deus é a fonte de todas as coisas boas.
 - 2. A humanidade caída tem abusado de todos os presentes de Deus ao usando-os além dos limites dados por ele.
- C. O abuso está em nós, e não nas coisas. Não há nada de mal na criação física (cf. Mc 7.18-23; Rm. 14.14,20; I Co. 10.25-26; I Tm. 4.4; Tt 1.15).

IV. A Cultura Judaica do Primeiro Século e a Fermentação

- A. A fermentação começa muito cedo, aproximadamente seis horas depois que as uvas são esmagadas.
- B. A tradição judaica afirmava que quando uma leve espuma aparecia na superfície (sinal de fermentação), ela era responsável pelo “dízimo da vinha” (*Ma aseroth* 1.7). Isto é chamado de “novo vinho” ou “vinho doce”.
- C. A primeira fermentação intensa está completa depois de uma semana.
- D. A segunda fermentação ocorre cerca de 40 dias. Neste ponto é considerado “vinho velho” e pode ser oferecido no altar (*Edhuyyoth* 6:1).
- E. O vinho que tinha descansado em suas borras (vinho velho) era considerado bom, mas tinha que ser coado bem antes do uso.
- F. O vinho era considerado adequadamente envelhecido depois de um ano de fermentação. Três anos era o tempo mais longo pelo qual o vinho poderia ser armazenado. Era chamado “vinho velho” e tinha que ser diluído em água.

G. Somente nos últimos 100 anos, com um ambiente estéril e aditivos químicos, a fermentação tem sido adiada. O mundo antigo não podia parar o processo natural de fermentação.

V. Declarações Finais

A. Tenha certeza de que sua experiência, teologia e interpretação bíblica não depreciem a Jesus e cultura judaica/cristã do primeiro século! Eles evidentemente não eram abstêmios totais.

B. Não estou defendendo o uso social do álcool. Contudo, muitos têm exagerado a posição da Bíblia sobre este assunto e reivindicado justiça superior com base em um preconceito cultural/denominacional.

C. Para mim, Romanos 14 e 1 Coríntios 8-10 têm providenciado discernimento e orientações baseadas no amor e respeito aos irmãos e a promoção do evangelho em nossas culturas, não o julgamento crítico ou a liberdade pessoal. Se a Bíblia é a única fonte para fé e prática, então talvez devamos repensar este assunto.

D. Se promovermos a abstinência total como sendo a vontade de Deus, o que implicaremos a respeito de Jesus e das culturas modernas que regularmente usam vinho (e.g., Europa, Israel, Argentina)?

D. O dízimo é frequentemente anunciado como (1) um meio de enriquecimento, mas somente em culturas onde a riqueza é possível, ou (2) um meio de evitar o julgamento de Deus.

O que segue é um Tópico Especial extraído dos comentários do Dr. Utley.

TÓPICO ESPECIAL: DÍZIMO

Mateus 23.23 e Lucas 11.42 são as únicas referências do NT ao dízimo. Não creio que o NT ensine o dízimo porque todo seu contexto é contra as picuinhas do legalismo judaico e a justiça própria. Eu acredito que as orientações do NT sobre ofertas regulares (se há alguma) são encontradas em 2 Coríntios 8 e 9, que vão muito além do dízimo! (há dois, possivelmente três, dízimos requeridos no AT), então os cristãos deveriam dar muito além e não tomar o tempo para discutir sobre o dízimo!

Os crentes do NT devem tomar cuidado para não transformar o Cristianismo em um código legal voltado para resultados (Talmude cristão). Seu desejo de agradecer a Deus os leva a tentar encontrar orientações para cada aspecto da vida. Contudo, teologicamente é perigoso trazer regras da antiga aliança que não são reafirmadas no NT (cf. Atos 15) e fazer delas critério dogmático, especialmente quando são apontadas (por pregadores modernos) como sendo causas de calamidade ou promessas de prosperidade (cf. Malaquias 3).

Aqui está uma citação pertinente, de Frank Stagg, *New Testament Theology*, pp. 292-293:

“O Novo Testamento não introduz o dízimo na graça de dar. O dízimo é mencionado apenas três vezes no Novo Testamento: (1) na censura aos fariseus que negligenciavam a justiça, misericórdia e fé enquanto davam cuidado meticuloso ao dízimo até mesmo da produção do jardim (Mt 23.23; Lc 11.42); (2) na exposição do orgulho dos fariseus que ‘oravam a si mesmos,’ vangloriando-se de jejuarem duas vezes ao mês e dizimarem de todas as suas possessões (Lc 18.12); e (3) ao argumentar sobre a superioridade de Melquisedeque, e portanto de Cristo, sobre Levi (Hb 7.6-9).

É claro que Jesus aprovou o dízimo como parte do sistema do Templo, assim como em principio e prática ele suportou as práticas gerais do Templo e das sinagogas. Mas não há qualquer indicação que ele tenha determinado qualquer parte dos rituais do Templo aos seus seguidores. Os dízimos eram principalmente produzidos e formalmente comidos no santuário pelo dizimista e ao final pelos sacerdotes. Como estabelecido no Antigo Testamento, os dízimos só podiam ser realizados sob um sistema religioso construído ao redor de sacrifício de animais.

Muitos cristãos veem o dízimo como um mercado e plano viável de doação. Contanto que não seja um sistema legalista ou coercitivo, prova que é um plano feliz. Contudo, não se pode afirmar de forma válida que o dízimo seja ensinado no Novo Testamento. Ele é reconhecido como próprio da observância judaica (Mt 23:23; Lc 11:42), mas não é imposto sobre os cristãos. De fato, agora é impossível para judeus ou cristãos dizimarem no mesmo sentido do Antigo Testamento. O dízimo hoje só fracamente se assemelha à antiga prática ritual pertencente ao sistema sacrificial dos judeus.

Paul Stagg sumariza da seguinte forma:

“Enquanto muitos adotam o dízimo voluntariamente como um padrão para a dádiva sem impor rigidamente isto sobre outros como uma obrigação cristã, é claro ao adotar tal prática que não se esteja mantendo a prática do Antigo Testamento. No máximo está fazendo algo remotamente análogo à prática do dízimo no Antigo Testamento, que era um imposto para manutenção do Templo e do sistema sacerdotal, um sistema social e religioso que não existe mais. Os dízimos eram obrigatórios no Judaísmo como um imposto até a destruição do Templo em 70 D.C., mas eles não são portanto obrigatórios aos cristãos.

“Isto não é para desacreditar o dízimo, mas para clarificar sua relação com o Novo Testamento. É para recusar que o Novo Testamento sustente a coerção, legalismo, lucros e a barganha que tão frequentemente caracteriza os apelos em prol dos dízimos nos dias de hoje. Como um sistema voluntário, o dízimo oferece mais; mas ele deve ser redimido pela graça se ele deve ser cristão. Alegar que ele “funciona” é somente adotar os testes pragmáticos do mundo. Muito do que “funciona” não é cristão. E o dízimo, se deve ser conveniente com a teologia do Novo Testamento, deve ser enraizado na graça e no amor de Deus.”

III. O que Pode Ser Feito?

A lista anterior poderia continuar. Obviamente, deve ser declarado que estes fatores de personalidade geralmente afetam somente as áreas periféricas. É útil para cada um de nós analisar o que cremos ser o mínimo irredutível da fé cristã. O que são os pilares centrais da igreja em cada era e cultura? Esta não é uma pergunta fácil, mas creio que necessária. Devemos estar comprometidos com o núcleo central do cristianismo histórico, mas discutir em amor nossas diferenças culturais e individuais em áreas que não são cruciais (cf. Rm 14.1-15.13; 1 Co 8-10). Quanto mais entendo a mim mesmo e a Bíblia, menor se torna meu núcleo irredutível. Primariamente, para mim, isto envolve a pessoa e obra do Deus Triúno e como se pode ter comunhão com ele. Tudo se torna menos crucial à luz dessas questões centrais. Maturidade tenderá a nos fazer menos dogmáticos e julgadores!

Todos nós temos pressuposições, mas poucos de nós sequer as têm definido, analisado ou categorizado. Contudo, podemos reconhecer a sua presença. Nós todos vestimos lentes ou filtros de um tipo ou de outro. O livro que tem me ajudado a diferenciar entre os aspectos culturais e eternos registrados nas Escrituras tem sido o livro de Gordon Fee e Douglas Stuart, *Entendes o que lêes?*, especialmente os capítulos 4 e 5. A Bíblia registra algumas coisas que ela não defende!

IV. A Responsabilidade do Intérprete

À luz da discussão acima, qual é nossa responsabilidade como intérprete? Envolve o seguinte:

1. Os cristãos são pessoalmente responsáveis por interpretar a Bíblia por si mesmos. Isto com frequência tem sido chamado o sacerdócio de todo crente (competência da alma). Esta frase nunca ocorre na Bíblia no SINGULAR, mas sempre no PLURAL (cf. Ex 19.5; 1 Pe 2.5,9; Ap 1.6). A interpretação é uma tarefa da comunidade da fé. Tenha cuidado com uma ênfase no individualismo ocidental. Nós não damos esta responsabilidade a outra pessoa. (1 Co 12.7).
2. A Bíblia é um livro que demanda interpretação (i.e., Mt 5.29-30). Ela não pode ser lida como se fosse o jornal da manhã. Sua verdade é historicamente condicionada, assim como nós o somos. Precisamos construir uma ponte entre o “já” e o “ainda não.”
3. Mesmo depois de termos feito o melhor possível, nossas interpretações em alguma medida ainda serão falíveis. Precisamos andar na luz que temos. Devemos amar e respeitar outros crentes que tenham um entendimento diferente (i.e., Rm 14.1-15.13; 1 Co 8-10).
4. “A prática leva à perfeição..” Isto é verdade na área da interpretação. Oração e prática irão aprimorar a habilidade de interpretar.
5. A hermenêutica não pode dizer exatamente o que um texto significa, mas pode mostrar o que ele não pode significar!

O MÉTODO CONTEXTUAL DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

I. Sua História e Desenvolvimento

A. Interpretação Judaica

O uso mais consistente do método de estudo bíblico conhecido como método histórico-gramatical (neste manual, chamado de método contextual/textual), começou na Antioquia, Síria, no terceiro século D.C em reação ao método alegórico, que tinha se desenvolvido centenas de anos antes em Alexandria, no Egito. O método alexandrino era uma adaptação do método de Filo, um intérprete judeu que viveu de 20 A.C a 55 D.C. Filo também viveu em Alexandria. Ele, sendo um judeu da Diáspora, não era muito influente entre os rabinos, mas teve um grande impacto sobre os intelectuais helenistas de Alexandria, que era o centro do conhecimento naqueles dias. Filo concordava com os rabinos que o Antigo Testamento havia sido dado por Deus. Ele cria de modo singular que Deus falou por meio das Escrituras Hebraicas e também por meio dos filósofos gregos, especialmente Platão. Por isso, cada aspecto do texto tinha significado – cada sentença, oração, palavra, letra, e mesmo cada pequena ornamentação ou idiosincrasia do texto.

A interpretação dos rabinos é caracterizada por um foco no “como”, especialmente em relação a Moisés. Filo, embora usando algumas das mesmas idiosincrasias da gramática ou fala, encontrou significados ocultos no texto, assim como ocorre com o Platonismo. Os rabinos se interessavam em aplicar a Lei Mosaica à vida diária, enquanto Filo queria reinterpretar a história de Israel a partir da sua visão de mundo platonista. Para fazer isto, ele teve que remover totalmente o Antigo Testamento do seu contexto histórico.

“Na sua mente, muitas das percepções do Judaísmo, devidamente entendidas, não diferiam das grandes percepções da Filosofia Grega. Deus revela a Si mesmo aos filhos de Israel mas Ele revelou a Si mesmo por um modo não radicalmente diferente dos outros nos quais revelou-Se aos gregos” (Grant e Tracy, 1984, 53-54).

Sua abordagem básica era alegorizar o texto se:

1. O texto parecia falar do que é indigno de Deus (aspecto físico de Deus)
2. O texto contivesse qualquer inconsistência percebida
3. O texto contivesse algum problema histórico perceptível
4. O texto pudesse ser adaptado à sua cosmovisão filosófica (Grant e Tracy, 1984, 53).

B. A Escola de Alexandria

O básico da abordagem interpretativa de Filo continuou na Escola Cristã de Interpretação que se desenvolveu nesta mesma cidade. Um dos seus primeiros líderes foi Clemente de Alexandria (150-215 A.C). Ele acreditava que a Bíblia continha diferentes níveis de significado com o fim de fazer as Escrituras relevantes a diferentes tipos de pessoas, culturas e períodos de tempo. Estes níveis são:

1. O sentido literal e histórico
2. O sentido doutrinário
3. O sentido profético ou tipológico
4. O sentido filosófico
5. O sentido místico ou alegórico (Grant e Tracy 1984, 55-56)

Esta abordagem básica continuou com Orígenes (185-254 D.C), que provavelmente foi a maior mente da igreja antiga (Silva 1987, 36-37). Ele foi o primeiro crítico textual, apologista, comentarista e teólogo sistemático. Um bom exemplo da sua abordagem pode ser encontrado em sua interpretação de Provérbios 22.20-21. Ele a combina com 1 Ts. 5.23. Dessa forma, toda passagem na Bíblia tem três níveis de interpretação.

1. Um sentido “corporal” ou literal

2. Um sentido “da alma” ou moral
3. Um sentido espiritual ou místico/alegórico (Grant e Tracy 1984, 59)

A hermenêutica de Alexandria imperou em grande parte da igreja na área da interpretação até a época da Reforma Protestante. Ela pode ser caracterizada na sua forma completa através de Agostinho (354-430 D.C), em seus quatro níveis de interpretação:

1. O literal – ensina eventos históricos
2. O alegórico – ensina o que você deveria crer
3. O moral – ensina o que você deveria fazer
4. O místico – ensina o que você deveria esperar

Para a igreja como um todo, os não-literais (#2,3,4) continham a percepção espiritual pura. Contudo, os abusos do método não histórico-gramatical levaram à formulação de outra escola de interpretação. A escola histórico-gramatical focada no texto de Antioquia da Síria (terceiro século), acusava os alegoristas de:

1. Importar significados para o texto
2. Forçar um significado oculto em todo texto
3. Apresentar uma interpretação artificial e fantástica
4. Não permitir às palavras carregarem seu significado óbvio e normal (Sire 1980, 107)
5. Permitir que a subjetividade dominasse a simples mensagem do autor original

A alegoria, quando feita por um intérprete piedoso bem treinado, pode ter um grande valor. É óbvio que tanto Jesus (Mt 13.18-23) como Paulo (1 Co 9.9-10; 10.1-4; Gl 4.21-31), deixaram um precedente bíblico para esta abordagem. Contudo, quando usada para atestar alguma doutrina teológica de estimação ou para defender alguma ação imprópria, ela se torna uma grande pedra de tropeço. O problema maior é que não há meios de fundamentarmos o significado do próprio texto (Silva 1987, 74). A pecaminosidade da raça humana transformou este método (e todos os métodos em alguma extensão) em meios de se provar quase tudo e chamar a este quase tudo de “bíblico”.

“Há sempre o perigo da eisegese, ler na Bíblia as ideias que temos recebido de outro lugar e recebendo-as cada com a autoridade com a qual temos circundado o livro” (*World Council of Churches Symposium on Biblical Authority for Today*, Oxford, 1949).

“Orígenes, e muitos juntamente com ele, aproveitaram para torturar as Escrituras de todas as maneiras possíveis, longe do verdadeiro sentido. Eles concluíram que o sentido literal é muito ruim e pobre, e que, sob as camadas da letra, à espreita, encontram-se profundos mistérios que não podem ser extraídos a não ser superando as alegorias. E isto eles não tiveram dificuldade em realizar; porque no mundo a especulação que parece ser engenhosa sempre tem tido a preferência em lugar da sólida doutrina... com aprovação o sistema desregrado atinge tal altura gradualmente, que aquele que manuseava as Escrituras para seu próprio divertimento não apenas era deixado sem punição, mas atraía até os maiores aplausos. Por muitos séculos nenhum homem era considerado engenhoso se não tivesse a audácia e a perícia para transformar a sagrada palavra de Deus em uma variedade de formas curiosas. Esta foi sem dúvida uma invenção de Satanás com o fim de minar a autoridade das Escrituras e tirar da leitura o seu verdadeiro proveito. Deus visitou essa profanação por um justo julgamento, quando sofreu com o puro significado das Escrituras sendo enterrado sob falsas interpretações. As Escrituras, eles dizem, é fértil, e isso produz uma variedade de significados. Eu reconheço que as Escrituras sejam a mais rica e inexaurível fonte de toda sabedoria; mas nego que sua fertilidade consista em vários significados que qualquer homem, a seu próprio prazer, possa dar-lhe. Sabemos, então, que o verdadeiro significado das Escrituras é o significado óbvio e natural; e vamos adotar isso e assim permanecer resolutamente. Essas pretensas exposições, que nos levam para longe do sentido natural, iremos não apenas negligenciá-las como duvidosas, mas firmemente colocá-las ao lado de corrupções fatais.” (John Newport dissertation, N.D., 16-17).

C. A Escola de Antioquia

É óbvio que a escola de Alexandria estava aberta para a acusação de que sua interpretação confiava mais na habilidade do intérprete do que na intenção do autor original inspirado. Eles podiam reivindicar qualquer interpretação e prová-la a partir da Bíblia usando esse método. O método de Antioquia foca no significado óbvio e simples do texto das escrituras (Cole 1964, 87). Seu foco básico é entender a mensagem do autor original. Isto é o que chamamos de abordagem histórico-gramatical da Hermenêutica. Antioquia insistia tanto no contexto histórico quanto no uso normal da linguagem humana. Ela não eliminava figuras de linguagem, profecia, ou símbolos, mas os forçava a ser vinculados ao propósito, contexto histórico, e estilo do autor original, juntamente com a escolha de gênero do autor.

“A escola de Antioquia insistia na realidade histórica da revelação bíblica. Era relutante em perder isso em um mundo de símbolos e escuridão. Eram mais aristotelianos do que platonistas” (Grant e Tracy 1984, 66).

Alguns líderes antigos dessa escola de interpretação eram: Lúcio, Deodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuestia e João Crisóstomo. Esta escola enfatizava excessivamente a humanidade de Jesus, o que foi rotulado de Heresia Nestoriana (Jesus tinha duas naturezas, uma divina e outra humana) – e era uma heresia (cf. 1 João 4.1-3). Por essa razão a escola perdeu sua influência e muitos dos seus seguidores. Seu quartel-general moveu-se da Síria para Pérsia, de modo a estar longe da disciplina da Igreja Romana.

D. Os Princípios Básicos de Antioquia

Embora os princípios básicos de Antioquia continuassem em lugares isolados, eles eclodiram novamente em forma expansiva em Martinho Lutero e João Calvino, assim como tinham sido previamente em Nicolau de Lira, de forma germinal. É basicamente esta abordagem textual-histórica que este manual se propõe a apresentar. Junto a adicional ênfase na aplicação, que era um dos pontos fortes de Orígenes, a abordagem de Antioquia claramente distinguia entre exegese e aplicação (Silva 1987, 101). Pelo fato de este manual ser primariamente para crentes sem treinamento teológico, a metodologia irá focar o texto da Escritura na tradução e não nas línguas originais. Ajudas de estudo serão introduzidas e recomendadas, mas o significado óbvio do autor original pode, na vasta maioria dos casos, ser apurado sem ajuda extensiva de fora. O trabalho de bons e piedosos estudiosos irá nos ajudar em áreas de material de segundo plano, passagens difíceis, e a visualizarmos o quadro geral, mas primeiro precisamos lutar com o significado simples das Escrituras. É nosso privilégio, nossa responsabilidade, e nossa proteção. A Bíblia, o Espírito, e você são prioridades! Discernir como analisar a linguagem humana em um nível não técnico, juntamente com o poder da habitação do Espírito Santo, são os pilares gêmeos dessa abordagem contextual/textual. Sua aptidão para ser um pouco livre ao interpretar a Bíblia por si mesmo, é o objetivo primário desse manual. James W. Sire, em seu livro *Scripture Twisting*, faz duas interessantes observações.

“A iluminação vem à mente do povo de Deus – não somente à elite espiritual. Não há uma classe de gurus no Cristianismo bíblico, não há iluminados, não há pessoas por quem toda interpretação correta deva vir. E então, enquanto o Espírito Santo dá dons especiais de sabedoria, conhecimento e discernimento espiritual, Ele não atribui a esses cristãos a prerrogativa de serem os únicos intérpretes com autoridade da Sua Palavra. Cabe a cada um do Seu povo aprender, julgar e discernir o que diz a Bíblia, o que está acima mesmo daqueles a quem Deus tem dado habilidades especiais.”

“Resumindo, a suposição que estou fazendo no decorrer deste livro por inteiro, é que a Bíblia é a verdadeira revelação de Deus para toda a humanidade, e que ela é nossa autoridade máxima em tudo sobre o que fala, e que ela não é um completo mistério, mas pode ser adequadamente compreendida pelas pessoas comuns em todas as culturas” (pp. 17-18).

Não ousamos ingenuamente confiar a outra pessoa ou denominação a interpretação das Escrituras que afeta não apenas a vida, mas também a vida que virá. O segundo objetivo deste manual é ganhar habilidade

para analisar interpretações de outros. Este manual deseja suprir o crente individualmente com um método para o estudo bíblico pessoal e um escudo contra as interpretações de outros. Auxílios acadêmicos serão recomendados, mas não devem ser aceitos sem a análise própria e documentação textual.

II. Questões Interpretativas

Nossa discussão de uma metodologia textual e histórica irá resolver sete questões interpretativas que se devem fazer no estudo de todo contexto das Escrituras.

1. O que o autor original disse? (criticismo textual)
2. O que o autor original quis dizer? (exegese)
3. O que o autor original disse sobre o mesmo assunto em outros lugares? (passagens paralelas)
4. O que outros autores bíblicos dizem sobre o mesmo assunto? (passagens paralelas)
5. Como os ouvintes originais entenderam a mensagem e como responderam a ela? (aplicação histórica)
6. Como essa verdade se aplica aos meus dias? (aplicação moderna)
7. Como essa verdade se aplica à minha vida? (aplicação pessoal)

A. A Primeira Questão Interpretativa

1. A necessidade de ler Hebraico e Grego para interpretar as Escrituras.
A etapa inicial inicial é estabelecer o texto original. Aqui nos deparamos com o assunto das línguas originais, antigo hebraico, aramaico e grego koiné. Deve-se conhecer estas línguas e todas as suas variantes textuais, antes de se poder adequadamente interpretar as Escrituras? Deixe-me compartilhar mais uma vez minhas pressuposições sobre a Bíblia.
 - a. Deus quer que a humanidade o conheça (o propósito da criação, Gn 1.26-27).
 - b. Ele nos providenciou um registro escrito da Sua natureza, seu propósito e atos.
 - c. Ele nos enviou Sua suprema revelação, seu Filho, Jesus de Nazaré. O Novo Testamento contém sua vida, seus ensinamentos e interpretações.
 - d. Deus falou a pessoas comuns. Ele quer que todos os humanos sejam salvos (Ez 18.23,32; João 3.16; 1 Tim 2.4; 2 Pe 3.9).
 - e. A vasta maioria do mundo jamais irá conhecer a revelação de Deus exceto por uma tradução (Sterrett 1973, 28).
 - f. Não devemos ver os estudiosos como intérpretes infalíveis. Mesmo os estudiosos dependem de outros. E mesmo quando são do mesmo campo não concordam sempre entre si (Triana 1985, 9).
 - g. Os estudiosos cristãos podem nos ajudar. Eles são presentes de Deus dados à igreja (1 Co 12.28; Ef 4.11). Mesmo sem a ajuda deles, os crentes podem conhecer a verdade simples das Escrituras. Eles não terão um completo ou exaustivo conhecimento. Eles não verão a riqueza de detalhes que um estudioso bíblico poderá perceber, mas os crentes poderão entender o suficiente para sua fé e prática.
2. Uso de Traduções Modernas

As traduções modernas são um resultado das pesquisas acadêmicas. Eles usam diferentes filosofias na tradução. Alguns são muito livres na tradução de conceitos (parafrazeando) em vez de palavras (palavra por palavra) ou orações (equivalência dinâmica). Por causa dessa riqueza de pesquisa e esforço, os crentes, ao comparar essas traduções, têm uma variedade de informação técnica disponível a eles, mesmo se não entendem os processos técnicos ou teorias por detrás deles. Ao comparar as modernas traduções, estão aptos a entenderem mais plenamente a mensagem do autor original. Isto não significa implicar que não há mais perigos.

“A pessoa que lê a Bíblia somente em sua língua está à mercê do tradutor, e tradutores têm frequentemente feito escolhas quanto ao quê de fato o original hebraico ou grego realmente tencionava dizer” (Fee e Stuart 1982, 29).

“O estudante da Bíblia pode superar essa desvantagem (não conhecer os originais e tendo que usar traduções) com o uso consciente dos melhores comentários. Acima de tudo, todos devem estar conscientes dos perigos. O estudante deve comparar as traduções ao estudar a passagem e não deve tomar qualquer delas como garantida” (Osborne e Woodward 1979, 53).

Espero que você tenha sido encorajado pela discussão acima a respeito da adequação das traduções. Eu poderia sugerir que para os propósitos do estudo da Bíblia, que você use ao menos duas diferentes traduções que variam na teoria da tradução. Primeiramente você usará aquela que é literal (isto é, palavra por palavra) e compará-la com uma tradução idiomática (equivalência dinâmica). Na comparação desses dois tipos de tradução, muitos dos problemas sobre o significado das palavras, estrutura da sentença, e variantes textuais, tornam-se óbvios. Quando diferenças maiores ocorrerem, é hora de ir aos comentários técnicos e ferramentas de pesquisa.

3. Variantes dos manuscritos gregos e hebraicos

Outro problema árduo com o qual temos que lidar na área de “o que o autor original disse?” relaciona-se aos manuscritos originais. Nós não temos qualquer dos escritos originais dos autores bíblicos (autógrafos). Desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto em 1947, nosso manuscrito mais antigo do AT era do século 9 A.C, chamado Texto Massorético. Os massoretas eram um grupo de estudiosos judeus que puseram as vogais (pontos vocálicos) no texto hebraico consonantal. Este projeto não se completou até o século 9 A.C. Os Manuscritos do Mar Morto nos permitem verificar este texto hebraico antes da era cristã. Eles confirmaram a precisão do nosso Antigo Testamento baseado no TM. Isto permite aos estudiosos compararem manuscritos hebraicos com as traduções gregas: a Septuaginta, e aquelas traduções de Áquila, Símaco e Teodósio. O ponto central de toda a questão é que há muitas diferenças entre todas essas cópias.

O Novo Testamento também se encaixa na mesma dificuldade. Não temos os escritos dos apóstolos, na realidade, nossas cópias separam-se deles centenas de anos. Os mais antigos manuscritos do Novo Testamento Grego disponíveis são fragmentos de certos livros escritos em papiro. Eles datam do segundo e terceiro séculos antes de Cristo e nenhum deles contém o Novo Testamento completo. O próximo grupo mais antigo de manuscritos gregos vem do quarto ao sexto século. Eles são todos escritos em letras capitulares sem sinais de pontuação ou divisão de parágrafos. Após isso temos milhares de manuscritos de séculos tardios, muitos do 12º - 16º (escritos em letras minúsculas). Nenhum deles concorda completamente. Contudo, é preciso enfatizar com veemência que nenhuma das variações afeta as doutrinas cristãs principais (Bruce 1969, 19-20). É onde a ciência do criticismo textual entra em cena. Estudiosos nessa área têm analisado e classificado esses diferentes textos em “famílias,” que são caracterizadas por certos erros comuns ou adições. Se você gostaria de obter mais informações sobre este assunto, leia:

- a. *The Books and the Parchments*, de F. F. Bruce
- b. “Texts and Manuscripts of the Old Testament,” *Zondervan’s Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. 5, pp. 683ff
- c. “Texts and Manuscripts of the New Testament,” *Zondervan’s Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. 5, pp. 697ff
- d. *Introduction to New Testament Textual Criticism*, de J. H. Greenlee

“Raramente alguém repetiria os trabalhos dos críticos textuais, a menos que uma leitura alternativa seja mencionada como uma nota de rodapé na versão usada comumente” (Liefeld 1984, 41).

Eu descobri que estes problemas de manuscritos podem ser facilmente encontrados ao se observar as notas marginais em nossas modernas Bíblias de Estudo. A Revised Standard Version (RSV) e The New English Bible, providenciam alternativas de tradução muito interessantes. Todas as traduções modernas em alguma medida providenciam leituras alternativas. Outro recurso de grande ajuda neste momento é o novo *Twenty-Six Translations of the Bible*, editado por Curtis Vaughn e publicado por AMG Publishers. Este conjunto provê a *King James Version* em negrito e três a cinco traduções alternativas de um conjunto de vinte e seis traduções. Esta ferramenta rapidamente mostra as variações textuais. Ela deve ser adequadamente explorada em comentários e outras ferramentas de pesquisa.

Os limites da linguagem humana Ainda outro fator envolvido na questão “o que o autor original disse?” refere-se à ambiguidade da linguagem humana. Quando a linguagem humana, que é basicamente um conjunto de relações análogas entre palavras e conceitos, é forçada a descrever Deus e as coisas espirituais, grandes problemas surgem. Nossa finitude, pecaminosidade, corporalidade, nossa experiência do tempo (passado, presente, futuro), tudo afeta nossa linguagem quando descrevemos o sobrenatural. Somos forçados a expressar esses conceitos em categorias humanas (Ferguson 1937, 100). Um tipo destas categorias metafóricas é o antropomorfismo (forma humana). Estas categorias eram uma razão pela qual os rabinos, Filo e Orígenes (Silva 1987, 61), começaram usar alegorias. Na realidade, nossa descrição do entendimento de Deus e do sobrenatural é somente análoga (i.e., negação, analogia e metáfora). Nunca pode ser exaustiva ou completa. É pressuposicional, mas pela fé os crentes acreditam que seja adequada.

Este problema da linguagem humana se torna mais complicado quando colocada na forma escrita. Frequentemente a entonação da voz ou algum gesto nos ajuda a entender as sutilezas da comunicação humana, mas estes fatores não estão presentes no texto escrito. Ainda mais, mesmo com esses limites óbvios, somos ainda aptos, na maior parte, a entender ao outro. Nosso estudo da Bíblia será limitado a estas ambiguidades, assim como o problema adicional da tradução de três idiomas separados (Hebraico, Aramaico e Grego Koiné). Não estaremos prontos para saber ao certo o completo significado de toda passagem. Um bom livro nessa área é “God’s Word in Man’s Language” de Eugene Nida. Com o auxílio do Espírito Santo estaremos prontos para compreender o sentido simples das Escrituras. Talvez as ambiguidades sejam para nos humilhar e nos levar a depender da misericórdia de Deus.

B. A Segunda Questão Interpretativa (sobre procedimentos exegéticos, confira pp. 96 e 97).

1. Esboço das unidades literárias

Um modo, possivelmente o melhor, de entender um documento escrito é identificar o propósito do autor e as divisões maiores (i.e. unidades literárias) na sua apresentação. Escrevemos com um objetivo e propósito em mente. Assim também o faziam os autores bíblicos. Nossa habilidade para identificar o propósito abrangente e suas maiores divisões irão grandemente facilitar nosso entendimento das suas partes menores (parágrafos e palavras). Uma chave para essa abordagem dedutiva (Osborne e Woodward 1979, 21) é esboçar (Tenney 1950, 52). Antes de tentar interpretar um parágrafo em um livro bíblico, é preciso saber o propósito da unidade literária da qual ele é parte à luz das passagens adjacentes e da estrutura do livro inteiro. Eu sei que esse procedimento será duro no início, à medida que é colocado em prática, mas é crucial à medida que a interpretação tem sua importância.

“Do ponto de vista da Bíblia ou da literatura, o erro mais simples da leitura é a falha em considerar o contexto imediato do versículo ou passagem em questão” (Sire 1980, 52).

“O princípio da interpretação contextual é, ao menos na teoria, uma das poucas diretrizes hermenêuticas aceitas universalmente, mesmo que a aplicação consistente dos princípios seja um empreendimento notoriamente difícil” (Silva 1983, 138).

“O contexto não meramente nos ajuda a entender o significado – ele virtualmente faz sentido” (Silva 1983, 139).

“Como a passagem se encaixa naquilo – o que ela contribui para o fluxo total daquele livro e como a estrutura do livro contribui para isso – constitui o supremo interesse do procedimento exegético do contexto literário” (Stuart 1980, 54).

Esta tarefa pode ser realizada de diferentes modos. Podem-se seguir vários passos de interpretação de uma vez. É óbvio que para se interpretar uma passagem à luz da intenção do autor original, é preciso ler e se familiarizar com a mensagem inteira do autor (o livro). Ao ler o livro inteiro várias vezes para familiarizar-se com seu conteúdo, deve-se tomar notas das observações. Na primeira leitura, observe o propósito principal do livro e seu gênero. Na segunda leitura, veja os grandes blocos de materiais relacionados, que chamamos de unidade literária. Um exemplo usando-se o livro de Romanos revela os temas principais.

- a. Breve introdução e tema (1.1-17)
- b. A perdição de todos os homens (1.18-3.21)
- c. A justificação como um presente (4.1-5.21)
- d. A justificação afeta nosso modo de vida (6.1-8.39)
- e. O relacionamento dos judeus com a justificação (9.1-11.36)
- f. Seção prática sobre como viver diariamente a justificação (12.1-15.37).
- g. Saudações, despedidas e advertências (16.1-27)

“Tente construir um esboço que genuinamente represente as principais unidades de informação. Em outras palavras, o esboço deve ser um desenvolvimento natural da passagem, não artificial. Observe quais componentes estão incluídos em cada tópico (quantitativo) e também a intensidade ou significância dos componentes (qualitativo). Deixe a passagem falar por si mesma. Quando vir um novo tópico, assunto, questão, conceito ou similar, você deve começar um novo tópico para seu esboço. Depois de esboçar as divisões principais, trabalhe com as divisões menores, como sentenças, orações e frases. O esboço deve ser o mais detalhado possível, sem parecer forçado ou artificial” (Stuart 1980, 32-33).

Fazer esboços dos parágrafos (e além) é uma chave para permitir que o autor original fale. Isto evita passemos dos limites ou digamos mais do que realmente a passagem diz. Seu esboço finalizado pode então ser comparado com uma Bíblia de Estudo, como a NASB ou NIV Study Bible, uma enciclopédia bíblica, ou comentário, mas somente após você ter lido o livro várias vezes e desenvolvido sua própria tentativa de esboço.

“Essa é a tarefa crucial na exegese, e felizmente é algo que se pode fazer bem sem necessariamente ter que consultar os especialistas” (Fee e Stuart 1980, 24).

Uma vez que os blocos literários tenham sido isolados, então as unidades menores podem ser identificadas e sumarizadas. Estas unidades menores de pensamento podem ser vários parágrafos ou mesmo um capítulo ou mais. Em muitos dos gêneros o parágrafo é a chave (Liefeld 1984, 90) para a interpretação. Nunca se deve interpretar menos que um parágrafo. Assim como uma sentença forma o contexto para as palavras, assim os parágrafos formam o contexto para as sentenças. A unidade básica da escrita significativa é o parágrafo. Na escola somos ensinados a isolar a sentença tópico de um parágrafo. Este mesmo princípio irá nos ajudar tremendamente na interpretação bíblica. Cada parágrafo tem um propósito principal na apresentação global da verdade exposta pelo autor. Se pudermos isolar este propósito e sumarizar sua verdade em uma sentença simples e declarativa, poderemos completar nosso esboço da estrutura do autor. Se nossa interpretação estiver alheia ao

propósito ou objetivo principal do autor, estaremos abusando da Bíblia e não temos autoridade bíblica!

“Não confie nas divisões de capítulos e versículos. Eles não são originais e com frequência completamente errados” (Stuart 1980, 23).

“Decisões sobre parágrafos são às vezes subjetivas, e você perceberá que os agrupamentos de conteúdo feitos por diferentes editores, não concordam entre si em todos os casos. Mas se você decide começar sua passagem onde nenhum editor tenha começado ou finalizar um parágrafo onde nenhum tenha finalizado, então é sua responsabilidade explicar plenamente a razão da sua decisão” (Stuart 1980, 45).

2. Observe o contexto cultural e histórico

A discussão anterior sobre as unidades literárias é válida, não apenas para a primeira questão, “o que o autor original disse” (crítico textual), mas também para a segunda questão, “o que o autor original quis dizer?” (exegese). As questões são relacionadas, mas distintas. A primeira foca nas palavras do autor original (crítico textual). A segunda foca em três importantes aspectos da interpretação que se relacionam ao significado.

- a. O pano de fundo histórico do autor e/ou dos eventos do livro
- b. O tipo de forma literária (gênero) no qual a mensagem é dada
- c. Os aspectos gramaticais e linguísticos básicos do texto

Uma das características da alegoria é que ela completamente separa a interpretação de um texto do seu contexto histórico. O estabelecimento do contexto histórico é um dos principais princípios do método contextual/textual de Antioquia. Este princípio foi reenfocado por Martinho Lutero. Esta ênfase no material de pano de fundo na interpretação passou a se chamar, num sentido geral, “alto crítico textual”; enquanto que a informação sobre o texto original tem sido chamada de “baixo crítico textual”. No alto crítico textual, tenta-se verificar, do aspecto interno (o próprio livro) e externo (história secular, arqueologia etc.), os seguintes itens.

- a. Informação sobre o autor
- b. Informação sobre a data do escrito
- c. Informação sobre os destinatários do escrito
- d. Informação sobre a ocasião do escrito
- e. Informação sobre o escrito propriamente dito

- (1) Termos recorrentes ou únicos
- (2) Conceitos recorrentes ou únicos
- (3) Fluxo básico da mensagem
- (4) A forma na qual a mensagem aparece (gênero)

“Confusão de visão de mundo... ocorre sempre que um leitor da Escritura falha em interpretar a Bíblia dentro do quadro intelectual e cultural da própria Bíblia, mas usa em vez disso um quadro de referência externo. A maneira usual em que aparece é por declaração escriturística, histórias, mandamentos ou símbolos que têm um significado particular ou conjunto de significados relacionados na estrutura bíblica de referência que sejam retirados e colocados em outra estrutura de referência. O resultado é que a intenção original é perdida ou distorcida, e um significado novo e muito diferente é substituído” (Sire 1980, 128).

Estes tipos de ferramentas de pesquisa pretendem oferecer o panorama histórico em um curto período de estudo. Com muita frequência esses materiais serão breves, porque simplesmente não temos muita informação sobre muitos aspectos da história antiga. E

também, esse tipo de material será geralmente escrito em linguagem não-técnica. E de novo, como é óbvio para você, minha abordagem básica de interpretação é ver o quadro geral primeiro e então analisar as partes em detalhes.

3. O tipo de literatura (gênero)

A próxima área da interpretação relacionada com o significado do autor original refere-se ao gênero literário. É um termo francês que significa uma especializada categoria de literatura caracterizada por estilo, forma, ou conteúdo. É significativa porque o estilo que se escolhe para escrever afeta como entendemos. Frequentemente interpretações ridículas de profecia ou poesia são propostas no que chamam “método literal” de interpretação. Contudo, o método “literal” de Antioquia quer dizer que interpretamos a linguagem humana em seu significado normal. Se é literatura apocalíptica, não deve ser interpretada literalmente. Isto também é verdade com poesia, idiomas e figuras de linguagem.

A unidade básica de pensamento, a qual em prosa é normalmente o parágrafo, é modificada pelo gênero. A seguir, alguns exemplos desse fator significativo na identificação de unidades de pensamento encapsuladas para o propósito da interpretação.

- a. Para poesia, a unidade básica é o verso ou estrofe, que é definida como uma série de linhas organizadas como uma unidade padronizada (veja Apêndice 6).
- b. Para provérbios, a unidade básica é o tema ou sumário central na sua relação com o mesmo tema localizado no mesmo livro, outro livro do mesmo autor ou diferente literatura de sabedoria. Aqui, o assunto temático, mais do que o provérbio isolado, é a chave para a interpretação. Não apenas temas sinônimos (o mesmo), mas também temas antitéticos (opostos) ou desenvolvimento sintético (informação adicional) do mesmo tema são cruciais para uma interpretação apropriada da literatura de sabedoria hebraica (veja Apêndice 7).
- c. Para profecia, a unidade básica deve ser a revelação inteira. Pode variar, sendo um parágrafo, capítulo, vários capítulos ou um livro inteiro. Novamente, o tema básico e o estilo irão isolar a unidade profética (veja Apêndice 5).
- d. Para Evangelho, a unidade básica irá se relacionar com o tipo de literatura envolvida. Usualmente a unidade terá relação com um evento, uma sessão de ensino, um assunto etc. Pode envolver um evento ou uma série deles; parábola, ou uma série delas, uma profecia ou uma série de profecias, mas todas focando em um tema principal. Geralmente, é melhor olhar para o fluxo literário de cada Evangelho em vez de ir às passagens paralelas nos outros Evangelhos.
- e. Para as Cartas e narrativas históricas, a unidade básica é usualmente o parágrafo. Contudo, às vezes, unidades literárias maiores são formadas por vários parágrafos. Eles devem ser identificados e caracterizados como uma unidade literária inteira antes que as partes menores possam ser propriamente interpretadas. A seguir, alguns exemplos dessas unidades literárias maiores.
 - (1) Mateus 5-7 (Sermão da Montanha)
 - (2) Romanos 9-11 (sobre o Israel incrédulo)
 - (3) 1 Coríntios 12-14 (dons espirituais) [ou 1 Coríntios 11-14, diretrizes para a adoração pública]
 - (4) Apocalipse 2-3 (cartas às igrejas), ou 4-5 (céu)

A análise dos tipos literários é crucial para uma interpretação adequada (Fee e Stuart 1982, 105). Como esboçar, e até certo ponto, o contexto histórico, isso pode ser feito pela maioria dos leitores com a ajuda de uma tradução que identifique poesia e parágrafos (Fee e Stuart 1982, 24). A razão por que a classificação do gênero literário é tão importante, é que ao lado das orientações gerais para interpretação, há necessidades especiais de cada tipo literário. Isto é apenas coerente. Se cada tipo representa um modo diferente de comunicação humana, então é óbvio que deve haver um procedimento especial em função de chegar até a intenção autoral. Assim como é inaceitável adicionar algo à intenção do autor, também o é diminuí-lo.

4. Procedimentos interpretativos especiais relacionados ao gênero

Deixe-me sumarizar algumas das orientações específicas envolvidas nestes gêneros especiais.

a. Poesia

- (1) A estrutura é importante. O hebraico antigo desenvolveu sua estrutura poética ou seu padrão ao redor do pensamento (expresso em toques por linha), não ao redor da rima.
 - (a) sinônimo (o mesmo pensamento)
 - (b) antitético (um pensamento oposto)
 - (c) sintético (desenvolvimento de um pensamento)
- (2) A poesia é usualmente figurativa, não literal. Ela procura falar aos nossos desejos humanos e experiências comuns. Tente identificar as figuras de linguagem (Sterrett 1973, 93-100) e entender sua função ou propósito.
- (3) Tente alcançar uma impressão global da unidade literária e não force os detalhes ou figuras de linguagem a se tornarem formulações doutrinárias.

b. Provérbios

- (1) Pelo fato de tratarem da vida diária, observe sua aplicação prática.
- (2) Passagens paralelas serão muito mais úteis aqui do que o contexto ou pano de fundo histórico. Tente compilar uma lista de provérbios com a mesma aplicação prática, assim como outras passagens que devem modificar, desenvolver a verdade exposta ou opor-se a ela.
- (3) Tente isolar as figuras de linguagem e identificar seu propósito no provérbio.
- (4) Esteja certo de não interpretar o provérbio de uma maneira particularista, mas no sentido da verdade em geral.

c. Profecia

- 1) Este tipo de gênero deve primeiro ser visto à luz do seu próprio contexto histórico. Está primariamente relacionado aos seus próprios dias e com a história imediata daquele tempo. O contexto histórico é crucial neste gênero.
- 2) Deve-se olhar para a verdade central. Focar em alguns poucos detalhes que devem servir aos nossos dias ou aos dias futuros e ignorar a mensagem total do oráculo é um erro muito comum.
- 3) Com frequência os profetas falam de contextos futuros, possivelmente vários. Por causa do abuso da profecia eu sinto que é melhor limitar a interpretação do Antigo Testamento a relatos específicos registrados no Novo Testamento. A profecia do Novo Testamento deve ser interpretada à luz de:
 - (a) Seu uso do AT ou alusão a ele
 - (b) Os ensinamentos de Jesus
 - (c) Outras passagens paralelas do NT
 - (d) Seu próprio contexto histórico
- 4) Lembre-se de que muito da profecia bíblica, especialmente a profecia messiânica do Antigo Testamento, tem dois focos: a Encarnação e a Segunda Vinda (Silva, 1987, 104-108).

d. Os Quatro Evangelhos

- (1) Embora tenhamos quatro Evangelhos e estejamos aptos a compará-los, não é sempre o melhor método de tentar encontrar o propósito ou significado de um escritor particular do Evangelho. Devemos olhar para o modo como ele usa o material, não como outros evangelistas o usam ou o desenvolvem. A comparação será útil, mas somente depois de determinarmos o significado de um escritor particular.
- (2) O contexto literário ou histórico é crucial na interpretação dos Evangelhos. Tente identificar os limites literários do assunto geral sendo discutido, e não suas partes isoladas. Tente ver este assunto à luz do Judaísmo da Palestina do primeiro século.

- (3) É importante lembrar que os Evangelhos registram as palavras e ações de Jesus, mas são as Epístolas que os interpretam em contextos eclesiais específicos. Verifique as passagens paralelas nas Epístolas.
 - (4) Jesus disse algumas coisas ambíguas e complicadas, algumas das quais não compreenderemos totalmente até o vermos. Mas ele disse muitas coisas simples e óbvias – comece por elas. Comece a agir onde você já sabe e com frequência o restante será claro para você. Se não, a mensagem possivelmente não é para nós, para nosso tempo (Dn 12.4).
 - (5) Em conexão com as parábolas
 - (a) Esteja certo do contexto. Observe (1) a quem Jesus dirigiu a parábola; (2) o propósito de Jesus ao contá-la e (3) como muitas parábolas eram contadas em séries. Leia adiante para ver se Ele as interpreta.
 - (b) Não force os detalhes. Centralize nos seus pontos principais. Normalmente há somente uma verdade central por parábola ou caracteres essenciais.
 - (c) Não construa doutrinas fundamentais com base em parábolas. A doutrina deve ser fundada em passagens de ensino claras e extensas.
- e. As Cartas e Narrativas Históricas
- (1) Comparadas aos outros tipos de gêneros literários, são as mais fáceis de interpretar.
 - (2) O contexto é a chave, tanto histórico quanto literário.
 - (3) A unidade literária e o parágrafo serão a unidade literária chave .

Essa hermenêutica especial relacionada aos gêneros literários é discutida em detalhes nos seguintes excelentes livros.

1. *Entendes o que lês?*, de Gordon Fee e Douglas Stuart
2. *Protestant Biblical Interpretation*, de Bernard Ramm
3. *Linguistics and Bible Interpretation*, de Peter Cotterell e Max Turner
4. *Literary Approaches to Biblical Interpretation*, de Tremper Longman III
5. *Exegetical Fallacies*, de D. A. Carson
6. *Plowshares and Pruning Hooks*, de D. Brent Sandy
7. *A Basic Guide to Interpreting the Bible*, de Robert H. Stein

5. Sintaxe e Características Gramaticais

Outro aspecto para se obter a intenção original do autor, é chamado de estrutura gramatical ou sintaxe. É com frequência difícil por causa das diferenças idiomáticas e estruturais entre as linguagens e a nossa língua-mãe. Contudo, é uma área fértil na interpretação e precisa ser tratada com algum detalhe. Usualmente uma comparação com traduções modernas e um conhecimento básico da gramática irá nos ajudar tremendamente.

“A gramática não pode sempre nos dar o real significado, mas nos mostrará possíveis significados. Não podemos aceitar qualquer significado que faça violência contra a gramática. Ela é importante para entender a Bíblia. Isto não é estranho. Essencialmente significa que entendemos a Bíblia de acordo com as leis normais da linguagem humana” (Sterrett 1973, 63).

Gramática é algo que as pessoas comuns sabem no costume de usá-la, mas não em sua definição técnica. Aprendemos gramática quando aprendemos a falar. Ela é formada em sentenças para comunicar ideias. Não precisamos de especialistas em relações gramaticais para interpretar a Bíblia, contudo, precisamos tentar entender por que o autor original disse aquilo daquela maneira. Com frequência a estrutura de uma sentença irá nos mostrar o que o autor está enfatizando. Isto pode ser verificado por diferentes modos.

- a. Enquanto você lê a passagem em várias traduções, observe a ordem das palavras. Um bom exemplo disto está em Hebreus 1.1. Na King James Version, o sujeito da sentença, “Deus,” aparece primeiro,

mas na Revised Standard Version, a frase descritiva, “por muitas e várias formas,” aparece primeiro. Isto é significativo porque reflete a verdadeira intenção do autor. A verdade principal desse texto é que Deus tem falado (revelação) ou é como Deus tem falado (inspiração)? A última opção é a verdadeira porque a Revised Standard Version reflete a ordem das palavras no Grego Koiné (use uma versão interlinear). Também, um comentário técnico irá nos ajudar com a ordem das palavras e com questões gramaticais.

- b. Enquanto você lê a passagem em várias traduções, note a tradução dos VERBOS. VERBOS são muito importantes na interpretação. Um bom exemplo é 1 João 3.6,9. Quando se compara a King James Version com traduções modernas, a diferença é óbvia. Esse é um VERBO EM TEMPO PRESENTE. Esses versículos não estão ensinando a “impecabilidade”, mas o “pecar menos.” Na conclusão deste manual, uma breve definição de termos gramaticais hebraicos e gregos é incluída (veja Tabela de Conteúdos).
- c. Enquanto você lê a passagem em várias traduções, note as conexões de pensamento. Frequentemente eles nos ajudam a saber qual o propósito de uma oração ou como as sentenças e contextos são relacionados. Observe os conectivos seguintes (Traina 1985, 42-43).
- (1) Conexões temporais ou cronológicas

- (a) Depois (Ap 11.11)
- (b) Como (Atos 16.16)
- (c) Antes (João 8:58)
- (d) Agora (Lucas 16.25)
- (e) Então (1 Co 15.6)
- (f) Até (Marcos 14.25)
- (g) Quando (João 11.31)
- (h) Enquanto (Marcos 14.43)

(2) Conexões locais ou geográficas (onde, Hb 6.20)

(3) Conexões lógicas

- (a) Razão
 - Porque (Rm 1.25)
 - Para (Rm 1.11)
 - Desde (Rm 1.28)
- (b) Resultado
 - Então (Rm 9.16)
 - Por isso (Gl 2.21)
 - Portanto (1 Co 10.12)
 - Assim (1 Co 8.12)
- (c) Propósito
 - Com o fim de (Rm 4.16)
 - Para que (Rm 5.21)
- (d) Contraste
 - Embora (Rm 1.21)
 - Mas (Rm 2.8)
 - Muito mais (Rm 5.15)
 - Não obstante (1 Co 10.5)
 - De outro modo (1 Co 14.16)
 - Ainda (Rm 5.14)
- (e) Comparação
 - Também (2 Co 1.11)
 - Como (Rm 9.25)
 - Assim como (Rm 5.18)

- Apenas como (Rm 11.30-31)
- Igualmente (Rm 1.27)
- Assim também (Rm 4.6)
- (f) Série de fatos
 - E (Rm 2.19)
 - Primeiro de tudo (1 Tim 2.1)
 - Por último (1 Co 15.8)
 - Ou (2 Co 6.15)
- (g) Condição (e.g., “se,” Rm 2.9)
- (4) Conexões enfáticas
 - (a) Na verdade (Rm 9.25)
 - (b) Somente (1 Co 8.9)

Estas ilustrações de conexões de pensamento foram tiradas do *Methodical Bible Study*, de Robert A. Traina, pp. 42-43. Embora suas ilustrações sejam na maioria dos escritos de Paulo e predominantemente do livro de Romanos, elas servem como bons exemplos de como estruturamos nossos pensamentos com esses conectivos. Ao comparar traduções modernas do Antigo e Novo Testamentos, suas implicações e relações expressas se tornam claras. Traina também tem um excelente sumário sobre estrutura gramatical nas páginas 63-68. Seja um leitor da Bíblia cuidadoso!

- d. Quando você ler a passagem em diversas traduções, note a repetição de termos e frases. Esta é outra maneira de verificar a estrutura do autor original no propósito de comunicar seu significado pretendido. Alguns exemplos são:
 - (1) A frase repetida em Gênesis, “estas são as gerações de...” (2.1; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1,9; 37.2). Esta frase nos mostra como o próprio autor dividiu o livro.
 - (2) O uso repetido de “descanso” em Hebreus 3-4. O termo é usado com três significados distintos.
 - (a) Um descanso de sábado como em Genesis 1-2
 - (b) A terra prometida em Êxodo por meio de Josué
 - (c) Céu

Perdendo esta estrutura, provavelmente se perderá a intenção do autor e se pensará que todas as pessoas que morreram no deserto estejam espiritualmente perdidas.

6. Estudos sobre idiomas e palavras

Leia a passagem em várias traduções para o português, particularmente em uma versão que seja palavra por palavra, como a Almeida Revista e Atualizada, com a equivalência dinâmica da Nova Versão Internacional. Assim é possível identificar expressões idiomáticas. Todas as línguas têm suas peculiaridades ou expressões. Ao se interpretar um idioma literalmente, se perde totalmente o ponto. Um bom exemplo é o uso que Hebreus faz do termo “aborrecer”. Se notar o uso que o Novo Testamento faz desse termo, particularmente Romanos 9.13; Lucas 14.26; ou João 12.25, pode-se ver que esta expressão possa ser mal interpretada. Contudo, se seu pano de fundo hebreu e uso em Gênesis 29.31,33 ou Deuteronômio 21.15 são identificados, então é óbvio que não significa “aborrecer” no sentido da palavra em nosso idioma, mas é um termo de comparação. Comentários técnicos serão úteis nesse assunto. Dois bons exemplos desse tipo de comentário são (1) *The Tyndale Commentary Series*, e (2) *The New International Commentary Series*.

O último aspecto dessa segunda questão, “O que o autor original quis dizer?”, é o estudo das palavras. Eu escolhi tratar disso no final porque o estudo das palavras tem sido grandemente abusado! Com frequência a etimologia tem sido o único aspecto de significado usado para se interpretar uma passagem. Os escritos de James Barr, *The Semantics of Biblical Language; Exegetical Fallacies*, de D.A. Carson; e juntamente com *Biblical Words and Their Meaning*, de Moises Silva, têm ajudado intérpretes modernos a reavaliar suas

técnicas de estudo das palavras. Os intérpretes da Bíblia como grupo têm sido culpados de numerosas falácias linguísticas.

“Talvez a principal razão por que o estudo das palavras é uma fonte para falácias exegéticas seja o fato que muitos pregadores e professores da Bíblia conheçam o Grego somente o bastante para usar concordâncias, ou talvez um pouco mais. Há pouco sentimento pelo Grego como um língua, e então há a tentação de exibir o que tem sido aprendido no estudo” (Carson 1984, 66).

Deve ser enfaticamente declarado que é o contexto, e não a etimologia, que determina o significado!

“A raiz da falácia pressupõe que todas as palavras têm um significado ligado com sua forma ou seus componentes. Nessa visão, o significado é determinado pela etimologia” (Carson 1984, 26).

“Devemos concordar com o fato óbvio que os falantes de uma língua simplesmente conhecem quase nada sobre seu desenvolvimento; e o mesmo certamente é o caso no tocante aos escritores bíblicos e leitores imediatos... nosso real interesse é o significado do Grego ou Hebraico na consciência dos escritores bíblicos; colocado mais enfaticamente, as considerações históricas são irrelevantes para a investigação da declaração do Koiné, nos tempos de Cristo” (Silva 1983, 38).

“Desde que o emprego é tão importante, uma regra segura para o intérprete é deixar a etimologia nas mãos dos especialistas e procurar aplicar-se diligentemente ao estudo do emprego e contexto” (Mickelsen 1963, 121-122).

Devemos buscar o emprego original ou, colocando de outra maneira – o significado entendido e tencionado pelo autor original e prontamente entendido pelos ouvintes originais. Os termos bíblicos têm muitos usos diferentes (campo semântico). O livro *Exegetical Falacies*, de D.A. Carson, pp. 25-66, é muito útil nesse ponto – difícil, mas útil. Para ilustrar, observe como o significado em inglês muda no decorrer do tempo.

- a. Em 1 Ts. 4.15, a King James Version diz “não anteciparão aqueles que dormem.” Na American Standard Version, o termo é traduzido como “precederemos.” Note como o sentido de “impedirão” é mudado.
- b. Em Efésios 4.22, a King James Version diz “deixai as conversações do velho homem...” Na American Standard Version o termo é traduzido por “modo de vida.” Veja que o sentido que “conversação” é mudado.
- c. Em 1 Coríntios 11.29, a King James Version diz “pois aquele que come e bebe indignamente, como e bebe condenação para si mesmo.” A American Standard Version traduz “condenação” como “julgamento.” Observe que o termo foi mudado.

Muitos de nós somos inclinados a definir termos bíblicos à luz do nosso entendimento daquele termo em nosso sistema teológico ou denominacional. O problema com isso é duplo:

- a. Devemos tomar o cuidado para usarmos a definição da intenção do autor original e não nosso pano de fundo histórico ou denominacional.
- b. Devemos ter o cuidado para não forçarmos uma palavra significar nossa definição religiosa técnica em todo contexto em que aparecer. Com frequência o mesmo autor usa o mesmo termo em sentidos diferentes.
- c. Alguns exemplos a seguir:
 - (1) O uso de João da palavra “mundo”

- (a) Planeta físico (João 3.16; 1 João 4.1,14)
- (b) Sociedade humana organizada e funcionando sem Deus (1 João 2.15; 3.1; 5.4-5)
- (2) Uso de “corpo”, por Paulo
 - (a) Corpo físico (Rm 1.3)
 - (b) Natureza de pecado (Rm 8.3-4)
- (3) O uso de “templo” por Paulo
 - a) A igreja como um todo (1 Co 3.16-17)
 - b) O crente individual (1 Co 6.19)
- (4) O uso do termo “salvo” por Tiago
 - a) salvação espiritual (Tiago 1.21; 2.14)
 - b) libertação física (Tiago 5.15, 20)

O procedimento para determinar o significado de uma palavra é conferir várias traduções e notar as diferenças. Veja o termo em uma concordância exaustiva como *Analytical Concordance to the Bible*, de Robert Young, ou *The Exhaustive Concordance of the Bible*, de James Strong. Confira todos os demais usos no mesmo livro que você está estudando; confira todos os usos pelo mesmo autor. Tente coletar os outros usos no mesmo Testamento. Walter Hendricksen, em *A Layman's Guide to Interpreting the Bible*, 1973, PP. 54-56, dá esses passos:

- a. O uso do termo pelo autor
- b. A relação do termo com seu contexto imediato
- c. O uso antigo do termo no tempo do escrito
- d. O significado da raiz do termo

Tente verificar o significado básico no outro Testamento (lembra que os escritores do NT eram pensadores hebreus escrevendo em Grego Koiné). Então é hora de ir a um livro de palavras teológicas, enciclopédia bíblica, dicionário, ou comentário com o fim de checar sua definição (veja lista VII na p. 103). Eu tenho escrito um pequeno manual acadêmico para estudos de palavras do NT na p. 98 para ilustrar quanto esforço deve ser usado para verificar o significado de uma palavra em um determinado contexto.

C.-D. A Terceira e Quarta Questão Interpretativa

As próximas questões que o intérprete tenta responder são “o que mais disse o mesmo autor sobre o mesmo assunto?” e uma que se relaciona de muito perto com a quarta questão básica, “o que outros autores inspirados disseram sobre o mesmo assunto?” Essas duas questões podem ser combinadas pelo conceito descritivo de círculos concêntricos de passagens paralelas. Basicamente, estamos falando sobre como o conceito teológico ou a palavra é usada em outro lugar por um autor inspirado. Este princípio de interpretação tem sido chamado de “analogia das Escrituras”.

“A regra de infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura; portanto, quando há uma questão sobre a verdade e o sentido pleno de qualquer Escritura (que não é múltiplo, mas um), ela deve ser alcançada e conhecida por meio de outros lugares que falam mais claramente” (Confissão de Fé de Westminster, cap. 9).

Isto tem base em três suposições.

- Que toda Escritura é inspirada por Deus (1 Tim 3.15-17, compare com Fee e Stuart 1982, 209)
- Que a Escritura não contradiz a si mesma
- Que o melhor intérprete da Escritura é a própria Escritura (Silva 1987, 68, 93, 94)

Se tudo isto for verdadeiro, então o melhor meio de entender uma passagem são os círculos concêntricos contextuais dos escritores inspirados.

1. O mesmo tópico ou termo no mesmo contexto imediato (parágrafo ou unidade literária)
2. O mesmo tópico ou termos no mesmo livro bíblico
3. O mesmo tópico ou termos pelo mesmo autor
4. O mesmo tópico ou termos no mesmo período, gênero ou Testamento
5. O mesmo tópico ou termos na Bíblia como um todo

Quanto mais nos distanciamos de uma passagem específica que estamos tentando interpretar, em geral e até certo ponto, mais eficaz se torna o paralelo.

“Interprete de acordo com o contexto restrito antes do maior. É de comum acordo que a Escritura deve interpretar a Escritura. Contudo, isso deve ser entendido que se deve interpretar um termo ou passagem em seu contexto imediato antes de ser estudado à luz da sua aplicação mais ampla na Bíblia como um todo” (Osborne e Woodward 1979, 154).

Essa área da interpretação pode ser de grande auxílio para ver-se como nossa passagem se relaciona com o todo da revelação (McQuilkin 1983, 43; Silva 1987, 83; Sterrett 1973, 86). Basicamente estamos mudando da:

1. Exegese (número 1 acima) para
2. Teologia bíblica (números 2, 3, e 4 acima) para
3. Doutrina sistemática (números 5 acima)

Estamos nos movendo das lentes de aumento para o telescópio. Devemos primeiro estar relativamente certos do significado da nossa passagem focal antes de mudarmos para a doutrina sistematizada. Este é um, embora não o único, propósito dos livros de teologia sistemática (veja a lista IX Teologias p. 105). Esse movimento é necessário, mas perigoso. Nosso pano de fundo, preconceitos e doutrinações denominacionais estão sempre prontos e aptos para se intrometer. Se usarmos passagens paralelas (e devemos fazê-lo), precisamos estar certos que elas paralelas de verdade, não apenas o mesmo termo ou frase.

É frequentemente verdade que passagens paralelas trazem um balanço global para nossa interpretação. Tem sido minha experiência em interpretação perceber que a Bíblia é frequentemente escrita em pares dialéticos ou paradoxais (mentalidade oriental). Deve-se reconhecer a tensão bíblica entre assuntos sem removê-la com o fim de fazer declarações simplistas, na tentativa de categorizar a verdade ou proteger posições teológicas preferidas. Um texto inspirado não pode ser usado para negar ou depreciar outro texto inspirado! Aqui estão alguns exemplos de tensão entre as verdades bíblicas.

1. Predestinação versus livre-arbítrio humano
2. Segurança do crente versus necessidade de perseverança
3. Pecado original versus pecado volitivo
4. Jesus como Deus versus Jesus como homem
5. Jesus como igual ao Pai versus Jesus como subserviente ao Pai
6. A Bíblia como Palavra de Deus versus autoria humana
7. Impecabilidade versus pecar menos
8. Justificação inicial instantânea e santificação versus santificação progressiva
9. Justificação pela fé (Romanos 4) versus justificação confirmada pelas obras (cf. Tiago 2.14-26)
10. Liberdade cristã (cf. Rm 14.1-23; 1 Co 8.1-13; 10:23-33) versus responsabilidade cristã (cf. Gl 5.16-21; Ef 4.1)
11. Transcendência de Deus versus Sua imanência
12. Deus como em última análise desconhecido versus conhecido na Escritura e em Cristo
13. As várias metáforas de Paulo para salvação
 - a. Adoção
 - b. Santificação
 - c. Justificação
 - d. Redenção

- e. Glorificação
- f. Predestinação
- g. Reconciliação

14. O reino de Deus como presente versus consumação futura
15. Arrependimento como dom de Deus versus arrependimento como uma resposta ordenada para salvação
16. O AT é permanente versus o AT já passou, é nulo e inválido (cf. Mt 3.17-19 vs. 5.21-48; Romanos 7 vs. Gálatas 3)
17. Os crentes são servos/escravos ou filhos/herdeiros

O trabalho de Moises Silva tem sido bastante útil ao alistas as tensões que existem em nosso entendimento da Escritura.

1. A Bíblia é divina, mas veio a nós em forma humana.
2. Os mandamentos de Deus são absolutos, mas o contexto histórico dos escritos parece relativizar certos elementos.
3. A mensagem divina deve ser clara, mas muitas passagens são ambíguas.
4. Somos dependentes do Espírito Santo para instrução, mas o estudo acadêmico é certamente necessário.
5. As Escrituras parecem pressupor uma leitura literal e histórica, mas também somos confrontados pelo figurativo e não-histórico (e.g. as parábolas).
6. Uma adequada interpretação requer a liberdade pessoal do intérprete, mas algum grau de autoridade externa e corporativa parece ser imperativo.
7. A objetividade da mensagem bíblica é essencial, mas nossas pressuposições parecem injetar uma quantidade de subjetividade no processo interpretativo (Silva 1987, 36-38).

Qual lado destes paradoxos é o verdadeiro? A todos eles eu diria “sim”, porque todos são verdadeiros. Ambos os lados são bíblicos. Nossa tarefa como intérprete é ver o quadro geral e integrar todas as suas partes, não apenas as nossas favoritas ou mais familiares. As respostas para os problemas da interpretação não são encontradas na remoção da tensão ou na afirmação de um lado apenas dialética (Silva 1987, 38); Esse equilíbrio pode ser obtido mediante o uso de uma concordância adequada ou livros de teologia sistemática. Seja cuidadoso para não consultar apenas teologias sistemáticas da perspectiva denominacional da qual você pertence ou que você concorda. Deixe a Bíblia desafiar-lo, deixe-a rugir – não apenas suspirar diante de você. Isto irá abalar as suas noções mais queridas.

É verdade que a tentativa de sistematizar doutrinas, ou relatar material bíblico aparentemente contraditório, é pressuposicional e geralmente atende a uma posição doutrinária. Isto deve ser menos verdadeiro para a teologia bíblica, a qual é primariamente descritiva. Este método (teologia bíblica) de estudo toma uma pequena fatia do material bíblico. Limita-se a um autor, período ou gênero. Tenta desenhar suas categorias teológicas somente de um quadro de referência restrito. Com frequência, no caso de limitar o material bíblico, somos forçados a levar a sério as declarações difíceis da Escritura sem deixar de explicar seu significado por alusão a outros versículos. Força-nos a levar a sério o que outro autor disse. Não é procurar por um equilíbrio, mas pela declaração clara e vibrante do autor bíblico. É uma dolorosa luta afirmar ambos os lados dos paradoxos bíblicos. Deliberamos sobre todos os três destes círculos concêntricos de passagens paralelas. Espera-se mover através de cada estágio em todos os contextos.

1. O que o autor disse e quis dizer? (exegese)
2. O que ele disse em outro lugar sobre o mesmo assunto? O que outros do mesmo período disseram? (teologia bíblica)
3. O que a Bíblia como um todo diz sobre esse e outros assuntos relacionados? (doutrina sistemática)

Outro problema potencial no uso de passagens paralelas é chamado de “falácia de contextos quebrados.”

“Quando dois ou mais textos não relacionados são tratados como se pertencessem um ao outro, temos a falácia dos contextos quebrados. Esta leitura errônea pode ser especialmente complicada porque é a corrupção de um princípio de leitura perfeitamente bom: comparar Escritura com Escritura. Somos responsáveis e bons leitores da Bíblia para fazer uso de todo texto ligado ao assunto o que desejamos entender” (Sire 1980, 140).

“O que dá aos intérpretes o direito de conectar certos versículos e não outros? O ponto é que toda essa ligação eventualmente produz uma rede que afeta a interpretação de outros textos” (Carson 1984, 140).

Um bom exemplo deste problema já tem sido mencionado neste manual – Orígenes, que conectava uma passagem de Provérbios com um texto sem relação no livro de 1 Tsalonicensis.

- E. Como os ouvintes originais entenderam a mensagem e como responderam a ela? Esta é a quarta questão interpretativa. Relaciona-se apenas a certos tipos de gêneros (i.e. narrativas históricas, evangelhos e o livro de Atos). É muito útil se a informação estiver disponível, porque este é nosso objetivo como intérpretes, “ouvir como aquilo foi ouvido”.

F.-G. A Quinta e Sexta Questão Interpretativa

1. Aplicação

Até este ponto estivemos olhando para as questões interpretativas que se relacionam com a intenção original do autor. Agora devemos nos voltar para o foco igualmente significativo que é o significado para minha época e minha vida. Nenhuma interpretação é completa sem que este estágio seja alcançado e devidamente incluído. O propósito do estudo da Bíblia não é o conhecimento somente, mas a transformação diária à imagem de Cristo. O objetivo é que tenhamos um relacionamento profundo, aproximado com o Deus Triúno. Teologia deve ser prática.

“Segundo Kierkegaard, o estudo bíblico gramatical, lexical e histórico eram necessários, mas preliminarmente para a verdadeira leitura da Bíblia. ‘Para ler a Bíblia como Palavra de Deus, deve-se lê-la com seu coração e boca, na ponta dos pés, com uma ansiosa expectativa na conversação com Deus. Ler a Bíblia impensadamente, sem cuidado, acadêmica ou profissionalmente, não é ler a Bíblia como Palavra de Deus. Quando se lê como se fosse uma carta de amor, então se lê como Palavra de Deus’” (*Protestant Biblical Interpretation*, de Ramm, p. 75).

Aplicação não é uma opção (Osborne e Woodward 1979, 150). Contudo, a aplicação é menos estruturada que a interpretação (é aqui que a criatividade e experiências de vida do intérprete e proclamador vêm à tona). Idealmente, há apenas uma intenção original no texto da Escritura, que pode ser expandida para duas (profecia de múltiplo cumprimento ou parábolas estendidas). Com frequência a intenção do autor era verdadeira, mas não exaustiva da intenção do Espírito Santo. Aplicação é geralmente determinada por:

- a. Necessidade pessoal de alguém
- b. Situação
- c. Nível de maturidade
- d. Desejo de conhecer e seguir Deus
- e. Tradições denominacionais e culturais
- f. Situação histórica corrente

É óbvio que o salto do “então” para o “agora” é ambíguo. Há muitos fatores que não podem ser identificados ou controlados. Uma razão para o desenvolvimento do método alegórico era o desejo de aplicar a Bíblia às necessidades correntes. Alguém diria que alegoria é necessária para aplicação (Silva 1987, 63, 65), mas eu nego isto. O Espírito é nosso guia obrigatório na aplicação assim como na interpretação. Aplicação deve ser integralmente relacionada com o significado pretendido do autor inspirado original!

2. Algumas Orientações Úteis

- a. Esteja certo de aplicar a principal intenção do autor bíblico, não apenas detalhes menores da passagem
- b. Não procure fazer com que cada aspecto da nossa situação corrente seja tratado em detalhes. Com frequência os “princípios” bíblicos são nossos únicos guias. Contudo, nossa formulação deles é um nível a mais afastada da inspiração. Também, sua aplicação com frequência é muito pressuposicional. Alguns intérpretes encontram princípios bíblicos em todo texto. É mais seguro limitar os princípios a passagens extensas de ensino ou então os princípios podem se tornar textos-prova.
- c. Não é toda verdade que tem significado para aplicação pessoal ou imediata. Com frequência, a Bíblia relata coisas que ela mesma não defende. E também, não é toda verdade bíblica que é aplicável a todas as eras, situações e a todos os crentes.
- d. A aplicação nunca deve contrariar outras passagens claras da Bíblia.
- e. A aplicação nunca deve contrariar a conduta cristã autêntica. Os extremos na aplicação são tão perigosos quanto o são na interpretação.
- f. Richard Mayhue, em *How To Interpret the Bible for Yourself*, 1986, p. 64, sugeriu algumas questões básicas sobre aplicação para se fazer a toda passagem bíblica.
 - (1) Há exemplos a seguir?
 - (2) Há mandamentos a obedecer?
 - (3) Há erros a evitar?
 - (4) Há pecados a abandonar?
 - (5) Há promessas a clamar?
 - (6) Há novos pensamentos sobre Deus?
 - (7) Há princípios pelos quais viver?

H. A responsabilidade do Intérprete

Neste ponto é útil discutir sobre a responsabilidade individual do intérprete na aplicação adequada das verdades bíblicas relevantes, eternas. Já foi declarado que este procedimento é ambíguo e que o Espírito Santo deve ser nosso guia. Para mim, um ingrediente-chave nesta área é nossa motivação e atitude. Devemos andar à luz do que temos. Não sou responsável pela sua caminhada na fé e nem você pela minha. Devemos compartilhar nossa perspectiva em amor e esperançosamente do nosso entendimento de passagens específicas da Escritura. Todos nós devemos ser desejosos de buscar nova luz da Escritura, mas somente somos responsáveis por aquilo que entendemos. Se andarmos na fé à luz do que temos, mais luz será dada (Rm 1.17). Devemos também estar conscientes neste ponto, ao lembrar que nosso entendimento não é sempre superior ao entendimento de outros. Romanos 14.1-15.13 é tão crucial nesta área, mas eu sempre fico surpreso como geralmente pensamos em nosso grupo como o “forte”, e todos que não concordam conosco como o grupo “fraco”, necessitando de nossa ajuda. Todos nós necessitamos de ajuda. Todos nós temos pontos fortes e fracos em nosso entendimento e aplicação da verdade espiritual. Tenho ouvido dizer que a Bíblia conforta o desconfortável e desconforta o confortável. Devemos andar pelo caminho cheio de tensão do crescimento espiritual. Todos somos afetados pelo pecado e nunca chegaremos a completa maturidade neste lado do céu. Ande na luz que você tem – dentro da luz da Bíblia. “Andai na luz como Ele na luz está” (1 João 1.7). Continue caminhando.

I. Aqui estão alguns livros úteis:

1. *Applying the Bible*, de Jack Kuhatschek
2. *Understanding and Applying the Bible*, de J. Robertson McQuilkin
3. *Living By the Book* , de Howard G. Hendricks
4. *Why Christians Fight Over the Bible*, de John Newpor

ALGUMAS POSSÍVEIS ARMADILHAS INTERPRETATIVAS

I. Necessidade de um Foco Textual e Processo Lógico na Interpretação

É evidente que é possível abusar destes princípios de interpretação, pois a hermenêutica não é uma ciência pura. É crucial declararmos algumas das óbvias armadilhas do uso ou não-uso dos princípios apresentados neste manual, focados no contexto/texto. Este método contextual/textual é algo como o método científico. Seus resultados devem ser corroborados por outros. Precisam ser uma clara trilha em nosso procedimento metodológico, pontos de interpretação e lógica. Estas peças de evidência virão de diversas áreas concentradas no contexto e texto.

- A. O contexto literário da passagem
 - 1. Imediato (parágrafo)
 - 2. Vários parágrafos relacionados
 - 3. Unidade literária maior (bloco de pensamento)
 - 4. Livro bíblico inteiro (propósito do autor)
- B. O contexto histórico da passagem
 - 1. Cenário e contexto do autor
 - 2. Cenário e contexto do ouvinte ou leitor
 - 3. Cenário e contexto da sua cultura
 - 4. Cenário e contexto dos problemas relacionados na passagem
- C. O gênero literário (tipo de literatura)
- D. A sintaxe e gramática (relacionamento das partes da sentença umas com as outras e sentenças circundantes)
- E. O significado original da palavra e conotações (definições de termos significativos)
 - 1. Campo semântico
 - 2. Uso do autor
 - 3. Outros autores do mesmo período
 - 4. Outros autores bíblicos
- F. Uso apropriado de passagens paralelas (círculos concêntricos de significado)
 - 1. Mesma unidade literária
 - 2. Mesmo livro
 - 3. Mesmo autor
 - 4. Mesmo período
 - 5. Mesmo Testamento
 - 6. A Bíblia como um todo

Pode-se analisar a interpretação de outra pessoa com base em como ela utiliza estas partes componentes. Haverá desacordo, mas ao menos terá vindo do próprio texto. Ouvimos e lemos tantas diferentes interpretações da Palavra de Deus que se torna crucial que nós criticamente as avaliemos, com base na possibilidade de verificação e procedimentos adequados, não apenas se pessoalmente concordamos com eles.

Assim como em toda comunicação humana (verbal ou escrita), aqui há também uma potencialidade para má compreensão. Pelo fato que a hermenêutica são os princípios para interpretar a literatura antiga, é óbvio que o abuso destes princípios são também possíveis. Para cada princípio básico de interpretação também há um possibilidade de abuso intencional ou não intencional. Se pudermos isolar as áreas potenciais de nossas próprias pressuposições, isto nos ajudaria a estar conscientes deles quando viermos para nossas interpretações pessoais.

II. Exemplos de Abusos das Primeiras Cinco Questões Interpretativas

A. Nossas pressuposições – com frequência nossa personalidade, experiência, denominação ou cultura nos levam a interpretar a Bíblia por lentes e filtros. Somente a permitimos dizer o que desejamos que ela diga. Esse viés existencial afeta a todos nós, mas se estivermos conscientes dele, podemos compensá-lo tentando permitir à Bíblia e seu tempo falarem antes que tentemos aplicar a mensagem a nós mesmos e a nossa cultura. Alguns exemplos desta armadilha podem ser vistos:

1. Na interpretação de William Barclay de Mateus 15.37-39, onde a multiplicação miraculosa de comida por Jesus se torna simplesmente um compartilhar da multidão uns com os outros do que trouxeram. O filtro filosófico do positivismo lógico radical de Barclay altera a intenção óbvia de Mateus. Lembre-se que havia sete cestos cheios de pedaços de pão que sobraram (Mt 16.37).
2. Relatos sobre mulheres no ministério podem ser encontrados em Ex. 15.20; Jz. 4.4vss; II Rs.22.14; II Cr. 2.22; Is. 8.3; Lc 2.36; At 21.9; Rm. 16.1; II Co. 11.5; e I Tim.3.11. Pregadores modernos que são apreensivos sobre isso, seja por causa de suas visões preconceituosas ou a declaração firme de I Co 14.34 e I Tim 2.11, não deveriam alterar a interpretação óbvia e adequada destas e outras passagens.

O que segue é um Tópico Especial sobre meus comentários sobre este assunto.

TÓPICO ESPECIAL: MULHERES NA BÍBLIA

I. O Antigo Testamento

A. Culturalmente as mulheres eram consideradas propriedade

1. Incluídas na lista de propriedades (Ex 20.17)
2. Tratamento de mulheres escravas (Ex 21.7-11)
3. Votos anuláveis das mulheres pelos homens socialmente responsáveis (Nm 30)
4. Mulheres como despojo de guerras (Dt 20.10-14; 21.10-14)

B. Praticamente havia mutualidade

1. Macho e fêmea feitos à imagem de Deus (Gn 1.26-27)
2. Honra a pai e mãe (Ex 20.12 [Dt 5.16])
3. Reverência a pai e mãe (Lv 19.3; 20.9)
4. Homem e mulher podem ser nazireus (Nm 6.1-2)
5. Filhas têm direito a herança (Nm 27.1-11)
6. Partes do povo da aliança (Dt 29.10-12)
7. Observe o ensino de pai e mãe (Pv 1.18; 6.20)
8. Filhos e filhas de Hemã (família levita) conduziam a música no Templo (I Cr 25.5-6)
9. Filho e filha profetizarão na nova era (Joel 2.28-29)

C. Mulheres exerciam papel de liderança

1. A irmã de Moisés, Miriã, chamada de profetiza (Ex 15.20-21 e também Mq 6.4)
2. Mulheres dotadas por Deus para tecerem materiais para o Tabernáculo (Ex 35.25-26)
3. Uma mulher, Débora, também uma profetiza (cf. Jz 4.4), levou todas as tribos (Jz 4.4-5; 5:7) a encontrar o recém encontrado “Livro da Lei” (2 Rs 22.14; 2 Cr 34.22-27)
4. Rainha Ester, uma mulher piedosa, salvou os judeus na Pérsia

II. O Novo Testamento

A. Culturalmente mulheres em ambas as tribos e no mundo Greco-romano, eram cidadãs de segunda classe com poucos direitos ou privilégios (a exceção era a Macedônia)

B. Mulheres em papéis de liderança

1. Isabel e Maria, mulheres piedosas submissas a Deus (Lc 1-2)
2. Ana, mulher piedosa servindo no Templo (Lc 2:36)
3. Lídia, crente e líder de uma igreja doméstica (At 16.14,40)

4. As quatro filhas de Felipe eram profetizas (At 21.8-9)
5. Febe, diaconisa da igreja em Cencréia (Rm 16.1)
6. Priscila, companheira de trabalho de Paulo e mestre de Apolo (At 18.26; Rm 16.3)
7. Maria, Trifena e Trifosa, Pérside, Júlia, irmã de Nereu, diversas mulheres cooperadoras de Paulo (Rm 16:6-16)
8. Junia (KJV), possivelmente uma mulher-apóstolo (Rm 16:7)
9. Evódia e Síntique, cooperadoras no trabalho de Paulo (Fp 4:2-3)

III. Como um crente moderno equilibra os exemplos bíblicos divergentes?

A. Como se determinam as verdades culturais ou históricas, que somente se aplicam ao contexto original, das verdades eternas válidas para todas as igrejas, todos os crentes de todas as eras?

1. Devemos levar muito a sério a intenção do autor original inspirado. A Bíblia é a Palavra de Deus e a única regra de fé e prática.
2. Devemos lidar com os textos obviamente inspirados e historicamente condicionados.
3. Judaísmo do primeiro século
4. Declarações de Paulo obviamente condicionadas historicamente, em 1 Coríntios
 - (1) O sistema legal pagão de Roma (1 Co 6)
 - (2) Permanecer na escravidão (1 Co 7.20-24)
 - (3) Celibato (1 Co 7.1-35)
 - (4) Virgens (1 Co 7.36-38)
 - (5) Comida sacrificada a um ídolo (1 Co 8; 10.23-33)
 - (6) Ações indignas durante a Ceia do Senhor (1 Co 11)
3. Deus plenamente revelou-se de modo claro a uma cultura particular, em um momento específico. Precisamos considerar seriamente a revelação, mas não todos os aspectos da sua situação histórica. A Palavra de Deus foi escrita em palavras humanas, endereçadas a uma cultura particular em um tempo específico.

B. A interpretação bíblica deve buscar a intenção original do autor. O que ele estava dizendo para os dias dele? Isto é fundamental e crucial para uma interpretação adequada. E então devemos aplicar isto aos nossos dias. Agora, aqui está o problema com a liderança feminina (o problema interpretativo real pode ser uma definição de termo. Havia mais ministérios, além dos pastores, que eram vistos como liderança? As diaconisas e profetizas eram vistas como líderes?). É muito claro que Paulo, em 1 Coríntios 14.34-35 e 1 Timóteo 2.9-15, está afirmando que as mulheres não devem tomar a liderança na adoração pública! Mas como aplicamos isto hoje? Não quero que a cultura de Paulo ou a minha silencie a Palavra ou vontade de Deus. Possivelmente os dias de Paulo eram muito restritivos, mas também meu tempo pode ser muito aberto. Sinto-me muito desconfortável dizendo que as palavras e ensinamentos de Paulo são verdades para o primeiro século, condicionais, situacionais. Quem sou eu para deixar minha mente ou cultura negar um autor inspirado?!

Contudo, o que faço quando há exemplos bíblicos de mulheres em liderança (mesmo nos escritos de Paulo, cf. Rm 16)? Um bom exemplo disso é a discussão de Paulo sobre adoração pública em 1 Co 11.14. Em 11.5, ele parece permitir a pregação e oração feitas por mulheres na adoração pública, com as cabeças cobertas, mas em 14.34-35 ele as manda ficar em silêncio! Havia diaconisas (cf. Rm 16.1) e profetizas (cf. At 21.9). É esta diversidade que me permite liberdade para identificar os comentários de Paulo (como sobre as restrições para com mulheres) como limitados a Corinto e Éfeso do primeiro século. Em ambas as igrejas havia problemas com o exercício feminino da liberdade recém-descoberta (cf. Bruce Winter, em *Corinth After Paul Left*), que podia ter causado dificuldade para a igreja alcançar a sociedade para Cristo. Sua liberdade devia ser mais limitada para que o evangelho pudesse ser mais eficaz.

Em meus dias, é justamente o oposto do tempo de Paulo. Nos meus dias, o evangelho

pode ser limitado se mulheres treinadas, expressivas não tiverem permissão de compartilhar o evangelho ou liderar! Qual é o principal objetivo da adoração pública? Não é o evangelismo e discipulado? Deus pode ser honrado e servido com mulheres líderes? A Bíblia como um todo parece dizer que “sim”!

Eu quero dar prioridade a Paulo. Minha teologia é primariamente paulina. Não quero ser excessivamente influenciado ou manipulado pelo feminismo moderno! Contudo, eu sinto que a igreja tem sido devagar em responder às verdades bíblicas óbvias, como a escravidão, racismo, fanatismo e sexismo. Tem sido devagar também em responder apropriadamente ao abuso de mulheres no mundo moderno. Deus em Cristo libertou o escravo e a mulher. Não ousaria deixar um texto condicionado à cultura rechaçá-los.

Mais um ponto: como um intérprete eu sei que a igreja em Corinto era uma igreja muito perturbada. Os dons carismáticos eram valorizados e ostentados. As mulheres podem ter caído nesta armadilha. Eu também acredito que Éfeso estava sendo afetada por ensinamentos falsos que estavam tomando vantagem sobre as mulheres e usando-as como oradoras substitutas nas igrejas domésticas de Éfeso.

C. Sugestões para leitura posterior

How to Read the Bible For All Its Worth, de Gordon Fee e Doug Stuart (pp. 61-77)

Gospel and Spirit: Issues in New Testament Hermeneutics, de Gordon Fee

Hard Sayings of the Bible, de Walter C. Kaiser, Peter H. Davids, F. F. Bruce e Manfred

T.Branch (pp. 613-616; 665-667)

3. Catolicismo Romano, no intuito de sustentar um sistema de governo episcopal, usa o texto de João 21:15-17. Do texto em si é inapropriado usar os termos “cordeiro” e “ovelha” em relação a bispos e sacerdotes e suas relativas funções de ministério.

B. Outro abuso de contexto – este se refere ao contexto histórico e literário da passagem. Deve ser o abuso mais comum da Escritura em nossos dias. Removendo a passagem dos dias do autor e do propósito pretendido, pode-se fazer a Bíblia dizer qualquer coisa. Se não fossem tão frequentes e fatais, os exemplos desta armadilha seriam absurdos.

1. Um pregador de tempos passados pregou contra a venda de cães, com base em Dt 23.18. O contexto histórico e literário foram ignorados. O termo “cão” foi transferido da prostituição cultural masculina (Deuteronômio) para um animal (hoje).

2. Quando os legalistas modernos usam Cl 2.21 para banir certas atividades sem sequer perceber que este versículo é uma citação de Paulo da mensagem dos falsos mestres, o problema se torna evidente.

3. O uso moderno pelos ganhadores de almas do texto de Apocalipse 3.20 como apelo para o “plano de salvação,” não leva em consideração que este texto está num contexto das igrejas cristãs (Ap 2-3). Este texto não é um convite à salvação inicial, mas ao arrependimento de uma igreja, começando pelos indivíduos daquela congregação.

4. O culto moderno do Mormonismo cita 1 Coríntios 15.29 como uma prova para o “batismo para morte.” Não há passagens paralelas para este versículo. O contexto imediato é a validade da ressurreição e este versículo é um de vários exemplos usados para confirmar esta verdade.

5. C. I. Scofield cita o texto de 2 Timóteo 2.15, “que maneja bem a Palavra da verdade,” usando-o para dar suporte à ideia de dividir a Bíblia em sete alianças distintas.

6. O uso de João 6.52 pelo Catolicismo Romano para sustentar a doutrina da transubstanciação (que os elementos da Eucaristia realmente se tornam o corpo e sangue de Cristo) é outro exemplo desta armadilha. João não registra a Ceia do Senhor propriamente dita, mas somente o diálogo da experiência no cenáculo (João 13-17). Esta passagem está no contexto da alimentação dos cinco mil, e não da Eucaristia.

7. A pregação sobre santificação com base em Gálatas 2.20, não percebe que o foco do contexto é sobre a eficácia da justificação.
- C. Nosso abuso do gênero literário – isto envolve a má compreensão da mensagem do autor original por causa da nossa falha em identificar a forma literária em que ele falou. Cada forma literária tem alguns elementos únicos de interpretação. Apresento alguns deles a seguir.
1. Alguns literalistas tentam transformar a poesia de Salmos 114:3-6 em narrativa histórica – com frequência julgando outros por sua interpretação literalista.
 2. Alguns tentam interpretar as seções apocalípticas (Ap 12 e 13) como pessoas e animais literais.
 3. Alguns tentam descrever o “inferno” a partir da parábola de Lucas 16.19-31. Esta é a quinta numa série de cinco parábolas, que são relacionadas com uma intenção central de Jesus em direção aos líderes religiosos (fariseus) em Lucas 15.1-2. E também, o termo usado é *Hades* e não *Gehenna*.
- D. Nosso abuso das figuras de linguagem ou expressões culturais é outra armadilha. Todos nós falamos em linguagem simbólica. E porque aqueles que nos ouvem vivem na mesma cultura entendem nossas frases idiomáticas. Nossas expressões e figuras de linguagem devem ser muito incomuns para aqueles de outras culturas. Lembro-me de um pastor indiano que me disse que estava tão arrependido por estar “morrendo de rir.” É bom para nós refletirmos em nossas próprias frases coloridas, como “foi terrivelmente bom”; “eu sou todo ouvidos”; “isto me mata”; ou “é punhalada no meu coração e espere até morrer.”
1. A Bíblia tem expressões também.
 - a. A palavra “aborrecer” em Lucas 14.26; João 12.25; Rm 9.13; e Mt 1.2-3 é uma expressão hebraica de comparação, como pode ser visto em Gn 29.31,33 e Dt 21.15, mas se nós não sabemos isto, o resultado pode ser muitos mal entendidos.
 - b. As frases, “corta os teus membros” e “arranca teus olhos”, em Mt 5:29-30 são declarações orientais, não mandamentos literais.
 - c. O Espírito Santo está na forma de uma pomba em Marcos 1.10; contudo, as Escrituras dizem, “como uma pomba” ou “semelhante a uma pomba,” cf. Lucas 3.22.
- E. Nosso abuso da simplificação. Dizemos que o evangelho é simples e por isto queremos dizer que ele é fácil de entender, contudo, muitos resumos simples do evangelho são deficientes porque não são completos.
1. Deus é amor, mas isto omite o conceito da ira de Deus (Rm 1.18-2.16).
 2. Somos salvos pela graça somente, mas isto omite o conceito que indivíduos devem arrepender-se e crer (Mc 1.15; At 20.21).
 3. A salvação é de graça (Ef 2.8-9), mas isto completamente omite a ideia que ela demanda uma mudança de padrão de vida (Ef 2.10).
 4. Jesus é Deus, mas isto omite o conceito de que Ele é verdadeiramente humano (1 João 4.2).
- F. Nosso abuso de seletividade – é análogo à descontextualização e à simplificação. Com frequência selecionamos ou combinamos somente aquelas passagens das Escrituras que suportam nossa teologia.
1. Um exemplo pode ser visto em João 14.13-14; 15.7,16; 16.23, na frase “e tudo quanto pedirdes em oração, será concedido.” Para um equilíbrio adequado, deve-se afirmar o outro critério bíblico concernente a este assunto.
 - (a) “continue a pedir, pedir, bater,” Mt 7.7-8
 - (b) “de acordo com a vontade de Deus,” 1 João 5.14-15, que é realmente o que “em nome de Jesus” implica.
 - (c) “sem duvidar,” Tiago 1.6
 - (d) “sem objetivos egoístas,” Tiago 4.1-3
 2. Usar o texto de 1 Coríntios 11.6 para criticar homens que têm cabelo longo, sem observar Números 6.5; Levítico 19.27 e a cultura dos dias de Jesus, é muito inapropriado.
 3. Desautorizar mulheres a ensinar ou falar, com base em 1 Coríntios 14.34 sem considerar 1 Coríntios 11.5, que está no mesmo contexto, é um exagero.

4. Desautorizar ou depreciar as línguas, com base em 1 Coríntios 13.8 (1 Coríntios 13 afirma que tudo passará, menos o amor), sem notar o ensino de 1 Coríntios 14.5, 18, 39, é inapropriado.
 5. Enfatizar as leis alimentares de Levítico 11 sem notar Mateus 15.11 e, de um modo oblíquo, Atos 10:10-16, é inapropriado.
- G. Nosso abuso de preocupar-se com o de menos - frequentemente perdemos a intenção original do autor porque nos envolvemos numa questão interessante, mas não central. Isto pode ser visto no que segue.
1. Com quem Caim se casou? Gn 4.17
 2. Muitos estão preocupados sobre os ouvintes da pregação de Jesus quando desceu ao Hades. 1 Pedro 3.19.
 3. Outra questão se preocupa em como Deus irá destruir a terra. 2 Pe 3.10
- H. Nosso abuso da Bíblia como história – a Bíblia com frequência registra o que ela não defende (Fee e Stuart 1982, 85). Devemos focar em passagens de ensinamento claro, não apenas em relatos históricos, para nossa teologia e ética.
- I. Nosso abuso da relação entre Antigo e Novo Testamento, Israel e a Igreja, Lei e Graça. De modo pressuposicional, Cristo é Senhor da Escritura (Grant e Tracy 1984, 95). Toda Escritura deve apontar para Ele, de modo culminante. Ele é o cumprimento do plano de Deus para a humanidade (Cl 1.15-23). Isto quer dizer que, embora o Antigo Testamento deva permanecer por si mesmo, ele aponta para Cristo (Sterrett 1973, 157-171). Eu penso que devemos interpretar o AT através da nova revelação do NT. As ênfases do Antigo Testamento foram modificadas e universalizadas. A Nova Aliança substituiu a Aliança Mosaica (cf. o livro de Hebreus e Gálatas 3).

Há milhares de exemplos de cada uma destas armadilhas. Contudo, pelo fato de existir falsa interpretação, distorcida ou exagerada, não quer dizer que não deva haver interpretação. Se permanecermos com a principal intenção do autor original expressa em um contexto e se viermos à Bíblia com espírito de oração e humildade, poderemos evitar a vasta maioria dessas armadilhas.

“Por quê as pessoas encontram tantas coisas nas narrativas da Bíblia, que realmente não estão lá – ler na Bíblia suas próprias ideias em lugar de ler e extrair da Bíblia o que Deus quer que saibam?

1. Elas estão desesperadas por informações que irão aplicar a sua situação própria.
2. Elas são impacientes; querem respostas imediatas, do livro, do capítulo.
3. Erroneamente esperam que tudo na Bíblia se aplique diretamente como instrução para sua vida individual” (Fee e Stuart 1980, 84).

PROCEDIMENTOS PRÁTICOS PARA INTERPRETAÇÃO

I. Os Aspectos Espirituais

O estudo da Bíblia é uma combinação de dependência do Espírito Santo e o uso mais nítido das habilidades da razão e análise dadas por Deus a você. O aspecto espiritual do estudo da Bíblia é de difícil discussão por causa das várias diferentes interpretações defendidas por crentes sinceros, educados e piedosos. É um mistério a razão pela qual há tanto desacordo, até hostilidade, entre os cristãos, todos tentando entender e afirmar as Escrituras. O Espírito é crucial, mas todos os cristãos têm o Espírito. O que segue é minha tentativa de falar sobre a atitude espiritual necessária a todo intérprete.

- A. Oração deve ser “prioridade um” na interpretação e aplicação. Oração não é um “link” automático para a interpretação verdadeira, nem para sua qualidade ou quantidade, mas é o primeiro e indispensável passo. Ir à Bíblia sem oração é como ir à piscina sem água. Novamente, isso não implica que a oração seja diretamente relacionada com a qualidade da nossa interpretação – que é determinada por fatores adicionais. Mas uma coisa é certa – uma pessoa longe de Deus não pode conhecer a verdade espiritual (Calvino). Oração não é superar alguma relutância da parte de Deus em abrir seu livro a nós, mas é um reconhecimento de nossa dependência dEle. O Espírito foi dado para nos ajudar a entender a Palavra de Deus (João 14.26; 16.13-14; I Co.2.10-16).
- B. Pureza pessoal também é algo importante. Sabe-se que, pecados não confessados bloqueiam nosso relacionamento com Deus. Ele não requer de nós impecabilidade para entendermos a Bíblia, mas a Bíblia é uma verdade espiritual, e o pecado é uma barreira para coisas espirituais. Precisamos confessar pecados que conhecemos (1 João 1:9). Precisamos estar abertos ao Senhor que nos sonda (Sl 139.1,23-24). Muitas das suas promessas são condicionadas em nossa resposta de fé, assim também, nossa habilidade de entender a Bíblia.
- C. Precisamos desenvolver um desejo de conhecer Deus e Sua Palavra (Sl 9.7-14; 42.1vss; 119.1vss). Quando nos tornamos reverentes para com Deus, ele se dispõe a se aproximar e abrir Sua vontade para nossas vidas (Zc 1.3-4; Tg 4.8).
- D. Precisamos imediatamente aplicar a verdade colhida do nosso estudo da Bíblia (colocar em prática o que cremos ser verdade) em nossas vidas. Muitos de nós conhecemos muito mais verdades bíblicas do que vivemos (1 João 1.7). O critério para mais verdade é que andemos na verdade que já possuímos. Aplicação não é opcional, mas é diária. Ande na luz que você já tem e mais luz será dada (Rm 1.17).

“Percebe-se que não é o mero entendimento intelectual da Bíblia, embora faça parte, que nos possibilitará possuir todos os seus tesouros. Não se despreza esse entendimento, pois é essencial para uma completa compreensão. Mas este deve guiar-nos a um entendimento espiritual dos tesouros deste livro, se quisermos que seja completo. E para este entendimento espiritual, é necessário mais do que atenção intelectual. Coisas espirituais são discernidas espiritualmente, e o estudante da Bíblia precisa de uma atitude de receptividade espiritual, uma ansiedade para encontrar Deus a fim de render-se a Ele, se seu desejo for ir além do estudo científico para a rica herança do maior de todos os livros” *The Relevance of the Bible*, H. H. Rowley (p.19).

II. O Processo Lógico

Leia a Bíblia! Não se pode saber o que sua mensagem significa se não se sabe o que ela diz. Leitura analítica e esboço são a chave para o entendimento. Neste passo, são envolvidos vários ciclos (quatro) de leitura do livro em um cenário.

A. Ler em diversas traduções. Espera-se que você o faça utilizando diferentes teorias de traduções.

1. Correspondência formal (palavra-palavra), como:
 - a. Almeida Corrigida Fiel
 - b. Almeida Revista e Atualizada
 - c. Almeida Revista e Corrigida
 - d. Almeida Revisada Segundo os Melhores Textos
 - e. Almeida Edição Contemporânea
 - f. Almeida Século 21
2. Traduções de equivalência dinâmica, como:
 - a. Nova Versão Internacional
 - b. Nova Tradução na Linguagem de Hoje
 - c. Bíblia de Jerusalém
3. Traduções de conceito/conceito, como:
 - a. Bíblia Viva
 - b. Versão de Phillips

Seu estudo pessoal deve ser da categoria (1) ou (2). E também, uma Bíblia paralela que utilize várias traduções na mesma página seria de grande ajuda.

B. Leia o livro inteiro ou a unidade literária, de uma vez só.

1. Quando você o fizer, permita-se um longo período de estudo, um horário programado ou regular e encontre um lugar de silêncio. Ler é uma tentativa de entender os pensamentos de outra pessoa. Você não pensará em ler uma carta pessoal por seções. Tente ler o livro inteiro de uma vez só.
2. Uma chave deste método focado na metodologia contextual/textual, é ler e reler. Você ficará surpreso ao ver como o entendimento é familiar. Este manual concentra-se nestes procedimentos:
 - a. Sete questões interpretativas
 - b. Quatro estágios de leitura com atribuições
 - c. Uso apropriado das ferramentas de pesquisa em lugares adequados

C. Escreva suas observações textuais (i.e., faça anotações)

Tome notas do que você lê. Há vários passos nesta seção. Eles não devem ser pesados para você, mas devemos manter o controle de nosso desejo de conhecimento bíblico dependendo tanto da interpretação de outros. Estudo bíblico pessoal requer paciência, tempo, treino e persistência.

Não é um caminho fácil, mas os benefícios são marcantes.

1. Leia o livro que você quer estudar uma vez. Recomendo que você comece com um livro pequeno do Novo Testamento. O estudo de um livro inteiro é melhor. Seu tempo é mais bem administrado e é mais fácil de reter as informações e contexto entre as horas de estudo. Livros de estudo, depois de um período de tempo, darão um equilíbrio bíblico a você. Isto forçará você a lidar com verdades difíceis, não familiares e paradoxais.
Tente colocar o propósito abrangente do autor para o livro em suas próprias palavras, em uma sentença precisa e concisa. Também, tente isolar este tema central num versículo-chave, parágrafo, ou capítulo. Lembre-se que o propósito é com frequência expresso pelo tipo de gênero literário que é usado. Se os livros são feitos de outros gêneros literários que não o da narrativa histórica, consulte a seção de procedimentos hermenêuticos sobre gêneros literários (veja *How to Read The Bible For All Its Worth* de Fee e Stuart

2. Leia novamente na mesma tradução. Desta vez note as divisões principais (unidades literárias) dos pensamentos do autor. Elas são identificadas por mudança de assunto, tempo, tópico, tom, lugar, estilo etc. Neste ponto não tente esboçar a estrutura do livro, somente as mudanças óbvias do assunto. Não tome por base das suas divisões o capítulo e versículo da Bíblia na sua língua. Eles não são originais e com frequência são enganosos e incorretos. Faça um resumo de cada uma das suas divisões usando uma sentença curta, descritiva, que caracteriza o assunto ou tópico da seção. Assim que você tiver isolado seções, veja se consegue conectá-las com tópicos, contrastes, comparações, pessoas, eventos etc. Esse passo é uma tentativa de isolar e relacionar os blocos maiores de material aparentemente não relacionado, que não verdade são as unidades literárias da estrutura abrangente do autor. Essas unidades literárias nos revelam o fluxo dos pensamentos do autor e nos apontam em direção ao seu intento original.

D. Neste ponto é útil você comparar seu esboço e propósito abrangente com outros crentes.

“Quando a interpretação particular guia você a uma conclusão diferente daquela que o autor inspirado deu à passagem, uma luz amarela de precaução irá reluzir em sua mente” (Henricksen 1973, 38).

“Para que a exegese seja seu trabalho e não meramente um compendio técnico da visão de outros, é prudente você fazer seu próprio pensamento e chegar às suas próprias conclusões o quanto possível, neste passo.” (Stuart 1980, 39)

“Constantemente faça um cruzamento de dados da compreensão da Escritura com:

1. Nosso pastor
2. Nossos irmãos em Cristo
3. O entendimento histórico dos cristãos conservadores” (Sire 1980, 15)

Frequentemente o seu estudo da Bíblia terá um esboço no começo de cada livro. Se não, a maioria terá o assunto de cada capítulo no topo da passagem ou posicionado de algum modo no texto. Nunca consulte o deles até que você tenha escrito o seu próprio. Você talvez tenha que modificar o seu, mas os atalhos neste passo irão aleijar sua habilidade de analisar as unidades literárias por si mesmo.

Não apenas o estudo bíblico contém esboços dos livros bíblicos, mas também:

1. Comentários
2. Livros de introdução ao Antigo e Novo Testamentos
3. Enciclopédias bíblicas ou dicionários com o mesmo nome do livro bíblico

E. Releia o livro inteiro e

1. Numa folha separada de papel, escreva as divisões de parágrafo da sua Bíblia sobre as unidades literárias (tópicos diferentes) que você isolou ou destacou. Um esboço não é nada mais que um reconhecimento dos pensamentos do autor e sua relação entre si. Os parágrafos irão formar a próxima divisão lógica sobre a unidade literária. Quando você identificar o parágrafo debaixo da unidade literária, caracterize o contexto em uma sentença, como você fez antes para a divisão maior do livro. Este simples procedimento irá ajudar a não sair do eixo.

Até este ponto você tem trabalhado a partir de uma tradução. Agora, compare suas divisões com outras traduções:

- a. As unidades maiores
- b. As divisões dos parágrafos

Faça uma anotação nos lugares de divergência:

- a. Divisões de assunto
- b. Divisões de parágrafo

- c. Escolha de palavras
 - d. Notas marginais (isto geralmente envolve variações de manuscrito. Para esta informação técnica, consulte os comentários)
2. Neste ponto, procure versículos no texto bíblico para responder a estas questões (o contexto histórico):
- a. Quem escreveu a passagem
 - b. A quem a passagem foi endereçada
 - c. Por que a passagem foi escrita a eles
 - d. Quando a passagem foi escrita
 - e. Que circunstâncias históricas foram envolvidas

Este tipo de material pode ser colhido do próprio livro. Com frequência tudo que sabemos sobre o contexto histórico dos livros bíblicos é encontrado no próprio livro (evidência interna) ou em passagens bíblicas paralelas. Certamente é mais rápido consultar um comentarista “profissional” sobre o assunto, mas resista a isso. Você pode fazer isso sozinho. Dará alegria a você, aumentará sua confiança e o ajudará a permanecer independente dos “especialistas” (Osborne e Woodward 1979, 139; Jensen 1963, 20). Escreva as questões que você pensa serem úteis, tais como: há palavras repetidas? Há uma estrutura visível? Há uma série de passagens paralelas de outro livro bíblico específico? Com estas questões diante de você, releia o livro inteiro. Quando você encontrar um item no texto que se relaciona com qualquer dessas questões, escreva abaixo daquela seção. Com prática e leitura cuidadosa, será maravilhoso para você como é possível aprender do texto por si mesmo.

F. Compare suas observações

Agora é hora de comparar suas observações do livro bíblico com aquelas feitas por homens e mulheres do passado e do presente.

“Interpretação é um processo social. Os melhores resultados podem ser alcançados somente pela cooperação de mentes. Os resultados dos acadêmicos em uma era são a herança natural e legítima daqueles que laboraram no mesmo campo em eras sucessivas e devem ser usados por eles. Nenhum intérprete do Novo Testamento pode sabiamente ignorar os resultados alcançados por gerações passadas e lançar-se a conclusões totalmente independentes e originais em todos os pontos. Ele deve se tornar familiar o quanto possível do que foi previamente realizado... Os comentários que têm sido produzidos pela academia do passado formam uma parte essencial dos materiais de interpretação” (Dana 1946, 237).

“Charles Spurgeon... ‘Parece-me estranho que certos homens que tanto falam do que o Espírito Santo revela a eles, possam pensar tão pouco daquilo que Ele tem revelado a outros’” (Henricksen 1973, 41).

“Esta tensão sobre a primazia dos estudos de primeira mão, não significa que um exame de comentários não seja recomendado. Pelo contrário, quando feito no momento apropriado, é reconhecido como um passo indispensável na abordagem metodológica. Spurgeon corretamente indica que ‘dois erros assaltam o estudante da Escritura: a tendência de tomar tudo de outros, e a recusa de tomar qualquer coisa de outros’” (Traina 1985, 9).

Para aqueles que não têm comentários ou ferramentas de pesquisa disponível em sua língua, é possível completar esse passo estudando o mesmo livro bíblico com outros cristãos maduros em sua área e comparando suas notas. Esteja certo de estudar com pessoas de diferentes perspectivas.

Tome cuidado ao observar as teorias dos comentaristas sobre contexto histórico versus a documentação de circunstâncias históricas deles, seja da própria Bíblia ou de fontes históricas. Se não tomarmos esse cuidado, é possível que as pressuposições de outro sobre o propósito do autor afetem nossa interpretação. Um exemplo disso seria o suposto fundo do livro de Hebreus. Capítulos seis e dez são muito difíceis. Com frequência, uma interpretação proposta é baseada somente em supostas circunstâncias históricas ou tradições denominacionais.

G. Compare as passagens paralelas significativas

Observe os círculos concêntricos (passagens paralelas) de significado interpretativo. Um dos grandes perigos na interpretação é permitir que outras partes da Bíblia determinem o que um texto particular quer dizer, mas, ao mesmo tempo, é uma das nossas maiores ajudas. É uma questão de sincronia. A que ponto você olha para o escopo maior da verdade bíblica? Há um desacordo sobre isto (Ferguson 1937, 101), mas para mim, o ponto de foco deve ser o autor original e o livro contextual que você está estudando. Deus inspirou os autores originais para dizerem algo nos dias deles. Precisamos primeiro compreender esta mensagem plenamente antes de relacioná-la a outras passagens bíblicas que conhecemos. Se não, começaremos a ler nossa visão familiar, favorita e denominacional, dentro de toda passagem. Permitimos à nossa teologia sistemática ou viés denominacional esmagarem e substituírem textos inspirados! Textos têm prioridade! Estes círculos concêntricos, como os chamo, movem-se de uma passagem específica para a Bíblia inteira, mas somente em passos graduais, acentuados.

1. Cuidadosamente observe a posição lógica e literária da sua passagem no livro bíblico. Estudar o livro inteiro é crucial. Devemos ver o todo antes que o significado das partes seja óbvio. Devemos permitir que o autor fale em sua contexto e para seu propósito. Nunca vá além da passagem particular e do seu contexto imediato antes que você a tenha permitido falar com sua própria força. Com frequência queremos resolver todos os problemas antes de tomarmos seriamente o que está sendo dito por um autor bíblico inspirado. Queremos tentar proteger nosso viés teológico!
2. Assim que sentirmos que lutamos com o texto o suficiente para entender sua mensagem básica, então nos moveremos para o próximo passo lógico, que é verificar o mesmo autor em seus outros escritos. Isto é muito útil em escritos gêmeos, como Esdras e Neemias; Marcos e 1 e 2 Pedro; Lucas e Atos; João e 1 João; Colossenses e Efésios; Gálatas e Romanos.
3. O próximo círculo concêntrico se preocupa com diferentes escritores, mas aqueles que escreveram no mesmo contexto histórico, como Amós e Oséias ou Isaías e Miquéias, ou Ageu e Zacarias. Este círculo concêntrico pode também se relacionar com o mesmo tipo de gênero literário no mesmo assunto. Um exemplo é relacionar Mateus 24, Marcos 13, e Lucas 21 com Daniel, Zacarias e o livro de Apocalipse. Todos eles, embora escritos por diferentes autores, tratam do fim dos tempos e são escritos em gênero apocalíptico. Este círculo é com frequência identificado como “teologia bíblica”. É uma tentativa de permitir seções específicas da Escritura relacionarem-se com outra em uma ordem controlada. Se a exegese é uma mordida da torta, a teologia bíblica é uma fatia. Se a exegese é um solo, a teologia bíblica é uma orquestra. Estamos à procura de tendências, temas, motivos, palavras características, frases, ou estruturas de um período dado, gênero literário, assunto, ou autor.
4. Uma vez que toda a Bíblia é inspirada (2 Tim. 3,16) e desde que nossa pressuposição básica é que ela não se contradiz (analogia da Escritura), então devemos permitir que ela plenamente fale por si mesma sobre um dado assunto. Se a exegese é uma mordida e teologia bíblica, uma fatia, então a teologia sistemática é a torta inteira. Se exegese é um solo e teologia bíblica, uma orquestra, então a doutrina sistemática é o coral inteiro. Seja cuidadoso, tente nunca dizer, “a Bíblia inteira diz...” até que você tenha cuidadosamente avançado por cada círculo concêntrico da interpretação.

H. Povos orientais apresentavam verdades em pares de tensão

A Bíblia com frequência apresenta verdades em pares dialéticos. Se perdermos a verdade equilibrada (paradoxo), pervertemos a mensagem bíblica abrangente. Apresentação de verdades desequilibradas é algo que caracteriza denominações modernas. Devemos permitir que o autor bíblico fale, mas também à Bíblia

como um todo (outros autores inspirados). Neste estágio da interpretação, uma passagem paralela, seja confirmando, modificando ou aparentemente contradizendo, é extremamente útil. É preciso declarar que, jogar fora a mensagem bíblica é tão danoso quanto adicionar algo a ela. A verdade bíblica é apresentada por declarações claras, simples, mas a relação entre elas é com frequência muito envolvida. A glória da interpretação é o quadro maior, a verdade equilibrada.

I. Teologia Sistemática

Como apresentamos a doutrina sistematicamente? De modo semelhante a teologia bíblica, permitimos que conceitos, temas e palavras nos guiem para

1. Outras passagens relacionadas (pró e contra)
2. A passagem de ensino definitivo sobre aquele assunto
3. Outros elementos da mesma verdade
4. O intercâmbio dos dois Testamentos

A Bíblia fala verdadeiramente, mas não sempre plenamente, em um dado contexto sobre certo assunto. Devemos encontrar o a apresentação bíblica mais clara da verdade em questão. Isto é possível mediante o uso de certas ferramentas de pesquisa. Novamente, primeiro você deve tentar trabalhar com o mínimo de auxílios interpretativos. Uma concordância exaustiva da Bíblia pode ser de grande ajuda. Isto irá ajudá-lo a encontrar passagens paralelas. Com frequência isto é tudo que precisamos para descobrir o pensamento ou conceitos paralelos. A concordância irá nos mostrar os diferentes termos bíblicos que são traduzidos para o Português. Concordâncias são agora disponíveis para King James Version, New American Standard Bible e New International Version (Nova Versão Internacional). Precisamos estar cientes de que não estamos confundindo palavras em português com sinônimos gregos ou hebraicos. Uma boa concordância irá listar as palavras originais diferentes e os lugares da sua ocorrência. Os círculos concêntricos (passagens paralelas) têm sua relevância novamente aqui. A ordem de prioridade será:

1. O contexto imediato da unidade literária
2. O contexto maior do livro inteiro
3. O mesmo autor
4. O mesmo período, gênero literário, ou Testamento
5. A Bíblia inteira

A Teologia Sistemática procura dividir a verdade cristã em categorias, para então procurar todas as referências bíblicas daquele assunto. Com frequência eles relacionam estas referências de um modo muito denominacional. Os livros de Teologia Sistemática são os mais tendenciosos de todos os livros de referência. Nunca consulte apenas um. Sempre use aqueles de outras perspectivas teológicas para forçá-lo a repensar o que você crê, o porquê e como você pode fundamentar o que crê nas Escrituras.

J. Uso de Passagens Paralelas

Se há somente umas poucas referências para a palavra que você está estudando, leia todas e também todo o parágrafo nos quais elas ocorrem. Se houver muitas referências, encaminhe-se para os círculos concêntricos novamente, lendo as referências que ocorrem no contexto imediato da unidade literária, no contexto maior do livro inteiro e selecione várias para ler nos outros livros bíblicos do mesmo autor, ou mesmo período, gênero literário, Testamento ou da Bíblia inteira. Tome cuidado, porque às vezes a mesma palavra é usada com diferentes sentidos em contextos diferentes. Esteja certo de manter os textos bíblicos separados. Nunca permita uma mistura de textos de todos os gêneros na Bíblia sem cuidadosamente verificar o contexto de cada um! Antes, tente achar as verdades paralelas (prós e contras). Alguns exemplos: .

1. O uso do termo “celestiais” no livro de Efésios. À primeira vista parece significar “céu quando morremos,” mas quando todos os cinco usos são comparados, significa “a esfera espiritual coexistindo conosco agora” (Ef 1.3,20; 2.6; 3.10; 6.12).

2. A frase “enchendo-se com o Espírito” é usada em Efésios 5.18. Tem sido o foco de grande controvérsia. O livro de Colossenses nos ajuda com um paralelo exato. O paralelo de Colossenses diz “A palavra de Cristo habite em vós abundantemente” (Col 3.16).

A próxima fonte de ajuda para localizar estes tipos de paralelos significativos, é uma boa Bíblia de Estudo. Como todas as coisas boas, a prática favorece a perfeição. Quanto mais você usar estes procedimentos, mais fáceis eles se tornarão. Isto também é verdade a respeito das ferramentas de pesquisa.

Neste estágio gostaria de compartilhar com você um modo prático de usar um tipo de ferramenta de pesquisa que a maioria dos crentes não usam sempre – livros de teologia sistemática. Estes livros geralmente contêm índices de texto e tópico. Verifique o índice para o seu texto. Escreva embaixo os números das páginas. Verifique em que “categoria teológica” eles estão. Vá até a página e encontre seu texto. Leia o parágrafo; se for de útil e instigante, leia a página (a seção inteira).

Procure ver o modo como seu contexto se encaixa no escopo da teologia cristã. Pode ser o único texto neste tópico ou um de vários. Pode ser o paradoxo dialético de outra doutrina. Estes livros podem ser uma grande ajuda para vermos o quadro geral, se forem usados criticamente e em conjunto com vários autores, denominações e teologias sistemáticas! Uma lista completa dos melhores deles pode ser vista na conclusão deste manual. Estes livros não são para devoção, mas são úteis para analisar o quadro geral. Uma nota de precaução deve ser dada aqui. Estes livros são muito interpretativos. Sempre que colocamos nossa teologia numa estrutura, ela se torna tendenciosa e pressuposicional. Isto é inevitável. Portanto, não consulte apenas um autor, mas vários (isto também vale para os comentários). Leia teologias sistemáticas de autores dos quais você discorda ou que sejam de outros contextos denominacionais. Olhe para suas evidências e pondere sobre sua lógica. Crescimento vem por meio de lutas. Force-os a mostrar a você na Bíblia o que estão dizendo:

1. Contexto (imediate e maior)
2. Sintaxe (estrutura gramatical)
3. Etimologia e uso corrente (estudo da palavra)
4. Passagens paralelas (círculos concêntricos)
5. História e cultura do contexto original

Deus tem falado por meio de Israel, Jesus e os apóstolos, e num sentido menor, Ele continua a iluminar a igreja para entender as Escrituras (Silva 1987, 21). A comunidade cristã é uma guardiã contra interpretações radicais e perigosas. Leia sobre os homens e mulheres iluminados do passado e do presente. Não creia em tudo que dizem, mas ouça-os por meio do filtro dado a vocês pelo Espírito Santo. Todos nós somos historicamente condicionados.

III. Ordem Proposta para uso de Ferramentas de Pesquisa

Por todo este manual você tem sido encorajado a fazer sua própria análise, mas há um momento em que nenhum de nós consegue prosseguir pessoalmente. Não podemos ser especialistas acadêmicos em todas as áreas. Devemos encontrar pessoas piedosas, talentosas e capazes que possam nos ajudar. Isto não significa que nós não as critiquemos e às suas conclusões. Há tantas ferramentas de pesquisa disponíveis hoje, que a riqueza delas pode ser irresistível. Aqui está uma ordem a seguir. Depois que você realizar todas as observações preliminares da passagem por si mesmo, então suplemente sua informação com o seguinte (use canetas de cores diferentes para suas anotações e para as ferramentas em cada área).

- A. Comece pelo contexto histórico
 1. Introduções bíblicas
 2. Artigos de enciclopédias bíblicas, manuais ou dicionários
 3. Capítulos iniciais de comentários
- B. Use diferentes tipos de comentários
 1. Comentários breves
 2. Comentários técnicos

3. Comentários devocionais
- C. Use materiais de referência especializado suplementar
1. Livros de estudo de palavras
 2. Livros sobre o pano de fundo cultural
 3. Livros de orientação geográfica
 4. Livros de arqueologia
 5. Livros de apologética
- D. Finalmente, tente visualizar o quadro maior
- Lembre-se de que recebemos a verdade em estágios; não tome atalhos no seu estudo – não espere resultados instantâneos – atenha-se ao programa. Espere por tensão e desacordo na interpretação. Lembre-se de que a interpretação é uma tarefa guiada pelo Espírito assim como é um processo lógico. Leia a Bíblia analiticamente e ferramentas de pesquisa criticamente. A prática conduz à perfeição. Comece agora. Faça um compromisso de ao menos trinta minutos por dia, encontre um lugar calmo, defina um horário, escolha um livro pequeno do Novo Testamento primeiro, reúna várias traduções e diferentes Bíblias de Estudo, tome um papel e lápis, ore e comece.

EXEMPLO DE CATEGORIAS DE ANOTAÇÕES

A primeira sugestão é usar uma planilha ou formulário. Isto irá ajudar no registro de certos tipos de informações enquanto você lê o livro bíblico. Se você tomar suas notas pessoais com uma cor, então use outras cores para percepções de diferentes ferramentas de pesquisa. A planilha que se segue é um experimento, mas tem sido de grande ajuda para mim. Você pode construir a sua própria ordem e títulos. Esta planilha é meramente uma listagem de categorias de informações que podem ser úteis na interpretação. Você precisará deixar espaço entre os itens no seu formulário. O modelo incluído é primariamente para tópicos e sua relação com os quatro ciclos de leitura. No final do manual, há um exemplo do livro de Romanos, capítulos 1-3 (unidade literária) e do livro de Tito (resumo do livro).

TOMANDO NOTAS

I. Ciclos de Leitura

A. Primeira leitura

1. O tema abrangente ou propósito do livro inteiro é: (breve descrição)
2. Este tema é exemplificado em (escolha um):
 - a. Versículo
 - b. Parágrafo
 - c. Capítulo
3. O tipo de gênero literário é:

B. Segunda leitura

1. A unidade literária principal ou as divisões de conteúdo são:
 - a.
 - b.
 - c.Etc.
2. Resuma o assunto (em uma sentença declarativa) de cada divisão maior e veja sua relação com as demais (cronológico, lógico, teológico, etc.)
3. Relacione os lugares em que verificou seu esboço:

C. Terceira leitura

1. Informação interna com respeito ao contexto histórico (indique capítulo e versículo):
 - a. Autor do livro:
 - (1)
 - (2)
 - (3)
 - b. Data do escrito ou evento:
 - (1)
 - (2)
 - (3)
 - c. Recipientes do livro
 - (1)
 - (2)
 - (3)
 - d. Ocasião da escrita

2. Complete o conteúdo do seu esboço adicionando as divisões de parágrafo. Compare traduções de diferentes teorias, especialmente a teoria literal e idiomática (equivalência dinâmica). Então, escreva seu próprio esboço.
 3. Resuma cada parágrafo em uma sentença declarativa.
 4. Liste possíveis pontos de aplicação em cada divisão principal e/ou parágrafos.
- D. Quarta leitura
1. Faça notas de passagens paralelas significativas (tanto positivas quanto negativas). Observe estes círculos concêntricos de significado.
 - a. Mesmo livro ou unidade literária
 - b. Mesmo autor
 - c. Mesmo período, assunto ou gênero literário
 - d. Mesmo Testamento
 - e. Livro inteiro
 2. Verifique livros de teologia sistemática
 3. Desenvolva listas especializadas para discernir a estrutura.
 - a. Liste os caracteres maiores e menores
 - b. Liste termos-chave (termos teológicos, recorrentes ou incomuns)
 - c. Liste os eventos principais.
 - d. Liste os movimentos geográficos
 4. Tome notas das passagens difíceis.
 - a. Problemas textuais
 - (1) Das margens da Bíblia
 - (2) Da comparação de diferentes traduções
 - b. Problemas históricos e singularidades
 - c. Problemas teológicos de singularidade
 - d. Aqueles verbos que causam confusão
- E. Verdades de aplicação
1. Escreva seu esboço detalhado no lado esquerdo da folha
 2. No lado direito, escreva (a lápis) possíveis aplicações para as unidades principais e/ou parágrafos
- F. Uso de Ferramentas de Pesquisa
1. Leia as ferramentas de pesquisa numa ordem adequada. Tome notas em uma “folha de trabalho.” Procure por:
 - a. Pontos de desacordo
 - b. Pontos de concordância
 - c. Novos pensamentos ou aplicações
 - d. Registre possíveis interpretações de passagens difíceis
 2. Analise percepções das ferramentas de pesquisa e desenvolva um esboço final detalhado com pontos de aplicação. Este esboço mestre deverá ajudá-lo a discernir a estrutura e propósito do autor original.
 - a. Não se perca nos detalhes
 - b. Não esqueça o contexto
 - c. Não leia no texto mais ou menos do que aquilo que o autor original tencionou dizer
 - d. Pontos de aplicação devem ser feitos em três níveis:
 - (1) Tema do livro inteiro – primeira leitura
 - (2) Unidades literárias maiores – segunda leitura

- (3) Parágrafos – terceira leitura
- e. Permita que as passagens paralelas confirmem e clarifiquem sua interpretação como o passo final. Isto permite à Bíblia ser interpretada por si mesma. Contudo, fazer isso nos protege de permitirmos ao nosso entendimento teológico sistemático da Bíblia silenciar-se, ignorar ou desviar-se de passagens difíceis.

G. Percepção Teológica

- 1. Use livros de teologia sistemática para encontrar como seu texto se relaciona com as verdades principais da Bíblia
- 2. Descreva com suas próprias palavras a verdade principal (ou verdades) da sua passagem. Seu sermão ou aula deverá refletir essa verdade!

II. Procedimentos Exegéticos

A. O texto (no mínimo um parágrafo em português)

- 1. Estabeleça o texto original (note variantes de manuscritos)
- 2. Opções de tradução
 - a. Palavra por palavra (ACF, ARA, ARC, ARSMT, ARC, AS21)
 - b. Equivalência dinâmica (NTLH, BV, NVI, Bíblia de Jerusalém)
 - c. Outras traduções antigas (LXX, Vulgata, Peshita, etc.)
 - d. Neste estágio, não use traduções de parágrafos (i.e. comentários).
- 3. Compare as variáveis significativas nas traduções e o porquê
 - a. Problemas com manuscrito grego
 - b. Palavras difíceis
 - c. Construções singulares
 - d. Verdades teológicas

B. Itens exegéticos que devem ser verificados

- 1. Anote a unidade contextual imediata (como seu parágrafo se relaciona com a unidade literária e como ele se relaciona com os parágrafos circundantes).
- 2. Note possíveis elementos estruturais
 - a. Estruturas paralelas
 - b. Citações/alusões
 - c. Figuras de linguagem
 - d. Ilustrações
 - e. Poema/hino/cântico
- 3. Anote os elementos gramaticais (sintaxe)
 - a. VERBOS (tempo, voz, modo, número, gênero)
 - b. Construção especial (sentença condicional, proibições, etc.)
 - c. Ordem de oração ou palavra
- 4. Anote os termos-chave
 - a. Dê o campo semântico completo
 - b. Que significado (os) se encaixa melhor no contexto
 - c. Seja cuidadoso ao determinar definições teológicas
- 5. Note os paralelos bíblicos significativos de palavras, tópicos ou citações
 - a. Mesmo contexto
 - b. Mesmo livro

- c. Mesmo autor
 - d. Mesmo gênero
 - e. Mesmo período
 - f. Livro inteiro
- C. Resumo Histórico
1. Como a ocasião específica do escrito afeta as declarações verdadeiras
 2. Como o meio cultural afeta as declarações verdadeiras
 3. Como os recipientes afetam as declarações verdadeiras
- D. Resumo Teológico
1. Verdades teológicas
 - a. Declare claramente a afirmação teológica do autor
 - (1) Terminologia especial
 - (2) Frase ou oração significativa
 - (3) Verdade central da sentença ou parágrafo
 - b. Como isto se relaciona com o assunto ou verdade da unidade literária?
 - c. Como isto se relaciona com o assunto ou verdade do livro inteiro?
 - d. Como isto se relaciona com o assunto ou verdade como revelada na Escritura?
 2. Pontos especiais de interesse
 3. Percepções pessoais
 4. Percepções de comentários
- E. Verdades para Aplicação
1. Verdade para aplicação da unidade literária
 2. Verdade para aplicação no nível do parágrafo
 3. Verdade para aplicação dos elementos teológicos no texto

III. Procedimentos básicos para um estudo acadêmico de palavras do NT

- A. Estabeleça o significado básico e campo semântico
Use *A Greek-English Lexicon*, de Bauer, Arndt, Gingrich, Danker.
- B. Estabeleça o uso contemporâneo (Grego Koiné)
1. Use *The Vocabulary of the Greek Testament*, de Moulton, Milligan, para papiro egípcio
 2. Use *Septuagint e Redpath's Concordance of the LXX*, para Jusaísmo Palestino
- C. Estabeleça o campo semântico
Use *Greek-English Lexicon of the New Testament*, de Louw, Nida ou *Expository Dictionary of the New Testament Words*, de Vine.
- D. Estabeleça o contexto hebraico
Use a *Concordância* de Strong com seus números ligados a *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, de Brown, Driver, Briggs; *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*, editado por Van Gemneren (5 vols.) ou *Synonyms of the Old Testament*, de Girdlestone.
- E. Estabeleça o modelo gramatical da palavra no contexto
Use um Novo Testamento interlinear e um léxico analítico ou *Analytical Greek New Testament*, de Timothy e Barbara Friberg.

- F. Verifique a frequência do uso, por gênero, autores, assunto etc.
Use uma concordância.
- G. Compare seu estudo com
- Uma Enciclopédia bíblica – use *Zondervan's Pictorial Bible Encyclopedia* (5 vols.) ou *The International Bible Encyclopedia* (5 vols.);
 - Um Dicionário Bíblico – use *Anchor Bible Dictionary* ou *Interpreter's Bible Dictionary*;
 - Um livro de palavras teológicas – use *The New International Dictionary of New Testament Theology* (3 vols) editado por Colin Brown, ou *Theological Dictionary of the New Testament* (resumido) de Bromiley
 - Um livro de Teologia Sistemática – use *Systematic Theology*, de Berkhof; *A Theology of the New Testament*, de Ladd; *New Testament Theology* de Stagg; ou um número de outros;
 - Escreva um resumo de achados interpretativos significantes.

Um breve sumário de princípios hermenêuticos

- A. Sempre ore primeiro. O Espírito é essencial. Deus quer que você entenda.
- B. Estabeleça o texto original.
 - 1. Verifique as notas na margem da sua Bíblia de Estudo para variantes de manuscritos gregos.
 - 2. Não construa uma doutrina em um texto disputado, procure passagens claras.
- C. Compreendendo o texto
 - 1. Leia o contexto inteiro (contexto literário é crucial). Confira o esboço em uma Bíblia de Estudo ou comentário para determinar a unidade literária.
 - 2. Nunca tente interpretar menos do que um parágrafo. Tente esboçar as principais verdades do parágrafo na unidade literária. Assim é possível seguir os pensamentos do autor original e seu desenvolvimento.
 - 3. Leia o parágrafo em várias traduções que usem diferentes teorias.
 - 4. Consulte bons comentários e outros auxílios de Bíblia de Estudo somente após ter estudado o texto primeiro (lembre-se que a Bíblia, o Espírito e você são prioridade na interpretação bíblica).
- D. Compreendendo as palavras
 - 1. Os escritores do NT eram pensadores hebreus, escrevendo em Grego Koiné (popular).
 - 2. Precisamos encontrar o significado contemporâneo e as conotações, não as definições modernas no Português (veja a Septuaginta e os papiros egípcios).
 - 3. Palavras têm significado somente em sentenças. Sentenças têm significado somente em parágrafos. Parágrafos tem significado somente em unidades literárias. Confira o campo semântico (i.e. vários significados de palavras).
- E. Use passagens paralelas
 - 1. A Bíblia é o melhor intérprete de si mesma. Ela tem apenas um autor, o Espírito Santo.
 - 2. Procure o texto de ensino mais claro sobre a verdade do seu parágrafo (Bíblia de referência ou concordância).
 - 3. Busque as verdades paradoxais (pares de tensão da literatura oriental).
- F. Aplicação
 - 1. Você não pode aplicar a Bíblia ao seu tempo presente antes de compreender o que o autor inspirado estava dizendo para os seus dias (o contexto histórico é crucial).
 - 2. Tome cuidado com vieses pessoais, sistemas teológicos, ou agendas. Deixe a Bíblia falar por si mesma!
 - 3. Tome cuidado para não criar princípios em cada versículo. Não são todos os textos que têm relevância universal. Nem todos eles são aplicáveis ao homem moderno.
 - 4. Responda imediatamente à nova verdade ou percepção. O conhecimento bíblico designa-se a produzir uma vida diária à semelhança de Cristo e serviço no seu Reino.

UMA LISTA SELETA DE FERRAMENTAS DE PESQUISA RECOMENDADAS POR CATEGORIA

I. A Bíblia

- A. Entendendo o processo de tradução.
 - 1. J. Beekman and J. Callow, *Translating the Word of God*
 - 2. Eugene Nida, *God's Word in Man's Language* (William Carey, N.D.)
 - 3. Sakae Kubo e Walter Specht, *So Many Versions* (Zondervan, 1983)
 - 4. F. F. Bruce, *The Book and the Parchments* (Revell, 1963)
- B. História da Bíblia Inglesa
 - 1. F. F. Bruce, *The English Bible: A History of Translations From the Earliest Versions to the New English Bible* (Oxford, 1970)
 - 2. Ira Maurice Price, *The Ancestry of Our English Bible* (Harper, 1956)

II. Como Pesquisar

- A. Walter J. Clark, *How To Use New Testament Greek Study Aids* (Loizeaux Brothers, 1983)
- B. F.W. Danker, *Multipurpose Tools for Bible Study* (Concordia, 1970)
- C. R.T. France, *A Bibliographic Guide to New Testament Research* (JSOT Press, 1979)
- D. D. W. Scholer, *A Basic Bibliographic Guide for New Testament Exegesis* (Eerdmans, 1973)

III. Hermenêutica

- A. James Braga, *How to Study the Bible* (Multnomah, 1982)
- B. Gordon Fee and Douglas Stuart, *Entendes o que lês?* (Zondervan, 1982)
- C. Richard Mayhue, *How to Interpret the Bible for Yourself* (Moody, 1986)
- D. J. Robertson McQuilkin, *Understanding and Applying the Bible* (Moody, 1983)
- E. A. Berkeley Mickelsen, *Interpreting the Bible* (Eerdmans, 1963)
- F. John MacArthur, Jr., *Rediscovering Expository Preaching* (Word, 1992)
- G. Bruce Corley, Steve Lemke, and Grant Lovejoy, *Biblical Hermeneutics* (Broadman & Holman, 1996)
- H. Robert Stein, *A Basic Guide to Interpreting the Bible*

IV. Introdução básica aos livros bíblicos

- A. Antigo Testamento
 1. R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament* (Eerdmans, 1969)
 2. William Sanford LaSor, David Allen Hubbard and Frederic Wm. Bush, *Old Testament Survey* (Eerdmans, 1982)
 3. Edward J. Young, *An Introduction to the Old Testament* (Eerdmans, 1949)
 4. T. Arnold and Bryan E. Beyer, *Encountering the Old Testament* (Baker, 1998)
 5. Peter C. Craigie, *The Old Testament: Its Background, Growth and Context* (Abingdon, 1990)

- B. Novo Testamento
 1. Donald Guthrie, *New Testament Introduction* (IVP, 1970)
 2. Bruce M. Metzger, *The New Testament: Its Background, Growth and Content* (Abingdon, 1965)
 3. D. A. Carson, Douglas J. Moo, and Leon Morris, *An Introduction to the New Testament* (Zondervan 1992)
 4. Walter A. Elwell e Robert W. Yarbrough, *Encountering the New Testament* (Baker 1998)
 5. Robert H. Gundry, *A Survey of the New Testament* (Zondervan, 1994)

V. Enciclopédias Bíblicas e Dicionários (multi-volume)

- A. M. Tenney, ed., *The Zondervan Pictorial Bible Encyclopedia*, 5 vols. (Zondervan, 1976)
- B. G. A. Buttrick, ed., *The Interpreter's Dictionary of the Bible and Supplement*, 5 vols. (Abingdon, 1962-1977)
- C. Geoffrey W. Bromiley, ed., *The International Standard Bible Encyclopedia*, 5 vols., rev. ed. (Eerdmans, 1979-1987)
- D. Joel B. Green, Scot McKnight and J. Howard Marshall editors, *Dictionary of Jesus and the Gospels* (IVP, 1992)
- E. Gerald F. Hawthorne, Ralph P. Martin e Daniel G. Reid editors, *Dictionary of Paul and His Letters* (IVP, 1993)
- F. David Noel Freedman, ed., *The Anchor Bible Dictionary*, 6 vols. (Doubleday, 1992)

VI. Conjuntos de Comentários

- A. Antigo Testamento
 1. D. J. Wiseman, ed., *The Tyndale Old Testament Commentaries* (InterVarsity, 1970)
 2. *A Study Guide Commentary Series* (Zondervan, 1977)
 3. R. K. Harrison, ed., *The New International Commentary* (Eerdmans, 1976)
 4. Frank E. Gaebelin, ed., *The Expositor's Bible Commentary* (Zondervan, 1958)
 5. Bob Utley, www.freebiblecommentary.org

- B. Novo Testamento
 1. R. V. G. Tasker, ed., *The Tyndale New Testament Commentaries* (Eerdmans, 1959)
 2. *A Study Guide Commentary Series* (Zondervan, 1977)
 3. Frank E. Gaebelin, *The Expositor's Bible Commentary* (Zondervan, 1958)
 4. *The New International Commentary* (Eerdmans, 1976) 5. Bob Utley, www.freebiblecommentary.org

VII. Estudo de Palavras

A. Antigo Testamento

1. Robert B. Girdlestone, *Synonyms of the Old Testament* (Eerdmans, 1897)
2. Aaron Pick, *Dictionary of Old Testament Words* (Kregel, 1977)
3. R. Laird Harris, Gleason L. Archer, Jr. and Bruce K. Waltke, *Theological Wordbook of the Old Testament* (Moody, 1980)
4. William A. Van Gemeren, editor, *Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*, 5 vols. (Zondervan, 1997)

B. Novo Testamento

1. A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Broadman, 1930)
2. M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament* (MacDonald, 1888)
3. W. E. Vine, *Vine's Expository Dictionary of New Testament Words* (Revell, 1968)
4. William Barclay, *A New Testament Wordbook* (SCM, 1955)
5. *More New Testament Words* (Harper, 1958)
6. C. Brown, et. al., *The New Dictionary of New Testament Theology*, 5 vols. (Zondervan, 1975-1979)

C. Teológico

1. Alan Richardson, ed., *A Theological Word Book of the Bible* (MacMillan, 1950)
2. Everett F. Harrison, ed., *Baker's Dictionary of Theology* (Baker, 1975)

VIII. Contexto Histórico

A. Costumes

1. Adolf Deissman, *Light From the Ancient East* (Baker, 1978)
2. Roland de Vaux, *Ancient Israel*, 2 vols. (McGraw-Hill, 1961)
3. James M. Freeman, *Manners and Customs of the Bible* (Logos, 1972)
4. Fred H. Wright, *Manners and Customs of Bible Lands* (Moody, 1953)
5. Jack Finegan, *Light From the Ancient Past*, 2 vols. (Princeton University Press, 1974)
6. Victor H. Matthews, *Manners and Customs in the Bible* (Hendrickson, 1988)

B. Histórias

1. John Bright, *A History of Israel* (Westminster, 1981)
2. D. J. Wiseman, ed., *Peoples of Old Testament Times* (Oxford, 1973)
3. P. R. Ackroyd and C. F. Evans, ed., *The Cambridge History of the Bible*, vol. 1 (Cambridge, 1970)

C. Novo Testamento

1. Adolf Deissmann, *Light From the Ancient East* (Baker, 1978)
2. F. F. Bruce, *New Testament History* (Doubleday, 1969)
3. Edwin M. Yamauchi, *Harper's World of the New Testament* (Harper and Row, 1981)
4. Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (Eerdmans, 1971)
5. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (Oxford, 1963)
6. J. W. Shepard, *The Christ of the Gospels* (Eerdmans, 1939)

D. Arqueologia

1. Jack Finegan, *Light From the Ancient Past*, 2 vols. (Princeton University Press, 1946)
2. H. T. Vos, *Archaeology of Bible Lands* (Moody, 1977)
3. Edwin M. Yamauchi, *The Stones and the Scriptures* (Holman, 1972)
4. K. A. Kitchen, *Ancient Orient and the Old Testament* (InterVarsity Press, 1966)

5. John H. Walton, *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context* (Zondervan, 1989)

E. Geografia

1. C. F. Pfeiffer and H. F. Vos, *The Wycliffe Historical Geography of Bible Lands* (Moody, 1967)
2. Barry J. Beitzel, *The Moody Atlas of Bible Lands* (Moody, 1985)
3. Thomas V. Brisco ed., *Holman Bible Atlas* (Broadman and Holman, 1998)

IX. Teologias

A. Antigo Testamento

1. A. B. Davidson, *The Theology of the Old Testament* (Clark, 1904)
2. Edmond Jacob, *Theology of the Old Testament* (Harper & Row, 1958)
3. Walter C. Kaiser, *Toward an Old Testament Theology* (Zondervan, 1978)
4. Paul R. House, *Old Testament Theology* (IVP, 1998)

B. Novo Testamento

1. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (InterVarsity, 1981)
2. George Eldon Ladd, *A Theology of the New Testament* (Eerdmans, 1974)
3. Frank Stagg, *New Testament Theology* (Broadman, 1962)
4. Donald G. Bloesch, *Essentials of Evangelical Theology*, vol. 2 (Harper & Row, 1978)

C. Bíblia Inteira

1. Geerhardus Vos, *Biblical Theology* (Eerdmans, 1948)
2. L. Berkhof, *Systematic Theology* (Eerdmans, 1939)
3. H. Orton Wiley, *Christian Theology* (Beacon Hill Press, 1940)
4. Millard J. Erickson, *Christian Theology*, 2^a ed. (Baker, 1998)

D. Doutrina – desenvolvimento histórico

1. L. Berkhof, *The History of Christian Doctrines* (Baker, 1975)
2. Justo L. Gonzales, *A History of Christian Thought*, vol. 1 (Abingdon, 1970)

X. Apologética

- A. Norman Geisler, *Christian Apologetics* (Baker, 1976)
- B. Bernard Ramm, *Varieties of Christian Apologetics* (Baker, 1962)
- C. J. B. Phillips, *Your God Is Too Small* (MacMillan, 1953)
- D. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (MacMillan, 1978)
- E. Colin Brown, ed., *History, Criticism and Faith* (InterVarsity, 1976)
- F. F. Bruce, *Answers to Questions* (Zondervan, 1972)
- G. Walter C. Kaiser Jr., Peter H. Davids, F. F. Bruce and Manfred T. Brauch, *Hard Sayings of the Bible* (IVP, 1996)

XI. Dificuldades Bíblicas

- A. F. F. Bruce, *Questions and Answers*
- B. Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties* (Zondervan, 1982)
- C. Norman Geisler and Thomas Howe, *When Critics Ask* (Victor, 1992)
- D. Walter C., Kaiser, Jr., Peter H. Davids, F. F. Bruce e Manfred F. Baruch, *Hard Sayings of the Bible* (IVP, 1996) e *More Hard Sayings of the Bible*

XII. Criticismo Textual

- A. Bruce M. Metzger, *The Text of the New Testament, Its Transmission, Corruption and Restoration* (Oxford, 1964)
- B. J. Harold Greenlee, *Introduction to New Testament Textual Criticism* (Eerdmans, 1964)
- C. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, (United Bible Societies)

XIII. Léxicos

- A. Antigo Testamento (Hebraico)
 - 1. Francis Brown, S. R. Driver, e Charles A. Briggs, *Hebrew and English Lexicon*, (Clarendon Press, 1951)
 - 2. Bruce Einspahr, *Index to Brown, Driver and Briggs Hebrew Lexicon*
 - 3. Benjamin Davidson, *Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (MacDonald)
 - 4. Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 2 vols.
- B. Novo Testamento (Grego)
 - 1. Walter Bauer, William F. Arndt, F. Wilbur Gingrich and Frederick W. Danker, *A Greek-English Lexicon* (University of Chicago Press, 1979)
 - 2. Johannes P. Louw e Eugene A. Nida, eds., *Greek-English Lexicon*, 2 vols. (United Bible Societies, 1989)
 - 3. James Hope Moulton e George Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament* (Eerdmans, 1974)
 - 4. William D. Mounce, *The Analytical Lexicon to the Greek New Testament* (Zondervan, 1993)

XIV. Sites para comprar livros usados e com descontos

- A. www.christianbooks.com
- B. www.half.com
- C. www.overstock.com
- D. www.alibris.com
- E. www.amazon.com
- F. www.bakerbooksretain.com
- G. www.christianusedbooks.net

UM GUIA PARA A BOA LEITURA BÍBLICA: UMA BUSCA PESSOAL PELA VERDADE VERIFICÁVEL

Podemos conhecer a verdade? Onde ela é encontrada? Podemos logicamente verificá-la? Há uma autoridade final? Existem absolutos que possam guiar nossas vidas, nosso mundo? Existe significado para a vida? Por que estamos aqui? Para onde estamos indo? Essas questões – perguntas que todas as pessoas racionais fazem – têm assombrado o intelecto humano desde o princípio dos tempos (Ec 1.13-18; 3.9-11). Ainda me lembro de minha busca pessoal por um ponto de integração para minha vida. Tornei-me um crente em Cristo quando era um jovem, tomando como base principalmente o testemunho de familiares. Quando cheguei à idade adulta, questões sobre mim mesmo e meu mundo também chegaram. Clichês culturais e religiosos não traziam significado às experiências sobre as quais eu lia ou encontrava. Era um tempo de confusão, busca, espera, e com frequência um sentimento de desespero face ao mundo insensível e duro em que eu vivia.

Muitos afirmavam ter respostas a estas questões fundamentais, mas após uma pesquisa e reflexão, descobri que suas respostas eram baseadas em (1) filosofias pessoais, (2) mitos antigos, (3) experiências pessoais ou (4) projeções psicológicas. Eu precisava de um algum grau de verificação, alguma evidência, alguma racionalidade sobre a qual fundamentar minha visão de mundo, meu ponto de integração interior, minha razão para viver.

Estas eu encontrei em meus estudos da Bíblia. Comecei a buscar por evidência da sua confiabilidade, que encontrei em: (1) na segurança histórica da Bíblia confirmada pela arqueologia, (2) a precisão das profecias do Antigo Testamento, (3) a unidade da mensagem bíblica no decorrer dos seus seiscentos anos de produção, e (4) nos testemunhos pessoais daqueles que tiveram suas vidas permanentemente transformadas pela Bíblia. O Cristianismo, como um sistema unificado de fé e crença, tem a habilidade de lidar com questões complexas da vida humana. Isto não apenas provê um quadro racional, mas o aspecto experimental da fé bíblica trouxe-me alegria emocional e estabilidade.

Eu pensei que tinha encontrado o ponto de integração para minha vida – Cristo, como entendido por meio das Escrituras. Foi uma experiência inebriante, uma libertação emocional. Contudo, posso me lembrar do choque e sofrimento quando percebi como várias interpretações deste livro eram defendidas, algumas vezes nas mesmas igrejas e escolas de pensamento. Afirmavam que a inspiração e confiabilidade da Bíblia eram, não o fim, mas apenas o começo. Como verifico ou rejeito as interpretações variadas e conflitantes de muitas passagens difíceis na Escritura por aqueles que clamam sua autoridade e confiança?

Esta tarefa se tornou o alvo da minha vida e peregrinação de fé. Eu sabia que minha fé em Cristo tinha (1) me trazido grande paz e alegria. Minha mente ansiava por absolutos no meio da relatividade da minha cultura pós-modernidade; (2) o dogmatismo de sistemas religiosos conflitantes (religiões mundiais); e (3) a arrogância denominacional. Na minha busca por abordagens válidas à interpretação da literatura antiga, fiquei surpreso ao descobrir os meus vieses e denominacionais, culturais e de experiências. Eu tinha com frequência lido a Bíblia somente para reforçar minhas próprias opiniões. Eu a usei como uma fonte de dogmas para atacar outros enquanto reafirmava minha própria insegurança e inadequação. Como essa realização era penosa para mim!

Embora eu nunca possa ser totalmente objetivo, eu me tornei um melhor leitor da Bíblia. Eu posso limitar meus vieses identificando-os e reconhecendo a sua presença. Eu ainda não estou livre deles, mas tenho confrontado minhas próprias fraquezas. O intérprete é frequentemente o pior inimigo da boa leitura bíblica!

Deixe-me listar algumas das pressuposições que trago ao meu estudo da Bíblia, para que você, o leitor, possa examiná-las juntamente comigo:

I. Pressuposições

- A. Creio ser a Bíblia a única auto-revelação inspirada do único Deus verdadeiro. Portanto, deve ser interpretada à luz da intenção do autor divino original (o Espírito Santo) através de um escritor humano em um contexto histórico específico.

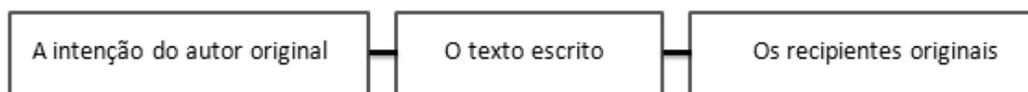
- B. Creio ser a Bíblia escrita para pessoas comuns – para todas as pessoas! Deus adaptou sua própria linguagem para se comunicar claramente conosco em um contexto histórico e cultural específico. Deus não escondeu a verdade – Ele quer que compreendamos! Portanto, a Bíblia deve ser interpretada à luz dos seus dias, não dos nossos. Ela não deve significar para nós o que nunca pretendeu significar para aqueles que primeiro a leram ou ouviram. Ela é compreensível para grande parte da humanidade e usa formas e técnicas de comunicação normais.
- C. Creio ter a Bíblia mensagem e propósito unificados. Ela não se contradiz, embora contenha passagens difíceis e paradoxais. Deste modo, o melhor intérprete da Bíblia é a própria Bíblia.
- D. Creio ter toda passagem (exceto profecias) somente um significado baseado na intenção do autor original inspirado. Embora nunca possamos estar absolutamente certos que conhecemos a intenção do autor original, muitos indicadores apontam nesta direção:
 1. O gênero (tipo literário) escolhido para expressar a mensagem;
 2. O contexto histórico e/ou o fato específico que ocasionou a escrita;
 3. O contexto literário do livro inteiro assim como cada unidade literária;
 4. O desenho textual (esboço) das unidades literárias como eles se relacionam com a mensagem inteira;
 5. As características gramaticais específicas empregadas para comunicar a mensagem;
 6. As palavras escolhidas para apresentar a mensagem;
 7. Passagens paralelas.

O estudo de cada uma dessas áreas se torna o objeto do nosso estudo de uma passagem. Antes de explicar minha metodologia para uma boa leitura da Bíblia, deixe-me delinear alguns métodos inapropriados que têm sido usados hoje, que têm causado uma diversidade de interpretações, e que, conseqüentemente devem ser evitados:

II. Métodos Inapropriados

- A. Ignorar o contexto literário dos livros da Bíblia e usar cada sentença, oração ou mesmo palavras individuais como declarações de verdades não relacionadas com a intenção do autor ou com o contexto maior.
- B. Ignorar o contexto histórico dos livros, substituindo-o por um suposto contexto que tenha pouco ou nenhum fundamento a partir do próprio texto.
- C. Ignorar o contexto histórico dos livros, lendo-os como um jornal local matutino escrito para cristãos modernos.
- D. Ignorar o contexto histórico dos livros, alegorizando o texto numa mensagem filosófica/teológica totalmente sem relação com os ouvintes originais ou com a intenção do autor original.
- E. Ignorar a mensagem original, substituindo-a por um sistema de teologia próprio, doutrina preferida, ou questão contemporânea sem relação com o propósito original do autor e com a mensagem exposta. Este fenômeno com frequência segue a leitura inicial da Bíblia como meios de estabelecer a autoridade de um orador. Isto é chamado de hermenêutica de “resposta do leitor” (interpretação “o que o texto significa pra mim”).

Pelo menos três componentes relacionados devem ser encontrados em toda comunicação humana escrita:



No passado, técnicas diferentes de leitura focavam em um dos três componentes. Mas para verdadeiramente afirmar a inspiração única da Bíblia, faz-se necessário um diagrama mais apropriado:



A verdade é que todos os três componentes devem ser incluídos no processo interpretativo. Para o propósito da verificação, minha interpretação foca nos dois primeiros componentes: o autor original e o texto. Estou provavelmente reagindo aos abusos que tenho observado: (1) na alegorização ou espiritualização de textos e (2) na interpretação da “resposta do leitor” (o que isso significa para mim). Os abusos podem ocorrer a cada etapa. Devemos sempre verificar nossos motivos, vieses, técnicas e aplicações. Mas como fazer isso se não houver restrições à interpretação, nenhum limite e critério? É aqui que a intenção autoral e a estrutura textual me proveem algum critério para limitar o escopo de possíveis interpretações válidas.

À luz dessas técnicas de leitura inapropriadas, quais seriam algumas possíveis abordagens para a boa leitura da Bíblia e interpretação que ofereceriam algum nível de verificação e consistência?

III. Possíveis Abordagens a uma Boa Leitura

Neste ponto, não estou discutindo as únicas técnicas de interpretação de gêneros específicos, mas princípios hermenêuticos gerais válidos para todos os tipos de textos bíblicos. Um bom livro para abordagens de gêneros específicos, é *How To Read The Bible For All Its Worth*, de Gordon Fee e Douglas Stuart, publicado pela Zondervan.

Minha metodologia foca inicialmente na permissão que o leitor dá ao Espírito Santo para iluminar a Bíblia através de quatro ciclos de leitura pessoal. Isto torna primários Espírito, texto e leitor, não secundários. Isso também protege o leitor de ser indevidamente influenciado pelos comentaristas. Eu tenho ouvido dizer: “A Bíblia lança luz sobre os comentários.” Isto não tem a intenção de ser um comentário depreciativo sobre auxílios de estudo, mas um apelo para o seu uso no tempo apropriado.

Devemos ser capazes de fundamentar nossas interpretações a partir do próprio texto. Três áreas nos dão ao menos uma verificação limitada:

1. Sobre o autor original:
 - a. Contexto histórico
 - b. Contexto literário
2. A escolha do autor original por:
 - a. Estruturas gramaticais (sintaxe)
 - b. Uso contemporâneo da palavra
 - c. Gênero
3. Nosso entendimento apropriado de:
 - a. Passagens paralelas

b. Relacionamento entre doutrinas (paradoxo)

Precisamos ser capazes de providenciar razões e lógica que apoiem nossas interpretações. A Bíblia é nossa única fonte de fé e prática. É triste, mas com frequência os cristãos discordam sobre o que ela ensina ou afirma. É uma autoderrota reivindicarmos a inspiração da Bíblia e então vermos crentes incapazes de concordar sobre o que ela ensina e requer!

Os quatro ciclos de leitura são designados para providenciar as seguintes percepções:

A. O primeiro ciclo de leitura

1. Leia o livro de uma vez. Leia-o novamente em uma tradução diferente, de preferência de outra teoria de tradução.
 - a. Palavra por palavra (ACF, ARA, ARC, ARSMT, ARC, AS21)
 - b. Equivalência dinâmica (NTLH, BV, NVI)
 - c. Paráfrase (Bíblia Viva, Bíblia Ampliada)
2. Identifique o propósito central do livro inteiro. Identifique seu tema.
3. Isole a unidade literária (se possível), o capítulo, o parágrafo ou a sentença que claramente expressa este propósito central ou tema.
4. Identifique o gênero literário predominante:
 - a. Antigo Testamento
 - (1) Narrativa hebraica
 - (2) Poesia hebraica (sabedoria, salmo)
 - (3) Profecia hebraica (prosa, poesia)
 - (4) Códigos Legais
 - b. Novo Testamento
 - (1) Narrativas (Evangéhos, Atos)
 - (2) Parábolas (Evangéhos)
 - (3) Cartas/epístolas
 - (4) Literatura apocalíptica

B. O segundo ciclo de leitura

1. Leia o livro inteiro novamente, procurando identificar os principais tópicos ou assuntos.
2. Esboce os principais tópicos e brevemente declare seu conteúdo com uma sentença simples.
3. Compare sua declaração de propósito e as linhas gerais com auxílios de estudo.

C. O terceiro ciclo de leitura

1. Leia o livro inteiro novamente, procurando identificar o contexto histórico e a ocasião específica para a escrita a partir da própria Bíblia.
2. Relacione os itens históricos que são mencionados no livro bíblico
 - a. O autor
 - b. A data
 - c. Os recipientes
 - d. A razão específica para a escrita
 - e. Aspectos específicos do contexto cultural que se relacionam com o propósito da escrita
 - f. Referências à pessoas históricas e eventos
3. Expanda seu esboço ao nível do parágrafo para aquela parte do livro bíblico que você está interpretando. Sempre identifique e esboce a unidade literária. Isto pode ser vários capítulos ou parágrafos, e permite que você siga a lógica do autor original e o desenho textual.
4. Confirme seu contexto histórico usando material de apoio.

D. O quarto ciclo de leitura

1. Leia a unidade literária específica novamente em várias traduções.
 - a. Palavra por palavra (ACF, ARA, ARC, ARSMT, ARC, AS21)
 - b. Equivalência dinâmica (NTLH, BV, NVI)

- c. Paráfrase (Bíblia Viva, Bíblia Ampliada)
- 2. Identifique a estrutura gramatical ou literária
 - a. Frases repetidas, Ef. 1.6, 12, 13
 - b. Estruturas gramaticais repetidas, Rm 8.31
 - c. Conceitos contrastantes
- 3. Faça uma lista dos seguintes itens:
 - a. Termos significativos
 - b. Temos não usuais
 - c. Estruturas gramaticais importantes
 - d. Palavras particularmente difíceis, orações e sentenças
- 4. Identifique passagens paralelas relevantes
 - a. Procure pelas passagens de ensino mais claras sobre o assunto, usando
 - (1) Livros de “teologia sistemática”
 - (2) Bíblias de referência
 - (3) Concordâncias
 - b. Procure por um possível par paradoxal dentro do seu assunto. Muitas verdades bíblicas são apresentadas em pares dialéticos; muitos conflitos denominacionais vêm de textos-prova extraídos de um só lado de uma tensão bíblica. Tudo da Bíblia é inspirado, e devemos procurar sua completa mensagem para termos um equilíbrio bíblico para nossa interpretação.
 - c. Procure paralelos dentro do mesmo livro, mesmo autor ou gênero; a Bíblia é sua melhor intérprete porque ela tem um autor, o Espírito.
- 5. Use material de apoio para comparar suas observações de contexto histórico e ocasião
 - a. Bíblias de estudo
 - b. Enciclopédias, manuais e dicionários
 - c. Introduções bíblicas
 - d. Comentários bíblicos (neste ponto do seu estudo, permita que a comunidade dos crentes, do passado e do presente, corrija e ajude no seu estudo pessoal)

IV. Aplicação da Interpretação Bíblica

Neste ponto devemos voltar para a aplicação. Você tomou tempo para entender o texto no seu contexto original. Agora você deve aplicá-lo à sua vida e sua cultura. Defino autoridade bíblica como “compreender o que o autor original disse no seu tempo e aplicar aquela verdade aos nossos dias”.

A aplicação deve seguir a interpretação da intenção original do autor tanto no tempo quanto na lógica. Não podemos aplicar a passagem aos nossos dias antes de entendermos o que ela disse aos seus dias! Uma passagem bíblica nunca deve significar o que nunca pretendeu significar!

Seu esboço detalhado, no nível do parágrafo (leia o ciclo nr. 3), deve ser seu guia. Aplicação deve ser feita no nível do parágrafo, não a palavra. Palavras têm sentido somente em contexto; orações têm sentido somente em contexto, e sentenças só têm sentido em contexto. A única pessoa inspirada envolvida no processo interpretativo é o autor original. Somente seguimos sua direção pela iluminação do Espírito Santo. Mas a iluminação não é inspiração. Para dizer “assim diz o Senhor”, devemos permanecer na intenção original do autor. Aplicação deve se relacionar com a intenção geral do escrito inteiro, a unidade literária específica e o desenvolvimento do pensamento no nível do parágrafo.

Não deixe que as questões dos nossos dias interpretem a Bíblia; deixe a Bíblia falar! Isto requer de nós que extraiamos princípios do texto. E isto é válido se o texto sustenta um princípio. Infelizmente, muitas vezes nossos princípios são apenas os “nossos” – não os princípios do texto.

Quando aplicamos a Bíblia, é importante lembrar que um e somente um significado é válido para um texto bíblico particular. Aquele significado está relacionado com a intenção do autor original quando ele enfrentava uma crise ou necessidade nos seus dias. Muitas possíveis aplicações podem ser derivadas desse significado único. A

aplicação será baseada nas necessidades dos recipientes, mas deve se relacionar com o significado original do autor.

V. O Aspecto Espiritual da Interpretação

Tenho até agora discutido o processo lógico e textual envolvido na interpretação e aplicação. Agora deixei-me discutir o aspecto espiritual da interpretação. A lista seguinte em sido para mim de grande ajuda:

- A. Ore pela ajuda do Espírito (cf. 1 Co 1.26-2.16).
- B. Ore por perdão pessoal e purificação dos pecados conhecidos (1 João 1.9).
- C. Ore por um maior desejo de conhecer a Deus (Sl 19:7-14; 42:1vss; 119:1vss).
- D. Aplique cada nova percepção à sua própria vida.
- E. Permaneça humilde e ensinável.

É difícil manter o equilíbrio entre o processo lógico e a liderança espiritual do Espírito Santo. As citações seguintes têm me ajudado a equilibrar os dois:

- A. De James W. Sire, em *Scripture Twisting*, pp. 17-18:
“Não há classes de gurus no Cristianismo bíblico, não há iluminados ou pessoas por meio de quem toda interpretação adequada deva vir. E também, enquanto o Espírito Santo dá dons especiais de sabedoria, conhecimento e discernimento espiritual, Ele não especifica que estes dons devem ser os únicos intérpretes autoritativos da Sua Palavra. Cada um do seu povo deve ler, julgar e discernir a Bíblia, a qual permanece como autoridade mesmo para aqueles a quem Deus concedeu habilidades especiais. Para resumir, a suposição que estou fazendo no decorrer de todo o livro, é que a Bíblia é a verdadeira revelação para toda a humanidade, é nossa autoridade máxima em todas as questões sobre as quais ela fala, que não é um mistério total, mas pode ser adequadamente entendida pelas pessoas comuns de todas as culturas.”
- B. De Kierkegaard, encontrada em Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, p. 75:
De acordo com Kierkegaard, o estudo lexical, gramatical e histórico da Bíblia era necessário, mas preliminarmente para a leitura verdadeira da Bíblia. “Para ler a Bíblia como palavra de Deus, deve-se lê-la com o coração em sua boca, na ponta dos pés, com ansiosa expectativa, na conversação com Deus. Ler a Bíblia impensadamente, com descuido, acadêmica ou profissionalmente, não é ler a Bíblia como Palavra de Deus. Quando se lê como uma carta de amor, então a lemos como Palavra de Deus.”
- C. H.H. Rowley, em *The Relevance of the Bible*, p. 19:
“Percebe-se que não é o mero entendimento intelectual da Bíblia, embora faça parte, que nos possibilitará possuir todos os seus tesouros. Não se despreza esse entendimento, pois é essencial para uma completa compreensão. Mas este deve guiar-nos a um entendimento espiritual dos tesouros deste livro, se quisermos que seja completo. E para este entendimento espiritual, é necessário mais do que atenção intelectual. Coisas espirituais são discernidas espiritualmente, e o estudante da Bíblia precisa de uma atitude de receptividade espiritual, uma ansiedade para encontrar Deus a fim de render-se a Ele, se seu desejo for ir além do estudo científico para a rica herança do maior de todos os livros”.

VI. O Método deste Comentário

O *Guia de Estudo Comentado* destina-se a ajudar você nos procedimentos interpretativos, nos seguintes caminhos:

- A. Breve esboço histórico introduz cada livro. Depois que você fizer o “ciclo de leitura #3”, cheque esta informação.
- B. Percepções contextuais são encontradas no começo de cada capítulo. Isto irá ajudá-lo a ver como a unidade literária é estruturada.
- C. No começo de cada capítulo ou unidade literária principal, as divisões de parágrafo e suas legendas descritivas são providenciadas a partir de várias traduções modernas:
 1. Almeida Corrigida Fiel (ACF)
 2. Almeida Revista e Atualizada (ARA)
 3. Almeida Revista e Corrigida (ARC)
 4. Bíblia de Jerusalém (BJ)
 5. Nova Versão Internacional (NVI)

Divisões de parágrafo não são inspiradas. Elas devem ser apuradas pelo contexto. Comparando várias traduções modernas de diferentes teorias e perspectivas teológicas, estaremos aptos a analisar a estrutura do pensamento original do autor. Cada parágrafo tem uma verdade principal, o que tem sido chamado de “sentença tópica” ou “ideia central do texto”. Este pensamento unificado é a chave para a correta interpretação histórica e gramatical. Nunca se deve interpretar, pregar ou ensinar em menos que um parágrafo! Também lembre-se de que cada parágrafo está relacionado aos que o cercam. Esta é a razão pela qual um esboço no nível do parágrafo do livro inteiro é tão importante. Devemos estar prontos para seguir o fluxo lógico do assunto sendo discutido pelo autor inspirado original.

- D. As notas de Bob seguem uma abordagem de interpretação versículo a versículo. Isto nos força a seguir o pensamento original do autor. As notas dão informações de diversas áreas:
 1. Contexto literário
 2. Percepções históricas
 3. Informação gramatical
 4. Estudo de palavras
 5. Passagens paralelas relevantes
- E. Em certos lugares do comentário, o texto impresso da New American Standard Version (1995) será suplementado pelas traduções de várias outras modernas versões:
 1. New King James Version (NKJV), que segue os manuscritos do “Textus Receptus.”
 2. The New Revised Standard Version (NRSV), que é uma revisão palavra por palavra do National Council of Churches of the Revised Standard Version.
 3. Today’s English Version (TEV), que é uma tradução de equivalência dinâmica da American Bible Society.
 4. Jerusalem Bible (JB), que é uma tradução baseada em uma tradução de equivalência dinâmica francesa católica.
- F. Para aqueles que não leem grego, comparar traduções pode ajudar a identificar problemas no texto:
 1. Variações de manuscritos
 2. Significado alternativo de palavras
 3. Textos com difícil gramática e estrutura
 4. Textos ambíguos

Embora as traduções em português não possam resolver estes problemas, elas fazem destes problemas ocasião para um estudo mais aprofundado.

- G. Ao final de cada discussão relevante do capítulo, serão providenciadas questões que tentarão atingir os tópicos interpretativos principais de cada capítulo.

BREVE DEFINIÇÃO DE FORMAS VERBAIS QUE CAUSAM IMPACTO NA EXEGESE

I. Breve Desenvolvimento Histórico do Hebraico

O Hebraico é parte da família semítica das línguas do sudoeste asiático. O nome (dado pelos estudiosos modernos) vem do filho de Noé (cf. Gn 5.32; 6.10). Os descendentes de Sem são listados em Gênesis 10.21-31 como arábes, hebreus, sírios, arameus e assírios. Na realidade algumas línguas semíticas são usadas por nações listadas na linhagem de Cam (cf. Gn 10.6-14), Canaã, Fenícia e Etiópia.

O hebraico é parte do grupo noroeste dessas línguas semíticas. Acadêmicos modernos têm amostras desse grupo de língua antiga de:

- A. Amoritas (Tábuas de Mari, século 18 A.C, em acadiano)
- B. Cananita (Tábuas Ras Shamara, século 15, em ugarítico)
- C. Cananita (Cartas de Amarna, século 14, em acadiano cananeu)
- D. Fenício (Hebraico usa alfabeto fenício)
- E. Moabita (Pedra de Mesha, 840 A.C.)
- F. Aramaico (língua oficial do Império Persa, usada em Gênesis 31.47 [2 palavras]; Jr 10.11; Dn 2.4-6; 7.28; Ed 4.8-6:18; 7.12-26 e falada por judeus no primeiro século na Palestina).

A língua hebraica é chamada “a língua de Canaã” em Isaías 19.18. Ela foi chamada de “Hebraico” pela primeira vez no prólogo de Eclesiástico (Sabedoria de Ben Siraque), cerca de 180 A.C. (e alguns outros lugares, cf. *Dicionário Bíblico Anchor*, vol. 4, pp. 205 vss). Relacionada mais de perto com a língua Moabe e a língua usada em Ugarite. Alguns exemplos do hebraico antigo encontrado fora da Bíblia, são os seguintes:

1. O calendário de Gezer, 925 A.C. (escrito de escola de um menino)
2. A Inscrição de Siloé, 705 A.C. (escritos de túnel)
3. Fragmento de cerâmica samaritana (registros de impostos em uma cerâmica quebrada)
4. Cartas de Laquis, 587 A.C (comunicações de guerra)
5. Moedas e selos macabeus
6. Alguns manuscritos do Mar Morto
7. Numerosas inscrições (cf. “Línguas [Hebraico],” ABD 4:203ss)

Como todas as línguas semíticas, caracteriza-se por palavras feitas de três consoantes (raiz triconsonantal). É uma língua sem flexão. A raiz triconsonantal carrega o significado básico da palavra, enquanto adições prefixadas, sufixadas ou internas mostram a função sintática (últimas vogais, cf. Sue Green, *Análise Linguística do Hebraico Bíblico*, pp. 46-49).

O vocabulário bíblico demonstra uma diferença entre prosa e poesia. Significados das palavras são conectados com etimologias folclóricas (não origem linguística). O jogo de palavras e som é muito parecido (paronomasia).

II. Aspectos da Predicação

A. VERBOS

A ordem de palavras normalmente esperada é VERBO, PRONOME, SUJEITO (com modificadores), OBJETO (com modificadores). O VERBO não acentuado básico é *Qal*, PERFEITO, MASCULINO, SINGULAR. É assim que os léxicos hebraicos e aramaicos são formados.

Os VERBOS são flexionados para mostrar:

1. Número – SINGULAR, PLURAL, DUAL
2. Gênero – MASCULINO e FEMININO (gênero neutro)
3. ESTADO – INDICATIVO, SUBJUNTIVO, IMPERATIVO (relação de ação com realidade)
4. TEMPO (aspecto)

- a. PERFEITO, que denota realização, no sentido de começo, continuidade e conclusão de uma ação. Usualmente esta forma era usada de ações passadas, a coisa tinha ocorrido. J. Wash Watts, em *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament*, afirma:

“O todo único descrito por um perfeito é também considerado como seguro. Um imperfeito deve figurar um estado como possível ou desejado, mas um perfeito o vê como verdadeiro, real e certo” (p. 36).

S.R. Driver, *A Treatise on the Use of the Tenses in Hebrew*, o descreve assim:

“O PERFEITO é empregado para indicar ações de cumprimento que residem realmente no futuro, mas é considerado como dependente de uma inalterável determinação da vontade, que deve ser dito como tendo realmente já tomado lugar: dessa forma, a resolução, ou decreto, especialmente de Deus, é frequentemente anunciado no tempo perfeito.” (p. 17, e.g., o perfeito profético).

Robert B. Chisholm, Jr. em *From Exegesis to Exposition*, define esta forma VERBAL como “ver uma situação de fora, como um todo. Como tal expressa um fato simples, seja ele uma ação ou estado (incluindo estado do ser ou mente). Quando usado de ações, com frequência vê a ação como completa a partir do ponto de vista retórico do orador ou narrador (se é ou não completo de fato ou realidade, não é o ponto). O perfeito pode pertencer a uma ação/estado no passado, presente ou futuro. Como observado acima, o período de tempo, que influencia como se traduz o perfeito numa linguagem orientada pela tensão, como o inglês, deve ser determinado pelo contexto” (p. 86).

- b. IMPERFEITO, que denota uma ação em progresso (incompleta, repetitiva, contínua ou contingente), com frequência se movimenta em direção a um objetivo. Usualmente esta forma era usada para ação Presente e Futuro. J. Wash Watts, *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament*, disse:

“Todos os IMPERFEITOS representam estados incompletos. Eles são também repetidos ou em desenvolvimento ou contingentes. Em outras palavras, ou parcialmente desenvolvidas ou parcialmente seguras. Em todos os casos eles são parciais em algum sentido, i.e., incompleto” (p. 55).

Robert B. Chisholm, Jr. *From Exegesis to Exposition*, diz:

“É difícil reduzir a essência do imperfeito em um conceito único, porque ele engloba aspecto e modo. Algumas vezes o imperfeito é usado em uma maneira indicativa e faz uma declaração objetiva. Em outras ocasiões, vê uma ação mais subjetivamente, como hipotética, contingente, possível, e assim por diante” (p.89).

- c. O *waw* adicionado, que conecta o VERBO à ação do VERBO (os) prévio.
d. IMPERATIVO, que é baseado na volição do orador e ação potencial do ouvinte.
e. No Hebraico antigo, somente o contexto maior pode determinar as orientações do tempo da intenção autoral.

B. As sete formas principais flexionadas (derivações) e seus significados básicos. Na realidade, estas formas trabalham em conjunto com outras em um contexto e não devem ser isoladas.

1. *Qal (kal)*, a forma mais comum e básica. Denota uma ação simples ou um estado de ser. Não há causa ou especificação implicadas.
2. *Niphal*, a segunda forma mais comum. É usualmente PASSIVA, mas esta forma também funciona como recíproca e reflexiva. Não há causa ou especificação implicadas.
3. *Piel*, esta forma é ativa e expressa o trazer de uma ação em um estado de ser. O sentido básico da derivação *Qal* é desenvolvido ou estendido num estado de ser.
4. *Pual*, é a contrapartida PASSIVA do *Piel*. É com frequência expressado por PARTICÍPIO.

5. *Hithpael*, que é a derivação reflexiva ou recíproca. Expressa ação iterativa ou durativa para a derivação *Piel*. A forma rara do PASSIVO é chamada de *Hothpael*.
6. *Hiphil*, a forma ativa da derivação causativa em contraste com *Piel*. Pode ter um aspecto permissivo, mas usualmente se refere à causa de um evento. Ernst Jenni, um alemão especialista em gramática hebraica, crê que o *Piel* denota algo em um estado de ser, enquanto *Hiphil* mostra como ele aparece.
7. *Hophal*, o a contrapartida PASSIVA do *Hiphil*. Esta última derivação é a menos usada das sete derivações.

Muito dessa informação vem de *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*, de Bruce K. Walke e M. O'Connor, pp. 343-452.

Gráfico de agente e causação. Uma chave para o entendimento do sistema de VERBO hebraico é vê-lo como um padrão de relacionamentos de VOZ. Algumas derivações estão em contraste com outras (i.e., *Qal – Niphal*; *Piel – Hiphil*).

O gráfico a seguir tenta visualizar a função básica das derivações de VERBO, como as causações.

Voz ou Sujeito	Sem Agente Secundário	Um Agente Secundário Ativo	Um Agente Secundário Passivo
ATIVO	<i>Qal</i>	<i>Hiphil</i>	<i>Piel</i>
PASSIVO MEDIANO	<i>Niphal</i>	<i>Hophal</i>	<i>Pual</i>
REFLEXIVO/ RECÍPROCO	<i>Niphal</i>	<i>Hiphil</i>	<i>Hithpael</i>

Este gráfico foi extraído de uma excelente discussão do sistema VERBAL à luz da nova pesquisa sobre o Acádio (cf. Bruce K. Waltke, M. O'Conner, *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*, pp.354-359).

R. H. Kennett, *A Short Account of the Hebrew Tenses*, fez uma advertência necessária:

“Eu tenho comumente visto no ensino que a maior dificuldade de um estudante em relação aos verbos hebraicos é alcançar o significado que eles transmitiram às mentes dos próprios hebreus; quer dizer, que há uma tendência de atribuir como equivalentes a cada Tempo Hebraico um certo numero de formas latinas pelas quais aquele particular Tempo possa ser geralmente traduzido. O resultado é a falha em perceber esses tons finos de significado que dão vida e vigor à língua do Antigo Testamento.”

“A dificuldade no uso dos verbos hebraicos reside unicamente no ponto de vista, tão absolutamente diferente do nosso próprio, que os hebreus consideravam uma ação; o *tempo*, que conosco é a primeira consideração, como a própria palavra, ‘tempo’ mostra, sendo para eles uma questão de importância secundária. É, portanto, essencial que o estudante deva alcançar não somente as formas latinas ou em português que devam ser usadas para traduzir cada um dos Tempos Hebraicos, mas o aspecto de cada ação, como ele se apresentava à mente dos hebreus.”

“O nome ‘tempos’ como aplicado ao hebraico é um nome enganoso. O dito ‘tempo’ hebraico não expressa o *tempo*, mas meramente o *estado* de uma ação. De fato não surgiria tanta confusão através da aplicação do termo ‘estado’ a ambos nomes e verbos; ‘estados’ seria uma designação muito melhor do que ‘tempos’. Deve-se sempre ter em mente que é impossível traduzir um verbo hebraico para o português sem empregar uma limitação, que é inteiramente ausente no Hebraico. Os antigos hebreus nunca pensavam numa ação como passado, presente, futuro, mas simplesmente como *perfeito*, i.e., completo, ou *imperfeito*, i.e., em curso de desenvolvimento. Quando dizemos que um certo tempo hebraico corresponde ao perfeito, mais que perfeito ou futuro, no Português, não queremos dizer que os hebreus pensavam daquilo com perfeito, mais que perfeito ou futuro, mas meramente que ele deve ser assim traduzido. O *tempo* de uma ação os hebreus não tentavam expressar por qualquer forma verbal” (prefácio e p. 1).

Para uma segunda boa advertência, Sue Groom, *Linguistic Analysis of Biblical Hebrew*, nos lembra,

“Não há maneira de saber se a moderna reconstrução acadêmica dos campos semânticos e relações de sentido numa antiga língua morta são meramente uma reflexão da sua própria intuição, ou sua própria língua nativa, ou se aqueles campos semânticos existem no Hebraico Clássico” (p. 128)

C. MODOS

1. Isto aconteceu, está acontecendo (INDICATIVO), usualmente usa tempo PERFEITO ou PARTICÍPIOS (todos os PARTICÍPIOS são INDICATIVOS).
2. Isto irá acontecer, poderia acontecer (SUBJUNTIVO)
 - a. Usa um tempo IMPERFEITO acentuado:
 - (1) COORTATIVO (h adicionado), forma da PRIMEIRA PESSOA DO IMPERFEITO, que normalmente expressa um desejo, um pedido, ou um autoencorajamento (i.e., ações desejadas por um orador)
 - (2) JUSSIVO (mudanças internas), TERCEIRA PESSOA DO IMPERFEITO (pode ser segunda pessoa em sentenças negativas), que normalmente expressa um pedido, uma permissão, uma admoestação ou aviso.
 - b. Usa o tempo PERFEITO COM *lu* ou *lule*.
Estas construções são similares às sentenças da SEGUNDA CLASSE CONDICIONAL no Grego Koiné. Uma declaração falsa (protasis) resulta em uma falsa conclusão (apodosis).
 - c. Usa o tempo IMPERFEITO e *lu*
O contexto e *lu*, assim como uma futura orientação, assinala o uso do SUBJUNTIVO. Alguns exemplos no livro de J. Wash Watts, *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament*, são: Gn. 13.16; Dt. 1.12; I Rs. 13.8; Sl 24.3; Is 1.18 (cf. pp. 76-77).

D. *Waw* – Conversivo/consecutivo/relativo. Esta característica singular da sintaxe hebraica (cananita) tem causado grande confusão ao longo dos anos. É usado em diversos modos, frequentemente com base no gênero. A razão para a confusão é que acadêmicos antigos eram europeus e tentavam interpretar à luz da sua própria língua nativa. Quanto isto provou ser difícil, eles puseram a culpa do problema no Hebraico, sendo uma “pretensa” língua antiga e arcaica. As línguas europeias são TEMPO baseado em verbos. Muito da variedade e implicações gramaticais são especificadas por uma letra *waw* sendo adicionada às derivações de verbo PERFEITO ou IMPERFEITO. Isto alterou o modo como a ação era vista.

1. Em narrativas históricas os VERBOS são ligados em cadeia com um modelo padrão.
2. O prefixo *waw* mostrava um relacionamento específico com o VERBO anterior.

3. O contexto maior é sempre a chave para entender o encadeamento do VERBO. Verbos semíticos não podem ser analisados isoladamente.

J. Wash Watts, *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament*, nota o distintivo do hebraico no seu uso do *waw* diante de PERFEITOS e IMPERFEITOS (pp. 52-53). Como a ideia básica do PERFEITO é passado, a adição do *waw* com frequência o projeta em um aspecto do tempo futuro. Isto também é verdade com o IMPERFEITO, de quem a ideia básica é presente ou futuro; a adição do *waw* o coloca no passado. É esta mudança de tempo incomum que explica a adição do *waw*, e não uma mudança no significado básico do próprio tempo. O *waw* PERFEITO funciona melhor com profecia, enquanto o *waw* IMPERFEITO funciona melhor com as narrativas (pp. 54,68).

Watts continua sua definição:

“Como uma distinção fundamental entre o *waw* conjuntivo e o *waw* consecutivo, as seguintes interpretações são dadas:

1. O *waw* conjuntivo aparece sempre para indicar um paralelo.
2. O *waw* consecutivo aparece sempre para indicar uma sequência. Esta é a única forma do *waw* usada com consecutivos imperfeitos. A relação entre os imperfeitos ligados por ele deve ser sequência temporal, consequência lógica, causa lógica ou contraste lógico. Em todos os casos há uma sequência” (p. 103).

E. INFINITIVOS – há dois tipos de INFINITIVOS

1. INFINITIVOS ABSOLUTOS, que são “expressões impressionantes, fortes, independentes, usadas para um efeito dramático... Como um sujeito, ele não tem verbo escrito, o verbo ‘ser’ sendo entendido, é claro, mas a palavra permanece dramaticamente sozinha” J. Wash Watts, *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament* (p. 92)
2. INFINITIVO CONSTRUTO, que são “relacionados gramaticalmente à sentença por preposições, pronomes possessivos e a relação construto” (p.91).

J. Weingreen, *A Practical Grammar for Classical Hebrew*, descreve o estado construto como:

“Quando duas (ou mais) palavras são tão intimamente unidas que juntas constituem uma ideia composta, diz-se que a palavra (ou palavras) dependente está no estado construto” (p. 44).

F. INTERROGATIVAS

1. Na sentença, eles sempre aparecem primeiro
2. Significado interpretativo
 - a. *ha* – não espera uma resposta
 - b. *halo* – o autor espera um “sim” como resposta

G. NEGATIVAS

1. Sempre aparecem antes das palavras que negam
2. A negação mais comum é *lo*.
3. O termo *al* tem uma conotação contingente e é usado com COORTATIVOS e JUSSIVOS.
4. O termo *lebhilit*, significa “a fim de que...não,” é usado com INFINITIVOS.
5. O termo *en* é usado com PARTICÍPIOS.

H. SENTENÇAS CONDICIONAIS

1. Há quatro tipos de SENTENÇAS CONDICIONAIS que basicamente são paralelas no Grego Koiné:
 - a. Algo está acontecendo ou é pensado como completo (PRIMEIRA CLASSE no Grego)
 - b. Algo contrário ao fato cujo cumprimento é impossível (SEGUNDA CLASSE)

- c. Algo que é possível ou mesmo provável (TERCEIRA CLASSE)
 - d. Algo que é menos provável, portanto, o cumprimento é duvidoso (TERCEIRA CLASSE)
2. MARCADORES GRAMATICAIIS
- a. A condição supostamente real ou dita como sendo verdadeira, sempre usa um INDICATIVO PERFEITO ou PARTICÍPIO e usualmente a prótase é introduzida por:
 - (1) *'im*
 - (2) *ki* (ou *'asher*)
 - (3) *hin* ou *hinneh*
 - b. O contrário à condição de fato sempre usa um VERBO PERFEITO ou um PARTICÍPIO *lu* ou *lule*
 - c. A condição mais provável sempre usa um VERBO IMPERFEITO ou PARTICÍPIO na prótase, usualmente *'im* ou *ki* são usados como PARTÍCULAS introdutórias.
 - d. A condição menos provável usa SUBJUNTIVOS IMPERFEITOS na prótase e sempre usa *'im* como uma PARTÍCULA introdutória.

DEFINIÇÕES DAS FORMAS GRAMATICAIS GREGAS QUE CAUSAM IMPACTO NA INTERPRETAÇÃO

O Grego Koiné, com frequência chamado grego helenístico, não era a língua comum do mundo Mediterrâneo iniciado com a conquista de Alexandre o Grande (336-323 A.C) e que durou cerca de oito séculos (300 A.C. – 500 D.C). Não era simplesmente um grego clássico simplificado, mas em muitos casos uma nova forma de Grego que se tornou a segunda língua do mundo do Antigo Oriente Próximo.

O Grego do Novo Testamento era único em muitos sentidos porque seus usuários, exceto Lucas e o autor de Hebreus, provavelmente usaram Aramaico como sua língua primária. Portanto, seus escritos eram influenciados pelos idiomas e formas estruturais do Aramaico. Também, eles citam e leem a Septuaginta (tradução grega do AT) que era também escrita em Grego Koiné. Mas a Septuaginta era também escrita por judeus acadêmicos de quem a língua mãe não era o Grego.

Isto serve como um lembrete que não podemos empurrar o Novo Testamento numa estrutura gramatical apertada. Isto é único e ainda tem muito em comum com (1) a Septuaginta; (2) escritos judeus tais como o escrito de Josefo; e (3) o papiro encontrado no Egito. Como então abordamos uma análise gramatical do Novo Testamento?

As características gramaticais do Grego Koiné e do Novo Testamento Grego Koiné são fluentes. De muitos modos era um tempo de simplificação da gramática. O contexto será nosso guia principal. As palavras somente têm significado em um contexto largo, portanto, a estrutura gramatical só pode ser entendida à luz de (1) um estilo a um autor particular; e (2) um contexto particular. As definições conclusivas das formas e estruturas gregas são possíveis.

O Grego Koiné era primariamente uma língua VERBAL. Com frequência a chave para interpretação é o tipo e forma dos VERBOS. Em muitas orações principais o VERBO ocorrerá primeiro, mostrando sua preeminência. Analisando o VERBO grego, três peças de informação devem ser notadas: (1) a ênfase básica do TEMPO, VOZ, e MODO (acidente ou morfológico); (2) o significado básico de um VERBO particular (lexicografia); e (3) o fluxo do contexto (sintaxe).

I. TEMPO

- A. O TEMPO ou aspecto envolve o relacionamento dos VERBOS com a ação completa ou incompleta. Isso com frequência é chamado “perfeito” ou “imperfeito.”
 - 1. TEMPOS perfeitos focam na ocorrência de uma ação. Nenhuma informação adicional é dada, exceto que algo aconteceu! O começo da ação, sua continuidade ou clímax não são tratados.
 - 2. TEMPOS imperfeitos focam no processo contínuo de uma ação. Ele pode ser descrito em termos de uma ação linear, durativa, progressiva, etc.

- B. TEMPOS podem ser categorizados por como o autor vê a ação como progredindo:
 - 1. Ela ocorreu – AORISTO
 - 2. Ela ocorreu e os resultados permanecem – PERFEITO
 - 3. Ela aconteceu no passado, mas os resultados permaneceram, mas não agora – MAIS QUE PERFEITO
 - 4. Ela está ocorrendo – PRESENTE
 - 5. Ela estava ocorrendo – IMPERFEITO
 - 6. Ela ocorrerá – FUTURO

Um exemplo concreto de como estes tempos ajudarão na interpretação será o termo “salvo”. Ele era usado em muitos diferentes tempos para mostrar tanto o seu processo quanto seu clímax:

1. AORISTO – “salvo” (cf. Rm 8.24)
2. PERFEITO – “tem sido salvo e o resultado continua” (cf. Ef 2:5, 8)
3. PRESENTE – “sendo salvo” (cf. 1 Co 1:18; 15:2)
4. FUTURO – “será salvo” (cf. Rm 5:9, 10; 10:9)

C. Focando nos TEMPOS VERBAIS, os intérpretes olham para a razão pela qual o autor original escolheu se expressar em um determinado tempo. O padrão de tempo “sem frescuras” era o AORISTO. Ele era a forma verbal “não especificada”, “desmarcada”, ou “não sinalizada”. Ela pode ser usada em uma grande variedade de modos que o contexto deve especificar. Ele simplesmente está declarando que algo ocorreu. O aspecto do tempo passado é somente tencionado no MODO INDICATIVO. Se outro TEMPO é usado, algo mais específico estava sendo enfatizado. Mas o quê?

1. TEMPO PERFEITO. Ele fala de uma ação completada com resultados permanentes. Em alguns casos, é uma combinação do AORISTO e TEMPOS PRESENTES. Usualmente o foco é sobre os resultados permanentes ou o completar de um ato. Exemplo: Ef. 2.5 e 8, “você tem sido salvo e continua a ser salvo.”
2. TEMPO MAIS QUE PERFEITO. Este é como o PERFEITO, exceto que os resultados permanentes cessaram. Exemplo: “Pedro estava da parte de fora, à porta” (João 18.16)
3. TEMPO PRESENTE. Ele fala de uma ação incompleta ou imperfeita. O foco é usualmente sobre a continuidade do evento. Exemplo: “Todo aquele que permanece nele não vive pecando” (1 João 3.6,9)
4. TEMPO IMPERFEITO. Neste tempo, o relacionamento com o TEMPO PRESENTE é análogo ao relacionamento entre o PERFEITO e o MAIS QUE PERFEITO. O IMPERFEITO fala de uma ação incompleta que estava ocorrendo mas tem agora cessado ou o começo de uma ação no passado. Exemplo: “Então saíam a ter com ele em Jerusalém” ou “então começou a sair para ter com ele toda Jerusalém” (Mt 3.5).
5. TEMPO FUTURO. Ele fala de uma ação que era usualmente projetada em uma estrutura de tempo futuro. Ela foca no potencial para uma ocorrência em vez de numa ocorrência atual. Com frequência fala de uma certeza do evento. Exemplo: “Bem-aventurados são... eles serão...” (Mt 5.4-9).

II. VOZ

- A. VOZ descreve o relacionamento entre a ação do VERBO e seu SUJEITO.
- B. A VOZ ATIVA era o modo normal, esperado, não enfatizado por que o SUJEITO realizava a ação do VERBO.
- C. A VOZ PASSIVA significava que o SUJEITO estava recebendo a ação do VERBO produzida por um agente de fora. O agente de fora era indicado no NT Grego pelas seguintes PREPOSIÇÕES e CASOS:
 1. Um agente pessoal direto por *hupo* com o CASO ABLATIVO (cf. Mt 1.22; At 22.30).
 2. Um agente intermediário pessoal por *dia* com o CASO ABLATIVO (cf. Mt 1:22)
 3. Um agente impessoal usualmente por *en* com o CASO INSTRUMENTAL.
 4. Algumas vezes um agente pessoal ou impessoal por CASO INSTRUMENTAL somente.
- D. A VOZ MEDIANA significa que o sujeito produz a ação do VERBO e está também diretamente envolvido na ação do VERBO. Ela é com frequência chamada voz intensificada do interesse pessoal. Esta construção enfatiza o sujeito da oração ou a sentença em algum modo. Esta construção não é

encontrada no português. Ela tem uma vasta possibilidade de significados e traduções em grego.

Alguns exemplos da forma são:

1. REFLEXIVA – a ação direta do SUJEITO em si mesmo. Exemplo: “Enforcou-se” (Mt 27.5).
2. INTENSIVO – O SUJEITO produz a ação para si mesmo. Exemplo: “Satanás a si mesmo se disfarça em anjo de luz” (2 Co 11.14).
3. RECÍPROCO – a ação recíproca de dois sujeitos. Exemplo: “E deliberaram...” (Mt 26.4)

III. MODO

- A. Há quatro MODOS no Grego Koiné. Eles indicam a relação do VERBO com a realidade, pelo menos na própria mente do autor. Os MODOS são divididos em duas grandes categorias: aqueles que indicam realidade (INDICATIVO) e aqueles que indicam potencialidade (SUBJUNTIVO, IMPERATIVO E OPTATIVO).
- B. O MODO INDICATIVO era o modo normal para expressar ação que tinha ocorrido ou estava ocorrendo, ao menos na mente do autor. Era o único modo grego que expressava um tempo definitivo, e mesmo aqui este aspecto era secundário.
- C. O MODO SUBJUNTIVO expressava provavelmente ação futura. Algo ainda não tinha acontecido, mas as chances eram como se fosse. Tinha muito em comum com o FUTURO DO INDICATIVO. A diferença era que o SUBJUNTIVO expressava algum grau de dúvida. Em Português isto é com frequência expressado por termos como “poderia”, “iria”, “pode”, “deve.”
- D. O MODO OPTATIVO expressava um desejo que era teoricamente possível. Era considerado um passo a mais da realidade, mais do que o SUBJUNTIVO. O OPTATIVO expressava a possibilidade sobre certas condições. O OPTATIVO era raro no Novo Testamento. Seu uso mais frequente é na famosa frase de Paulo, “De maneira nenhuma” (RA), usada quinze vezes (cf. Rm. 3:4,6, 31; 6:2, 15; 7:7, 13; 9:14; 11:1, 11; I Co. 6:15; Gl. 2:17; 3:21; 6:14). Outros exemplos são encontrados em Lucas 1:38, 20:16, Atos 8:20, e 1 Ts 3:11.
- E. O MODO IMPERATIVO enfatiza um mandamento que era possível, mas a ênfase era sobre a intenção do orador. Afirmava somente a possibilidade volitiva e era condicionado sobre as escolhas de outro. Havia um uso especial do IMPERATIVO em orações e pedidos na terceira pessoa. Estes mandamentos eram encontrados somente no PRESENTE e o TEMPO AORISTO no NT.
- F. Alguns gramáticos categorizam PARTICÍPIOS como outro tipo de MODO. Eles eram comuns no NT Grego, usualmente definidos como ADJETIVO VERBAL. Eles eram traduzidos em conjunção com o principal VERBO com que se relacionava. Uma grande variedade era possível na tradução de PARTICÍPIOS. É melhor consultar diversas traduções. O *The Bible in Twenty Six Translations*, publicado por Baker, é de grande ajuda.
- G. O INDICATIVO ATIVO AORISTO, era o modo normal ou “não acentuado” de registrar uma ocorrência. Qualquer outro TEMPO, VOZ, ou MODO tinha algum significado interpretativo específico que o autor original queria comunicar.

IV. Ferramentas de Pesquisa no Grego (para a pessoa não familiarizada com o Grego, o manual que segue irá providenciar as informações necessárias).

- A. Friberg, Barbara e Timothy. *Analytical Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker, 1988.
- B. Marshall, Alfred. *Interlinear Greek-English New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1976.

- C. Mounce, William D. *The Analytical Lexicon to the Greek New Testament* Grand Rapids: Zondervan, 1993.
- D. Summers, Ray. *Essentials of New Testament Greek*. Nashville: Broadman, 1950.
- E. Cursos acadêmicos reconhecidos de Grego Koiné são fornecidos por correspondência, pelo Moody Bible Institute em Chicago.

V. NOMES

- A. Sintaticamente, nomes são classificados por CASO. CASO era a forma flexionada de um NOME que mostrava seu relacionamento com o VERBO e outras partes da sentença. No Grego Koiné, muitas das funções desses CASOS eram indicadas por PREPOSIÇÕES. Visto que o CASO conseguia identificar vários relacionamentos diferentes, as PREPOSIÇÕES eram desenvolvidas para dar separação clara a estas possíveis funções.
- B. CASOS gregos são classificados pelas oito maneiras seguintes:
 1. O CASO NOMINATIVO, era usado para nomear e usualmente era o SUJEITO da sentença ou oração. Era também usado para NOMES PREDICATIVOS e ADJETIVOS com os VERBOS conectivos “ser” ou “tornar-se.”
 2. O CASO GENITIVO era usado para descrição e usualmente atribuía um atributo ou qualidade para a palavra à qual era relacionado. Respondia a questão, “que tipo?”, o que frequentemente era expressado pelo uso da preposição em português “de.”
 3. O CASO ABLATIVO usava a mesma forma flexionada como o GENITIVO, mas era usado para descrever separação. Usualmente denota separação de um ponto de tempo, espaço, fonte, origem ou grau. Ele com frequência era expressado pelo uso da preposição “de”.
 4. O CASO DATIVO era usado para descrever interesse pessoal. Este poderia denotar um aspecto positivo ou negativo. Com frequência este era o OBJETO INDIRETO, geralmente expresso pela preposição “para”.
 5. O CASO LOCATIVO, era a mesma forma flexionada que o DATIVO, mas ele descreve posição ou locação no espaço, tempo ou limites lógicos. Frequentemente expresso pelas preposições “em, sobre, entre, durante, para e ao lado”.
 6. O CASO INSTRUMENTAL era a mesma forma flexionada como os casos DATIVO e LOCATIVO. Ele expressava meios ou associação. Geralmente expresso pela preposição em Português, “de” ou “com”.
 7. O CASO ACUSATIVO era usado para descrever a conclusão de uma ação. Ele expressava limitação. Seu principal uso era o OBJETO DIRETO. Ele respondia a questão: “A que distância?” ou “a que extensão?”.
 8. O CASO VOCATIVO era usado para assuntos diretos.

VI. CONJUNÇÕES E CONECTORES

- A. O grego é uma língua muito precisa, pois tem muitos conectivos. Eles conectam pensamentos (orações, sentenças e parágrafos). São tão comuns, que sua ausência (assíndeto) é frequentemente significativa do ponto de vista exegético. Na realidade, essas conjunções e conectores mostram a direção do pensamento do autor. São cruciais para determinar o que ele de fato está tentando comunicar.
- B. Aqui está uma lista de algumas conjunções e conectores e seus significados (esta informação foi reunida em grande parte do livro de H. E. Dana e Julius Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament*).
 1. Conectores de tempo
 - a. *epei, epeid e, hopote, hos, hote, hotan* (SUBJ.) – “quando”

- b. *heos* – “enquanto”
 - c. *hotan, epan* (SUBJ.) – “quando quer que”
 - d. *heos, achri, mechri* (SUBJ.) – “até”
 - e. *priv* (INFIN.) – “antes”
 - f. *hos* – “desde”, “quando,” “como”
2. Conectores de lógica
- a. Propósito
 - (1) *hina* (SUBJ.), *hopos* (SUBJ.), *hos* – “a fim de que”, “que”
 - (2) *hoste* (ARTICULAÇÃO ACUSATIVA INFINITIVA) – “que”
 - (3) *pros* (ARTICULAÇÃO ACUSATIVA INFINITIVA) ou *eis* (ARTICULAÇÃO ACUSATIVA INFINITIVA) – “que”
 - b. Resultado (há uma aproximação entre as formas gramaticais de propósito e resultado)
 - (1) *hoste* (INFINITIVO, esta é a mais usada) – “de modo que”, “portanto”
 - (2) *hiva* (SUBJ.) – “para que”
 - (3) *ara* – “então”
 - c. Causal ou razão
 - (1) *gar* (causa/efeito ou razão/conclusão) – “para”, “porque”
 - (2) *dioti, hotiy* – “porque”
 - (3) *epei, epeide, hos* – “desde”
 - (4) *dia* (com ACUSATIVO) e (com ARTICULAÇÃO INFINITIVA) – “porque”
 - d. Inferencial
 - (1) *ara, poinun, hoste* – “portanto”
 - (2) *Dio* (CONJUNÇÃO INFERENCIAL mais forte) – “por conseguinte”, “portanto”
 - (3) *oun* – “portanto”, “então”, “consequentemente”
 - (4) *toinoun* – “concordemente”
 - e. Adversativo ou contraste
 - (1) *alla* (ADVERSATIVA mais forte) – “mas”, “exceto”
 - (2) *de* – “mas,” “contudo,” “ainda,” “por outro lado”
 - (3) *kai* – “mas”
 - (4) *mentoi, oun* – “contudo”
 - (5) *plen* – “não menos que” (mais usada em Lucas)
 - (6) *oun* – “contudo”
 - f. Comparação
 - (1) *hos, kathos* – (introduz cláusulas comparativas)
 - (2) *kata* – (em compostos, *kathos, kathoti, kathosper, kathaper*)
 - (3) *hosos* – (em Hebreus)
 - (4) *e* – “então”
 - g. Continuativa ou séries
 - (1) *de* – “e,” “agora”
 - (2) *kai* – “e”
 - (3) *tei* – “e”
 - (4) *hina, oun* – “que”
 - (5) *oun* – “então” (em João)
3. Usos enfáticos
- a. *alla* – “certamente,” “sim,” “de fato”
 - b. *ara* – “de fato,” “certamente,” “realmente”
 - c. *gar* – “mas realmente,” “certamente,” “de fato”

- d. *de* – “de fato”
- e. *ean* – “ainda”
- f. *kai* – “ainda,” “realmente,”
- g. *mentoi* – “de fato”
- h. *oun* - “realmente,” “de toda maneira”

VII. SENTENÇAS CONDICIONAIS

- A. Uma SENTENÇA CONDICIONAL é aquela que contém uma ou mais CLÁUSULAS CONDICIONAIS. Essa estrutura gramatical auxilia a interpretação porque provê as condições, razões ou causas pelas quais a ação do VERBO principal ocorre ou não. Há quatro tipos de SENTENÇAS CONDICIONAIS. Eles se movem daquilo que supostamente era verdade na perspectiva do autor ou seu propósito, para aquilo que era apenas um desejo.
- B. A SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE expressa ação ou o começo que parecia ser verdadeiro da perspectiva do autor ou para seus propósitos, mesmo se fosse expressa por um “se”. Em muitos contextos, isso pode ser traduzido por “desde” (cf. Mt 4.3; Rm 8.31). Contudo, isso não implica que todas as sentenças de primeira classe são fiéis à realidade. Com frequência são usadas para pontuar um argumento ou sublinhar uma falácia (cf. Mt 12.27).
- C. SENTENÇA CONDICIONAL DE SEGUNDA CLASSE é com frequência chamada de “contrária ao fato”. Ela declara algo que não correspondia à realidade. Exemplos:
1. “Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora.” (Lucas 7.39, ACF)
 2. “Porque, se vós crêsseis em Moisés, crerieis em mim; porque de mim escreveu ele.” (João 5.46, ACF). Veja também, João 4.10; 8.19,39,42; 9.33,41; 11.21,32; 14.2,11,28; 15.19; 19.11.
 3. “Porque, persuado eu agora a homens ou a Deus? ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo.” (Gálatas 1.10, ACF)
- D. A TERCEIRA CLASSE fala de ação futura possível. Com frequência assume a probabilidade daquela ação. Usualmente implica contingência. A ação do verbo principal é contingente na ação na cláusula “se”. Exemplos em 1 João: 1.6-10; 2.4,6,9,15,20,21,24,29; 3.21; 4.20; 5.14,16
- E. A QUARTA CLASSE é a mais distante da possibilidade. É rara no NT. Na verdade, não há sentença condicional de quarta classe na qual ambas as partes da condição encaixem a definição. Encontramos um exemplo dessa QUARTA CLASSE parcial na cláusula de conclusão em Atos 8.31.

VIII. PROIBIÇÕES

- A. O IMPERATIVO PRESENTE com PARTICÍPIO MÊ, com frequência (mas não exclusivamente) tem a ênfase de parar uma ação ainda em processo. Alguns exemplos: “Não acumuleis tesouros na terra...” (Mt 6.19); “Não andeis ansiosos pela vossa vida...” (Mt 6.25); “não oferecereis os vossos corpos como instrumentos da injustiça...” (Rm 6.13); “Não entristeçais o Espírito Santo...” (Ef 4.30); e “não vos embriagueis com vinho...” (5.18).
- B. O SUBJUNTIVO AORISTO com o PARTICÍPIO MÊ, tem a ênfase de “não ter ainda começado um ato.” Alguns exemplos: “Não penseis que...” (Mt 5.17); “não andeis ansiosos...” (Mt 6.31); “não te envergonhes...” (II Tim 1.8).

- C. O DUPLO NEGATIVO com o MODO SUBJUNTIVO é uma negação muito enfática. “Nunca, jamais” ou “sob nenhuma circunstância.” Alguns exemplos: “nunca verá a morte” (João 8.51); “nunca mais...” (1 Co 8.13).

IX. O ARTIGO

- A. No Grego Koiné, o ARTIGO DEFINIDO “que” tem um uso similar no Português. Sua função básica é de “fazer uma ponte,” um meio de chamar atenção para uma palavra, nome ou frase. O uso varia de autor para autor no Novo Testamento. O ARTIGO DEFINIDO pode também funcionar como:
1. Instrumento de contraste como PRONOME DEMONSTRATIVO
 2. Como um sinal para referir-se a uma pessoa ou SUJEITO introduzido previamente
 3. Como um meio de identificar o SUJEITO numa sentença com um VERBO DE LIGAÇÃO.
Exemplos: “Deus é Espírito” João 4.24; “Deus é luz” 1 João 1.5; “Deus é amor” 4.8,16.
- B. O Grego Koiné não tinha um ARTIGO INDEFINIDO como o Português “um” ou “uma”. A ausência do ARTIGO DEFINIDO pode significar:
1. Foco nas características ou qualidade de algo
 2. Foco na categoria de algo

X. MODOS DE DEMONSTRAR ÊNFASE NO GREGO DO NOVO TESTAMENTO

- A. As técnicas de demonstrar ênfase variam de autor para autor no Novo Testamento. Os escritores mais formais e consistentes foram Lucas e o autor de Hebreus.
- B. Já temos dito antes que o INDICATIVO ATIVO AORISTO era o padrão para ênfase, mas qualquer outro TEMPO, VOZ ou MODO tinha um significado interpretativo. Isto não implica que o INDICATIVO ATIVO AORISTO não era usado com frequência em um sentido gramatical significativo. Exemplo: Rm 6.10 (duas vezes).
- C. Ordem das palavras no Grego Koiné
1. O Grego Koiné era uma língua flexionada que não era dependente da ordem das palavras (como é no Português). Portanto, o autor podia variar a ordem normal esperada, a fim de mostrar:
 - a. O que o autor queria enfatizar para o leitor
 - b. O que o autor acreditava ser impressionante para o leitor
 - c. O que o autor sentia profundamente
 2. A ordem normal das palavras no Grego Koiné é ainda uma questão incerta. Contudo a ordem normal presumível era:
 - a. Para VERBOS DE LIGAÇÃO
 - (1) VERBO
 - (2) SUJEITO
 - (3) COMPLEMENTO
 - b. Para VERBOS TRANSITIVOS
 - (1) VERBO
 - (2) SUJEITO
 - (3) OBJETO
 - (4) OBJETO INDIRETO

- (5) FRASE PREPOSICIONAL
 - c. Para FRASES NOMINAIS
 - (1) NOME
 - (2) MODIFICADOR
 - (3) FRASE PREPOSICIONAL
 - 3. A ordem das palavras pode ser um ponto exegético extremamente importante. Exemplos:
 - a. “deram-nos as destros, em comunhão comigo e com Barnabé” (Gl 2.9). A frase “deram-nos as destros de comunhão” é posta no início para mostrar sua significância.
 - b. “com Cristo” (Gl 2.20), foi colocada primeiro. Sua morte é central.
 - c. “falado muitas vezes, e de muitas maneiras” (Hb 1.1), foi colocada primeiro. Era como Deus havia revelado a Si mesmo que estava sendo contrastado, não o fato da revelação.
- D. Geralmente algum grau de ênfase era mostrado por:
1. Repetição do PRONOME que esta presente na forma flexionada do VERBO. Exemplo: “E eis que estou convosco...” (Mt 28.20).
 2. A ausência de uma CONJUNÇÃO esperada, ou outro instrumento de conexão entre as palavras, frases, cláusulas, ou sentenças. Isto chama-se assíndeto (“não limitado”). O instrumento de conexão era esperado, por isso sua ausência deve chamar atenção. Exemplos:
 - a. As bem-aventuranças, Mt. 5.3 vss (ênfatiza a lista)
 - b. João 14.1 (novo tópico)
 - c. Romanos 9.1 (nova seção)
 - d. 2 Co 12.20 (ênfatiza a lista)
 3. A repetição de palavras ou frases presentes num dado contexto. Exemplos: “para louvor da Sua glória” (Ef 1.6, 12, 14). Esta frase era usada para mostrar a obra de cada pessoa da Trindade.
 4. O uso de um idioma ou jogo de palavras (som) entre termos.
 - a. Eufemismos – substituem palavras por assuntos difíceis, como “dormir” por “morte” (João 11.11-14) ou “pés” por genitália feminina (Rt 3.7-8; 1 Sm 24.3).
 - b. Circunlóquios – palavras substitutivas para o nome de Deus, como “Reino dos céus” (Mt 3.21) ou “uma voz vinda do céu” (Mt 3.17).
- c. FIGURAS DE LINGUAGEM
- (1) exageros impossíveis (Mt 3.9; 5.29-30; 19.24).
 - (2) amenas ao longo de declarações (Mt 3.5; At 2.36).
 - (3) personificações (1 Co 15.55).
 - (4) Ironia (Gl 5.12)
 - (5) passagens poéticas (Fp 2.6-11)
 - (6) jogo de som entre palavras
 - (a) “igreja”
 - i. “igreja” (Ef 3.21)
 - ii. “chamado” (Ef 4.1,4)
 - iii. “chamados” (Ef 4.1,4)
 - (b) “livre”
 - i. “mulher livre” (Gl 4.31)
 - ii. “liberdade” (Gl 5.1)
 - iii. “livre” (Gl 5.1)
- d. Linguagem idiomática – linguagem que é usualmente cultural e linguagem específica:
- (1) Este era o uso figurativo de “comida” (João 4.31-34).

- (2) Este era o uso figurativo de “Templo” (João 2.19; Mt 26.61).
 - (3) Este era a expressão hebraica de compaixão, “ódio” (Gn 29.31; Dt 21.15; Lc 14.36; Jo 12.25; Rm 9.13).
 - (4) “Todo” versus “muitos”. Compare Is. 53.6 (“todo”) com 53.11 e 12 (“muitos”). Os termos são sinônimos como Rm 5.18 e 19 mostram.
 - 5. O uso de uma completa frase linguística no lugar de uma palavra simples. Exemplo: “O Senhor Jesus Cristo.”
 - 6. O uso especial de *autos*
 - a. Quando com o ARTIGO (posição atributiva) ele é traduzido como “mesmo.”
 - b. Quando sem o ARTIGO (posição predicativa) ele é traduzido como um PRONOME REFLEXIVO INTENSIVO – “ele mesmo”, “ela mesma.”
- E. O estudante não familiarizado com o Grego pode identificar ênfase de várias maneiras:
- 1. O uso de um léxico analítico e um texto interlinear grego/português.
 - 2. A comparação com diferentes traduções no português, particularmente de diferentes teorias de tradução. Exemplo: comparar uma tradução ‘palavra por palavra’ (ACF, ARA, ARC, ARSMT, ARC, AS21) com uma de ‘equivalência dinâmica’ (NTLH, BV, NVI). Uma boa ajuda seria *The Bible in Twenty-Six Translations*, publicado por Baker.
 - 3. O uso de *The Emphasized Bible*, de Joseph Bryant Rotherham (Kregel, 1994).
 - 4. O uso de uma tradução bastante literal
 - a. Almeida Corrigida Fiel

O estudo da gramática é entediante mas necessário para uma interpretação adequada. Estas breves definições, comentários e exemplos objetivam encorajar e equipar leitores não estão familiarizados com o grego a usar os recursos gramaticais dados neste volume. Certamente estas definições são simplificadas. Elas não deve ser usadas de uma maneira dogmática e inflexível, mas como pontes para uma compreensão mais profunda da sintaxe grega. Aliás, estas definições irão ser muito úteis para capacitá-lo a entender os comentários de outras ferramentas de estudo, como os comentários técnicos do Novo Testamento.

Devemos estar aptos a verificar nossa interpretação com base em itens de informação encontrados nos textos da Bíblia. A gramática é um dos mais úteis destes itens; outros itens irão incluir, contexto histórico, contexto literal, uso contemporâneo de palavras, e passagens paralelas.

EXEMPLO DE FOLHA DE TRABALHO EM ROMANOS 1-3

I. Primeira Leitura

- A. O propósito abrangente: Como o homem pode ser justo diante de Deus, tanto inicialmente quanto no decorrer da vida?
- B. O tema-chave, 1.16-17
- C. O gênero literário: carta

II. Segunda Leitura

- A. As unidades literárias maiores
 - 1. 1.1-17
 - 2. 1.18-3.21
 - 3. 4.1-5.21
 - 4. 6.1-8.39
 - 5. 9.1-11.36
 - 6. 12.11-15.37
 - 7. 16.1-27
- B. Sumário das principais unidades literárias
 - 1. Introdução e tema, 1.1-17
 - 2. A perdição de todos os homens, 1.18 - 3:21
 - 3. Justificação é um dom, 4.1-5.21
 - 4. Justificação é um estilo de vida, 6.1- 8.39
 - 5. O relacionamento dos judeus com a justificação, 9.1 - 11.36
 - 6. Como vivenciar a justificação na vida diária, 12.1 - 15.37
 - 7. Saudações finais e advertências, 16.1-27

III. Terceira Leitura

- A. Informações internas sobre o contexto histórico
 - 1. Autor
 - a. Paulo, 1.1
 - b. Escravo servo de Cristo Jesus, 1.1
 - c. Um Apóstolo, 1.1, 5
 - d. Aos Gentios, 1.5,14
 - 2. Data
 - a. Depois da conversão e chamado de Paulo, 1.1
 - b. Depois do começo da igreja em Roma e sua influência para o crescimento, 1.8
 - 3. Recipientes
 - a. Santos, 1.7
 - b. Em Roma, 1.7
 - 4. Ocasão
 - a. Sua fé é muito conhecida, 1.8
 - b. Paulo ora com frequência por eles, 1.9-10

- c. Paulo quer pessoalmente conhecê-los, 1.9-10
 - d. Paulo quer compartilhar dons espirituais com eles, 1.11,15
 - e. Seu encontro irá encorajá-los, 1.12
 - f. Paulo foi impedido de vir, 1:13
5. Contexto Histórico
- a. Escrito para a igreja na capital do Império Romano.
 - b. Aparentemente Paulo nunca esteve lá, 1.1-13.
 - c. Aparentemente o Império Romano, e particularmente a própria Roma, era muito imoral e idólatra, 1.11 vss.
 - (1) Ídolos, 1.21-23
 - (2) Homossexualidade, 1.26-27
 - (3) Mente depravada, 1.28-31
 - d. Aparentemente havia uma grande população judia em Roma, 2.17 – 2.31; 9-11 (possivelmente um crescimento difícil entre crentes gentios e judeus).

B. Várias Divisões de Parágrafo

ARA (Formal)	TRADUÇÃO BRASILEIRA (formal)	NTLH (Dinâmica)
Primeira unidade 1.1-7 1.8-15 1.16-17	Primeira unidade 1.1-7 1.8-15 1.16-17	Primeira unidade 1.1-7 1.8-15 1.16-17
Segunda unidade 1.18-27 1.28-32 2.1-16 2.17-24 2.25-29 3.1-8 3.9-18 3.19-20 3.21-31	Segunda unidade 1.18-23 1.24-25 1.26-27 1.28-32 2.1-16 2.17-29 3.1-8 3.9-18 3.19-20 3.21-31	Segunda unidade 1.18-32 2.1-16 2.17-29 3.1-8 3.9-20 3.21-31

C. Esboço do conteúdo com sumários

1. Introdução e tema, 1.1-17
 - a. Introdução do autor, 1.1-2
 - b. Introdução dos destinatários, 1.3-7
 - c. Oração introdutória, 1.8-15
 - d. O tema, 1.16-17
2. A perdição de todos os homens, 1.18 - 3.:21

- a. Perdição dos pagãos vista em seus atos, 1.18-32
- b. Perdição dos judeus vista em seus atos, 2.1-11
- c. A esperança nacional, 2.12 – 3.8
 - (1) Sua Lei não os livrará, 2.25-29
 - (2) Sua circuncisão não os livrará, 2.25-29
 - (3) Sua herança não os livrará, 3.1-8
- d. A perdição de todos os homens, 3.9-20
- e. A esperança de todos os homens, 3.21-31

IV. Quarta leitura (exemplo, 1.1-3.21, texto foco apenas)

A. Lista especializada

1. (Embora este exemplo seja limitado a 1.1-3.21, um bom exemplo de listas especiais encontramos no termo “portanto”, 2.1; 5.1; 8.1; 12.1, que é usado como um meio de sumarizar o fluxo do pensamento de Paulo.)
2. Uso de “evangelho”
 - a. 1.1, separados do evangelho de Deus
 - b. 2.9, o evangelho do Seu Filho
 - c. 1.15, pregar o evangelho
 - d. 1.16, não me envergonho do evangelho
 - e. 2.16, de acordo com o meu evangelho
[dessa lista e contexto temos muito mais acerca do evangelho]
3. Referências à ira de Deus e julgamento
 - a. 1.18, ira de Deus
 - b. 1.24, 26, 28, Deus os entregou
 - c. 2.1, o julgamento de Deus cai sobre aqueles que praticam tais coisas
 - d. 2.3, o julgamento de Deus
 - e. 2.5-6 (ambos os versículos)
 - f. 2.12, irá perecer
 - g. 2.16, o dia... Deus irá julgar os segredos dos homens
 - h. 3.6, Deus irá julgar o mundo

B. Palavras-Chave ou frases

1. 1.1, apóstolo
2. 1.1, evangelho de Deus
3. 1.4, Filho de Deus
4. 1.5, graça... fé
5. 1.6, o chamado
6. 1.7, santos
7. 1.11, dom espiritual... algum fruto (v.13)
8. 1.16, salvação
9. 1.17, justiça
10. 1.18, ira de Deus... julgamento de Deus (2.2)
11. 2.4, arrependimento
12. 2.7, imortalidade, vida eterna

13. 2.12, a Lei
14. 2.15, consciência
15. 3.4, justificado
16. 3.24, redenção
17. 3.25, propiciação

C. Passagens Difíceis

1. Textual do tradução difícil
 - 1:4, “Espírito de santidade” ou “espírito de santidade”
2. É adequada tradução de Habacuque 2.4 encontrada em Romanos 1.1-7?
3. Histórico
 - 2.21-23, “tu que pregas isto...” (quando, como e onde os judeus fizeram aquelas coisas?)
4. Teológico
 - a. 1.4, “... que foi declarado Filho de Deus...” (ou Jesus foi nascido divino?)
 - b. 2.14-15 (2.27), “Gentios que não têm a lei, instintivamente fazem as coisas da lei, têm a lei para si mesmos...” (E o que dizer daqueles que nunca ouviram a lei, mas vivem algo dela?)
 - c. 3.1, “Que vantagem tem o judeu?”

D. Paralelas Significativas

1. Mesmo livro
 - 1.18-3:21 é uma unidade literária
2. Mesmo autor
 - O livro de Gálatas expõe as mesmas verdades doutrinárias.
3. Mesmo período – sem passagens paralelas.
4. Mesmo Testamento – sem passagens paralelas.
5. Bíblia inteira – Paulo usa Habacuque 1.4. (ele irá lidar com categorias do AT no capítulo 4).

E. Unicidade Teológica

1. Revelação natural
 - a. Na criação, 1.18-23
 - b. Na consciência moral interior, 2.14-16
2. Toda humanidade está perdida

V. Aplicação (exemplo 1:1-3:21)

Esboço detalhado de conteúdo

- A. Introdução e tema (1.1-17)
1. Introdução do autor, 1.1-2
 2. Introdução dos destinatários, 1.3-7

Pontos de Aplicação

- A. A graça livre por Jesus Cristo é o chamado que tanto Paulo quanto os romanos têm crido e recebido.

3. Oração introdutória, 1.8-15
4. O tema, 1.16-17

Esta oferta é aberta a todos.

- B. A perdição de todos os homens, 1.18-3:21
1. Perdição dos pagãos vistas nos seus atos, 1.18-3:21
 2. Perdição dos judeus vista em seus atos, 2.1-11
 3. A esperança nacional, 2.12 – 3.8
 - a. Sua Lei não os livrará, 2:25-29
 - b. Sua circuncisão não os livrará, 2.25-29
 - c. Sua herança não os livrará, 3.1-8
 4. A perdição de todos os homens, 3.9-20
 5. A esperança de todos os homens, 3.21-31

- B. Todos os homens, religiosos ou não, só podem ser salvos por meio da obra consumada de Cristo, não por si mesmos.

A passagem de resumo principal de 1.18-3.31, é 3.21-30.

EXEMPLO DE PLANILHA EM TITO (o livro inteiro)

I. Primeira Leitura

- A. O propósito abrangente do livro é:
Durante o processo de estabelecimento de igrejas locais com seus líderes, a contínua necessidade de ortodoxia e ortopraxia é enfatizada.
- B. O tema-chave
 - 1. Estabelecimento de igrejas locais e líderes, 1:5
 - 2. Enfatizando a necessidade de :
 - a. Ortodoxia, 1.9-11, 14; 2.1
 - b. Ortopraxia, 1.16; 3.8
- C. O gênero literário: carta
 - 1. Abertura, 1:1-4
 - 2. Conclusão, 3:12-15

II. Segunda Leitura

- A. Principal unidade literária ou divisões de conteúdo:
 - 1. 1.14
 - 2. 1.5-9
 - 3. 1.10-16
 - 4. 2.1-10
 - 5. 2.10b-15
 - 6. 3.1-11
 - 7. 3.12-15
- B. Resumo dos temas das principais unidades literárias ou divisões de conteúdo:..
 - 1. Introdução da carta em estilo cristão padrão, 1.1-4
 - 2. Orientação para líderes, 1.5-9
 - 3. Orientação para determinar falsos ensinos, 1.10-16
 - 4. Orientação para crentes em geral, 2.1-10a.
 - 5. Bases teológicas para as diretrizes, 2.10b-15
 - 6. Orientações para aqueles que podem causar problemas, 3.1-11
 - 7. Encerramento da carta em estilo cristão padrão, 3.12-15

III. Terceira Leitura

- A. Informações internas sobre o contexto histórico do livro:
 - 1. Autor
 - a. Paulo, 1.1
 - b. Servo de Deus, 1.1
 - c. Apóstolo de Jesus Cristo, 1.1
 - 2. Data
 - a. Escrito para Tito, 1.4

- (1) Ele não é mencionado em Atos
 - (2) Ele aparentemente foi convertido e recrutado em uma das viagens missionárias de Paulo, Gl 2.1
 - (3) Ele era um gentil incircunciso, Gl 2.3
 - (4) Tornou-se ajudante de Paulo, 2 Co 2.13; 2 Tim 4.10; Tt 1.4.
- b. Paulo o deixou em Creta, 1.5
- (1) Uma vez que o itinerário das viagens nas Cartas Pastorais não coincide com a cronologia de Atos, esta é provavelmente a quarta viagem missionária de Paulo.
 - (2) Acredita-se que Paulo tenha sido libertado da prisão após o término do livro de Atos. Contudo, ele foi preso novamente e morto no tempo de Nero, que morreu em 68 D.C.
 - (3) Destinatário: o cooperador fiel de Paulo, Tito, mas também para ser lido por congregações locais.
 - (4) Ocasão: continuando o estabelecimento de igrejas locais na Ilha de Creta.
 - a. Estabelecendo presbíteros, 1.5
 - b. Refutando falsos mestres, 1.9-11, 14-16; 3.9-11
 - c. Encorajando os fiéis

B. Várias divisões de parágrafo

TRADUÇÃO BRASILEIRA	ARA (formal)	NTLH (dinâmica)	Bíblia de Jerusalém
1.1-4 1.5-9 1.10-16	1.1-4 1.5-9 1.10-16	1.1-4 1.5-16	1.1-4 1.5-9 1.10-16
2.1-15	2.1-10 2.11-15	2.1-15	2.1-10 2.11-15
3.1-11 3.12-14 3.15	3.1-11 3.12-15	3.1-11 3.12-15	3.1-7 3.8-11 3.12-15

1. Resumos de várias traduções:
 - a. Bíblia de Jerusalém
 - (1) Unidade 1, “endereço,” 1-4
 - (2) Unidade 2, “instituição dos presbíteros,” 1.5-9
 - (3) Unidade 3, “luta contra os falsos doutores,” 1.10-16
 - (4) Unidade 4, “deveres particulares de certos fiéis,” 2.1-10
 - (5) Unidade 5, “fundamento dogmático dessas recomendações,” 2.11-15
 - (6) Unidade 6, “deveres gerais dos fiéis,” 3.1-7
 - (7) Unidade 7, “conselhos especiais a Tito,” 3.8-11
 - (8) Unidade 8, “recomendações práticas. Saudações e voto final,” 3.12-15
 - b. Nova Tradução na Linguagem de Hoje NTLH

- (1) Unidade 1, “saudação,” 1.1-4
- (2) Unidade 2, “responsabilidade dos dirigentes da Igreja,” 1.5-16
- (3) Unidade 3, “a doutrina verdadeira,” 2.1-15
- (4) Unidade 4, “a maneira de agir dos cristãos,” 3.1-11
- (5) Unidade 5, “últimas recomendações,” 3.12-15

c. Almeida Revista e Atualizada ARA

- (1) Unidade 1, “prefácio e saudação,” 1.1-4
- (2) Unidade 2, “deveres e qualificações dos ministros,” 1.5-9
- (3) Unidade 3, “os falsos mestres e as falsas doutrinas,” 1.10-16
- (4) Unidade 4, “os deveres das várias classes de pessoas,” 2.1-10
- (5) Unidade 5, “os gloriosos benefícios da graça salvadora,” 2.11-15
- (6) Unidade 6, “a obediência às autoridades,” 3.1-11
- (7) Unidade 7, “as recomendações particulares,” 3.12-15

C. Resumos de divisões de parágrafos

1. Introdução cristã às cartas , 1.1-4

a. De quem, 1.1a

- (1) Paulo
- (2) Um escravo de Deus
- (3) Um apóstolo de Jesus Cristo

b. Por quê, 1.1b-3

- (1) Para simular a fé
- (2) Para guiá-los ao pleno conhecimento
 - (a) Na esperança da vida eterna que Deus prometeu
 - (b) No devido tempo, Deus faz conhecido
 - (c) Por meio da mensagem confiada a Paulo pelo mandamento de Deus

c. A quem, 1.4a

- (1) A Tito
- (2) Meu genuíno filho na fé

d. Oração, 1.4b

- (1) Bênção espiritual
- (2) Paz
- (3) De onde:
 - (a) Deus nosso Pai
 - (b) Cristo Jesus nosso Salvador

2. Orientações para líderes, 1.5-9

- a. Sobre repreensão, 1.6,7
- b. Uma só esposa
- c. Filhos obedientes
- d. Não acusados de vida descuidada
- e. Não acusados de desobediência
- f. Não obstinado
- g. Não mau-humorado

- h. Não dado a vinho forte
 - i. Não briguento
 - j. Não envolvido com ganhos desonestos
 - k. Hospitaleiro
 - l. Amante do bem
 - m. Sensível
 - n. De conduta séria
 - o. Vida pura
 - p. Autocontrole
 - q. Apegado à mensagem fiel
 - r. Competente para encorajar outros com ensino salutar
 - s. Competente para convencer os que se opõem e ele (2.15)
 - t.
3. Orientações para determinar o falso ensino, 1.10-16
- a. Insubordinação
 - b. Meros falantes sem nada a dizer
 - c. Enganadores das suas próprias mentes
 - d. Elementos judaicos
 - (1) Circuncisão, 1.10
 - (2) Mitos judaicos, 1.14
 - (3) Genealogias, 3.9
 - (4) Disputas sobre a lei, 3.9
 - e. Perturbam famílias inteiras com ensino indevido
 - f. Para lucrar desonestamente
 - g. Suas mentes e consciências são impuras
 - h. Suas ações repudiam a Deus
 - i. Detestáveis
 - j. Desobedientes
 - k. Inútil para qualquer coisa boa
4. Orientações para os crentes, 2.1-10a, 12
- a. Para homens de mais idade, 2.2
 - (1) Temperados
 - (2) Sérios
 - (3) Sensíveis
 - (4) Sadios na fé
 - (5) Sadios no amor
 - (6) Constantes
 - b. Para mulheres de mais idade, 2,3
 - (1) Reverentes no procedimento
 - (2) Não caluniadoras
 - (3) Não escravizadas a vinho forte
 - (4) Mestres do ensino reto
 - (5) Mestres de moças jovens
 - c. Para mulheres jovens, 2.4-5

- (1) Sejam esposas afetuosas
- (2) Sejam mães afetuosas
- (3) Sérias
- (4) Puras
- (5) Boas donas-de-casa
- (6) Amáveis
- (7) Submissas ao seu marido
- d. Para homens jovens, 2.6-8
 - (1) Sensíveis
 - (2) Exemplos dignos do bem
 - (3) Sinceros
 - (4) Sérios no seu ensino
 - (5) Tenham mensagem salutar
 - (6) Irrepreensíveis
- e. Crentes escravos, 2.9-10
 - (1) Pratiquem perfeita submissão aos seus senhores
 - (2) Parem de resisti-los
 - (3) Parem de furtá-los
- 5. Bases teológicas para as orientações, 2.10b-15; 3.4-7
 - a. Adornar, em tudo que fazem, o ensino de Deus nosso Salvador, 2.10b.
 - b. A graça de Deus tem sido revelada a toda a humanidade, 2.11
 - c. Esperando pela esperança bendita (a segunda vinda), 2.13
 - d. Jesus comprou um povo para revelar-lhes Deus, 2.14
 - e. A bondade e benevolência de Deus têm sido reveladas, 3.4
 - f. Deus não nos salva com base em nossos feitos, 3.5
 - g. Deus nos salva com base em Sua misericórdia, 3.5
 - (1) Por meio de um lavar de regeneração
 - (2) Renovação do Espírito Santo
 - (3) Ambos dados através de Cristo
 - (4) Temos posição correta com Deus
 - (5) Somos herdeiros da vida eterna
- 6. Orientações para aqueles que podem causar problemas, 3.1-11
 - a. Estejam sujeitos àqueles em autoridade, 3.1-2
 - (1) Prontos para qualquer empreendimento
 - (2) Parem de molestar outros
 - (3) Sejam pacíficos
 - (4) Mostrem perfeita ternura aos outros
 - b. Sejam ternos diante de toda humanidade, porque, 3.3-8
 - (1) Os crentes eram:
 - (a) Sem entendimento
 - (b) Desobedientes
 - (c) Enganados
 - (d) Escravizados de toda sorte de paixão
 - (e) Gastam suas vidas na malícia

- (f) Gastam suas vidas na inveja
 - c. Tomem cuidado com, 3.9-11
 - (1) Controvérsias tolas
 - (2) Genealogias
 - (3) Disputas
 - (4) Discussões sobre a lei
 - (5) Um homem que é faccioso
 - (a) Desonesto
 - (b) Perverso
 - (c) Condenado em si mesmo
- 7. Finalização tradicional de cartas, 3.12-15
 - a. Substituição de Tito está próxima, 3.12
 - (1) Artemas (ou)
 - (2) Tíquico
 - b. Tito vem e encontra Paulo em Nicópolis, 3.12
 - c. Encoraja os crentes a ajudar, 3.13-14
 - (1) Zenas (e)
 - (2) Apolo
 - d. Saudações finais e desfecho, 3.15
- D. Liste os pontos de aplicação possíveis: com este esboço detalhado, escreva possíveis aplicações da verdade para cada unidade literária maior e cada divisão de parágrafo. Declare a verdade aplicável em uma sentença declarativa. Este esboço se tornará os pontos do seu sermão.

IV. Quarta Leitura

- A. Paralelos significantes (outras Epístolas Pastorais)
 - 1. 1 Timóteo (esp. Capítulo 3.1-13)
 - 2. 2 Timóteo
- B. Listas especiais
 - 1. Uso do título “Salvador”
 - a. Deus nosso Salvador, 1.3; 2;10; 3.4
 - b. Cristo nosso Salvador, 1.4; 2.13; 3.6
 - 2. Verdades doutrinárias do Evangelho usadas como base para nossa vida à imagem de Cristo: (cf. III., c.5)
 - a. 2.10b-14
 - b. 3.4-7
 - 3. Lista de qualificações para líderes, 1.7-9 (cf. III., c.2, compare com 1 Timóteo 3.1 vss.)
 - 4. Lista de características dos falsos mestres: (cf. IV., c.3)
 - a. 1.10-16
 - b. 3.9-11
- C. Passagens difíceis
 - 1. Textual – A frase em 1.6b se refere ao presbitério ou aos seus filhos?
 - a. Presbítero – NASB e NRSV (em inglês)

- b. Filhos do presbítero – NVI e NTLH
- 2. Histórico – há alguma evidência bíblica ou histórica para uma quarta viagem missionária?
 - a. Bíblica
 - (1) Paulo queria ir à Espanha, Rm 15.24,28
 - (2) O itinerário de viagem de Paulo não coincide com o apresentado no livro de Atos.
 - b. Histórico
 - (1) Eusébio, em seu livro História Eclesiástica, 2.22:2-3, deixa claro que Paulo foi libertado da prisão após o término de Atos.
 - (2) Outras tradições da Igreja dizem que Paulo levou o Evangelho para o ocidente do Mar Mediterrâneo.
 - (a) Clemente de Roma
 - (b) Fragmento Muratoriano
- 3. Teológico – a doutrina da regeneração batismal pode ser fundamentada em 3.5?
- 4. Versículos que causam confusão – anciãos que não devem ser totalmente abstinente, mas “não dados a muito vinho,” 1.7. O mesmo é dito das mulheres de mais idade, 2.3.

EFÉSIOS 2

DIVISÃO DE PARÁGRAFOS NAS TRADUÇÕES MODERNAS

ARA	BÍBLIA JERUSALÉM	TRADUÇÃO BRASILEIRA	NTLH
Do pecado para a salvação pela graça 2.1-10	Salvação gratuita em Cristo 2.1-10	A salvação é pela graça mediante a fé 2.1-10	Da morte para a vida 2.1-10
Os gentios e judeus são unidos pela cruz de Cristo 2.11-22	A reconciliação dos judeus e gentios entre si com Deus 2.11-22	Os gentios e os judeus são unidos mediante a cruz de Cristo 2.11-22	Unidos por meio de Cristo 2.11-22

TERCEIRO CICLO DE LEITURA

Este é um comentário e guia de estudo, o que quer dizer que você é responsável por sua própria interpretação da Bíblia. Cada um de nós deve andar na luz do que temos. Você, a Bíblia, e o Espírito Santo, são prioridade na interpretação. Você não deve relegar este privilégio a um comentarista.

Leia o capítulo em uma sentada. Identifique os assuntos. Compare sua divisão de assuntos com as traduções em Português. Essas divisões não são inspiradas, mas são uma ferramenta para seguir a intenção do autor original, o que é o coração da interpretação. Cada parágrafo tem um e somente um assunto.

1. Primeiro parágrafo
2. Segundo parágrafo
3. Terceiro parágrafo
4. Etc.

PERCEPÇÕES CONTEXTUAIS DE 2.1-22

- A. A ênfase gnóstica e judaica na salvação pelas obras, é descartada pela ênfase de Paulo: (1) na eleição, no capítulo 1; (2) na graça de Deus em ação, em 2.1-10; e (3) no mistério do plano redentivo de Deus oculto ao longo dos séculos (i.e., judeus e gentios são agora um em Cristo), 2.11-3.13. Paulo enfatiza as três coisas nas quais o homem não tem parte! Salvação é toda de Deus (cf. 1.3-14; 2.4-7), mas os indivíduos devem responder pessoalmente (cf. 2.8-9) e viver à luz da Nova Aliança (2.10).
- B. Há três inimigos da humanidade caída, delineados nos versículos 2-3 (cf. Tg 4.1, 4,7): (1) o sistema mundano caído, v.2; (2) o adversário maligno, Satanás, v.2; e (3) a natureza humana caída (natureza adâmica), v.3. Versículos 1-3 mostram a desesperança e o desamparo da humanidade caída em rebelião contra Deus (cf. Rm 1.18 - 2.16).
- C. Enquanto os versículos 1-3 descrevem o lamentável estado da humanidade, os de 4-6 contrastam com a riqueza do amor e misericórdia de Deus pela humanidade caída. O pecado humano é mal, mas o

amor e misericórdia de Deus são grandes (cf. Rm 5.20)! O que Deus fez por Cristo (cf. 1.20), Cristo tem agora feito pelos crentes (cf. 2.5-6).

- D. Existe uma tensão real no Novo Testamento, entre a graça livre de Deus e o esforço humano. Esta tensão pode ser expressa em pares paradoxais: indicativo (uma declaração) e imperativo (um mandamento); graça/fé objetiva (o conteúdo do evangelho) e subjetiva (experiência de alguém com o evangelho); conquistar a humanidade (em Cristo) e conduzir a humanidade (para Cristo). Esta tensão é vista claramente em 2.8-9, que enfatiza a graça, enquanto 2.10 enfatiza as boas obras. Não é uma proposição do tipo “se/ou”, mas uma do tipo “ambos/e”. Contudo, a graça sempre vem primeiro e é o fundamento de uma vida à imagem e semelhança de Cristo. Versículos 8-10 são um resumo clássico do paradoxo do evangelho cristão – livre, mas ele custa todas as coisas! Fé e obras (cf. Tg 2.14-26)!
- E. Um novo tópico é introduzido em 2.11-3-13. É o mistério, oculto desde o princípio, que Deus deseja a redenção de toda humanidade, judeus (Ez 18.23, 32) e gentios (1 Tim 2.4; 2 Pe 3.9), através da fé pessoal na expiação substitutiva do Messias. Esta oferta universal do evangelho foi predita em Gênesis 3.15 e 12.3. Essa oferta radical do evangelho (cf. Rm 5.12-21) chocou os judeus e todos os religiosos elitistas (falsos mestres gnósticos, judaizantes) e todos os modernos proponentes da “justiça pelas obras”.

ESTUDO DE PALAVRAS E FRASES EFÉSIOS 2.1-10 ARA

1 Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, 2 nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; 3 entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. 4 Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, 5 e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, -- pela graça sois salvos, 6 e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; 7 para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. 8 Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; 9 não de obras, para que ninguém se glorie. 10 Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

2.1 Cada um dos versículos 1-7 ou 1-10 formam uma sentença no grego, com o verbo principal no v.5. Este é um argumento bem sustentado. A apresentação de Paulo inclui (1) a desesperança, o desamparo, e a perdição espiritual de toda humanidade, vv. 1-3; (2) a graça imerecida de Deus, vv. 4-7; e (3) a resposta humana necessária, fé e vida, vv. 8-10.

▣ “vós” em Colossenses e Efésios, na forma PLURAL, sempre se refere aos gentios crentes (cf. 1.13; 2.12).

▣ “**estando vós mortos**”. Este PARTICÍPIO DO PRESENTE ATIVO significa “sendo morto.” Isto se refere à morte espiritual (cf. v.5; Rm 5.12-21; Cl 2.13). A Bíblia fala de 3 estágios da morte: (1) morte espiritual (cf. Gn 2.17; Is 50.2; Rm 7.10-11; Tg 1.15); (2) morte física (cf. Gn 5); e (3) morte eterna, chamada de “segunda morte” (cf. Ap 2.:11; 20.6, 14; 21.8).

▣ “**delitos**” Este termo grego (paraptoma) significa “caindo para um lado” (cf. 1.7). Todas as palavras gregas para “pecados” são relacionadas com o conceito hebraico de padrão da justiça de Deus. O termo “certo”, “justo” e seus

derivados no Hebraico são de metáfora de construção para uma cana de medir. Deus é o padrão. Todos os humanos se desviaram daquele padrão (cf. Sl. 14.1-3; 5.9; 10.7; 36.1; 53.1-4; 140.3; Is. 53.6; 59.7-8; Rm. 3.9-23; I Pe. 2.25).

▣ **“pecados”** Este termo grego (hamartia) significa “errando o alvo” (cf. 4.26). Os dois termos para pecado, usados no versículo 1, são usados como sinônimos para ilustrar a condição distante e caída da humanidade (cf. Rm 33.9, 19, 23; 11.32; Gl 3.22).

▣ **“nos quais andastes outrora”** “Andar” é uma metáfora que se refere ao estilo de vida (cf. 2.1, 10; 4.1, 17; 5.2,8,15).



ARA 2.2 “segundo o curso deste mundo”

ARC 2.2 “segundo o curso deste mundo”

NTLH 2.2 “seguiam o mau caminho deste mundo”

Este sistema mundano caído (i.e., esta era) é personificado como um inimigo (cf. Gl 1.4). É a tentativa da humanidade caída de encontrar toda sua satisfação a despeito de Deus. Nos escritos de João, é chamado “o mundo” (cf. 1 Jo 2.2,15-17; 3.1,13,17; 4.1-17; 5.4,5,19) ou “Babilônia” (cf. Ap. 14.8; 16.19; 17.5 18.2,10,21). Em nossa moderna terminologia, é chamado “ateísmo humanista”. Veja o Tópico Especial: O uso de Paulo da palavra *Kosmos* em Cl 1.6.



ARA 2.2 “segundo o príncipe da potestade do ar”

BJ 2.2 “conforme a índole deste mundo, conforme o Príncipe do poder do ar”

NTLH 2.2 “faziam a vontade daquele que governa os poderes espirituais”

Este é o segundo inimigo da humanidade caída, Satanás, o acusador. A humanidade está sujeita a um tentador espiritual pessoal (cf. Gn e, Jo 1-2, Zc 3). Ele é chamado o “deus deste mundo” (cf. Jo 12.31; 14.30; 16.11, 2 Co 4.4; 1 Jo 5.19).

No Novo Testamento, o “ar” é a esfera dos demônios. O “ar inferior” (*aer*) era visto pelos gregos como impuro e portanto dominado por espíritos maus. Alguns veem este uso de “ar” como se referindo a natureza imaterial da esfera espiritual. O conceito de “arrebato da igreja” vem da tradução latina de 1 Tes 4.17, “levados”. Os cristãos irão se encontrar com o Senhor no meio do reino de Satanás, “no ar”, para mostrar sua derrota! Veja o Tópico Especial abaixo.

TÓPICO ESPECIAL: MAL PESSOAL

Esta é um assunto muito difícil por várias razões

1. O AT não revela um arqui-inimigo do bem, mas um servo de YHWH que oferece à humanidade uma alternativa e acusa a humanidade de injustiça.
2. O conceito de um arqui-inimigo pessoal de Deus se desenvolveu na literatura interbíblica (não canônica) sob a influência da religião persa (zoroastrismo). Este, por sua vez, influenciou grandemente o judaísmo rabínico.
3. O NT desenvolve os temas do AT com categorias surpreendentemente rígidas, mas seletivas.

Se estudarmos o mal sob a perspectiva da teologia bíblica (cada livro ou autor, gênero estudado e esboçado separadamente), então muitas visões diferentes do mal serão reveladas.

Se, contudo, o fizermos com uma abordagem não-bíblica ou extra-bíblica de religiões do mundo de qualquer lugar, então muito do desenvolvimento do NT seria pronunciado como espiritismo greco-romano e dualismo persa.

Se há um comprometimento com a autoridade divina da Escritura, então o desenvolvimento do NT deve ser visto como uma revelação progressiva. Os cristãos devem estar alertas contra permitir que a erudição popular judaica ou literatura ocidental (i.e., Dante, Milton) definam o conceito bíblico. Há certamente mistério e ambiguidade nesta área da revelação. Deus escolheu não revelar todos os aspectos do mal, sua origem, seu propósito, mas Ele tem revelado sua derrota!

No AT o termo Satanás ou acusador parece se relacionar a três grupos separados.

1. Acusadores humanos (I Sm. 29.4; II Sm. 19.22; I Rs. 11.14,23,25; Sl. 109.6)
2. Acusadores angelicais (Nm. 22.22-23; Zc. 3.1)
3. Acusadores demoníacos (I Cr. 21.1; I Rs. 22.21; Zc. 13.2)

Somente tardiamente no período intertestamental é que a serpente de Gn 3 é identificada com Satanás (cf. Livro de Sabedoria, 2.23-24; 2 Enoque 31.3), e somente mais tarde ainda se tornou uma opção rabínica (cf. *Sot* 9b e *Sanh.* 29a). Os “filhos de Deus” de Gênesis 6 se tornaram anjos em 1 Enoque 54.6. Eu menciono isto, não para comprovar sua acuracidade, mas para mostrar seu desenvolvimento. No NT estas atividades do AT são atribuída ao mal personificado, angelical (i.e., Satanás) em 2 Co. 11.3; Ap 12.9.

Dependendo do ponto de vista, a origem do mal personificado é difícil ou impossível de determinar a partir do AT. Uma razão para isso é o forte monoteísmo de Israel (cf. I Rs. 22.20-22; Ec.7.14; Is. 45.7; Am 3.6). Toda causalidade era atribuída a YHWH para demonstrar Sua singularidade e primazia (cf. Is. 43.11; 44.:6,8,24; 45.5-6,14,18,21,22).

Fontes de possível informação podem ser (1) Jó 1-2, quando Satanás é um dos “filhos de Deus” (i.e., anjos) ou (2) Is 14; Ez 28. Onde reis arrogantes orientais (Babilônia e Tiro) são usados para ilustrar o orgulho de Satanás (cf. 2 Tim 3.6). Tenho um misto de emoções sobre essa abordagem. Ezequiel usa a metáfora do Jardim do Éden não somente para o rei de Tiro como Satanás (cf. Ez 28.12-16), mas também para o rei do Egito como a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Ez 31). Contudo, Isaías 14, particularmente vv. 12-14, parece descrever uma revolta angelical por meio do orgulho. Se Deus quis revelar a nós a natureza específica e origem de Satanás, este é um caminho muito perigoso e inclinado para entender isso. Devemos nos guardar contra a armadilha da teologia sistemática de tomar partes pequenas, ambíguas, de diferentes testamentos, autores, livros, e gêneros e combiná-las como peças de um quebra-cabeça divino.

Alfred Edersheim (*The Life and Times of Jesus the Messiah*, vol. 2, apêndices XIII [pp. 748-763] e XVI [pp. 770-776]) diz que o judaísmo rabínico tem sido excessivamente influenciado pelo dualismo persa e especulação demoníaca. Os rabinos não são uma boa fonte de verdade para esta área. Jesus radicalmente diverge dos ensinamentos deles na Sinagoga. Acredito que o conceito rabínico de mediação angelical e oposição na concessão da lei de Moisés no Monte Sinal, abriu as portas para o conceito de um arqui-inimigo angelical de YHWH e da humanidade. Há dois grandes deuses do dualismo iraniano (zoroastrismo), *Ahkiman* e *Ormaza*, bom e mau. Este dualismo se desenvolveu em um dualismo judaico limitado a YHWH e Satanás.

Há certamente uma revelação progressiva no NT sobre o desenvolvimento do mal, mas não tão elaborada como os rabinos proclamam. Um bom exemplo dessa diferença é a “guerra no céu”. A queda de Satanás é uma necessidade lógica, mas os detalhes específicos não são dados. Mesmo aquilo que nos é fornecido é dado em gênero apocalíptico (Ap 12:4,7,12-13). Embora Satanás seja derrotado e exilado para a terra, ele ainda funciona como um servo de YHWH (cf. Mt 4.1; Lc 22.31-32; 1 Co 5.5; 1 Tim 1.20).

Devemos refrear nossa curiosidade nesta área. Há uma força pessoal de tentação e mal, mas há ainda somente um Deus e a humanidade é ainda responsável por suas escolhas. Há uma batalha espiritual, ambas antes e depois da salvação. A vitória só pode vir e permanecer em e por meio do Deus Triúno. O mal tem sido derrotado e será removido!



RA 2.2 “agora atua nos filhos da desobediência”

RC 2.2 “agora opera nos filhos da desobediência”

NTLH 2.2 “o espírito que agora controla os que desobedecem a Deus”

Esta era uma expressão hebraica para a rebelião e caráter determinado (cf. 5.6).

2.3 “entre os quais também todos nós andamos outrora.” Em Efésios, “nós” se refere aos crentes judeus, neste caso, Paulo e sua equipe de ministério. A frase “como os demais”, no final da frase, torna possível que esta frase se refira a todo o povo escolhido do AT, os judeus. Este verbo está no INDICATIVO PASSIVO AORISTO. A VOZ PASSIVA podia enfatizar que a humanidade caída estava sendo manipulada por forças espirituais do mal, como Satanás ou os demônios, mencionados em v.2 e 3.10; 6.12.



RA 2.3 “segundo as inclinações da nossa carne”

RC 2.3 “antes, andávamos nos desejos da nossa carne”

NTLH 2.3 “de acordo com a nossa natureza humana”

Este é o terceiro inimigo da humanidade caída. Embora não listada em uma estrutura gramatical paralela (“de acordo com”) com os dois inimigos no v. 2, este é um paralelo teológico. O ser egocêntrico e caído da humanidade (cf. Gn 3) é seu pior inimigo (cf. Gl 5.19-21). Ele confunde e manipula a tudo e a todos para seu próprio interesse (cf. Rm 7:14-25).

Paulo usa o termo “carne” em dois sentidos distintos. Somente o contexto pode determinar o sentido. Em 2.11,14; 5.29,31; 6.5 e 12, ele significa “a pessoa humana”, e não “a natureza pecaminosa caída”, como ocorre aqui.



RA 2.3 “fazendo a vontade da carne e dos pensamentos”

RC 2.3 “fazendo a vontade da carne e dos pensamentos”

NTLH 2.3 “fazendo o que o nosso corpo e a nossa mente queriam”

NVI. 2.3. “seguindo os seus desejos e pensamentos”

Este é um PARTICÍPIO ATIVO PRESENTE que enfatiza uma ação contínua, persistente e habitual. O corpo humano e a mente não são maus em si e de si mesmos, mas eles são o campo de batalha da tentação e pecado (cf. 4.17-19; Rm 6 e 7).

▣ **“por natureza”** Isto se refere à humanidade caída, às propensões adâmicas (cf. Gn 3; Sl 51.5; Jó 14.4; Rm 5.12-21; 7.14-25). É surpreendente que os rabinos em geral não enfatizam a queda da humanidade em Gn 3. Em lugar disso eles declaram que a humanidade tem duas intenções (*yetzers*), uma boa, e outra, má. Os humanos são dominados por suas escolhas. Há um famoso provérbio rabínico: “Todo homem tem um cão negro e um branco em seu coração. Aquele ao qual mais alimenta, é aquele que se tornará o maior.” Contudo, o NT apresenta muitas razões teológicas para a queda da humanidade: (1) a queda de Adão, (2) ignorância obstinada e (3) escolhas pecaminosas.

▣ **“filhos da ira”** É uma frase hebraica idiomática para um caráter pessoal. Deus se opõe ao pecado e à rebelião em sua criação. A ira de Deus é tanto temporal (no tempo) quanto escatológica (no fim dos tempos).



RA 2.2. “como os demais”.

NTLH 2.2. “como os outros, nós também”

Isto se refere à perdição de todos os homens, tanto judeus quanto gentios (cf. Rm 1.18-3:21). Paulo com frequência usa o termo “os que dormem” para se referir aos perdidos (cf. 1 Ts 4.13; 5.6).

2.4 “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou” Há uma dramática mudança do desespero e desamparo dos vv. 1-3 para a maravilhosa graça e misericórdia de Deus nos vv. 4-7.

Que grande verdade! A misericórdia e amor de Deus são a chave para salvação (cf. v.7). É o seu caráter misericordioso (cf. 1.7, 18; 2.7; 3.8,16), não a atuação da humanidade, que oferece um caminho para justiça. Veja notas sobre “riquezas”, em 1.7.

É significativo que este versículo sobre a graça de Deus contenha um PARTICÍPIO PRESENTE e um AORISTO ATIVO INDICATIVO. Deus tem nos amado no passado e continua a nos amar (cf. 1 João 4.10)!

2.5 “e estando nós mortos em nossos delitos”, esta frase é paralela ao v.1a. Paulo retorna ao seu pensamento original depois de seu pensamento parentético (cf. vv. 1-3) sobre a perdição da humanidade. No meio da nossa necessidade, Deus agiu com amor (cf. Rm 5.:6,8).

▣ **“nos deu vida juntamente com Cristo”** Esta frase reflete uma palavra grega (*suzopoieo*). É o verbo principal da sentença (AORISTO INDICATIVO ATIVO) que começa no v. 1. É o primeiro de três VERBOS compostos com a PREPOSIÇÃO grega, *syn*, que significa “participação conjunta com”. Jesus ressuscitou da morte em 1.20 e os crentes têm sido vivificados para vida espiritual por meio dele (cf. Cl 2.13). Os crentes agora estão verdadeiramente vivos com Cristo.

▣ **2.5,8 “pela graça sois salvos”** Este é um PARTICÍPIO PERIFRÁSTICO PASSIVO PERFEITO, repetido no v. 8 para ênfase. Significa que os crentes foram salvos no passado, por um agente com resultados permanentes; “eles tem

sido e continuam a ser salvos por Deus.” Essa mesma construção é repetida no v. 8 com ênfase. Veja o Tópico Especial em Ef. 1.7.

Esta é uma das passagens bíblicas que formam a base para a doutrina da segurança do crente (cf. João 6.37, 39; 10.28; 17:2, 24; 18:9; Rm 8:31-39). Como toda doutrina bíblica, esta deve ser equilibrada (colocada na balança) com outras verdades e textos.

2.6 “juntamente com ele, nos ressuscitou”, Este é o segundo dos compostos AORISTO com *syn*. Os crentes são ressuscitados com Cristo; foram sepultados com Ele no batismo (cf. Cl 2.12; Rm 6.3-11) e ressuscitados com Ele pelo Pai (cf. Cl 2.13; Rm 6.4-5), que ressuscitou a Jesus (ressurreto pelo Espírito em Rm 8.11). Estas são analogias redentivas especiais. Os crentes espiritualmente participam dos maiores eventos da experiência de Jesus: crucificação, morte, sepultamento, ressurreição e entronização! Os crentes compartilham Sua vida e sofrimento; irão também participar de Sua glória (cf. Rm 8:17)!



RA 2.6 “e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”

NTLH 2.6 “para reinarmos com ele no mundo celestial”

VC 2.6 “com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus”

Este é o terceiro dos compostos AORISTO com *syn*. Nossa posição nEle é uma vitória tanto presente quanto futura (cf. Rm 8.37)! O conceito de sentar-se com Ele significa reinar com Ele. Jesus é o Rei dos reis sentado no trono de Deus Pai e os crentes são agora co-reinantes com Ele (cf. Mt 19.28; Rm 5.17; Cl 3.1; 2 Tim 2.12; Ap 22.5). Veja o Tópico Especial a seguir.

TÓPICO ESPECIAL: GOVERNANDO NO REINO DE DEUS

O conceito de governar com Cristo é parte da categoria teológica maior chamada “o Reino de Deus.” Esta é uma transferência do conceito do AT de Deus como o verdadeiro rei de Israel (cf. 1 Sm 8.7). Ele simbolicamente reinava (1 Sm 8.7; 10.17-19) através de um descendente da tribo de Judá (cf. Gn 49.10) e da família de Jessé (cf. 2 Sm 7).

Jesus é o cumprimento das profecias do AT referentes ao Messias. Ele inaugurou o Reino de Deus com Sua encarnação em Belém. O Reino de Deus se tornou o pilar central da pregação de Jesus. O Reino veio de forma plena, em Cristo (cf. Mt 10.7; 11.12; 12.28; Mc 1.15; Lc 10.9; 11; 11.20; 16.16; 17.20-21).

Contudo, o Reino era também futuro (escatológico). Ele era presente mas não consumado (cf. Mt 6.10; 8.11; 16.28; 22.1-14; 26.29; Lc 9.27; 11.2; 13.29; 14.10-24; 22.16,18). Jesus veio na primeira vez como um servo sofredor (cf. Is 52:13-53:12); como humilde (cf. Zc 9:9), mas Ele irá retornar como Rei dos reis (cf. Mt 2.2; 21.5; 27.11-14). O conceito de “reinar” é certamente parte desta teologia do “reino”. Deus deu o reino aos seguidores de Jesus (Lc 12:32).

O conceito de reinar com Cristo tem vários aspectos e questões:

1. As passagens que declaram que Deus deu aos crentes o “reino” através de Cristo se referem a “reinar” (cf. Mt 5.3, 10; Lc 12.32)?
2. As palavras de Jesus aos discípulos originais no primeiro século no contexto judeu se referem a todos os crentes (cf. Mt 19.28; Lc 22.28-30)?
3. A ênfase de Paulo sobre reinar nessa vida agora contrasta ou complementa os textos acima (cf. Rm 5.17; 1 Co 4.8)?
4. Como o reinar e sofrimento se relacionam (Rm. 8.17; II Tm. 2.11-12; I Pe. 4,13; Ap 1.9)?
5. O tema recorrente em Apocalipse é compartilhar o reinado glorioso de Cristo, mas ele é terreno 5.10, milenista (20.5,6) ou eterno (2.26; 3.21; 22.5 e Dn 7.14,18,27)?



RA 2.6 “nos lugares celestiais”

NTLH 2.6 “no mundo celestial”

Este ADJETIVO PLURAL NEUTRO LOCATIVO (de esfera), “nos lugares celestiais,” é usado somente em Efésios (cf. 1.20; 2.6; 2.6; 3.10; 6.12). A partir do contexto de todos os seus usos, deve significar a esfera espiritual que os crentes vivem aqui a agora, e não o céu.

2.7 “nos séculos vindouros” Os judeus criam em duas eras, a presente era má (Gl 1:4) e a era de justiça porvir (veja o Tópico Especial em 1.21). Esta nova era de justiça seria inaugurada pela vinda do Messias no poder do Espírito. Em 1.20 “era” é SINGULAR, aqui é PLURAL (cf. 1 Co 2.7; Hb 1.2; 11.3). Isto implica que (1) há pelo menos duas eras ou (2) o PLURAL é usado para acentuar e magnificar a era vindoura – uma expressão rabínica chamada de “plural majestático”. Este uso do PLURAL em um sentido simbólico pode ser visto em passagens que se referem às eras passadas (cf. Rm 10.25; 1 Co 10.11; 2 Tim 1.9; Tt 1.2).

Alguns estudiosos creem que era simplesmente uma metáfora para eternidade por causa do modo que a frase era usada no Grego Koiné secular em diferentes lugares no NT (cf. Lc 1.33, 55; Jo 12.34; Rm 9.5; Gl 1.5; 1 Tm 1.17).

“A fim de mostrar” Este é um SUBJUNTIVO MEDIANO AORISTO. Deus claramente manifestou Seu próprio caráter (cf. 1.5-7). Este termo significa “publicamente mostrar” (cf. Rm 9.17, 22). A misericórdia e o propósito de

Deus em Cristo são claramente manifestados aos anjos pelo trato com a humanidade caída (cf. 3.10; 1 Co 4.9; 1 Pe 1.12).

“abundantes” *Huperballo*. Veja o Tópico Especial: O uso paulino de compostos *Huper* em 1.:19.

2.8 “Pela graça”. Salvação é pela “graça” de Deus (cf. Ef 1.3-14). O caráter de Deus é revelado através da Sua misericórdia (cf. vv. 4-6). Os crentes são troféus do Seu amor. A graça é definida melhor como o amor imerecido de Deus. Ela flui da natureza de Deus através de Cristo e é independente de valor ou mérito daquele que é amado.

“sois salvos” Este é um PARTICÍPIO PERIFRÁSTICO PASSIVO PERFEITO que é paralelo a o v. 5. Seu impulso é que “os crentes têm sido e continuam a ser” salvos por Deus.

“por meio da fé” A fé recebe o dom de Deus em Cristo (cf. Rm 3.22, 25; 4.5; 9.30; Gl 2.16; 1 Pe 1.5). A humanidade deve responder à oferta de graça e perdão vinda de Deus em Cristo (cf. Jo 1.12; 3.16-17, 36; 6.40; 11.25-26; Rm 10.9-13).

Deus lida com a humanidade caída por meio de pactos. Ele sempre toma a iniciativa (cf. Jo 6.44, 65) e determina a agenda e os limites (cf. Mc 1.51; At 3.16,19; 20.21). Ele permite que a humanidade caída participe da sua própria salvação respondendo à oferta do Seu pacto. A resposta determinada é inicial e continua na fé, arrependimento, obediência, serviço, e perseverança.

O termo “fé” no AT é uma extensão metafórica de uma posição estável. Vem a denotar o que é certo, digno de confiança, seguro e fiel. Nenhum desses descreve mesmo a humanidade caída redimida. Não é que a humanidade é digna de confiança, ou fiel ou segura, mas Deus é quem é tudo isso. Nós confiamos em Suas promessas dignas de confiança, não em nossa confiabilidade! A obediência ao pacto flui da gratidão! O foco tem sempre sido em Sua fidelidade, não na fé do crente! A fé não pode salvar a ninguém. Somente a graça salva, mas ela é recebida pela fé. O foco nunca é na quantidade de fé (cf. Mt 17.20), mas no seu objeto (Jesus).

“e que” Este é um PRONOME DEMONSTRATIVO grego (*touto*), que é NEUTRO em GÊNERO. Os NOMES mais próximos, “graça” e “fé”, são ambos FEMININOS em GÊNERO. Portanto, deve ser uma referência ao processo inteiro da nossa salvação na obra consumada de Cristo.

Há outra possibilidade baseada em uma construção gramatical similar em Filipenses 1.:28. Se este é o caso, então esta frase adverbial se relaciona à fé, que também é dom da graça de Deus! Aqui está o mistério da soberania de Deus e o livre-arbítrio humano.

“não vem de vós mesmos” Esta é a primeira de três frases que claramente mostram que a salvação não é baseada no desempenho humano: (1) “não de vós mesmos”, v. 8 (2) “dom de Deus”, v. 8 e (3) “não de obras”, v. 9.

“o dom de Deus” Esta é a essência da graça – amor sem amarras (cf. Rm 2.24; 6.23). O paradoxo da salvação como sendo tanto um dom gratuito e uma ordem para responder ao pacto, é difícil de transpor. Ainda assim são verdades! A salvação é totalmente gratuita, mas custa tudo. Muitas das doutrinas bíblicas são apresentadas em pares de tensão (segurança vs. perseverança, fé vs. obras, soberania de Deus vs. livre-arbítrio, predestinação vs. resposta humana e transcendência vs. imanência).

TÓPICO ESPECIAL: EVIDÊNCIA DO NOVO TESTAMENTO PARA A SALVAÇÃO PESSOAL

1. Ela é baseada no caráter do Pai (cf. Jo 3.16), nas obras do Filho (cf. 2 Co 5.21), no ministério do Espírito (cf. Rm 8.14-16), não na vontade humana, em credo ou obediência.
2. Ela é um dom (cf. Rm 3.24; 6.23; Ef 2.5,8-9).
3. Ela é a nova vida, uma nova cosmovisão (cf. Tiago e 1 João).
4. Ela é conhecimento (o evangelho), comunhão (fé em e com Jesus), e um novo estilo de vida (transformação à imagem de Cristo pelo Espírito Santo), todas as três coisas, não separadas.

“não pelas obras”, Salvação não é por mérito (cf. Rm 3:0, 27-28; 9.11, 16; Gl 2.16; Fp 3.9; 2 Tim 1.9; Tt 3.5). Este é um contraste direto com os falsos mestres.

“a fim de que ninguém se glorie” Salvação é pela graça de Deus, não esforço humano, então não há lugar para a glória humana (cf. Rm 3.27; 4.2). Se os crentes se gloriam, devem se gloriar em Cristo (cf. 1 Co 1.31, que é uma citação de Jr 9.23-24).

TÓPICO ESPECIAL: VANGLÓRIA

Os termos gregos *kauchaomai*, *kauchema*, e *kauchesis*, são usados cerca de trinta e cinco vezes por Paulo e somente duas vezes no restante do NT (ambas em Tiago). Seu uso predominante é em 1 e 2 Coríntios. Há duas principais verdades conectadas à vanglória.

1. Nenhuma carne se gloriará diante do Senhor (cf. 1 Co 1:29; Ef 2:9)
2. Os crentes devem se gloriar no Senhor (cf. 1 Co 1:31; 2 Co 10:17, que é uma alusão a Jeremias 9:23-24).

Portanto, é apropriado e inapropriado vangloriar-se (i.e., orgulho).

1. Apropriado
 - a. Na esperança da glória (cf. Rm 4.2)
 - b. Em Deus por meio de Jesus (Rm 5.11)
 - c. Na cruz do Senhor Jesus Cristo (i.e., o tema principal de Paulo, cf. 1Co. 1.17. Gl 6.14)
 - d. Paulo se gloriava:
 - (1) No seu ministério sem compensação (cf. 1Co 9.15, 16; 2Co 10.12)
 - (2) Sua autoridade recebida de Cristo (cf. 2 Co. 10.8,12)
 - (3) No fato de não gloriar-se no trabalho de outros homens (como alguns em Corinto faziam, cf. 2 Co. 10.15)
 - (4) Sua herança racial (como outros faziam em Corinto, cf. 2Co. 11; 17; 12.1,5,6)
 - (5) Em suas igrejas
 - (a) Corinto (2Co. 7.4, 14; 8.24; 9.2; 11.10)
 - (b) Tessalônica (cf. 2Ts 1.14)
 - (6) Em sua confiança na libertação e consolo de Deus (cf. 2 Co 1.12)
2. Inapropriado
 - a. Na relação com herança judaica (cf. Rm 2.17,23; 3.27; Gl 6.13)
 - b. Alguns na igreja de Corinto estavam se vangloriando:
 - (1) Em homens (cf. 1Co. 3.21)
 - (2) Na sabedoria (cf. 1Co 4.7)
 - c. Falsos mestres tentavam se vangloriar na igreja de Corinto (cf. 2Co 11.12)

2.10 “Pois somos feitura dele,” a palavra “poema” vem desse termo grego (*poiema*). É usada somente duas vezes no NT, aqui e em Romanos 1.20. Esta é a posição do crente em Cristo. Somos paradoxalmente Sua obra finalizada que está ainda em processo!

2.10 “criados em Cristo Jesus” Este é um PARTICÍPIO AORISTO PASSIVO. O Espírito forma crentes através do ministério de Cristo pela vontade do Pai (cf. 1.3-14). Este ato de uma nova criação espiritual é descrita nos mesmos termos usados na criação inicial em Gênesis (cf. 3.9; Cl 1.16).

“para as boas obras” O estilo de vida dos crentes após seu encontro com Cristo é uma evidência da sua salvação (cf. Tiago e 1 João). Eles são salvos pela graça através da fé para as obras! Eles são salvos para servir! Fé sem obras é morta, assim como obras sem fé, também é morta (cf. Mt 7.21-23 e Tiago 2.14-26). O objetivo final da vontade de Deus é que os crentes sejam “santos e inculpáveis” (cf. 1.14).

Paulo era frequentemente atacado por causa do seu evangelho livre, porque ele parecia encorajar uma vida ímpia. Um evangelho aparentemente desconectado da vontade moral, deve resultar em abuso. O evangelho de Paulo era livre na graça de Deus, mas também exigia uma resposta apropriada, não apenas no arrependimento inicial, mas no arrependimento contínuo. O resultado é o viver piedoso, não ímpio. As boas obras não são o mecanismo de salvação, mas o resultado. Este paradoxo de uma salvação completamente livre e uma resposta que custo tudo, é difícil de comunicar, mas os dois aspectos devem ser levados em conta num equilíbrio de tensão.

O individualismo moderno tem distorcido o evangelho. Os homens não são salvos porque Deus os ama tanto individualmente, mas porque Deus ama a humanidade caída, feita à Sua imagem. Ele salva e transforma indivíduos para alcançar mais indivíduos. O foco último do amor é primariamente corporativo (cf. João 3.16), mas ele é recebido individualmente (cf. João 1.12; Rm 10.9-13; 1 Co 15.1).

“que Deus de antemão preparou” Este termo forte (*pro+hetoimos*, “preparar para”) se relaciona com o conceito teológico da predestinação (cf. 1.4-5, 11) e é usado somente aqui e em Romanos 9.23. Deus escolhe um povo para refletir Seu caráter. Através de Cristo, o Pai tem restaurado Sua imagem na humanidade caída (cf. Gn 1.26-27).

(RA) EFÉSIOS 2.11-22

2.11 Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, 12 naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. 13 Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. 14 Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, 15 aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, 16 e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. 17 E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto; 18 porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito. 19 Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, 20 edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; 21 no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, 22 no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

2.11 “Portanto” Isto pode se referir a (1) vv.1-10, ou (2) 1:3-2:10. Paulo com frequência usa esta palavra para começar uma nova unidade literária, combinando verdades anteriormente ditas (cf. Rm 5:1; 8:1, 12:1).

Esta é a terceira principal verdade da sessão doutrinária de Paulo (capítulos 1-3). A primeira foi a eterna escolha feita por Deus, com base no Seu caráter gracioso, e a segunda, a desesperança da humanidade caída, salva pelos atos da graça de Deus através de Cristo, que deve ser recebido pela fé. Agora a terceira, é que a vontade de Deus sempre tem sido a salvação de todos os humanos (cf. Gn 3:15), tanto judeus quanto gentios. Nenhum intelecto humano (i.e., gnósticos) entenderam estas verdades reveladas.

“lembrai-vos” Este é um IMPERATIVO ATIVO PRESENTE. Estes gentios recebem a ordem de continuar a lembrar da sua prévia alienação de Deus, vv. 11-12.

“que outrora, vós, gentios na carne” Literalmente “nações” (*ethnos*). Refere-se a todos os povos que não são da linhagem de Jacó. No AT o termo “nações” (*go'im*) era um meio pejorativo de se referir à todos os não-judeus.

“chamados incircunsião” Mesmo no AT, este rito era um sinal exterior de uma fé interior (cf. Lv 26.41-42; Dt 10.16; Jr 4.4). Os “judaizantes” de Gálatas reivindicavam que esta era ainda a vontade de Deus e indispensável para salvação (cf. At 15.1 vvs; Gl 2.11-12). Atente para não confundir o símbolo com a realidade espiritual para a qual aponta (cf. At 2.38, para outro exemplo).

2.12

RA	“estáveis sem Cristo”
TRAD. BRASILEIRA	“estáveis, naquele tempo, sem Cristo”
NTLH	“separados de Cristo”
NVI	“você estavam sem Cristo”

Literalmente, “em fundamentos separados.” Estas próximas poucas frases (i.e., v.12), como vv. 1-3, mostram o desespero e a desesperança dos gentios sem Cristo.

▣	
RA	“separados”
NVI	“separados”

Este é um PARTICÍPIO PASSIVO PERFEITO, e significa “têm sido e continuam a ser excluídos.” No AT, este termo se referia a residentes não-cidadãos com direitos limitados (estrangeiros). Os gentios têm sido e continuam a ser separados, alienados da Aliança de YHWH.

▣ **“a comunidade de Israel”** Literalmente “cidadania” (*politeia*). Esta palavra deu origem à palavra “política.” Refere-se aos descendentes escolhidos de Abraão. Seus benefícios são enumerados em Romanos 9.4-5.

▣ **“as alianças da promessa,”** o NT pode se referir ao AT como uma aliança ou muitas. Esta tensão teológica pode ser vista como um uma aliança de fé expressa em diferentes requerimentos. Deus confrontou pessoas do AT por diferentes meios. Sua palavra a Adão foi a respeito de coisas no Jardim do Éden, a Noé, sobre a arca, a Abraão, sobre um filho e lugar par viver; a Moisés, sobre a liderança do povo etc. Mas a todos isto era obediência à palavra de Deus! Alguns grupos (dispensacionistas) focam nas diferenças. Outros grupos (calvinistas) focam no aspecto da unidade da fé. Paulo focava na aliança da Abraão (cf. Rm 4) como determinante para todas os relacionamentos de fé.

A Nova Aliança é como as alianças antigas em sua exigência de obediência e fé pessoal na revelação de Deus. Sua diferença é no conteúdo (cf. Jr 31.31-34). A aliança mosaica focava na obediência humana e no desempenho, enquanto o NT foca na obediência e desempenho de Cristo. Esta nova aliança é o caminho de Deus para união de judeus e gentios pela fé em Cristo (cf. 2.11-3.13).

A nova aliança, assim como a antiga, é tanto incondicional (a promessa de Deus) quanto condicional (resposta humana). Ela reflete tanto a soberania de Deus (predestinação) e a livre escolha da humanidade (fé, arrependimento, obediência, perseverança).

TÓPICO ESPECIAL: ALIANÇA (PACTO)

O termo do AT, berith, aliança, não é fácil de definir. Não há verbo equivalente no Hebraico. Todas as tentativas de derivar uma definição cognata ou etimológica não são convincentes. Contudo, a óbvia centralidade do conceito tem forçado estudiosos a examinar o uso da palavra a fim de determinar seu significado funcional.

Aliança é o meio pelo qual o único Deus verdadeiro se relaciona com a Sua criação humana. O conceito de aliança, tratado, ou acordo é crucial no entendimento da revelação bíblica. A tensão entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio humano é claramente vista no conceito da aliança. Algumas alianças são baseadas completamente nos propósitos, caráter e ações de Deus.

1. A criação (cf. Gn 1-2)
2. O chamado de Abraão (cf. Gn 12)
3. Aliança com Abraão (cf. Gn 15)
4. A preservação e promessa a Noé (cf. Gn 6-9)

Contudo, a própria natureza da aliança demanda uma resposta

1. Pela fé Adão deve obedecer a Deus e não comer da árvore no meio do Jardim (cf. Gn 2)
2. Pela fé Abraão deve deixar sua família, seguir a Deus, e crer em futuros descendentes (cf. Gn 12, 15)
3. Pela fé Noé deve construir uma enorme arca longe da água e reunir os animais (cf. Gn 6-9)
4. Pela fé Moisés tirou os israelitas do Egito e recebeu orientações específicas para vida religiosa e social, com promessas de bênçãos e maldições (cf. Dt 27-28).

Esta mesma tensão envolvendo o relacionamento de Deus com a humanidade é encontrada na “nova aliança”. A tensão pode ser claramente vista comparando Ez. 18 com Ez. 36.27-37. A aliança é baseada nos atos da graça de Deus ou na resposta ordenada dos homens? Esta é a questão provocante entre a Antiga e Nova Aliança. Os objetivos de ambas são os mesmos: (1) a restauração da comunhão perdida em Gênesis 3 e (2) o estabelecimento de um povo justo que reflita o caráter de Deus.

A nova aliança de Jeremias 31.31-34 resolve a tensão, removendo o desempenho humano como o meio de alcançar a aceitação. O objetivo de um povo justo, piedoso, permanece o mesmo, mas a metodologia muda. A humanidade caída prova a si mesma que é incapaz de ser imagem refletida de Deus (cf. Rm 3:9-18). O problema não era a aliança, mas a incapacidade e estado de pecado da humanidade (cf. Rm 7; Gl 3).

A mesma tensão entre as alianças condicionais e incondicionais do AT permanece no NT. Salvação é absolutamente de graça pela obra consumada de Jesus Cristo, mas ela requer arrependimento e fé (ambos inicialmente e continuamente). É tanto um pronunciamento legal quanto um chamado a ser como Cristo, uma declaração indicativa de aceitação e um imperativo para a santidade! Os crentes não são salvos por seu desempenho, mas para a obediência (cf. Ef 2.8-10). A vida santa se torna a evidência da salvação, não o meio da mesma. Esta tensão é claramente vista nos livros do NT de Tiago e 1 João.

▣ **“não tendo esperança e sem Deus no mundo” (RA).** Se isto é há verdadeiramente um Deus criador e Israel era seu povo escolhido, os gentios foram cortados sem nenhuma esperança, perdidos em idolatria e paganismo (cf. 1 Ts 4.13 e Rm 1.18-2.16).

2.13 “Mas agora” Há um contraste entre a desesperança passada dos gentios, vv. 11-12, e sua grande esperança no evangelho, vv. 13-22.

▣ **“vós que estáveis longe, fostes aproximados”** Este mesmo conceito é repetido no v. 17, onde Isaías 57.14-19 é citado. Em Isaías, este texto se refere ao exílio judeu, mas aqui em Éfeso se refere aos gentios. Este é um exemplo do uso tipológico que Paulo faz de passagens do AT. No NT, apóstolos universalizaram a esperança do AT. Assim como os judeus exilados foram afastados de Deus, assim os gentios foram alienados de Deus.

▣ **“pelo sangue de Cristo”** Aqui há referência à expiação vicária e substitutiva de Cristo (cf. 1:7; Rm 3.25; 5;6-10; 2 Co 5.21; Cl 1.20; Heb. 9.14,28; I Pe. 1.19; Ap. 1.5). A família de Deus não é mais nacional, mas espiritual (cf. Rom. 2.28-29; 4.16-25).

O sangue de Cristo era uma metáfora sacrificial (cf. Lv 1-2) para a morte do Messias. João Batista disse de Jesus, “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1.29). Jesus veio a fim de morrer (cf. Gn 3.15; Is 53; Mc 15.53; 10.45).

2:14 Este versículo tem três VERBOS. O primeiro é um PRESENTE INDICATIVO. Jesus continua a ser e providencia a nossa paz. O segundo e terceiro são PARTICÍPIOS ATIVOS AORISTO; tudo que é necessário tem sido cumprido para unir judeus e gentios em uma nova identidade (a igreja).

A paz entre judeus e gentios é o foco dessa unidade literária 2.11-3.13. Este era o mistério do evangelho oculto nas eras passadas. O termo “paz” se refere a (1) paz entre Deus e a humanidade (cf. João 14.27; 16.33; Rm 5.1-11; Fp 4.7,9) e (2) paz entre judeus e gentios, vv. 14,15,17 (cf. Gl 3.28; Cl 3.11).

▣ **“Ele mesmo é a nossa paz”** “Ele mesmo” (autos) é enfatizado. O termo “paz” significa “restaurar aquilo que estava quebrado” (reconciliação). Jesus o Messias é chamado Príncipe da Paz (cf. Is 9.6 e Zc 6.12-13). A paz de Deus em Cristo tem muitos aspectos. Veja os Tópicos Especiais: Paz e o Cristão, em Cl 1.20.



RA 2.14 “o qual de ambos fez um”

RC 2.14 “o qual de ambos os povos fez um”

NTH 2.14 “tornando os judeus e os não-judeus um só povo”

Os crentes não são mais judeus ou gentios, mas cristãos (cf. 1.15; 2.15; 4.4; Gl 3.28; Cl 3.11). Este era o mistério de Deus como revelado em Efésios. Este sempre tem sido o plano de Deus (Gn 3.15). Deus escolheu Abraão para escolher um povo, e escolher um mundo (Gn 12.3; Ex 19.5-6). Este é o tema unificador da Antiga e da Nova Aliança (Testamentos).



RA 2.14 “tendo derribado a parede da separação que estava no meio”

RC 2.14 “derrubando a parede de separação que estava no meio”

NTH 2.14 “ele derrubou o muro de inimizade que separava os judeus dos não-judeus”

Este é literalmente “a parede do meio de separação.” É um termo raro. No contexto obviamente se refere à lei mosaica (cf. v. 15). Alguns comentaristas tem dito que era uma alusão ao muro do Templo de Herodes entre a corte dos gentios e das mulheres, que separava adoradores gentios de judeus. Este mesmo simbolismo de remoção de barreiras é visto no véu do Templo rasgado desde cima, na morte de Jesus (cf. Mt 27.51). Unidade agora é possível. Unidade é agora a vontade de Deus (cf. Ef 4.1-10).

No gnosticismo este termo se referia à barreira entre céu e terra, que deve ser aludida em Efésios 4.8-10.

RA 2.15 “aboliu”

RC 2.15 “desfez”

NTH 2.15 “acabou com”

O termo “abolir” é um dos favoritos de Paulo (cf. Rm 3.31; 6.6; Cl 2.14). Literalmente significa “fazer algo nulo ou inválido”, ou “tirar todo efeito.” É um PARTICÍPIO ATIVO AORISTO. Jesus eliminou totalmente a sentença da morte da lei do AT (cf. v. 16; Cl 2.14; Hb 8.13).

Isto não implica que o AT não seja inspirado e importante revelação para o crente do NT (cf. Mt 5.17-19). Isto não significa que a Lei não seja o meio de salvação (cf. At 15; Rm 4; Gl 3; Hb). A Nova Aliança (Jr. 31.31-34;

Ez 36:22-36) é baseada em um novo coração e novo espírito, não no desempenho humano de um código legal. Crentes judeus e crentes gentios agora têm a mesma posição diante de Deus – a justiça imputada de Cristo.

TÓPICO ESPECIAL: NULO E INVÁLIDO (*KATARGEO*)

Esta (*katargeo*) era uma das palavras favoritas de Paulo. Ele a usou ao menos vinte e cinco vezes, mas ela tem uma grande variação de significado semântico.

- A. Sua raiz etimológica básica vem de *argos*, que significava:
 - 1. Inativo
 - 2. Ocioso
 - 3. Sem valor
 - 4. Inválido
 - 5. Inoperante
- B. Composta com *kata* era usada para expressar:
 - 1. Inatividade
 - 2. Invalidez
 - 3. O que foi cancelado
 - 4. O que já foi feito com
 - 5. O que era completamente inoperante
- C. Ela é usada uma vez em Lucas para descrever a infrutuosidade da árvore, portanto, inválida (cf. Lc 13.7).
- D. Paulo a usa em um sentido figurado pelos menos de dois modos:
 - 1. Deus fazendo coisas inoperantes que são hostis à humanidade
 - a. A natureza de pecado da humanidade (Rm 6.6)
 - b. A lei mosaica em relação à promessa de Deus da “semente” – Rm 4.14; Gl 3.17; 5.4, 11; Ef 2.15.
 - c. Forças espirituais – 1 Co 15.24
 - d. O “homem da iniquidade” - 2 Ts 2.8
 - e. Morte física – 1 Co 15.26; 2 Tim 1.16 (Hb 2.14)
 - 2. Deus substituindo a antiga (era, aliança) pela nova:
 - a. coisas relacionadas à Lei de Moisés – Rm 3.3,31; 4.14; 2 Co 3.7, 11, 13, 14
 - b. analogia do casamento usado da Lei – Rm 7.2,6
 - c. as coisas dessa era – 1 Co 13.8, 10, 11
 - d. este corpo – 1 Co 6.13
 - e. líderes dessa era – 1 Co 1.28; 2.6

Esta palavra é traduzida de muitas maneiras diferentes, mas seu sentido principal é fazer coisas se tornarem inválidas ou nulas, inoperantes, sem poder, mas não necessariamente não-existentes, destruídas ou aniquiladas.



RA 2.15 “na sua carne”

RC 2.16 “na sua carne”

Aqui há ênfase na humanidade de Jesus (Cl 1.22) assim como seu ministério encarnacional (Ef 4.8-10). Os falsos mestres negavam ambas as coisas, por causa do seu dualismo ontológico entre espírito, que consideravam bom, e matéria, que viam como má (Gl 4.4; Cl 1.22).

▣ “o inimigo” A estrutura equilibrada equaciona “o inimigo” (cf. v. 16) com “a Lei do mandamento contendo ordenanças.” O AT dizia “faça e viverás,” mas a humanidade caída era incapaz de desempenhar a Lei de Moisés. Uma vez quebradas, as leis do AT se tornavam maldições (Gl 3.10); “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4,20). A nova aliança removiu a inimizade dando aos humanos um novo coração e espírito (Jr 31.31-34; Ez 36.26-27). O desempenho se torna o resultado, não o objetivo. A salvação é um dom, não uma recompensa por trabalho concretizado.



RA 2.15 “a lei dos mandamentos na forma de ordenanças”

RC 2.15 “a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças”

NTLH 2.15 “seus mandamentos e regulamentos”

Aqui a referência é ao meio da salvação que pensava-se ser encontrada somente através do desempenho da Lei de Moisés (Rm 9.30-32; Gl 2.15-21).

TÓPICO ESPECIAL: A LEI MOSAICA E O CRISTÃO

- A. A Lei é Escritura inspirada e é eterna (cf. Mt 5.17-19)
- B. A Lei como um meio de salvação é nula e sempre tem sido, mas a humanidade tinha que ver que seu esforço próprio era inútil (Mt 5.20, 48; Rm 7:7-12; Gl 3.1 vss; Tg 2.10).
- C. O evangelho de Cristo é o único caminho a Deus (Jo 14.6; Rm 3.21; Gl 2.15-21; Hb 8.12).
- D. O Antigo Testamento é ainda útil para o crente como a vontade de Deus para os humanos em sociedade, mas não como um meio de salvação. Os cultos de Israel (sistema de sacrifícios, feriados sagrados, leis civis e religiosas) terminaram, mas Deus ainda fala através do AT. As estipulações mencionadas em Atos 15.20 se referem somente a questões de comunhão, e não salvação.

▣ “para que dos dois criasse, em si mesmo” O PRONOME “em Si mesmo” é enfático. O eterno propósito de Deus de unir todos os humanos em salvação (cf. Gn 3.15) e comunhão, foi realizado exclusivamente através do desempenho da pessoa do Messias, não da Lei de Moisés.

▣ “um novo homem” Este termo grego significa “novo” em tipo, não tempo. O povo de Deus não é judeu ou gentio, mas cristãos! A Igreja é uma nova entidade, em Cristo e por meio dele (cf. Rm 11.36; Cl 1.16; Hb 2.10).

▣ “fazendo a paz” Este é um termo favorito de Paulo. É usado onze vezes em Romanos e sete em Efésios (cf. 1.2; 2.14,15,17; 4.3; 6.15,23). Ele o usa de três maneiras:

1. Paz entre Deus e a humanidade, Cl 1.20
2. Paz subjetiva com Deus através de Cristo, João 14.27; 16.33; Fp 4.27
3. Paz entre povos, Ef 2.11-3.13

É um este é um PARTICÍPIO PASSIVO PRESENTE. Cristo continua a fazer a paz aos filhos caídos de Adão que irão responder com arrependimento e fé. A paz de Cristo não é automática (SUBJUNTIVO AORISTO, do v. 16), mas é disponível a todos (cf. Rm 5.12-21).

2.16 “e reconciliasse” O termo grego tem o sentido de *transferir alguém de um estado de ser, para outro*. Isto implica uma troca de posições contrastantes (cf. Rm 5.10-11; Cl 1.20, 22; 2 Co 5.18,21). Em um sentido, a reconciliação é a remoção da maldição de Gênesis 3. Deus e a humanidade são restaurados a uma íntima comunhão, mesmo nesta vida, neste sistema humano caído. Esta reconciliação com Deus é expressa em um novo relacionamento com outros humanos e finalmente na natureza (Is 11.6-9; 65.25; Rm 8.18-23; Ap 22.3). A reunião de judeus e gentios é um belo exemplo da obra unificadora de Deus em nosso mundo.

▣ **“em um só corpo”** Esta metáfora de unidade é usada em diferentes modos nos escritos de Paulo: (1) o corpo físico de Cristo (cf. Cl 1.22) ou o corpo de Cristo, a igreja (cf. Cl 1.23; 4.12; 5.23, 30); (2) a nova humanidade de ambos judeus e gentios (cf. 2.16); ou (3) um modo de referência à unidade e diversidade dos dons espirituais (cf. 1 Co 12.12-13, 27). Em um sentido, eles todos se relacionam ao número 1.

▣ **“por intermédio da cruz”** Para os líderes judeus, a cruz era símbolo de maldição (Dt 21.23). Deus o usa como um meio de redenção (cf. Is 53). Jesus se torna “a maldição” por nós (cf. Gl 3.13)! Ela se torna a Sua carruagem de vitória (Cl 2.14-15), dando aos crentes vitória sobre (1) a maldição do AT; (2) os poderes do mal; e a (3) inimizade entre judeus e gentios.

▣

NVI “Ele destruiu a inimizade”

RA “destruindo por ela a inimizade”

RC “matando com ela as inimizadas”

As traduções em português permitem que a frase seja entendida de duas maneiras. Isto ocorre porque o PRONOME SINGULAR pode ser um MASCULINO DATIVO (NVI), ou NEUTRO DATIVO (RA e RC). No contexto, qualquer um é possível. A ênfase do contexto maior é na obra redentiva consumada de Cristo.

2.17 Esta é uma alusão a Isaías 57.19 ou possivelmente a 52.7. Os rabinos, voltando a Isaías 56:6, usavam esta frase para se referir aos prosélitos gentios.

2.18 A obra da Trindade é claramente declarada neste livro (cf. 1.3-14,17; 2.18; 4.4-6). Embora o termo “trindade” não seja um termo bíblico, o conceito certamente o é (cf. Mat 3.16-17; 28.19; Jo 14.26; At 2.33-34,38-39; Rm. 1.4-5; 5.1,5; 8.9-10; I Co. 12.4-6; II Co. 1.21-22; 13.14; Gl. 4.4-6; Ef. 1.3-14;2.18; 3.14-17; 4.4-6; I Ts. 1.2-5; II Ts. 2.13; Tt 3.4-6; I Pe. 1.2; Jd 20-21). Veja o Tópico Especial em 1.3.

▣ **“ambos temos acesso”** Este é um INDICATIVO ATIVO PRESENTE que significa “continuamos a ter acesso.” Este é o conceito de Jesus pessoalmente trazendo os crentes à presença de Deus e dando a eles uma introdução pessoal (cf. Rm 5.2; também é usado no sentido de confiança em Hebreus 4.16; 10.19, 35).

▣ **“Em um Espírito”** Este também é enfatizado em Efésios 4.4. Os falsos mestres estavam causando desunião, mas o Espírito trouxe unidade (não uniformidade)!

2.19 Os gentios que eram estranhos (vv. 11-12) agora são completamente incluídos. Isto é claramente declarado pelo uso de quatro metáforas bíblicas: (1) concidadãos (cidade); (2) santos (nação santa separada por Deus); (3) casa de Deus (membros de família); e (4) construção espiritual (templo, vv. 20-22a)

▣ **“santos”** Veja o Tópico Especial em Cl 1:2

2.20 “edificados sobre” Este é um PARTICÍPIO PASSIVO AORISTO. O fundamento da nossa fé tem sido plena e finalmente posto pelo Deus Triúno. As boas novas de Deus foram proclamadas pelos apóstolos e profetas (cf. 3.5).

▣ **“o fundamento dos apóstolos e profetas”** Jesus colocou o fundamento do evangelho (cf. 1 Co 3.11). O AT profetizava a vinda do Reino de Deus, e a vida de Jesus, guiada pelo Espírito, sua morte e ressurreição, concretizaram isso, e os apóstolos pregaram sua realidade. A única questão é, a quem o termo “profetas” se refere? São profetas do AT ou do NT (cf. 3.5; 4.1)? A ordem dos termos implica profetas do NT (cf. vv. 3.5; 4.11), mas a alusão messiânica à pedra angular implica profecia do AT.

A razão para a distinção entre profetas do AT e NT é a questão da revelação. Profetas do AT escreveram a Escritura. Eles foram instrumentos de Deus de auto-revelação inspirada. Contudo, a profecia é um dom contínuo no NT (1 Co 12.28; Ef 4.11). A Escritura continua a ser escrita? Deve haver uma distinção bem feita entre inspiração (apóstolos e profetas do AT), iluminação e dons espirituais (dons do NT para os crentes).

▣ **“A pedra angular”** Esta é uma metáfora messiânica do AT (cf. Is 28.16; Sl 118.22; 1 Pe 2.4-8). No AT, a força de Deus, sua estabilidade e perseverança, eram com frequência visualizadas no título “Rocha” (cf. Dt 32.4, 15, 18, 30; Sl 18.2, 31, 46; 28.1; 33.3; 42.9; 71.3; 78.15).

A metáfora de Jesus como uma pedra:

1. Uma pedra rejeitada, Sl 118.22
2. Uma pedra de construção, Sl 118.22, Is 28.16
3. Uma pedra de tropeço, Is 8.14-15
4. Uma pedra de conquista e vitória iminente (reino), Dn 2:45
5. Jesus usou estas passagens para descrever a Si mesmo (cf. Mt 21.40; Mc 12.10; Lc 20.17)

Ele era a chave da construção que foi ignorada no ritualismo e legalismo do AT (cf. Is 8.14).

TÓPICO ESPECIAL: PEDRA ANGULAR

I. Uso do AT

- A. O conceito de uma pedra como item de alta durabilidade que fazia uma boa fundação, foi usado para descrever YHWH (cf. Sl 18.1)
- B. Ele então se desenvolveu num título messiânico (cf. Gn 49.24; Sl 118.22; Is 28.16).
- C. Veio para representar o julgamento de YHWH pelo Messias (cf. Is 8.14; Dn 2.34-35, 44-45).
- D. Desenvolveu-se numa metáfora de construção:
 - 1. Uma pedra de fundação, a primeira colocada, que era segura e estabelecia os ângulos do restante da construção, chamada “pedra angular”
 - 2. Pode também se referir à pedra final colocada no lugar, que segura as paredes juntas (Zc 4.7; Ef 2.20, 21), chamada “pedra da esquina”, do hebraico *rush* (i.e., cabeça).
 - 3. Pode se referir à “pedra fundamental”, que é posta no centro do arco da porta e suporta o peso da parede inteira.

II. Uso no NT:

- A. Jesus citou o Salmo 118 várias vezes em referência a Si mesmo (cf. Mt 21.41-46; Mc 12.10-11; Lc 20.17)
- B. Paulo usa o Salmo 118 em conexão com a rejeição de YHWH pelos incrédulos e rebeldes de Israel (cf. Rm 9.33)
- C. Paulo usa o conceito de “pedra de esquina” em Efésios 2.20-22 em referência a Cristo.
- D. Pedro usa este conceito de Jesus em 1 Pe 2.1-10. Jesus é a pedra angular e os crentes são pedras vivas (i.e., os crentes são templos, cf. 1 Co 6.19), construídos nEle (i.e., Jesus é o Novo Templo, cf. Mc 14.58; Mt 12.6; Jo 2.19-20). Quando rejeitaram Jesus como o Messias, os judeus rejeitaram o fundamento da sua esperança.

III. Declarações Teológicas

- A. YHWH permitiu a Davi/Salomão construir o templo. Ele lhes disse que, se mantivessem a aliança, seriam abençoados e YHWH estaria com eles (cf. 2 Sm 7), mas se não o fizessem, o templo seria levado às ruínas (cf. 1 Rs 9.1-9)!
- B. O Judaísmo rabínico focava na forma e ritual e negligenciava o aspecto pessoal da fé (esta não é uma declaração generalizada, havia bons rabinos). Deus procura um relacionamento pessoal, piedoso, dirário com aqueles criados à Sua imagem (cf. Gn 1.26-27). Lucas 20.17-18 contém assustadoras palavras de julgamento.
- C. Jesus usou o conceito de um templo para representar o Seu corpo físico (cf. João 2.19-22). E isto continua e expande o conceito de fé pessoal em Jesus como Messias como a chave para um relacionamento com YHWH.
- D. A salvação significa restaurar a imagem de Deus nos seres humanos, a fim de que a comunhão com Deus seja possível. O objetivo do cristianismo é transformar-nos à imagem de Cristo nesse tempo. Os crentes devem se tornar pedras vivas (i.e., pequenos templos construídos sobre/modelados após Cristo).
- E. Jesus é a fundação da nossa fé e pedra de esquina dela (i.e., o Alfa e o Omega); e também a pedra de tropeço e rocha de escândalo. Deixá-lo é deixar todas as coisas. Não pode haver meio termo aqui!

2.21-22 A ideia corporativa ou coletiva do povo de Deus vista no v. 19 (duas vezes), 21 e 22, foi expressa no PLURAL “santos.” Ser salvo é ser parte de uma família, uma construção, corpo, templo.

O conceito da igreja como templo é expresso em 1 Co 3.16-17. Esta é uma ênfase na natureza corporativa da igreja. O aspecto individual foi expresso em 1 Co 6.16. Ambos são verdadeiros!

Os VERBOS nos versículos 21-22 também têm um foco corporativo. Eles têm o composto *syn*, que significa “participar com.” Eles são ambos PASSIVO PRESENTE. Deus está continuamente construindo/aumentando sua igreja.

Em relação à frase “todo o edificio” (RA), há um problema de manuscritologia. Os manuscritos unciais antigos a) *, B, D, F e G não possuem ARTIGO, enquanto)^c, A, C, e P, possuem. A questão é, Paulo estaria se referindo a um grande edificio (RA, RC, NTLH), ou a vários pequenos edificios (NVI, SBB) unidos de alguma forma? A quarta edição do texto grego (United Bible Society Fourth Edition Greek Text) fornece uma classificação “B” para a construção ANARTHROUS, o que indica que é “quase certo” que se refira a uma construção. Esta construção não é finalizada. Ela está em processo de crescimento. A metáfora da construção alude ao templo espiritual (o povo de Deus).

TÓPICO ESPECIAL: EDIFÍCIO

Este termo oikodomeo e suas outras formas são usados por Paulo com frequência. Literalmente significa “construir uma casa” (cf. Mt 7:24), mas veio a ser usado metaforicamente para:

1. O corpo de Cristo, a igreja, 1 Co 3.9; Ef 2.21; 4.16;
2. Edificar:
 - a. Uns aos outros, Rm 15.1
 - b. Ao próximo, Rm 15.2
 - c. Irmãos fracos, Ef 4:29; 1 Ts 5.11
 - d. Os santos para o ministério, Ef 4.11
3. Somos edificados:
 - a. Pelo amor, 1 Co 8.1; Ef 4.16
 - b. Limitando nossas liberdades pessoais, 1 Co 10.23-24
 - c. Evitando especulações, 1 Tim 1.4
 - d. Limitando participantes nos cultos de adoração (cantores, mestres, profetas, dom de línguas e intérpretes), 1 Co 14.3-4, 12.
4. Todas as coisas devem edificar:
 - a. A autoridade de Paulo, 2 Co 10.8; 12.19; 13.10
 - b. Um resumo de declarações em Rm 14.19 e 1 Co 14.26

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Este é um manual de estudo comentado, que objetiva fazê-lo responsável por sua própria interpretação da Bíblia. Cada um de nós de andar à luz daquilo que já temos. Você, a Bíblia e o Espírito Santo são prioritários na interpretação. Você não deve relegar isto a um comentário.

Estas perguntas são apresentadas para ajudá-lo a pensar através das questões principais dessa seção do livro. Objetivam provocar a capacidade de pensar, mas não são definitivas.

1. Todos os humanos estão distantes de Deus?
2. Os humanos têm uma participação significativa na sua própria salvação?
3. Por que a união de judeus e gentios é tão significativa?
4. Como Jesus fez com que a Lei se tornasse “inválida e nula”?
5. A Lei de Deus é eterna? Como os cristãos se relacionam à Lei Mosaica e à totalidade do Antigo Testamento?
6. Por que Paulo enfatiza a metáfora da construção nos vv. 19-23?

ROMANOS 5

DIVISÃO DE PARÁGRAFOS NAS TRADUÇÕES MODERNAS			
RA	NTLH	NVI	TB (Tradução Brasileira)
Justificação pela fé e paz com Deus	Aceitos por Deus	Paz e Alegria	As consequências da Justificação
1-11	1-11	1-11	1-11
Adão e Cristo	Adão e Cristo	Morte de Adão, vida em Cristo	Adão e Cristo
12-21	12-21	12-21	12-21

TERCEIRO CICLO DE LEITURA

SEGUINDO A INTENÇÃO DO AUTOR ORIGINAL NO NÍVEL DO PARÁGRAFO

Este é um manual de estudo comentado, que objetiva fazê-lo responsável por sua própria interpretação da Bíblia. Cada um de nós de andar à luz daquilo que já temos. Você, a Bíblia e o Espírito Santo são prioritários na interpretação. Você não deve relegar isto a um comentário.

Leia o capítulo de uma vez só. Identifique os assuntos. Compare sua divisão de assuntos com as traduções acima. Essas divisões não são inspiradas, mas são uma ferramenta para seguir a intenção do autor original, que é o coração da interpretação. Cada parágrafo tem um e somente um assunto.

1. Primeiro parágrafo
2. Segundo parágrafo
3. Terceiro parágrafo
4. Etc.

PERCEPÇÕES CONTEXTUAIS

- A. Versículos 1-11 são uma sentença no Grego. Eles desenvolvem o conceito central de Paulo de “Justificação pela Fé” (cf. 3:21-4:25).
- B. Possíveis esboços dos vv. 1-11:

Versículos 1-5	Versículos 6-8	Versículos 9-11
Os benefícios da salvação	A base da salvação	O futuro certo da salvação
Experiências subjetivas da Justificação	Fatos objetivos da Justificação	O futuro certo da justificação
Justificação	Santificação progressiva	Glorificação
Antropologia	Teologia	Escatologia

C. Os versículos 12-21 são uma discussão sobre Jesus como segundo Adão (cf. 1 Co 15.21-22, 45-49; Fp 2.6-8). Há uma ênfase no conceito teológico tanto do pecado individual quanto da culpa coletiva. O desenvolvimento de Paulo sobre a queda da humanidade (e da criação) em Adão era singular e diferente daquele dos rabinos, enquanto sua visão de coletividade era muito de acordo com o ensino rabínico. Isto revela a habilidade de Paulo para, sob inspiração, usar ou suplementar as verdades que ele aprendeu durante seus estudos em Jerusalém com Gamaliel (cf. At 22.3).

A doutrina evangélica reformada do pecado original de Gênesis 3, foi desenvolvida por Agostinho e Calvino. Basicamente afirma que todos os humanos nascem pecadores (total depravação). Com frequência Salmos 51.5; 58.3 e Jó 15.14; 25.4 são usados como textos-prova. A posição teológica alternativa que diz que os humanos são progressiva, moral e espiritualmente responsáveis por suas próprias escolhas, foi desenvolvida por Pelágio e Armínio. Existe alguma evidência para esta visão em Dt 1.39; Is 7.15; e Jonas 4.11; João 9.41; 15.22,24; At 17.30; Rm 4.15. A asseveração dessa posição teológica seria que crianças são inocentes até uma idade de responsabilidade moral (para os rabinos, esta idade era 13, para meninos, e 12 anos para garotas).

Existe uma posição em, tanto a propensão inicial para o mal quanto a era da responsabilidade moral são verdade! O mal não é somente coletivo, mas um mal desenvolvido do ego individual ao pecado (a vida cada vez mais distante de Deus). A iniquidade da humanidade não é a questão (cf. Gn 6.5, 11-12, 13; Rm 3.9-18,23), mas o quando, no nascimento ou depois?

D. Existem muitas teorias sobre as implicações do versículo 12.

1. Todas as pessoas morrem porque todas as pessoas escolhem pecar (Pelágio)
2. O pecado de Adão afetou toda a criação e, portanto, todos morrem (vv. 18-19, Agostinho)
3. Na realidade é provavelmente uma combinação de pecado original e pecado volitivo

E. A comparação de Paulo “assim como” começou no v. 12, não termina até o v. 18. Os vv. 13-17 formam um parêntesis que é tão característico dos escritos de Paulo.

F. Lembre-se que a apresentação que Paulo faz do evangelho, 1.18-8.39, é um argumento sustentado. O todo deve ser visto a fim de propriamente interpretar e avaliar partes.

G. Martinho Lutero disse sobre o capítulo 5, “Em toda a Bíblia dificilmente existe um capítulo que seja comparável a este texto triunfante.”

ESTUDO DE PALAVRA E FRASE

ROMANOS 5.1-5 (RA)

1. Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; 2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. 3 E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; 4 e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. 5 Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.

5.1 “portanto” Esta palavra com frequência assinala (1) o sumário do argumento teológico neste ponto; (2) as conclusões baseadas nessa apresentação teológica; e (3) apresentação da nova verdade (cf. 5.1; 8.1; 12.1).

▣ **“tendo sido justificados”** Este é um PARTICÍPIO AORISTO PASSIVO; Deus justificou os crentes. Primeiramente isto se vê na sentença grega (vv.1-2) para ênfase. Deve haver uma sequência de tempo nos versículos 1-11; (1) vv.1-5, nossa experiência atual com a graça; (2) vv.6-8, a obra consumada de Cristo em nosso favor; e (3) vv. 9-11, nossa futura esperança e segurança da salvação. Veja o esboço B, em percepções contextuais.

O pano de fundo do termo “justificado” (*dikaioo*) no AT era uma “cana de medir.” Veio a ser usado metaforicamente pelo próprio Deus. Veja o Tópico Especial: Justificação no versículo 1.17. O caráter de Deus, a santidade, é um dos padrões do julgamento (cf. LXX ou Lv 24.22; e teologicamente em Mt 5.48). Por causa do sacrifício de Jesus, sua morte substitutiva, os crentes têm uma posição legal (forense) diante de Deus. E isto não implica a ausência de culpa, mas em algo como uma anistia. Alguém pagou por nossa penalidade (cf. 2 Co 5.21). Os crentes têm sido declarados justos (cf. vv. 9,10).

▣ **“pela fé”** Fé é a mão que aceita o dom de Deus (cf. v. 2; Rm 4.1 vvs). A fé não foca no nível ou na intensidade do compromisso do crente (Mt 17.20), mas no caráter e nas promessas de Deus (Ef 2.8-9). A palavra no AT para “fé”, originalmente se referia a uma postura estável e permanente. Ela passou a ser usada metaforicamente por alguns no sentido de ser leal, dependente e de confiança. Fé não foca em nossa fidelidade ou confiança, mas na fidelidade e confiança de Deus. Veja o Tópico Especial: Fé em 4.5.

▣ **“nós temos paz”** Há uma variante do manuscrito grego aqui. Este VERBO é ou um SUBJUNTIVO (*echomen*) ou um INDICATIVO ATIVO (*echomen*). Esta mesma ambiguidade gramatical é encontrada nos vv. 1,2 e 3. Os manuscritos gregos parecem sustentar o SUBJUNTIVO (cf. MSS) *, A, B*, C, D). Se for o SUBJUNTIVO, deveria ser traduzido como “vamos continuar desfrutando da paz” ou “permaneça desfrutando a paz.” Se for o INDICATIVO, então deve ser traduzido como “nós temos paz.” O contexto dos vv. 1-11 não são de exortação, mas declaração daquilo que os crentes já são e têm através de Cristo. Portanto, o VERBO é provavelmente INDICATIVO ATIVO PRESENTE, “nós temos paz.” O USB* dá a “A” como classificação para essa opção (o que significa *certamente*).

Muitos dos nossos antigos manuscritos gregos são produzidos por uma pessoa lendo um texto e muitas outras fazendo cópias. Palavras que foram pronunciadas com frequência eram confundidas. É aqui que o contexto e às vezes o estilo da escrita e o vocabulário usual do autor ajudam a decisão na hora da tradução ser mais fácil.

▣ **“paz”** Veja o Tópico Especial a seguir.

TÓPICO ESPECIAL: PAZ

Este termo grego originalmente significava “juntando aquilo que foi quebrado” (cf. João 14.27; 16.33; Fp 4.7). Há três maneiras pelas quais o NT fala de paz:

1. Como aspecto objetivo da nossa paz com Deus através de Cristo (cf. 1.20)
2. Como aspecto subjetivo do nosso ser reto com Deus (João 14.27; 16.33; Fp 4.7)
3. Que Deus tem unido em um novo corpo, através de Cristo, tanto judeus e gentios (cf. Ef 2:14-17; Cl 3:15). Uma vez que temos paz com Deus, isso deve implicar paz com outros! O vertical se torna horizontal.

Newman e Nida, *A Translator's Handbook on Paul's Letter to the Romans* (Um Manual para Tradução da Carta de Paulo aos Romanos), p. 92, tem um bom comentário sobre “paz.”

“Tanto no Antigo quanto Novo Testamento, o termo paz tem um amplo campo de significado. Basicamente ele descreve o total ser da vida de uma pessoa; também foi adotada entre os judeus como fórmula de saudação. Este termo teve um sentido tão profundo, que poderia ser usado pelos judeus para descrição da salvação messiânica. Por causa desse fato, há ocasiões em que é usado quase de modo sinônimo ao termo ‘estar em uma reta relação com Deus.’ Aqui o termo parece ser usado como uma descrição da relação harmoniosa estabelecida entre Deus e o homem na base do ato de Deus ao pôr o homem em reto relacionamento com Si mesmo” (p. 92).

▣ **“Com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”** Jesus é o agente que traz a paz com Deus. Jesus é o único caminho para a paz com Deus (cf. João 10.7-8; 14.6; At 4.12; 1 Tim 2.5). Para os termos no título Jesus Cristo, veja notas em 1.4.

5.2 “temos entrado” este é um INDICATIVO ATIVO PERFEITO; fala do ato passado que foi consumado e que agora resulta em um estado de ser. O termo “entrado” literalmente quer dizer “acesso” ou “admissão” (prosagoge, cf. Ef 2.18; 3.12). Veio a ser usado metaforicamente para (1) ser introduzido pessoalmente à realeza ou (2) ser trazido em segurança ao abrigo.

Esta frase contém uma variante do manuscrito grego. Alguns manuscritos adicionam “pela fé” (cf.)*, C assim como antiga versão Latina, Vulgata, Siríaca e Copta). Outros manuscritos adicionam uma PREPOSIÇÃO a “pela fé” (cf.)*, A, e algumas versões da Vulgata). Contudo, os manuscritos unciais B, D, F, e G, omitem isto completamente. Ao que parece, os escribas simplesmente preencheram o paralelismo do 5.1 e 4.16 (duas vezes), 19, e 20. “Pela fé” é o assunto recorrente de Paulo!

▣ **“na graça”** Este termo (*charis*) quer dizer amor imerecido de Deus (Ef 2.4-9). É claramente visto na morte de Cristo em favor da humanidade pecadora (cf. v. 8).

▣ **“na qual estamos firmes”** Este é outro INDICATIVO ATIVO PERFEITO; literalmente “nós permanecemos e continuamos a permanecer.” Isto reflete a posição teológica dos crentes em Cristo e seu compromisso para permanecer na fé, que combina o paradoxo teológico da soberania de Deus (cf. 1 Co 15.1) e o livre-arbítrio humano (cf. Ef 6.11, 13, 14).

TÓPICO ESPECIAL: PERMANECER (HISTEMI)

Este termo comum é usado em muitos sentidos teológicos do Novo Testamento

1. Estabelecer
 - a. Lei do AT, Rm 3.31
 - b. A justiça própria de alguém, Rm 10.3
 - c. A nova aliança, Hb 10.9
 - d. Uma incumbência, 2 Co 13.1
 - e. A verdade de Deus, 2 Tm 2.19
2. Resistir espiritualmente
 - a. O diabo, Ef 6.11
 - b. O dia do julgamento, Ap 6.17
3. Resistir permanecendo em um fundamento
 - a. Metáfora militar, Ef 6.14
 - b. Metáfora civil, Rm 14.4
4. Uma posição na verdade, João 8.44
5. Uma posição na graça
 - a. Rm 5.2
 - b. 1 Co 15.1
 - c. 1 Pe 5.12
6. Uma posição na fé
 - a. Rm 11.20
 - b. 1 Co 7.37
 - c. 1 Co 15.1
 - d. 2 Co 1.24
7. Uma posição de arrogância, 1 Co 10.12

Este termo expressa ambas aliança da graça e misericórdia de um Deus soberano e o fato que os crentes precisam responder e apegar-se a ela pela fé! Ambas são verdades bíblicas e devem ser seguradas juntas!

▣ **“exultamos”** Esta forma gramatical pode ser entendida como (1) INDICATIVO MEDIANO (deponente) PRESENTE, “nós exultamos”, ou (2) SUBJUNTIVO MEDIANO (deponente), “vamos exultar.” Acadêmicos são divididos nestas opiniões. Se um toma “nós temos” no v.1 como um INDICATIVO, então a tradução deve ser consistente através do v. 3.

A raiz da palavra “exultamos” é “gloriando” (NRSV, JB). Veja Tópico Especial em 2.17. Os crentes não exultam em si mesmos (cf. 3.27), mas naquilo que o Senhor tem feito por eles (cf. Jr 9.23-24). Esta mesma raiz grega é repetida nos vv. 3 e 11.

▣ **“na esperança”** Paulo com frequência usa esse termo em muitos sentidos diferentes mas relacionados. Veja nota em 4.18. Com frequência é associada com a consumação da fé do crente. Pode ser expressa como glória, vida eterna, salvação final, Segunda Vinda, etc. A consumação é certa, mas o elemento tempo é desconhecido e futuro. É com frequência associado com “fé” e “amor” (cf. 1 Co 13.13; Gl 5.5-6; Ef 4.2-5; 1 Ts 1.3; 5.8). Abaixo segue uma lista parcial do uso feito por Paulo.

1. A Segunda Vinda, Gl 5.5; Ef 1.18; Tt 2.13
2. Jesus é nossa esperança, 1 Tim 1.1
3. O crente apresentado a Deus, Cl 1.22-23; 1 Ts 2.19
4. Esperança no céu, Cl 1.5
5. Salvação final, 1 Tes 4.13
6. A glória de Deus, Rm 5.2; 2 Co 3.12; Cl 1.27
7. Segurança da salvação, 1 Ts 5.8-9
8. Vida eterna, Tt 1.2; 3.7
9. Resultados da maturidade cristã, Rm 5.2-5
10. Redenção de toda criação, Rm 8.20-22
11. Um título para Deus, Rm 15.13
12. Consumação da adoção, Rm 15.4

▣ **“glória de Deus”** Esta frase é uma expressão do AT para a presença pessoal de Deus. Refere-se à permanência do crente diante de Deus na justificação pela fé providenciada por Jesus no dia da ressurreição (cf. 2 Co 5.21). Com frequência nomeada pelo termo teológico “glorificação” (cf. vv. 9-10; 8.30). Os crentes irão compartilhar a imagem de Jesus (cf. 1 João 3.2; 2 Pe 1.4). Veja o Tópico Especial: Glória em 3.23.

5.3

RA “E não somente isto, mas também”

NVI “Não só isso, mas também”

Paulo usa essa combinação de termos muitas vezes (cf. 5.3, 11; 8.23; 9.10, e 2 Co 8.19).



RA “mas também nos gloriamos nas próprias tribulações”

RC “mas também nos gloriamos nas tribulações”

NTLH “também nos alegramos nos sofrimentos”

Se o mundo odiou a Jesus, odiará seus seguidores (cf. Mt 10.22; 24.9; João 15.18-21). Jesus amadureceu, humanamente falando, por meio das coisas que Ele sofreu (Hb 5.8). O sofrimento produz retidão, que é o plano de Deus para todo crente (cf. 8.17-19; At 14.22; Tg 1.2-4; 1 Pe 4.12-19).

▣ **“sabendo”** Este é um PARTICÍPIO PERFEITO, de *oida*. Ele é PERFEITO em forma, mas funciona como um TEMPO PRESENTE. O entendimento do crente a respeito das verdades do evangelho e como elas se relacionam com o sofrimento, permite que viva com alegria e confiança que não depende de circunstâncias, mesmo durante perseguição (cf. Fp 4.4; 1 Ts 5.16,18).

5.3 “tribulação” Veja Tópico Especial seguinte

TÓPICO ESPECIAL: TRIBULAÇÃO

Deve-se fazer uma distinção teológica entre o uso que Paulo faz do termo (*thlipsis*) e o uso que João faz:

- I. O uso por Paulo (que reflete o uso que Jesus fazia)
 - A. Problemas, sofrimentos, mal envolvido em um mundo caído
 1. Mt 13.21
 2. Rm 5.3
 3. 1 Co 7.28
 4. 2 Co 7.4
 5. Ef 3.13
 - B. Problemas, sofrimentos, mal causado por descrentes
 1. Rm 5.3; 8.35; 12.12
 2. 2 Co 1.4,8; 6.4; 7.4; 8.2,13
 3. Ef 3.13
 4. Fp 4.14
 5. 1 Ts 1.6
 6. 2 Ts 1.4
 - C. Problemas, sofrimentos, mal dos fins dos tempos
 1. Mt 24.21,29
 2. Mc 13.19,24
 3. 2 Ts 1.6-9
- II. O uso por João
 - A. João faz uma distinção específica entre *thlipsis* e *orge* ou *thumos* (ira), em Apocalipse. *Thlipsis* é o que descrentes fazem aos crentes e *orge* é o que Deus faz aos descrentes.
 1. *thlipsis* – Ap 1.9; 2.9-10, 22; 7.14
 2. *orge* – Ap 6.16-17; 11.18; 16.19; 19.15
 3. *thumos* – Ap 12.12; 14.8, 10, 19; 15.2,7; 16.1; 18.3
 - B. João também usa o termo no seu evangelho para refletir problemas que os crentes enfrentam em todas as eras – João 16.33

5.3,4 “perseverança” Este termo quer dizer “voluntário,” “ativo,” “constante,” “resistente.” Era um termo que se relacionava com a paciência do povo e com as circunstâncias. Veja o Tópico Especial em 8.25.

5.4

RA “experiência”

RC “experiência”

Na LXX (Septuaginta) de Gn 23.16; 1 Rs 10.18; 1Cr 28.18, este termo foi usado no teste da pureza e genuinidade de metais (cf. 2 Co 2.9; 8.2; 9.13; 13.3; Fp. 2.22; II Tim. 2.15; Tg 1.12). Os testes de Deus são sempre para fortalecimento (cf. Hb 12.10-11)!

5.5 (RA) “porque o amor de Deus é derramado em nosso coração” Este é um INDICATIVO PASSIVO PERFEITO; literalmente, “O amor de Deus tem sido e continua a ser derramado.” Este VERBO com frequência era usado em relação ao Espírito Santo (cf. At 2.17, 18, 33; 10.45 e Tt 3.6), que deve refletir Joel 2.28-29.

A FRASE GENITIVA, “o amor de Deus”, gramaticalmente pode ser referir a (1) nosso amor a Deus; ou (2) o amor de Deus por nós (cf. 2 Co 5.14). Número dois é somente opção contextual.

▣ **“pelo Espírito Santo que nos foi outorgado”** Este é um PARTICÍPIO PASSIVO AORISTO. A VOZ PASSIVA é com frequência usada para expressar a ação de Deus. Ela implica que os crentes não precisam mais do Espírito. Ou eles têm o Espírito ou não são cristãos (cf. 8.9). A dádiva do Espírito era o sinal da Nova Era (cf. Joel 2.28-29), a Nova Aliança (cf. Jr 31.31-34; Ez 36.22-32).

▣ Note a presença das três pessoas da Trindade neste parágrafo.

1. Deus, vv. 1,2,5,8,10
2. Jesus, vv. 1,6,8,9,10
3. O Espírito, v.5

5.6-11 (RA)

6 Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. 7 Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. 8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. 9 Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. 10 Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida; 11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

5.6

RA 5.6 “quando nós ainda éramos fracos”

RC 5.6 “estando nós ainda fracos”

NTLH 5.6 “de fato, quando não tínhamos força espiritual”

Este verbo é um PARTICÍPIO PRESENTE. Ele se refere à natureza adâmica caída da humanidade. Os humanos são desprovidos de poder diante do pecado. O PRONOME “nós” explica e é paralelo ao NOME descritivo do v. 6.b, “ímpios”, v.8 “pecadores,” e v. 10 “inimigos.” Versículos 6 e 8 são teológica e estruturalmente paralelos.

RA “a seu tempo”

NTLH “no tempo escolhido por Deus”

Historicamente isto pode se referir a: (1) paz romana permitindo viagens livres; (2) à língua grega permitindo comunicação transcultural; e (3) ao legado dos deuses romanos e gregos, produzindo um mundo espiritualmente faminto e cheio de expectativa. (cf. Mc 1.15; Gl 4.4; Ef 1.10; Tt 1.3). Teologicamente a encarnação foi um evento divino plano planejado (cf. Lc 22.22; At 2.23; 3.18; 4.28; Ef 1.11).

5.6.,8,10 “morreu pelos ímpios” Este é um INDICATIVO ATIVO AORISTO e visualiza a vida e morte de Jesus como um evento unificado. “Jesus pagou a dívida que não era sua e nós devíamos uma dívida que não podíamos pagar” (cf. Gl 3.13; 1 João 4.10).

A morte de Cristo era um tema recorrente nos escritos de Paulo. Ele usava muitos termos diferentes para se referir à morte substitutiva de Jesus:

1. “Sangue” (cf. 3.25; 5.9; I Co. 11.25,27; Ef. 1.7; 2.13; Cl. 1.20)
2. “entregou a Si mesmo” (Ef 5.2,25)
3. “entregue” (Rm 4.25; 8.32)
4. “sacrifício” (1 Co 5.7)
5. “morto” (Rm. 5.6; 8.34; 14.9,15; 1 Co. 8.11; 15.3; 2 Co. 5.15; Gl. 5.21; 1 Ts. 4.14;5.10)
6. “cruz” (I Co. 1.17-18; Gl. 5.11; 6.12-14; Ef. 2.16; Fp. 2.8; Cl. 1.20; 2.14)
7. “crucificação” (1 Co 1.23; 2.2; 2 Co 13.4; Gl 3.1)

A PREPOSIÇÃO *huper* neste contexto significa:

1. Representação, “em nosso nome”
2. Substituição, “em nosso lugar”

Normalmente o sentido básico de *huper* com o GENITIVO é “em nome de” (Low e Nida). Expressa alguma vantagem que é acrescentada às pessoas (*The New International dictionary of New Testament Theology*, vol. 3, p. 1196). Contudo, *huper* não tem o sentido de *anti*, que denota “em lugar de”, sendo que este se refere teologicamente a uma expiação substitutiva vicária (cf Mc 10.45; Jo 11.50; 18.14; II Co. 5.14; I Tim. 2.6). M.J. Harris (NIDOTTE, vol. 3, p. 1197) diz, “mas por qual motivo Paulo nunca diz que Cristo morreu *anti hemon* (1 Tim 2:6 é o mais próximo, ele vem – *antilutron huper panton*)? Provavelmente porque a PREPOSIÇÃO *huper*, diferente de *anti*, pode simultaneamente expressar representação e substituição.”

“É muito discutido se *huper*, em nome de, é equivalente a *anti*, em lugar de. Os escritores clássicos fornecem casos onde o sentido parece ser intercambiável. O sentido dessa passagem, contudo, é tão incerto que isto não pode ser razoavelmente apontado como evidência. A preposição deve ter um significado local, *acima* do morto. Nenhuma dessas passagens pode ser considerada como decisiva. O que melhor se pode dizer é que *huper* quase se aproxima do sentido de *anti*. *Em lugar de* é muito instado no campo dogmático. Na grande maioria das passagens o sentido é claramente *em nome de, por causa de*. A verdadeira explicação parece ser que, nas passagens principalmente em questão, estas relacionadas à morte de Cristo, como aqui, Gl 3.13; Rm 14.15; 1 Pe 3.18, *huper* caracteriza a proposição geral mais indefinida – Cristo morreu por causa de – deixando o sentido peculiar de *em lugar de* indeterminado, e devendo ser definido por outras passagens. O sentido de *em lugar de* deve ser incluído naquele, mas somente de modo inferencial” (p. 692).

RA “por um justo”

NTLH “por um homem que obedece às leis”

Este termo era usado no mesmo sentido quanto é dito que Noé e Jó eram justos e homens íntegros. Ele seguiam as obrigações religiosas do seu tempo. Isto não implica que eram impecáveis. Veja o Tópico Especial em 1:17.

5:8 “Deus prova Seu próprio amor” Este é um INDICATIVO ATIVO PRESENTE (cf. 3.5). O Pai enviou o Filho (cf. 8.3,32; 2 Co 5.19). O amor de Deus não é sentimental, mas determinados por ações (cf. João 3.16; 1 João 4.10) e constante.

5:9 “muito mais” Esta era uma das expressões favoritas de Paulo (cf. vv. 10, 15, 17). Se Deus amou os crentes tanto enquanto eles eram ímpios, quanto mais Ele os ama agora que são Seus filhos (cf. 5.10; 8.22).

▣ **“sendo justificados”** Este é um PARTICÍPIO PASSIVO AORISTO, que enfatiza a justificação como um ato completo consumado por Deus. Paulo está repetindo a verdade do v. 1. Também note o paralelismo entre os termos “justificado” (v. 9) e “reconciliado” (vv. 10-11).

▣ **“pelo seu sangue”** Esta era uma referência à morte sacrificial de Cristo (cf. 3.5; Mc 10.45; 2 Co 5.21). Este conceito de sacrifício, uma vida inocente dada em lugar de uma vida culpada, remonta a Lv 1-7 e possivelmente Ex 12 (o cordeiro da Páscoa), e foi teologicamente aplicado a Jesus em Is 53.4-6. É desenvolvido num sentido cristológico no livro de Hebreus, livro este faz comparações entre o Antigo e Novo Testamento em muitos aspectos.

▣ **“seremos salvos”** Este é um INDICATIVO PASSIVO FUTURO (cf. v. 10) e se refere à nossa salvação final, que é chamada de “glorificação” (cf. v. 2; 8:30; 1 João 3:2).

O NT descreve a salvação em todos os tempos verbais:

1. Um ato completo (AORISTO), Atos 15.11; Rm 8.24; 2 Tim 1.9; Tt 3.5
2. Ato passado resultando em um estado presente (PERFEITO), Ef 2.5,8
3. Processo progressivo (PRESENTE), 1 Co 1.18; 15.2; 2 Co 2.15; 1 Ts 4.14; 1 Pe 3.21
4. Consumação futura (FUTURO), Rm 5.9, 10; 10.9

Veja o Tópico Especial em 10.13. A salvação começa com uma decisão inicial mas prossegue em um relacionamento que um dia irá ser consumado. Este conceito é com frequência descrito por três termos teológicos: justificação, que quer dizer “sendo libertados da penalidade do pecado”; santificação, que significa “sendo libertados do poder do pecado”; e glorificação, que quer dizer “sendo libertados da presença do pecado.”

É válido observar que tanto justificação quanto santificação são ambos atos da graça de Deus, dados ao crente através da fé em Cristo. Contudo, o NT também fala da santificação como um processo contínuo de transformação à imagem de Cristo. Por essa razão, os teólogos falam de “santificação posicional”, e “santificação progressiva.” Este é o mistério de uma salvação livre conectada a uma vida piedosa!

▣ **“salvos da ira”** Este é um contexto escatológico. A Bíblia nos fala do amor imerecido e imenso de Deus, mas também claramente nos fala da declarada oposição de Deus contra o pecado e a rebelião. Deus tem providenciado um caminho de salvação e perdão através de Cristo, mas aqueles que O rejeitam estão debaixo da ira (cf. 1.18-3:20). Esta é uma frase antropomófica, mas expressa a realidade. Terrível coisa é cair nas mãos de um Deus irado (Hb 10:31).

5.10 “se” Esta é uma SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE, que é suposta como verdadeira da perspectiva do escritor ou para seus propósitos literários. A humanidade, a criação final de Deus, se tornou inimiga do próprio Deus! O homem (cf. Gn 3.5) e Satanás (cf. Is 14.14; Ez 28.2,12-17) têm o mesmo problema: um desejo por independência, controle e desejo de ser deuses.

▣ **“fomos reconciliados com Deus... tendo sido reconciliados”** Este é tanto um INDICATIVO PASSIVO AORISTO quanto um PARTICÍPIO PASSIVO AORISTO. O verbo “reconciliado” originalmente significava “trocar.” Deus troca nosso pecado pela justiça de Jesus (cf. Is 53.4-6). A paz é restaurada (cf. v. 1)!

▣ **“mediante a morte de Seu Filho”** O evangelho do perdão é fundamentado (1) no amor de Deus; (2) na obra de Cristo; (3) na persuasão do Espírito; e (4) na fé/arrepimento como resposta de um indivíduo. Não há outro meio de ser justo diante de Deus (cf. João 14.6). A segurança da salvação é baseada no caráter do Deus Triúno, não no desempenho humano! O paradoxo é que o desempenho humano depois da salvação é uma evidência de uma salvação livre (cf. Tiago e 1 João).

▣ **“seremos salvos”** O NT fala de salvação como passado, presente e futuro. Aqui o futuro se refere à nossa salvação final, completa, na Segunda Vinda. Veja nota no v. 9 e o Tópico Especial em 10.13.

▣ **“pela Sua vida”** O termo grego para vida é *zoa*. Este termo nos escritos de João sempre se refere à vida ressurreta, vida eterna, ou vida do reino. Paulo também o usa em um sentido teológico. O alcance desse contexto é que, desde que Deus pagou um preço tão alto pelo perdão dos crentes, Ele irá certamente continuar sua eficácia.

“Vida” pode se referir tanto (1) à ressurreição de Jesus (cf. 8.34; 1 Co 15); (2) a obra intercessória de Jesus (cf. 8.:34; Hb 7.25; 1 Jo 2.1); ou (3) o Espírito formando Cristo em nós (cf. Rm 8.29; Gl 4.19). Paulo declarou que a vida terrena, morte e vida exaltada de Jesus são a base da nossa reconciliação.

5:11 “E não apenas isto, mas” Veja nota no versículo 3.

▣ **“também nos gloriamos”** Veja nota em 5:2. Este é o terceiro uso de “gloriar” (orgulhar-se) nesse contexto.

1. Gloriar na esperança da glória, v. 2
2. Exultar na tribulação, v. 3
3. Exultar na reconciliação, v. 11

O gloriar-se no sentido negativo é visto em 2.17 e 23!

▣ **“de quem recebemos agora a reconciliação”** Este é um INDICATIVO ATIVO AORISTO, um ato completo. A reconciliação do crente também é discutida no v. 10 e 2 Co 5.18-21; Ef 2.16-22; Cl 1.19-23. Neste contexto, “reconciliação” é o sinônimo lógico de “justificação.”

(RA) ROMANOS 5.12-14

12 Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. 13 Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. 14 Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.

5.12 “Portanto” O livro de Romanos tem muitos “portantos” colocados estrategicamente (cf. 5.1; 8.1; 2.1). A questão interpretativa é a que eles se referem, Eles podem ser um modo de se referir ao total argumento de Paulo. Com certeza este aqui se refere a Gênesis e, portanto, provavelmente volta a Romanos 1.18-32.

▣ **“assim como por um só homem entrou o pecado no mundo”** Todos os três verbos no v. 12 são TEMPO AORISTO. A queda de Adão trouxe a morte (cf. 1 Co 15.22). A Bíblia não trata da origem do pecado. O pecado também ocorre na esfera angelical (cf. Gn 3 e Ap 12.7-9). Como e quando são incertos (cf. Is 14.12-27; Ez 28:12-19; Jó 4:18; Mt 25:41; Lc 10:18; João 12:31; Ap 12:7-9).

O pecado de Adão envolveu dois aspectos (1) desobediência a uma mandamento específico (cf. Gn 2.16-17), e (2) orgulho do ego (cf. Gn 3.5-6). Este continua a alusão a Gênesis 3 que começou em Rm 1.18-32.

O que separava Paulo do pensamento rabínico tão claramente, era sua teologia do pecado. Os rabinos não focavam em Gênesis 3; em lugar disso declaravam haver duas “intenções” (*yetzers*) em toda pessoa. Um dito rabínico famoso era, “No coração de todo homem há um cão branco e um preto. Aquele que você mais alimentar, se tornará o maior.” Paulo via o pecado como a maior barreira entre Deus e Sua criação. Paulo não era um teólogo sistemático (cf. o comentário de James Steward, *A Man in Christ*). Ele deu várias origens ao pecado (1) A queda de Adão, (2) a tentação satânica, e (3) a contínua rebelião humana.

Nos contrastes teológicos e paralelos entre Adão e Jesus, duas possíveis implicações são presentes.

1. Adão era uma pessoa histórica real
2. Jesus era um ser humano real

Ambas verdades afirmam a Bíblia diante dos falsos ensinamentos. Note o uso repetido de “um homem” ou “um.” Estes dois modos de se referir a Adão e Jesus são usados onze vezes neste contexto.

▣ **“pelo pecado, a morte”** A Bíblia revela três estágios da morte: (1) morte espiritual (cf. Gn 2.17; 3.1-7; Ef 2.1); (2) morte física (cf. Gn 5); e (3) morte eterna (cf. Ap 2.11; 20.6, 14; 21.8). A morte espiritual é a que se refere esta passagem (cf. Gn 3.14-19), que resultou na morte física da raça humana (cf. Gn 5).

▣ **“a morte passou a todos os homens”** O maior alcance desse parágrafo é a universalidade do pecado (cf. vv. 16-19; 1 Co 15.22; Gl 1.10) e a morte.

▣ **“porque todos pecaram”** Todos os humanos pecaram em Adão corporativamente (i.e., herdando um estado e uma propensão de pecado). Por causa disso, cada pessoa escolhe pecar pessoalmente e repetidamente. A Bíblia é enfática ao dizer que todos os humanos são pecadores coletiva e individualmente (cf. 1 Rs 8.46; 2 Cr 6.36; Sl 14.1-2; 130.3; 143.2; Pv 20.9; Ec 7.20; Is 9.17; 53.6; Rm 3.9-18,23; 5.18; 11.32; Gl 3.22; 1 Jo 1.8-10).

Ainda deve ser dito que a ênfase contextual (cf. vv. 15-19) é que um ato causou a morte (Adão) e um ato causou a vida (Jesus). Contudo, o relacionamento de Deus com a humanidade é tão estruturado, que a resposta humana é um aspecto significativo da “perdição” e da “justificação.” Os humanos estão pela própria volição envolvidos em seus próprios destinos! Eles continuam a escolher Deus ou a escolher Cristo. Ele não podem afetar estas duas escolhas, mas pela própria volição demonstram a qual pertencem!

A tradução “porque” é comum, mas seu sentido é com frequência debatido. Paulo usa *eph’ho* em 2 Co 5.4; Fp 3.12; e 4:10 no sentido de “porque.” Portanto todo e cada humano escolhe pessoalmente participar no pecado e rebelião contra Deus. Alguns por rejeitarem a revelação especial, mas todos por rejeitarem a revelação natural (cf. 1.18-3.20).

5.13-14 Esta mesma verdade é ensinada em Rm 4.15 e At 17.30. Deus é justo. Os humanos são responsáveis apenas por aquilo disponível a eles. Este versículo está falando exclusivamente da revelação especial (AT, Jesus, NT), não da revelação natural (Sl 19; Rm 1.18-23; 2.11-16).

Observe que a RA vê a comparação do v. 12 como separada por um longo parêntesis (cf. vv. 13-17) da sua conclusão nos vv. 18-21.

RA 5.14 “Entretanto, reinou a morte”

NTHLH 5:14 “A morte dominou”

A morte reinou como um Rei (cf. vv. 17 e 21). Esta personificação da morte e pecado como tiranos é sustentada por todo este capítulo e também o seguinte. A experiência universal da morte confirma o pecado universal da humanidade. Nos versículos 17 e 21, a graça é personificada. A graça reina! Os humanos têm uma vontade (os dois caminhos do AT): morte ou vida. Quem reina em sua vida?

▣ **“mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”** Adão violou o mandamento estabelecido por Deus, nem mesmo Eva pecou do mesmo modo. Ela ouviu acerca da árvore da parte de Adão, não diretamente de Deus. Os humanos, de Adão a Moisés, foram afetados pela rebelião de Adão! Eles não violaram um mandamento específico de Deus, mas 1.18-32, que é certamente parte desse contexto teológico, expressa a verdade que eles violaram a luz que tinham da criação, sendo desse modo responsáveis pela sua rebelião/pecado contra Deus. A propensão de Adão para o pecado se espalhou para todos os seus filhos.



NVI 5.:14 “o qual era um tipo daquele que haveria de vir”

RA 5.:14 “o qual prefigurava aquele que havia de vir”

Expressa de modo muito concreto a tipologia Adão-Cristo (cf. 1 Co 15.21-22, 45-49; Fp 2.6-8). Cada um deles é visto como o primeiro numa série, o original de uma raça (cf. 1 Co 15.45-49). Adão é a única pessoa do AT especificamente chamada de “tipo” pelo NT. Veja o Tópico Especial: Forma (*Tipos*) em 6.17.

(RA) ROMANOS 5.15-17

15 Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. **16** O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação. **17** Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

5.15-19 Este argumento é sustentado usando frases paralelas. A RA divide o parágrafo no versículo 18. Contudo, a Tradução Brasileira (TB) traduz como uma unidade. Lembre-se que a chave para interpretação da intenção do autor original é uma verdade principal por parágrafo. Observe que o termo “muitos,” vv. 15 & 19, é sinônimo com “todos” em vv. 12 e 18. Isto também é verdade em Is 53:11-12 e v. 6. Nenhuma distinção teológica (eleição de Calvino versus não-eleição) deve ser feita com base nesses termos!

5.15 “dom gratuito” Há duas palavras gregas diferentes para “dom”, usadas nesse contexto – *charisma*, vv. 15, 16 (6.23) e *dorea/dorama*, vv. 15, 16, 17 (veja nota em 3.24) – mas eles são sinônimos. Esta é realmente a Boa Nova acerca da salvação. Este é o dom gratuito de Deus através de Jesus Cristo (cf. 3.24; 6.23; Ef 2.8,9) a todos aqueles que creêm.

▣ **“se”** Esta é uma SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE, que é suposta como verdade da perspectiva do autor ou para seu propósito literário. O pecado de Adão trouxe morte a todos os humanos. Este é paralelo ao v. 17.

▣ **“abundantes”** Veja o Tópico Especial em 15.13

5.16 “condenação... justificação” Ambos são termos forenses, legais. Com frequência o AT apresenta a mensagem do profeta como uma cena de corte judicial. Paulo usa esta forma (cf. Rm 8:1, 31-34).

5.17 “se” Esta é outra SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE, que é suposta como verdade da perspectiva do autor ou para seu propósito literário. O pecado de Adão trouxe morte a todos os humanos.

▣ **“muito mais os que recebem”** Os versículos 18-19 não são exatamente equilibrados teologicamente. Esta frase não pode ser removida do contexto de Romanos 1-8 e usada como texto-prova para o universalismo (todos serão salvos). Os humanos devem receber (v. 17b) a dádiva de Deus em Cristo. A salvação é disponível a todos, mas deve ser aceita individualmente (cf. João 1.12; 3.16; Rm 10.9-13).

Um único ato de rebelião de Adão refletiu na rebelião de todos os humanos. Um único ato pecaminoso é magnificado! Mas em Cristo, um sacrifício justo é magnificado para cobrir muitos pecados individuais assim como o efeito coletivo do pecado. O “muito mais” do ato de Cristo é enfatizado (cf. vv. 9,10,15,17). A graça se torna abundante!

5.17,18 “o dom da justiça reinarão em vida... justificação que dá vida” Jesus é o dom de Deus e a provisão para todas as necessidades da humanidade caída (cf. 1 Co 1.30). Essas frases paralelas podem significar: (1) que a humanidade pecadora é dada posição de justiça diante de Deus através da obra consumada de Cristo, e que resulta em uma vida piedosa, ou (2) que esta frase é sinônimo de “vida eterna.” O contexto sustenta a primeira opção. Para um estudo de palavra sobre justificação, veja o tópico especial em 1.17.

TÓPICO ESPECIAL: REINANDO NO REINO DE DEUS

O conceito de reinar com Cristo é parte da categoria teológica maior chamada “o Reino de Deus”. É uma transferência do conceito do AT de Deus como o verdadeiro rei de Israel (cf. 1 Sm 8.7). Ele simbolicamente reinava (1 Sm 8.7; 10.17-19) através de um descendente da tribo de Judá (cf. Gn 49.10) e da família de Jessé (cf. 2 Sm 7).

Jesus é o cumprimento das profecias do AT que se referem ao Messias. Ele inaugurou o Reino de Deus com Sua encarnação em Belém. O Reino de Deus se tornou o pilar central da pregação de Jesus. O Reino veio de forma plena, em Cristo (cf. Mt 10.7; 11.12; 12.28; Mc 1:15; Lc 10:9,11; 11:20; 16:16; 17:20-21).

Contudo, o Reino era também futuro (escatológico). Estava presente mas não consumado (cf. Mt 6.10; 8.11; 16.28; 22.1-14; 26.29; Lc 9.:27; 11.2; 13.29; 14.10-24; 22.16,18). Jesus veio na primeira vez como um servo sofredor (cf. Is 52.13-53.12); como humilde (cf. Zc 9:9), mas Ele irá retornar como Rei dos reis (cf. Mt 2.2; 21.5; 27.11-14). O conceito de “reinar” é certamente parte desta teologia do “reino”. Deus deu o reino aos seguidores de Jesus (Lc 12.32).

O conceito de reinar com Cristo tem vários aspectos e questões:

1. As passagens que declaram que Deus deu aos crentes o “reino” através de Cristo se referem a “reinar” (cf. Mt 5.3,10; Lc 12.32)?
2. As palavras de Jesus aos discípulos originais no primeiro século no contexto judeu se referem a todos os crentes (cf. Mt 19.28; Lc 22.28-30)?
3. A ênfase de Paulo sobre reinar nessa vida agora contrasta ou complementa os textos acima (cf. Rm 5.17; 1 Co 4.8)?
4. Como o reinar e o sofrimento se relacionam (Rom. 8.17; II Tim. 2.11-12; I Pe 4.13; Apo. 1.9)?
5. O tema recorrente em Apocalipse é compartilhar o reinado glorioso de Cristo, mas ele é milenar (20,5,6) ou eterno (2.26; 3.21; 22.5, e Dn 7.14,18,27)?

(RA) ROMANOS 5:18-21

18 Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assimtambém, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. **19** Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assimtambém, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. **20** Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, **21** a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

RA 5.18 “assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida”

NTLH 5.18 “assim também um só ato de salvação liberta todos e lhes dá vida”

NVI 5:18 “assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens”

Não é dito que todos serão salvos (universalismo). Este versículo não pode ser interpretado separadamente da mensagem do livro de Romanos e do contexto imediato. É uma referência à salvação potencial de todos os humanos por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus. A humanidade deve responder à oferta do evangelho com arrependimento e fé (cf. Mc 1.15; At 3.16,19; 20.21). Deus sempre toma a iniciativa (cf. João 6.44, 65), mas Ele escolheu que cada indivíduo deve responder pessoalmente (cf. Mc 1.15; João 1.12; e Rm 10.9-13). Sua oferta é universal (cf. 1 Tim 2.4, 6; 2 Pe 3.9; 1 João 2:2), mas o mistério da iniquidade é que muitos dizem “não.”

O “ato de justiça” é (1) toda a vida obediente de Jesus e a revelação do Pai ou (2) especificamente Sua morte pela humanidade pecadora. Uma vez que a vida de um só homem afetou a todos (corporalidade judaica, cf. Js 7), então, uma vida inocente afetou também a todos. Esses dois atos são paralelos, mas não iguais. Todos são afetados pelo pecado de Adão, mas todos são apenas potencialmente afetados pela vida de Jesus – somente os crentes recebem o dom da justificação. O ato de Jesus reflete também todo o pecado humano, por aqueles que creem, no passado, presente e futuro!

5.18-19 “condenação a todos os homens... justificação da vida a todos... muitos se tornaram pecadores, muitos se tornarão justos” Estes são versículos paralelos que mostram que o termo “muitos” não é restritivo, mas inclusivo. Este mesmo paralelismo é encontrado em Is 53:11,12 “muitos.” O termo “muitos” não pode ser usado em um sentido restritivo para limitar a oferta de salvação vinda de Deus a toda a humanidade (eleição de Calvino versus não-eleição).

Note a VOZ PASSIVA dos dois verbos. Eles se referem à atividade de Deus. Os humanos pecam em relação ao caráter de Deus e são justificados em relação ao Seu caráter.

5.19 “desobediência de um só homem... obediência de Um” Paulo estava usando o conceito teológico de corporalidade do AT. Os atos de uma pessoa afetam a totalidade da comunidade (cf. Acã em Josué 7). A desobediência de Adão e Eva trouxeram julgamento de Deus sobre toda a criação (cf. Gn 3). Toda a criação tem sido afetada pelas consequências da rebelião de Adão (cf. 8.18-25). O mundo não é o mesmo. Os humanos não são os mesmos. A morte se tornou o fim de toda vida terrena (cf. Gn 5). Este não é o mundo que Deus tencionou criar!

Neste mesmo sentido corporativo, o ato único de obediência de Jesus, no Calvário, resultou em (1) uma nova era, (2) um novo povo, e (3) uma nova aliança. Esta teologia representativa é chamada de “tipologia Adão-Cristo” (cf. Fp 2.6). Jesus é o segundo Adão. Ele é o novo começo para a raça humana.

▣ “fez justos” Veja o Tópico Especial em 1.17.

RA 5.20 “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa”

RC 5.20 “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”

NVI 5:20 “A lei foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada”

O propósito da Lei nunca foi salvar a humanidade, mas mostrar a necessidade da humanidade caída e a sua desesperança (cf. Ef 2.1-3) e desse modo trazê-la a Cristo (cf. 3.20; 4.15; 7.5; Gl 3.19, 23-26). A Lei é boa, mas a humanidade é pecadora!

“superabundou a graça” Esta é a verdade principal de Paulo nesta seção. O pecado é horrível e perverso, mas a graça superabundou e superou sua influência mortífera! Este era um meio de encorajar a igreja inexperiente do primeiro século. Eles eram vencedores em Cristo (cf. 5.9-11; 8.31-39; 1 João 5.4). Esta não é uma licença para pecar! Veja o Tópico Especial: o uso de compostos de *Huper* por Paulo em 1.30.

5.21 Ambos “pecado” e “graça” são personificados como reis. O pecado reinou pelo poder da morte universal (vv. 14, 17). A graça reina através do poder da justiça imputada pela obra consumada de Jesus, a resposta pessoal de fé e o arrependimento dos crentes.

Como novo povo de Deus, como corpo de Cristo, os cristãos são reinantes com Cristo (cf. 5.17; 2 Tim 2.12; Ap 22.5). Isto pode ser visto como um reinado milenial ou terreno (cf. Ap 5.9-10; 20). A Bíblia fala da mesma verdade também afirmando que o Reino tem sido dado aos santos (cf. Mt 5.3, 10; Lc 12.32; Ef 2.5-6). Veja o Tópico Especial: Reinando no Reino de Deus, em 5.17.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Este é um comentário e guia de estudo, o que significa que você é responsável por sua própria interpretação da Bíblia. Cada um de nós de andar à luz daquilo que já temos. Você, a Bíblia e o Espírito Santo são prioritários na interpretação. Você não deve relegar isto a um comentário.

Estas perguntas são fornecidas para ajudá-lo a pensar sobre as questões principais dessa seção do livro. O objetivo é provocar o processo de pensar, mas não são definitivas.

1. Defina a “justiça” de Deus.
2. O que é a distinção teológica entre “santificação posicional” e “plenitude progressiva”?
3. Nós somos salvos pela graça ou pela fé (cf. Ef 2.8-9)?
4. Por que os cristãos sofrem?
5. Nós somos: salvos, estamos sendo salvos ou seremos salvos?
6. Somos pecadores porque pecamos, ou pecamos porque somos pecadores?
7. Como os termos “justificado,” “salvo” e “reconciliado” se relacionam nesse capítulo?
8. Como Deus me faz responsável pelo pecado de um homem que viveu há milênios atrás? (vv. 12-21)?
9. Por que as pessoas morreram no tempo entre Adão e Moisés, se o pecado não era contado naquele período (vv. 13-14)?
10. Os termos “todos” e “muitos” são sinônimos (vv. 18-19, Is 53.6, 11-12)?

ROMANOS 6

DIVISÃO DE PARÁGRAFOS NAS TRADUÇÕES MODERNAS

Bíblia em Ordem Cronológica (NVI)	NTLH	RA	TB (Tradução Brasileira)
Santificação	A nova vida em Cristo	Livres do pecado pela graça	A união do cristão com Cristo
1-23	1-14	1-14	1-14
	Escravos de Deus	A lei, a escravidão e a graça	A lei e a graça. Analogia de escravidão
	15-23	15-23	15-23

TERCEIRO CICLO DE LEITURA

SEGUINDO A INTENÇÃO DO AUTOR ORIGINAL NO NÍVEL DO PARÁGRAFO

Este é um manual de estudo comentado, que tem como objetivo fazê-lo responsável por sua própria interpretação da Bíblia. Cada um de nós de andar à luz daquilo que já temos. Você, a Bíblia e o Espírito Santo são prioritários na interpretação. Você não deve relegar isto a um comentário.

Leia o capítulo de uma vez só. Identifique os assuntos. Compare sua divisão de assuntos com as traduções acima. Essas divisões não são inspiradas, mas são uma ferramenta para seguir a intenção do autor original, o que é o coração da interpretação. Cada parágrafo tem um e somente um assunto.

1. Primeiro parágrafo
2. Segundo parágrafo
3. Terceiro parágrafo
4. Etc.

PERCEPÇÕES CONTEXTUAIS

- A. Os capítulos 6.1 ao 8.39 formam uma unidade de pensamento (unidade literária) que trata da relação do cristão com o pecado. Esta é uma questão muito importante porque o evangelho é baseado na graça livre e imerecida de Deus por meio de Cristo (3.21-5.21). Então, como o pecado afeta o crente? O capítulo 6 é baseado em duas suposições, vv.1 e 15. Versículo 1 se relaciona com 5.20, enquanto v. 15, com 6.14. O primeiro se refere ao pecado como um estilo de vida (TEMPO PRESENTE), e o segundo, a atos individuais de pecado (TEMPO AORISTO). É óbvio também que os vv. 1-14 tratam da liberdade que o crente tem em relação ao domínio do pecado, enquanto vv. 15-23 tratam da liberdade que o crente tem para servir a Deus como serviam anteriormente ao pecado – totalmente, completamente e com o coração plenamente devotado.
- B. Santificação é:
 1. Uma posição (que é imputada, assim como a justificação na salvação, 3.21-5.21)
 2. Também uma transformação progressiva à semelhança e imagem de Jesus
 - a. 6.1-8.39 expressa essa verdade teologicamente
 - b. 12.1-15.13 expressa isso praticamente (Veja o Tópico Especial em 6.4)
- C. Com frequência os comentaristas devem dividir teologicamente o assunto da justificação e santificação posicional a fim de compreender seus significados bíblicos. Na realidade eles são atos de graça simultâneos

(posicional, 1 Co 1.30; 6.11). O mecanismo para ambos é o mesmo – A graça de Deus demonstrada na vida e morte que é recebida pela fé (cf. Ef 2.8-9).

- D. Este capítulo ensina a plena e potencial maturidade (vida sem pecado, cf. 1 João 3.6,9; 5.18) dos filhos de Deus. O capítulo 7 e 1 João 1.8-2:1 mostram a realidade de que mesmo crentes continuamos a pecar.

Muito do conflito sobre a visão de Paulo sobre o perdão se relacionava à questão da moralidade. Os judeus queriam assegurar uma vida piedosa exigindo dos novos convertidos que se conformassem à lei de Moisés. Deve-se admitir que alguns fizeram e fazem uso da visão de Paulo como uma licença para pecar (cf. vv. 1, 15; 2 Pe 3.15-16). Paulo acreditava que a habitação do Espírito, e não um código externo, iria produzir seguidores de Cristo piedosos e transformados à sua imagem. Na realidade esta é a diferença entre a Antiga Aliança (cf. Dt 27-28) e a Nova Aliança (cf. Jr 31.31-34; Ez 36.26-27).

- E. O batismo é uma simples ilustração da realidade espiritual da justificação/santificação. Em Romanos, as doutrinas gêmeas da santificação posicional (justificação) e santificação experimental (transformação à imagem de Cristo) são enfatizadas. Ser sepultado com Ele (v.4) é paralelo a “ser crucificado com Ele” (v.6).
- F. As chaves para superar a tentação e o pecado na vida cristã, são:
1. Saber quem você é em Cristo. Saber o que Ele tem feito por você. Você é liberto do pecado! Você está morto para o pecado!
 2. Reconsidere sua posição em Cristo nas situações da sua vida diária.
 3. Não somos donos de nós mesmos! Devemos obediência e serviço ao nosso Mestre. Nós servimos e obedecemos em gratidão e amor Àquele que nos ama.
 4. A vida cristã é uma vida sobrenatural. Ela, assim como a salvação, é um dom de Deus em Cristo. Ele a inicia e dá o seu poder. Devemos responder em arrependimento e fé, tanto no início quanto continuamente.
 5. Não brinque com o pecado. Trate-o como ele é. Deixe-o; liberte-se dele. Não esteja onde está a tentação.
 6. O pecado é um vício que tem que ser quebrado, mas isso leva tempo, esforço e vontade.

ESTUDO DE PALAVRAS E FRASES

ROMANOS 6:1-7 (RA)

6.1 Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? **6.2** De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? **6.3** Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? **6.4** Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. **6.5** Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, **6.6** sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; **6.7** porquanto quem morreu está justificado do pecado.

RA 6.1 “Que direms, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?”

NTLH 6.1 “Portanto, o que vamos dizer? Será que devemos continuar vivendo no pecado para que a graça de Deus aumente ainda mais?”

NVI 6.1 “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente?”

Aqui temos um SUBJUNTIVO ATIVO PRESENTE. Literalmente faz a pergunta, os cristãos devem “abraçar” ou “permanecer” no pecado? Essa pergunta remete a 5.20. Paulo usa um objetor hipotético (diatribe) para lidar com o mau uso potencial da graça (cf. 1 João 3:6, 9; 5:18). A graça e a misericórdia de Deus não significam permissão para uma vida em rebelião.

O evangelho de Paulo sobre a salvação como dom gratuito da graça de Deus através de Cristo (cf. 3.24; 5.15, 17; 6.23) levantou muitas questões sobre um estilo de vida correto. Como um dom gratuito produz retidão moral? Justificação e santificação não devem ser separadas (cf. Mt 7.24-27; Lc 8.21; 11.28; Jo 13.17; Rm 2.13; Tg 1.22-25; 2.14-26).

Neste ponto, permita-me citar F.F. Bruce em *Paul: Apostle of the Heart Set Free*, “o batismo de cristãos constituía a fronteira entre sua velha existência não regenerada e sua nova vida em Cristo: marcava a morte para a velha ordem, de forma que, para um cristão batizado, permanecer em pecado seria tão absurdo quanto um escravo emancipado que permanecesse em escravidão ao seu antigo proprietário (cf. Rm 6.1-4, 15-23) ou uma viúva permanecendo sujeita à ‘lei do seu marido,’” pp. 281-82 (cf. Rm 7.1-6).

No livro de James S. Stewart, *Um Homem em Cristo*, ele escreve: “O *locus classicus* para todo este lado do pensamento apostólico deve ser encontrado em Romanos 6. Ali Paulo, com magnífico vigor e persuasão, faz o coração e a consciência se lembrarem que ser unido a Jesus em Sua morte significa para o crente um completo e drástico rompimento com o pecado,” pp. 187-88.

6.2 “de modo nenhum” Esta é uma forma rara OPTATIVA que era um estado de espírito ou modo utilizado de um desejo ou oração. Era o meio estilístico de Paulo de responder a um objetor hipotético. Expressava surpresa e horror diante da humanidade descrente com suas más interpretações e abusos da graça (cf. 3.4,6).

▣ **“para ele morremos”** Este é um INDICATIVO ATIVO AORISTO, que significa “nós morremos.” O SINGULAR “pecado” é usado com frequência através desse capítulo. Parece se referir à nossa “natureza pecaminosa” herdada de Adão (cf. Rm 5:12-21; 1 Co 15:21-22). Paulo com frequência usa o conceito de morte como uma metáfora para mostrar o novo relacionamento do crente com Jesus. Eles não pertencem mais ao domínio do pecado.

▣ **“como viveremos ainda nele”** Este é literalmente “andar.” Esta metáfora era usada para endossar nossa vida piedosa (cf. Ef 4,1; 5,2,15) ou nossa vida de pecado (cf. v. 4). Os crente não podiam ser felizes no pecado!

6.3-4 “tendo sido batizados... sepultados” Estes são INDICATIVOS PASSIVOS AORISTOS. Esta construção gramatical enfatiza um ato completo consumado por outro agente, aqui o Espírito. São paralelos nesse contexto.

TÓPICO ESPECIAL: BATISMO

Curtis Vaughan, em *Acts (Atos)*, tem uma interessante nota de rodapé na página 28.

“A palavra grega para ‘batizado’ é um imperativo da terceira pessoa; a palavra para ‘arrependei,’ é imperativo para segunda pessoa. Esta mudança da ordem mais direta da segunda pessoa para a menos direta da terceira pessoa de ‘batizado’ implica que a convocação principal de Pedro é para o arrependimento.”

Isto segue a ênfase da pregação de João Batista (cf. Mt 3.2) e Jesus (cf. Mt 4.17). Arrependimento parece ser uma chave espiritual e o batismo uma expressão exterior dessa mudança espiritual. O Novo Testamento não sabia nada acerca de crentes não batizados! Para a igreja primitiva, o batismo era a profissão pública de fé. Era a ocasião para a confissão pública de fé em Cristo, não o mecanismo para a salvação! Deve ser lembrado que o batismo não é mencionado no segundo sermão de Pedro, embora o arrependimento seja (cf. 3.19; Lc 24.17). O batismo era um exemplo estabelecido por Jesus (cf. Mt 3.13-18) e ordenado por ele (cf. Mt 28.19). A questão moderna da necessidade do batismo para a salvação não é encontrada no Novo Testamento; espera-se de todos os crentes que sejam batizados. Contudo, é necessária prevenção contra um mecanicismo sacramentalista! A salvação é uma questão de fé, não uma questão de correta prática de rituais, palavras ou lugares certos!

“em Cristo Jesus” O uso de *eis* (em) faz um paralelo na Grande Comissão de Mt 28.19, onde os novos crentes são batizados *eis* (em) o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A PREPOSIÇÃO é também usada para descrever os crentes sendo batizados pelo Espírito no corpo de Cristo em 1 Co 12.13. *Eis* nesse contexto é sinônimo de *em* (em Cristo) no v. 11, que é o modo favorito de Paulo de denotar os crentes. É um LOCATIVO DE ESFERA. Os crentes vivem, se movem e têm seu ser em Cristo. Estas PREPOSIÇÕES expressam esta união íntima, esta esfera de comunhão, este relacionamento da videira com os ramos. Os crentes se identificam e se unem a Cristo na Sua morte (cf. v. 6; 8.17), em Sua ressurreição (cf. v. 5), em Seu obediente serviço a Deus e em Seu Reino!

“sepultados com ele na morte” O batismo por imersão ilustra a morte e o sepultamento (cf. v. 5 e Cl 2.12). Jesus usava o batismo como um metáfora para Sua própria morte (cf. Mc 10.38-39; Lc 12.50). A ênfase aqui não é uma doutrina de batismo, mas a íntima relação do crente com a morte e sepultamento de Cristo. Os crentes se identificam com Cristo no batismo, com Seu caráter, Seu sacrifício e missão. O pecado não tem poder sobre os crentes!

6:4 “sepultados com ele na morte pelo batismo” Neste capítulo, como é característico de todos os escritos de Paulo, ele usa *sun* (com) composto (e.g. Ef 2.5-6).

1. *sun + thapto* = cossepultado, v. 4; Cl 2.12; também v. 8
2. *sun + stauroo* = coplantado, v. 5
3. *sun + azo* = coexistente, v.8; 2 Tim 2.:11 (ele também tem comorrer e correinar)

“assim também andemos nós em novidade de vida” Este é um SUBJUNTIVO ATIVO AORISTO. O resultado esperado da salvação é a santificação. Pelo fato de os crentes conhecerem a graça de Deus por meio de Cristo, suas vidas devem ser diferentes. Nossa nova vida não nos traz salvação, mas é o resultado da salvação (cf. vv. 16, 19; e Ef 2.8-9, 10; Tg 2.14-26). Esta não é uma questão do tipo uma coisa ou outra, fé ou obras, mas é uma ordem sequencial.

TÓPICO ESPECIAL: SANTIFICAÇÃO

O NT assegura que quanto os pecadores se voltam para Jesus em arrependimento e fé, são instantaneamente justificados e santificados. Esta é sua nova posição em Cristo. Sua retidão tem sido imputada a eles (Rm 4). São declarados justos e santos (um ato forense de Deus).

Mas o NT também insiste com os crentes sobre a santificação ou santidade. É tanto uma posição teológica na obra consumada de Cristo quanto um chamado para uma transformação à imagem de Jesus em atitudes e ações na vida diária. Assim como a salvação é um dom gratuito e custa muito para o estilo de vida, assim é também com a santificação.

Resposta Inicial

Atos 20.23; 26.18

Romanos 15.16

1 Coríntios 1.2-3; 6.11

2 Tessalonicenses 2.13

1 Tessalonicenses 3.13

1 Pedro 1.1

Semelhança Progressiva com Cristo

Romanos 6.19

2 Coríntios 7.1

1 Tessalonicenses 3.13; 4.3-4,7; 5.23

1 Timóteo 2.15

2 Timóteo 2.21

Hebreus 12.14

1 Pedro 1.15-16

“como Cristo foi ressuscitado” Neste contexto, a aceitação e aprovação do Pai das palavras e obras do Filho, são expressas em dois grandes eventos.

1. A ressurreição de Jesus
2. A ascensão de Jesus, sentando-se à direita do Pai

“pela glória do Pai” Sobre “glória”, veja o Tópico Especial em 3:23. Para “Pai”, veja o Tópico Especial em 1:7.

6.5 “se” Esta é uma SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE, que é tida como verdadeira da perspectiva do escritor ou para seus propósitos literários. Paulo supunha que seus leitores fossem crentes.

“porque se fomos unidos com ele” Este é um INDICATIVO ATIVO PERFEITO, que pode ser traduzido como “temos sido e continuamos a ser unidos,” ou “temos sido ou continuamos a ser plantados juntos com.” Esta verdade é teologicamente análoga a “permanecer” em João 15. Se os crentes têm se identificado com Jesus na sua morte (Gl 2.19-20; Cl 2.20; 3:3-5), teologicamente devem ser identificados com Sua vida ressurreta (cf. v. 10).

Este aspecto metafórico do batismo como morte tinha a intenção de mostrar (1) que morremos para a vida antiga, a aliança antiga, (2) estamos vivos para o Espírito, a nova aliança. O batismo cristão é, portanto, não o mesmo que o batismo de João Batista, que foi o último dos profetas do AT. O batismo cristão era a oportunidade que a igreja primitiva tinha para a pública profissão de fé do novo crente. A fórmula batismal primitiva, que devia ser repetida pelo candidato, era “Eu creio que Jesus é Senhor” (cf. Rm 10.9-13). Esta declaração pública era o ato formal, ritual, do que havia acontecido antes na experiência. O batismo não era o mecanismo do perdão, salvação, ou a vinda do Espírito, mas a ocasião para a pública profissão e confissão (cf. At 2.38). Contudo, também não era opcional. Jesus ordenou (cf. Mt 28.19-20), deu exemplo dele (cf. Mt 3; Mc 1; Lc 3) e o batismo se tornou parte dos sermões apostólicos e procedimentos de Atos.

RA 6.6 “sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem”

NVI 6.6 “Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele”

NTLH 6.6 “Pois sabemos que a nossa velha natureza pecadora já foi morta com Cristo na cruz”

Este é um INDICATIVO PASSIVO AORISTO, que significa “nosso antigo eu foi de uma vez por todas crucificado pelo Espírito.” Esta verdade é crucial para uma vida cristã vitoriosa. Os crentes devem reconhecer sua nova relação com o pecado (cf. Gl 2.20; 6.14). O antigo e caído “eu” (natureza adâmica) morreu com Cristo (cf. v. 7; Ef 4.22 e Cl 3.9). Como crentes, temos agora uma escolha sobre o pecado assim como Adão originalmente teve.

RA “para que o corpo do pecado seja destruído”

RC “para que o corpo do pecado seja desfeito”

NTLH “a fim de que o nosso eu pecador fosse morto”

NVI “para que o corpo do pecado seja destruído”

Paulo usa a palavra “corpo” (*soma*) com muitas frases GENITIVAS.

1. Corpo de (o) pecado, Rm 6.6
2. Corpo dessa morte, Rm 7.24
3. Corpo da carne, Cl 2.11

Paulo está falando da vida física dessa era de pecado e rebelião. O novo corpo de ressurreição de Jesus é o corpo da nova era de justiça (cf. 2 Co 5.17). O caráter físico não é o problema (Filosofia grega), mas o pecado e rebelião. O corpo não é mal. O cristianismo afirma a crença em um corpo físico na eternidade (cf. 1 Co 15). Contudo, o corpo físico é o lugar de batalha da tentação, do pecado e do ego. Este é um SUBJUNTIVO PASSIVO AORISTO. A frase “seja destruído” significa “seja feito inoperante,” “sem poder,” ou “improdutivo” e não “destruído.” Nosso corpo físico é moralmente neutro, mas é também o lugar da batalha para o contínuo conflito espiritual (cf. vv. 12-13; 5.12-21; 12.1-2).

6.7 “Porquanto quem morre fica livre do poder do pecado” (NTLH). Este é um PARTICÍPIO ATIVO AORISTO e um INDICATIVO PASSIVO PERFEITO, que quer dizer “aquele que foi morto tem sido e continua a ser liberto do pecado.” Pelo fato de os crentes serem nova criação em Cristo, eles têm sido e continuam a ser libertos da escravidão do pecado e orgulho herdados da queda de Adão (cf. 7.1-6).

O termo grego aqui traduzido como “livre” (NTLH) é o termo traduzido de outro modo nos capítulos iniciais como “justificado” (RA). Neste contexto, “livre” faz muito mais sentido (similar ao seu uso em Atos 13.39). Lembre-se, o contexto determina o significado, não um dicionário ou uma pré-definição técnica. Palavras somente têm sentido em sentenças e sentenças somente tem significado em parágrafos.

Romanos 6.8-11 (RA)

6.8 Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, 9 sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele.

10 Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. 11 Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.

6.8 “Se”. Esta é um SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE, a qual é deduzida como verdade da perspectiva pelo escritor ou para seus propósitos literários. O batismo de crentes virtualmente exemplifica a morte de alguém com Cristo.

- ▣ **“cremos que também com ele viveremos”** Este contexto demanda uma orientação do “aqui e agora” (cf. 1 João 1.7), não um contexto futuro exclusivo. O versículo 5 fala do nosso compartilhar da morte de Cristo,

enquanto o versículo 8 fala do nosso compartilhar da sua vida. Esta é a mesma tensão no conceito bíblico do Reino de Deus. Ele é ao mesmo tempo presente, e ainda futuro. A graça deve produzir autocontrole, e não licenciosidade.



6.9 “havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos” Este é um PARTICÍPIO PASSIVO AORISTO (veja 6.4, INDICATIVO PASSIVO AORISTO).

O NT afirma que todas as três pessoas da Trindade foram ativas na ressurreição de Jesus: (1) o Espírito (cf. Rm 8.11); (2) o Filho (cf. João 2.19-22; 10.17-18); e, mais frequentemente (3) o Pai (cf. Atos 2.24; 3.15,26; 4.10; 5.30; 10.40; 13.30,33,34,37; 17.31; Rm 6.4,9). As obras do Pai foram confirmações da Sua aceitação da vida, morte e ensinos de Jesus. Este era um aspecto principal da pregação dos apóstolos.

“a morte já não tem domínio sobre ele” (RA, RC, NVI)

“a morte já não tem poder sobre ele” (NTLH)

O VERBO *kurieuo* vem do termo *kurios*, que significa “possuidor,” “mestre,” “marido,” ou “senhor,” Jesus é agora senhor sobre a morte (cf. Ap 1.18). Jesus é o primeiro a quebrar o poder da morte (cf. 1 Co 15)!

6.10 “pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado”. Jesus viveu em um mundo pecaminoso e embora nunca houvesse pecado, o mundo pecaminoso o crucificou (cf. Hb 10.10). A morte substitutiva de Jesus pela humanidade cancelou as exigências da Lei e as consequências sobre ela (cf. Gl 3.13; Cl 2.13-14).

“uma vez para sempre” (NVI). Neste contexto Paulo está enfatizando a crucificação de Jesus. Sua morte, uma única vez (ou “para sempre”) pelo pecado, causou a morte de seus seguidores para o pecado.

O livro de Hebreus também enfatiza a a morte sacrificial única e definitiva de Jesus. Esta salvação completa e o perdão são para sempre realizados (cf. “vez” [*ephapax*], 7:27; 9:12; 10:10 e “uma vez para sempre” [*hapax*], 6:4; 9:7, 26, 27, 28; 10:2; 12:26, 27). Esta é a afirmação recorrente sobre o sacrifício realizado.

“mas, quanto a viver, vive para Deus”. Os dois AORISTOS do v. 10a são contrastados com dois INDICATIVOS ATIVOS PRESENTES no v. 10b. Os crentes morreram com Cristo e vivem para Deus por meio de Cristo. O alvo do evangelho não é apenas perdão (justificação), mas serviço a Deus (santificação). Os crentes são salvos para servir.

6.11 “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado”. Este é um IMPERATIVO MEDIANO (deponente) PRESENTE. Trata-se de uma ordem habitual e contínua para os crentes. O conhecimento que os crentes têm da obra de Cristo em seu favor é crucial para a vida cristã diária. O termo “considerai-vos” (cf. 4.4,9) era um termo de contabilidade que significava “somar cuidadosamente” e então viver segundo esse conhecimento. Os versículos 1-11 reconhecem a posição de alguém em Cristo (santificação posicional), enquanto 12 e 13 enfatizam o andar Nele (santificação progressiva). Veja o Tópico Especial no v. 4.

ROMANOS 6.12-14 (RA)

6.12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; 13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurreitos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. 14 Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.

6.12 “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal”. Este é um IMPERATIVO ATIVO PRESENTE com um PARTICÍPIO NEGATIVO, que usualmente significa parar uma ação já em processo. O termo “reinar” se

relaciona a 5.17-21 e 6.23. Paulo personifica vários conceitos teológicos: (1) a morte reinou como rei (cf. 5.14,17; 6.23); (2) a graça reinou como rei (cf. 5.21); e (3) o pecado reinou como rei (cf. 6.12,14). A questão real é, quem está reinando em sua vida? O crente tem o poder de Cristo para escolher! A tragédia para a igreja local, individual e o Reino de Deus ocorre quando os crentes escolhem o ego e o pecado, mesmo achando que estão na graça!

6.13 “nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado” Este é um IMPERATIVO com PARTICÍPIO NEGATIVO que usualmente significa parar uma ação já em processo. Este mostra a potencialidade para o pecado na vida dos crentes (cf. 7.1 vss; 1 João 1.8 a 2.1). Mas a necessidade do pecado tem sido eliminada no relacionamento do crente com Cristo, vv. 1-11.

“como instrumentos” Este termo se refere às “armas de um soldado”. Nosso corpo físico é o campo de batalha para a tentação (cf. vv. 12-13; 12.1-2; I Co. 6.20; Fp 1.20). Nossas vidas publicamente refletem o evangelho.

“mas ofereci-vos a Deus” Este é um IMPERATIVO ATIVO AORISTO que era um chamado para um ato decisivo (cf. 12.1). Os crentes fazem isso na salvação pela fé, mas também devem continuar a fazê-lo ao longo de sua vida.

Observe o paralelismo deste versículo:

1. Mesmo VERBO, ambos no IMPERATIVO;
2. Metáforas de batalha:
 - a. Armas da injustiça;
 - b. Armas da justiça;
3. Os crentes podem apresentar seu corpo ao pecado ou a Deus. Lembre-se, este versículo se refere aos crentes – a escolha continua; a batalha continua!

6.14 “Porque o pecado não terá domínio sobre vós” Este é um INDICATIVO ATIVO FUTURO (cf. Sl 19.13) funcionando como um IMPERATIVO, “o pecado não deve dominar sobre vocês!” O pecado não deve dominar sobre os crentes porque ele não domina sobre Cristo (v. 9; João 16.33).

ROMANOS 6.15-19 (RA)

6.15 E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum! 16 Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? 17 Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; 18 e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. 19 Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação.

6.15 Esta segunda suposta questão (diatribe) é muito parecida com 6.1. Ambas respondem questões diferentes sobre a relação dos crentes com o pecado. O versículo 1 trata sobre a graça no sentido de que não seja usada como desculpa para o pecado, enquanto o v. 15 trata da necessidade que o crente tem de lutar, ou resistir aos atos individuais de pecado. Também, ao mesmo tempo o crente deve servir a Deus agora com o mesmo entusiasmo com que previamente servia ao pecado (cf. 6.14).

RA 6.15 Havemos de pecar

RC 6.15 Pecaremos

NTLH 6.15 Vamos continuar pecando

A NTLH traduz este SUBJUNTIVO ATIVO AORISTO como sendo um SUBJUNTIVO ATIVO PRESENTE, similar ao v.1. Este não é o foco exato. Observe as traduções alternativas (1) RC, RA -“havemos de pecar?”; (2) NVI – “Vamos pecar?” Esta questão é enfática e espera um “sim” como resposta. Este era o método de diatibre que Paulo usava na comunicação da verdade. Este versículo expressa falsa teologia! Paulo responde a ela com seu característico “jamais.” O evangelho de Paulo da livre graça de Deus era erroneamente interpretado por muitos falsos mestres.

6.16 A questão espera um “sim” como resposta. Os humanos servem a algo ou a alguém. Quem reina em sua vida, o pecado ou Deus? Aquilo que os humanos obedecem revela quem sejam eles (cf. Gl 6.7-8).

6.17 “Mas graças a Deus” Paulo com frequência irrompe em louvor a Deus. Seus escritos fluem de suas orações, e suas orações, do seu conhecimento do evangelho. Veja o Tópico Especial: Ação de Graças, Oração e Louvor de Paulo a Deus, em 7.25.

“outrora... contudo, viestes” Este é o TEMPO IMPERFEITO do VERBO, “ser,” que descrevia seu estado de ser no passado (escravos do pecado), seguido de um TEMPO AORISTO, que garante que seu estado de rebelião cessou.

“viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues” No contexto, isto se refere à sua justificação pela fé, que deve promover diariamente o tornar-se como Cristo. O termo “a que fostes entregues” se refere à doutrina dos apóstolos ou o evangelho.

“coração” Veja o Tópico Especial: Coração, em 1.24.

RA 6.17 “à forma de doutrina a que fostes entregues”

NVI 6.17 “à forma de ensino que lhes foi transmitida”

RC 6.17 “à forma de doutrina a que fostes entregues”

NTLH 6.17 “às verdades que estão nos ensinamentos que receberam”

TÓPICO ESPECIAL: FORMA (*TUPOS*)

O problema é a palavra *tupos*, que tem uma variedade de usos.

1. Moulton e Milligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament*, p. 645
 - a. Padrão
 - b. Plano
 - c. Forma ou maneira de escrever
 - d. Decreto ou edito
 - e. Sentença ou decisão
 - f. Modelo de corpo humano como oferta voluntária ao deus da cura
 - g. Verbo usado no sentido de reforçar os preceitos da lei
2. Louw e Nida, *Greek-English Lexicon*, vol. 2, p. 249
 - a. Cicatriz (cf. Jo 20.25)
 - b. Imagem (cf. At 7.43)
 - c. Modelo (cf. Hb 8.5)
 - d. Exemplo (cf. 1 Co 10.6; Fp 3.17)
 - e. Arquétipo (cf. Rm 5.14)
 - f. Tipo (cf. At 23.25)
 - g. Conteúdo (cf. At 23.25)
3. Harold K. Moulton, *The Analytical Greek Lexicon Revised*, p. 411
 - a. Um sopro, uma impressão, uma marca (cf. João 20.25)
 - b. Uma esboço
 - c. Uma imagem (cf. At 7.43)
 - d. Uma fórmula, esquema (cf. Rm 6.17)
 - e. Forma, sentido (cf. At 23.25)
 - f. Uma figura, contrapartida (cf. 1 Co 10.6)
 - g. Uma figura antecipativa, tipo (cf. Rm 5.14; I Co. 10.11)
 - h. Um padrão (cf. Fp 3.17; I Ts. 1.7; II Ts. 3.9; I Tim. 4.12; I Pe. 5.3)

Neste contexto, o número 1 parece ser o melhor. O evangelho tem tanto doutrina quanto implicações do estilo de vida. O livre dom da salvação em Cristo também exige uma vida como a de Cristo

6.18 “uma vez libertados do pecado” Este é um PARTICÍPIO PASSIVO AORISTO. O evangelho tem libertado crentes pela ação do Espírito através da obra de Cristo. Os crentes têm sido livres tanto da penalidade do pecado (justificação) quanto da tirania do pecado (santificação, cf. vv. 7 e 22).

“fostes feitos servos da justiça” Este é um INDICATIVO PASSIVO AORISTO, “fostes feitos escravizados à justiça”. Veja o tópico em 1.17. Os crentes são livres do pecado para servir a Deus (cf. vv. 14, 19, 22; 7.4; 8.2)! O alvo da livre graça é uma vida piedosa. A justificação é tanto um pronunciamento legal quanto um impulso para a retidão pessoal. Deus quer nos salvar assim como quis nos alcançar! A graça não pára conosco!

6.19 “Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne” Paulo se dirige aos crentes de Roma. Será que está se referindo ao problema local sobre o qual tinha ouvido (ciúme entre crentes judeus e crentes gentios) ou está declarando uma verdade aobre todos os crentes? Paulo usa essa frase mais cedo, em Romanos 3.5, assim como em Gálatas 3.15.

O versículo 19 é paralelo ao v. 16. Paulo repete seus pontos teológicos para enfatizar.

Alguns diriam que esta frase é um pedido de desculpas de Paulo pelo uso da metáfora da escravidão. Contudo, “por causa da fraqueza da vossa carne” não se enquadra nessa interpretação. A escravidão não era vista como sendo má pela sociedade do primeiro século, especialmente em Roma. Era simplesmente a cultura daqueles dias.

“carne”, veja Tópico Especial em 1.3

“para servirem à justiça para a santificação” Este é o objetivo da justificação (cf. v. 22). O NT usa este termo em dois sentidos teológicos relacionados à salvação (1) santificação posicional, que é o dom de Deus (aspecto objetivo) dado com a justificação por meio da fé em Cristo (cf. At 26.18; 1 Co 1.2; 6:11; Ef 5.26-27; I Ts. 5.23; 2 Ts. 2.13; Heb. 10.10; 13.12; 1 Pe. 1.2) e (2) santificação progressiva, que é também a obra de Deus através do Espírito Santo por meio de quem a vida do crente é transformada à imagem e maturidade de Cristo (aspecto subjetivo, cf. 2 Co 7.1; 1 Ts 4.3,7; 1 Tim 2.15; 2 Tim. 2.21; Hb. 12.10,14). Veja o Tópico Especial: Santificação em 6.4.

É tanto um dom quanto um mandamento! É uma posição (objetivo) e uma atividade (subjetivo)! É um INDICATIVO (uma declaração) e um IMPERATIVO (um mandamento)! Santificação vem no começo, mas não é plena até o fim (cf. Fp 1.6; 2.12-13).

ROMANOS 6.20-23 (RA)

20 Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. **21** Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte. **22** Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna; **23** porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

6.20-21 Esta declaração é simplesmente oposta dos vv. 18 e 19. Os crentes podem somente servir a um senhor (cf. Lucas 16.13).

6.22-23 Estes versículos formam uma progressão lógica dos salários pagos por aquele a quem alguém serve. Graças a Deus esta discussão sobre o pecado e o crente termina com um foco na graça! Primeiro é o dom da salvação através da nossa cooperação, e então o dom da vida cristã, também através da nossa cooperação. Ambos são dons recebidos através da fé e do arrependimento.

6.22 “tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna” O termo literal “fruto”, é usado no v. 21 para falar sobre as consequências do pecado, mas no v. 22 ele fala das consequências do serviço a Deus. O fruto imediato é a transformação do crente à semelhança de Jesus. O fruto final é estar com Ele e ser como Ele na eternidade (cf. 1 João 3.2). Se não há resultado imediato (mudança de vida, cf. Tg 2), o resultado final pode ser legitimamente questionado (vida eterna, cf. Mt 7). “Sem fruto, sem raiz!”

6.23 Este é o sumário do capítulo inteiro. Paulo pintou a escolha em preto e branco. A escolha é nossa – pecado e morte ou livre graça através de Cristo e vida eterna. Isto é muito similar aos “dois caminhos” da literatura de sabedoria do AT (Sl 1; Pv. 4; 10-19; Mt 7.13-14).

“o salário do pecado” O pecado aqui é personificado como (1) um senhor de escravo, (2) um general militar, ou (3) um rei que paga salários (cf. 3.9; 5.21; 6.9,14,17).

“o dom gratuito de Deus é a vida eterna” Esta palavra, traduzida como “dom gratuito” (*charism*, χάρισμα) vem da raiz de graça (*charis*, cf. 3:24; 5:15, 16, 17; Ef. 2.8-9). Veja nota em 3.24.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Este é um comentário e guia de estudo com o propósito de torná-lo responsável por sua própria interpretação da Bíblia. Cada um de nós deve andar à luz daquilo que já temos. Você, a Bíblia e o Espírito Santo são prioritários na interpretação. Você não deve delegar isto a um comentário.

Estas perguntas para debate têm por fim ajudá-lo a pensar através das questões principais desta seção do livro. São significativas para provocar a capacidade de pensar, mas não são definitivas.

1. Como boas obras se relacionam com salvação (cf. Ef 2.8-9,10)?
2. Como o pecado contínuo na vida do crente se relaciona com a salvação (cf. 1 João 3.6,9)?
3. O capítulo ensina sobre “perfeição cristã”?
4. Como o capítulo 6 se relaciona aos capítulos 5 e 7?
5. Por que razão o batismo é discutido aqui?
6. Os cristãos mantêm a sua natureza antiga? Por que?
7. Quais as implicações do TEMPO VERBAL PRESENTE nos v. 1.14 e TEMPO AORISTO em 15-23?

APÊNDICE UM

ANTIGO TESTAMENTO COMO HISTÓRIA

- I. Cristianismo e Judaísmo são credos históricos. Sua fé fundamenta-se em eventos históricos (acompanhados de suas interpretações). O problema surge quando tentamos definir ou descrever o que seja “história” ou “estudo histórico”. Muito dos problemas na interpretação teológica moderna está em suposições da literatura ou história moderna que são reprojatadas para a literatura bíblica do antigo Oriente Próximo. Não somente há uma lacuna na apreciação adequada das diferenças culturais e temporais, mas também nas diferenças literárias. Como pessoas ocidentais, nós simplesmente não entendemos as técnicas de gênero e literatura dos escritos do antigo Oriente Próximo, e por isso os interpretamos à luz dos gêneros da literatura ocidental.

A abordagem bíblica do século XIX fragmentou e depreciou os livros do Antigo Testamento como documentos históricos unificados. O ceticismo histórico afetou a hermenêutica e a investigação histórica do Antigo Testamento. A tendência atual para com a “hermenêutica canônica” (Brevard Childs) tem auxiliado a focar na forma atual do texto do Antigo Testamento. Isto, em minha opinião, é uma ponte de grande utilidade sobre o abismo da Alta Crítica alemã do século 19. Devemos lidar com o texto canônico que tem sido dado a nós por um processo desconhecido que se presume inspirado. Muitos estudiosos estão retornando à suposição da historicidade do AT. Isto certamente não significa negar a óbvia edição e atualização do AT feita mais tarde pelos escribas judeus, mas é um retorno básico ao AT como uma história válida e documentação de eventos verdadeiros (com suas interpretações teológicas).

Uma citação de R. K. Harrison em *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 1, no artigo *Historical and Literary Criticism of the Old Testament*, é pertinente:

“Estudos historiográficos comparativos têm mostrado que, ao lado de Hititas, os antigos Hebreus eram os mais acurados, objetivos e responsáveis quanto ao registro da história do Antigo Oriente. Os estudos crítico-formais de livros como Gênesis e Deuteronômio, baseados em tipos específicos de tábuas recuperadas de sítios que incluem Mari, Nuzu e Boghazköy, mostram que o material canônico tinha certamente um homólogo não-literário nas culturas de alguns povos do Antigo Oriente. Como resultado, é possível ver com um novo grau de confiança e respeito aquelas antigas tradições dos Hebreus que implicavam ser historiográficas em sua natureza” (p. 232).

Fico especialmente feliz pelo trabalho de R. K. Harrison porque ele apresenta como prioridade a interpretação do Antigo Testamento à luz dos eventos, cultura e gêneros contemporâneos.

- II. Nas minhas aulas de literatura judaica antiga (Gênesis-Deuteronômio e Josué), tento estabelecer uma ligação aceitável com outros artefatos e literaturas do Antigo Oriente.

A. Paralelos literários de Gênesis no antigo Oriente Próximo

1. O paralelo mais antigo do contexto cultural conhecido de Gênesis 1-11, são as tábuas cuneiformes de Ebla, do norte da Síria, que datam de cerca de 2500 A.C. e estão escritas em Acadiano.
2. Criação
 - a. O relato mesopotâmico mais próximo que lida com a criação, *Enuma Elish*, data de cerca de 1900-1700 A.C., e foi encontrado na biblioteca de Asurbanipal em Nínive e em muitos outros lugares. Há sete tábuas cuneiformes escritas em Acadiano, que descrevem a criação por Marduk.
 - 1) Os deuses, *Apsu* (macho das águas frescas) e *Tiamat* (fêmea das águas salgadas) tinham filhos indômitos e desenfreados. Esses dois deuses tentaram silenciar os deuses mais jovens.
 - 2) Um dos filhos dos deuses, *Marduk*, ajudou a derrotar *Tiamat*. Ele formou a terra do corpo dela.
 - 3) *Marduk* formou a humanidade a partir de outro deus derrotado, *Kingu*, que era consorte masculino de *Tiamat* depois da morte de *Apsu*. A humanidade veio do sangue de *Kingu*.
 - 4) *Marduk* foi feito chefe do panteão Babilônico.

- b. “O selo da criação” é uma tábua cuneiforme que é uma figura de um homem nu e uma mulher ao lado de uma árvore frutífera com uma cobra enrolada no tronco da árvore e posicionada sobre o ombro da mulher como se estivesse falando com ela.
3. Criação e Dilúvio – *A Épopéia de Atrahasis* registra a rebelião dos deuses menores por causa da criação de sete casais humanos para cumprir os deveres desses deuses menores. Por causa (1) do crescimento da população e (2) ruído, seres humanos são reduzidos em número por uma praga, dois períodos de fome e finalmente, um dilúvio, causado por *Enlil*. Esses eventos principais são vistos na mesma ordem de Gênesis 1-8. Esta composição cuneiforme data de cerca da mesma época de *Enuma Elish* e a *Epopéia de Gilgamesh*, cerca de 1900-1700 A.C. Todos escritos em Acadiano.
4. O dilúvio de Noé
 - a. Uma tábua sumeriana de Nippur, chamada *Eridu Genesis*, datando de cerca de 1600 A.C., fala sobre *Zivsudra* e o dilúvio vindouro.
 - 1) *Enka*, o deus da água, alerta sobre o dilúvio
 - 2) *Zivsudra*, um rei-sacerdote, é salvo num grande barco
 - 3) O dilúvio dura sete dias
 - 4) *Zivsudra* abre uma janela de um barco e solta vários pássaros para ver se a terra seca aparece.
 - 5) *Zivsudra* também oferece sacrifício de um boi e cordeiro quando deixa o barco.
 - b. Um relato babilônico composto de quatro narrativas sumérias, conhecido como a *Epopéia de Gilgamesh*, originalmente datando de cerca de 2500-2400 A.C., embora a forma do escrito composto fosse acadiano, é muito tardio. Ele fala do sobrevivente do dilúvio, *Utnapishtim*, que diz a *Gilgamesh*, o rei de *Uruk*, como ele sobreviveu ao dilúvio, alcançando a vida eterna.
 - 1) *Ea*, o deus da água, alerta sobre a vinda de um dilúvio e diz a *Utnapishtim* (forma babilônica de *Zivsudra*) que construa o barco.
 - 2) *Utnapishtim* e sua família, juntamente com plantas medicinais, sobrevivem ao dilúvio
 - 3) O dilúvio dura sete dias
 - 4) O barco encalha no noroeste da Pérsia, no Monte Nisir.
 - 5) Ele envia três diferentes pássaros para ver se a terra seca aparece
5. A literatura mesopotâmica que descreve um antigo dilúvio, vem a da mesma fonte. Os nomes variam de muitas maneiras, mas o enredo é o mesmo. Um exemplo é que *Zivsudra*, *Atrahasis*, e *Utnapishtim* são todos o mesmo rei humano.
6. Os paralelos históricos dos antigos eventos de Gênesis podem ser explicados à luz dos predispostos (Gênesis 10-11) conhecimento e experiência de Deus que o homem tem. O verdadeiro coração histórico das memórias tem sido elaborado e mitologizado em comuns relatos diluvianos ao redor do mundo. O mesmo pode ser dito da: criação (Gênesis 1-2) e da união de seres humanos com anjos (Gênesis 6).
7. Tempo dos Patriarcas (Era do Bronze Médio)
 - a. Tábuas de Mari – textos cuneiformes legais (cultura amonita) e textos pessoais escritos em Acadiano.
 - b. Tábuas de Nuzi – arquivos cuneiformes de certas famílias (cultura horita e hurriana) escritos em Acadiano cerca de 160 quilômetros de Nínive, aproximadamente de 1500 a 1300 A.C. Eles registraram procedimentos de família e negócios. Para outros exemplos específicos, veja Walton, pp. 52-58.
 - c. Tábuas de Alalak – textos cuneiformes do nordeste da Síria de 2000 A.C.
 - d. Alguns nomes em Gênesis são identificados como nomes de lugares nas tábuas de Mari: Seruge, Pelegue, Terá, Naor. Outros nomes bíblicos também eram comuns: Abraão, Isaque, Jacó, Labão e José.
8. “Estudos historiográficos comparativos têm mostrado que, juntamente com os Hititas, os antigos Hebreus eram os mais acurados, objetivos e responsáveis quanto ao registro da história do Antigo Oriente”. R. K. Harrison em *Biblical Criticism*, p. 5.
9. A arqueologia tem provado ser de grande ajuda para o estabelecimento da historicidade da Bíblia. Contudo, uma palavra de precaução é necessária. A arqueologia não é um manual absolutamente confiável, pelas seguintes razões:
 - a. Técnicas precárias nas antigas escavações
 - b. Interpretações várias e muito subjetivas sobre os artefatos descobertos,

- c. Não há concordância quanto à cronologia do Antigo Oriente Próximo (embora uma esteja sendo desenvolvida com base em três anéis)
- B. Relatos egípcios da criação podem ser encontrados no livro de John W. Walton, *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990. pp. 23-34, 32-34.
- 1. Na literatura egípcia, a criação começa com uma água primitiva desestruturada e caótica. A criação era vista como nascendo a partir do caos aquoso.
 - 2. Na literatura egípcia de Mênfis, a criação ocorreu pela palavra falada de Ptah.
- C. Josué e os paralelos literários do antigo Oriente Próximo
- 1. A arqueologia tem mostrado que a maior parte das cidades fortificadas de Canaã foram destruídas e rapidamente reconstruídas cerca de 1250 A.C.
 - a. Hazor
 - b. Laquis
 - c. Betel
 - d. Debir (formalmente chamada de Queriot-Sefer, 15.15)
 - 2. A arqueologia não conseguiu ainda confirmar ou rejeitar o relato bíblico da queda de Jericó (cf. Josué 6). Isto ocorre porque o sítio está em condições precárias:
 - a. O tempo frio/localização
 - b. Construções posteriores usando materiais mais velhos
 - c. Incerteza quanto à data das camadas do solo
 - 3. A arqueologia encontrou um altar no Monte Ebal, que pode estar conectado a Josué 8.30-31 (Dt 27.2-9). É muito similar à descrição encontrada na Mishnah (Talmude).
 - 4. Os textos de Ras Shamra encontrados em Ugarit mostram a vida e religião cananita de 1400 A.C.:
 - a. Adoração de natureza politeísta (culto à fertilidade)
 - b. El era a divindade principal
 - c. O companheiro de El era Asherah (mais tarde ela é companheira de Ba'al) que era adorado na forma de uma estaca esculpida ou uma árvore viva, que simbolizava a "árvore da vida"
 - d. Seu filho era Ba'al (Haddad), o deus do trovão
 - e. Ba'al se tornou o "grande deus" do panteão cananita. Anat era sua companheira
 - f. Cerimônias similares a de Ísis e Osíris do Egito
 - g. Adoração de Ba'al era focada em locais ("lugares altos") ou plataformas de pedra (prostituição ritual)
 - h. Ba'al era simbolizado por um pilar de pedra erguido (símbolo fálico)
 - 5. A acurada listagem de nomes de antigas cidades se ajusta ao autor contemporâneo, não os editores tardios:
 - a. Jerusalém chamada Jebus, 15.8; 18.16,28 (15.28 diz que os jebusitas ainda permaneceram em parte de Jerusalém)
 - b. Hebron é chamada Quiriate-Arba, 14:15; 15.13,54; 20.7; 21.11
 - c. Quiriate-Jearim é chamada Baalah, 15.9,10
 - d. Sidon é referida como a maior cidade da Fenícia, e não Tiro, 11.8; 13.6; 19.28, que mais tarde se torna a cidade principal.

APÊNDICE DOIS

HISTORIOGRAFIA DO ANTIGO TESTAMENTO COMPARADA A CULTURAS CONTEMPORÂNEAS DO ANTIGO ORIENTE

- I. Fontes mesopotâmicas
 - A. Como em muitas literaturas antigas, o assunto é o rei ou algum herói nacional.
 - B. Os eventos são com frequência embelezados para propósitos de propagação.
 - C. Usualmente nada negativo é registrado.
 - D. O propósito era sustentar o atual *status quo* das instituições ou explicar o surgimento de novos regimes.
 - E. As distorções históricas envolvem:
 - 1. Grandes vitórias reivindicadas com embelezamentos
 - 2. Realizações antigas apresentadas como recentes
 - 3. Somente aspectos positivos são registrados
 - F. A literatura servia não apenas como função propagandista, mas também como função didática.

- II. Fontes egípcias
 - A. Elas sustentavam uma visão de vida muito estática, que não era afetada pelo tempo.
 - B. O rei e sua família eram objetos de muito da literatura.
 - C. Isto, como a literatura mesopotâmica, é muito propagandista.
 - 1. Sem aspectos negativos
 - 2. Aspectos de embelezamento

- III. Fontes rabínicas (posteriores)
 - A. Procuram tornar a Escritura relevante por meio da Midrash, que vai da fé do intérprete para o texto, e não foca na intenção autoral ou contexto cultural do texto.
 - 1. *Halakha* lida com verdades ou leis para a vida
 - 2. *Haggada* lida com aplicação e encorajamento para a vida
 - B. Peshet – desenvolvimento posterior visto nos Manuscritos do Mar Morto. Usa uma abordagem tipológica para ver o cumprimento profético de eventos passados no contexto atual. O contexto atual é o escatológico profetizado (nova era vindoura).

- IV. É óbvio que os gêneros do antigo Oriente Próximo e a literatura judaica posterior diferem da Escritura do Antigo Testamento. De muitos modos, os gêneros do Antigo Testamento, embora com frequência compartilhem características da literatura contemporânea, são únicos, especialmente na descrição de eventos históricos. O mais próximo da historiografia hebraica é a literatura hitita.

Deve ser reconhecido como a antiga historiografia é diferente da moderna, ocidental. É aqui onde está o problema da interpretação. A historiografia moderna procura ser objetiva (não propagandista, se isto é possível) e documentar e registrar em sequência cronológica o que “realmente aconteceu!” Ela procura documentar “causa e efeito” ou eventos históricos. Ela é caracterizada por detalhes!

Só porque as histórias do antigo Oriente não são como as modernas, isso não quer dizer que estejam erradas, inferiores ou que não sejam dignas de confiança. Histórias modernas ocidentais refletem as inclinações (pressuposições) dos seus escritores. A história bíblica é por natureza (inspiração) diferente. Há um sentido no qual a

história bíblica é vista através dos olhos da fé do autor inspirado e para os propósitos da teologia, mas ainda assim é um registro histórico válido.

Esta historicidade do Antigo Testamento é importante para mim como um meio de defender minha fé aos outros. Se a Bíblia pode ser demonstrada como sendo histórica, então as reivindicações da sua fé têm um apelo muito forte aos não-crentes. Minha fé não descansa na confirmação histórica da arqueologia e antropologia, mas elas me ajudam a introduzir a mensagem da Bíblia e dar a ela uma credibilidade que de outro modo não teria.

Resumindo, a historicidade não funciona na área da inspiração, mas na área da apologética e evangelismo.

APÊNDICE TRÊS

NARRATIVA HEBRAICA HISTÓRICA

I. DECLARAÇÕES INICIAIS

- A. A relação entre o AT e outros meios de narrativa de eventos
 - 1. Outra literatura do antigo Oriente Próximo é mitológica
 - a. Politéista (geralmente deuses humanos refletindo os poderes da natureza mas usando de conflitos interpessoais como motivos)
 - b. Baseada nos ciclos da natureza (deuses que morrem e ressurgem)
 - 2. A literatura greco-romana era mais para entretenimento e encorajamento do que para registro de eventos históricos per se (Homero de muitas maneiras reflete motivos mesopotâmicos)
- B. Possivelmente o uso de três termos germânicos ilustra a diferença de tipos ou definições da história
 - 1. “Historie,” o registro de eventos (fatos básicos)
 - 2. “Geschichte,” a interpretação dos eventos mostrando seu significado para a humanidade
 - 3. “Heilsgeschichte” se refere unicamente ao plano e atividade redentiva de Deus no processo histórico
- C. As narrativas do AT e NT são “Geschichte”, que levam a um entendimento da Heilgeschichte. Elas são eventos históricos teologicamente selecionadas.
 - 1. Eventos selecionados somente
 - 2. Cronologia não tão importante quanto teologia
 - 3. Eventos compartilhados para revelar verdades
- D. A narrativa é o mais comum gênero no AT. Estima-se que 40% do AT seja narrativa. Portanto, este gênero é útil ao Espírito na comunicação da mensagem de Deus e do caráter da humanidade caída. Mas, ela é feita, não de modo proposicional (como as Epístolas do NT), mas por implicação, resumo ou monólogo/diálogo selecionado. Deve-se continuar perguntando qual o motivo do registro. O que está sendo enfatizado? Qual é o propósito teológico?

Em nenhum momento isto significa depreciar a história. Mas, isto é história como serva e canal da revelação.

II. Narrativas Bíblicas

- A. Deus está ativo em Seu mundo. Autores bíblicos inspirados escolhem certos eventos para revelar a Deus. Deus é o personagem principal do AT.
- B. Todas as narrativas funcionam de várias maneiras:
 - 1. Quem é Deus e o que Ele está fazendo no Seu mundo
 - 2. A humanidade é revelada por meio do relacionamento de Deus com indivíduos e entidades nacionais
 - 3. Como um exemplo, observe especificamente a vitória militar de Josué relacionada ao cumprimento da aliança (cf. 1.7-8; 8.30-35)
- C. Com frequência narrativas são reunidas para fazer um unidade literária que revela uma única verdade teológica.

III. Princípios interpretativos das narrativas do AT

- A. A melhor discussão que li sobre a interpretação de narrativas do AT, é Douglas Stuart em *Entendes o que lêes?*, pp. 83-84
 - 1. Uma narrativa do AT usualmente não ensina diretamente uma doutrina.
 - 2. Uma narrativa do AT usualmente ilustra uma doutrina ou doutrinas que são ensinadas em outro lugar.
 - 3. As narrativas registram o que aconteceu – não necessariamente o que deveria ter acontecido ou o que deveria acontecer sempre. Portanto, nem toda narrativa tem uma moral individual identificável da história.

4. O que as pessoas fazem nas narrativas não é necessariamente um bom exemplo para nós. Com frequência, é justamente o oposto.
 5. Muitas das personagens das narrativas do AT estão longe de ser perfeitas, e suas ações também.
 6. Nem sempre nos é dito ao final da narrativa se o que aconteceu era bom ou ruim. Espera-se que sejamos capazes de julgar aquilo na base do que Deus tem nos ensinado direta e categoricamente em outra parte das Escrituras.
 7. *Todas* as narrativas são seletivas e incompletas. Nem sempre os detalhes relevantes são dados (cf. João 21:25). O que aparece na narrativa é tudo que o autor inspirado pensou ser importante que soubéssemos.
 8. Narrativas não são escritas para responder a todas as nossas perguntas teológicas. Elas têm propósitos limitados, particulares, específicos, e lidam com certas questões, deixando outras partes para serem tratadas em outros lugares, de outras formas.
 9. As narrativas podem ensinar explícita (por declarar claramente algo) ou implicitamente (por implicar algo sem realmente o declarar).
 10. Na análise final, Deus é o herói de todas as narrativas bíblicas.
- B. Outra boa discussão sobre interpretação das narrativas está no livro de Walter Kaiser, *Toward Exegetical Theology*:

“O aspecto único das narrativas das Escrituras, é que geralmente o escritor permite que as palavras e ações das pessoas em sua narrativa conduzam à verdade principal da sua mensagem. Assim, em lugar de se dirigir a nós através de declarações diretas, como as que são encontradas em porções doutrinárias ou didáticas das Escrituras, o autor procura permanecer em algum lugar no pano de fundo à medida que declarações diretas ou de interpretação são delaradas. Como conseqüência, se torna criticamente importante reconhecer o contexto maior em que a narrativa se encaixa e perguntar por que o escritor usou a seleção específica de eventos na precisa seqüência em que ele os coloca. O par de significados agora será o *arranjo* de episódios e *seleção* de detalhes de uma margem de possíveis discursos, pessoas ou episódios. Além disso, a reação divina e apreciação dessas pessoas e eventos devem com frequência ser determinadas a partir do modo com que o autor permite uma pessoa responder no clímax da seqüência selecionada de eventos; isto é, se ele não interrompeu a narração para dar sua própria (nesse caso, a de Deus) apreciação do que estava acontecendo” (p. 205)

- C. Nas narrativas, a verdade é encontrada na unidade literária inteira e não nos detalhes. Tome cuidado com textos-prova e cuidado ao usar as narrativas do AT como exemplo para sua vida.

IV. Dois níveis de interpretação

- A. Os atos redentivos e revelatórios de YHWH para a descendência de Abraão.
- B. O desejo de YHWH para a vida de todo crente (em todas as eras)
- C. O primeiro foca em “conhecer a Deus” (salvação); o segundo, em servir a Ele (a vida cristã de fé, cf. Rm 15.4; 1 Co 10.6,11)

APÊNDICE QUATRO

PROFECIA HEBRAICA

I. Introdução

A. Declarações iniciais

1. A comunidade dos crentes não concorda sobre como interpretar a profecia. Outras verdades têm sido estabelecidas como uma posição ortodoxa através dos séculos, mas não esta.
2. Há vários estágios bem definidos da profecia do AT:
 - a. Pré-monárquico (antes do Rei Saul)
 - (1) Indivíduos chamados profetas
 - (a) Abraão, Gn 20.7
 - (b) Moisés, Nm 12.6-8; Dt 18.15; 34.10
 - (c) Arão, Ex 7.1 (que falava por Moisés)
 - (d) Miriã, Ex 15.20
 - (e) Eldade e Medade, Nm 11.24-30
 - (f) Débora, Jz 4.4
 - (g) Desconhecido, Jz 6.7-10
 - (h) Samuel, 1 Sm 3.20
 - (2) Referência aos profetas como um grupo, Dt 13.1-5; 18.20-22
 - (3) Grupos de profetas ou guias, 1 Sm 10.5-13; 19.20; 1 Rs. 20.35,41; 22.6,10-13; 2 Rs. 2.3,7; 4.1,38; 5.22; 6:1 etc.
 - (4) Messias é chamado de profeta, Dt. 18.15-18
 - b. Profetas não-escritores do período monárquico (discursavam para o rei)
 - (1) Gade - 1 Sm. 7.2; 12.25; 2 Sm. 24.11; 1 Cron. 29.29
 - (2) Natã - 2 Sam. 7.2; 12.25; 1 Rs. 1.22
 - (3) Aías - 1 Rs. 11.29
 - (4) Jeú - 1 Rs. 16.1,7,12
 - (5) desconhecido - 1 Rs. 18.4,13; 20.13,22
 - (6) Elias - 1 Rs. 18; 2 Rs. 2
 - (7) Milca - 1 Rs. 22
 - (8) Eliseu - 1 Rs 2.8, 13
 - c. Profetas clássicos escritores (discursavam tanto à nação quanto ao rei): Isaías a Malaquias (exceto Daniel)

B. Termos Bíblicos

1. *ro'eh* = vidente, 1 Sm. 9.9. Esta referência mostra a transição para o termo *Nabi*, que significa “profeta” e vem da raiz, “chamar.” *Ro'eh* vem do termo hebraico geral “ver.” Esta pessoa entendia os planos e caminhos de Deus e era consultada para se conhecer a vontade de Deus sobre determinado assunto.
2. *Hozeh* = vidente, 1 Sm 24:11. É basicamente um sinônimo de *ro'eh*. Vem de um termo hebraico raro, “ver em uma visão.” A forma participio é usada com mais frequência em referência aos profetas.
3. *Nabi'* = profeta, cognato do verbo acadiano *nabu* = “chamar” e do árabe *naba'a* = “anunciar.” Este é o termo do AT mais comum para designar um profeta. É usado mais de 300 vezes. A etimologia exata é incerta, mas “chamar” parece ser no momento a melhor opção. Possivelmente o melhor entendimento vem da descrição que YHWH faz do relacionamento de Moisés com Faraó através de Arão (cf. Ex. 4.10-16; 7.1; Dt. 5.5). Um profeta é alguém que fala da parte de Deus ao Seu povo (cf. Am 3.8; Jr. 1.7,17; Ez. 3.4).

4. Todos os três termos são usados para o ofício de profeta em 1 Crônicas 29.29; Samuel – *Ro'eh*; Natã – *Nabi*; e Gade – *Hozeh*.
5. A frase *'ish há – 'elohim*, “homem de Deus,” é também uma vasta designação para um homem que fala por Deus. É usada mais de 76 vezes no AT, no sentido de “profeta.”
6. A palavra “profeta” é de origem grega. Vem de (1) *pro* = “antes” ou “para”; (2) *phemi* = “falar.”

II. Definição de Profecia

- A. O termo “profecia” tem um vasto campo semântico no Hebraico assim como no Português. Os judeus nomearam os livros históricos de Josué até Reis (exceto Rute) de “profetas anteriores.” Tanto Abraão (Gn 20.7; Sl 105.5) e Moisés (Dt 18.18) são designados como profetas (também Miriã, Ex. 15.20). Portanto, tome cuidado de uma definição assumida do português!
- B. “O profetismo pode ser legitimamente definido como um entendimento da história que aceita o significado somente em termos da preocupação divina, propósito divino e divina participação” (*Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. 3, p. 896).
- C. “O profeta não é um teólogo sistemático nem um filósofo, mas um mediador factual que concede a palavra de Deus ao Seu povo a fim de moldar o seu futuro pela reforma do seu presente” (“Prophets and Prophecy,” *Encyclopedia Judaica*, vol. 13, p. 1152).

III. Propósito da Profecia

- A. A profecia é um modo de Deus falar com Seu povo, providenciando orientação no seu atual contexto e esperança no Seu controle das suas vidas e dos eventos mundiais. Sua mensagem era basicamente corporativa. Era para corrigir, encorajar, produzir fé e arrependimento, e informar ao povo de Deus sobre Si mesmo e Seus planos. Com frequência é usada para claramente revelar a escolha de Deus de um homem (Dt 3.1-3; 18.20-22). Este, tomado em última instância, referia-se ao Messias.
- B. Com frequência, o profeta tomava uma crise histórica ou teológica dos seus dias e a projetava em um contexto escatológico. Esta visão de fim de mundo (teleológica) é única para Israel e seu sendo de eleição divina e promessas factuais.
- C. O ofício de profeta parecia equilibrar (Jr 18.18) e substituir o ofício do Sumo Sacerdote como um modo de conhecer a vontade de Deus. O Urim e o Tumim transcendiam uma mensagem verbal do homem que falava em nome de Deus. o ofício de profeta parecia ter desaparecido em Israel após Malaquias (ou o escrito de Crônicas). Ele não aparece até 400 anos depois, com João Batista. É incerto como o dom de profecia no Novo Testamento se relaciona com o AT. Os profetas do Novo Testamento (At 11.27-28; 13.1; 14.29,32,37; 15.32; 1Co. 12.10,28-29; Ef 4.11) não são reveladores de nova revelação, mas anunciavam e prediziam a vontade de Deus em situações recorrentes.
- D. A profecia não é primária ou exclusivamente preditiva em sua natureza. Predições são um modo de confirmar seu ofício e sua mensagem, mas isso deve ser observado: “...menos de 2% da profecia do AT é messiânica. Menos de 5% especificamente descreve a era da Nova Aliança. Menos de 1% sobre eventos ainda por vir” (Fee & Stuart, *Entendes o que lêes?*, p. 166).
- E. Os profetas representavam Deus ao povo, enquanto os sacerdotes representavam o povo a Deus. Esta é uma declaração geral. Há exceções, como Habacuque, que dirigia questões a Deus.
- F. Uma razão para a dificuldade em se entender os profetas, é que não sabemos como seus livros foram estruturados. Eles não são cronológicos. Parecem ser temáticos, mas nem sempre do modo que se espera. Com frequência não há contexto histórico óbvio, quadro de tempo, ou clara divisão entre os oráculos, é difícil (1) ler os livros em uma sentada; (2) esboçá-los por tópicos; e (3) apurar a verdade central ou a intenção autoral em cada oráculo.

IV. Características da Profecia

- A. No Antigo Testamento parece haver um desenvolvimento do conceito de “profecia” e “profeta.” No antigo Israel desenvolveu-se uma comunidade de profetas, liderada por líderes carismáticos fortes, tais como Elias ou Eliseu. Algumas vezes “os filhos dos profetas” eram usados para designar este grupo (2 Rs 2). Os profetas às vezes eram caracterizados por formas de êxtase (1Sm 10.10-13; 19.18-24).
- B. Contudo, este período passou rapidamente, dando lugar ao tempo dos profetas individuais. Havia aqueles profetas (tanto falsos quanto verdadeiros) que se identificavam com o Rei, e viviam no palácio (Gade, Natiã). Também havia aqueles que eram independentes, algumas vezes totalmente desconectados com o status quo da sociedade israelita (Amós). Eram homens e mulheres (2Rs 22.14).
- C. O profeta com frequência era um revelador do futuro, condicionado por uma resposta imediata de um pessoa ou povo. Com frequência a tarefa principal do profeta era desvelar o plano universal de Deus para Sua criação, o qual não é afetado pela resposta humana. Este plano escatológico é único entre os profetas de Israel no antigo Oriente Próximo. A predição e a fidelidade à aliança eram dois enfoques da mensagem profética (cf. Fee e Stuart, p. 150). Isto implica que os profetas eram primariamente corporativos no seu foco. Eles usualmente, mas não exclusivamente, se direcionavam para a nação de Israel.
- D. Muito do material profético era apresentado oralmente. Isto mais tarde eram combinados por tipos de temas ou cronologia, ou outros padrões de literatura do antigo Oriente que foram perdidos. Porque era oral, não era estruturado como a prosa escrita. Isto faz com o livro seja difícil de ser lido por inteiro e difícil para entender sem um contexto histórico específico.
- E. Os profetas usam muitos padrões para conduzir suas mensagens
 1. Cena de tribunal – Deus leva Seu povo ao tribunal; com frequência isto é um caso de divórcio onde YHWH rejeita sua esposa (Israel) por sua infidelidade (Os 4; Mq 6).
 2. Evento funeral – a métrica especial desse tipo de mensagem e sua “dor” característica, o coloca como uma forma especial (Is 5; Hc 2).
 3. Pronunciamento de bênção actual – a natureza condicional do Pacto é enfatizada e as consequências, ambas positiva e negativamente, são ditas em relação ao futuro (Dt 27-29).
- F. Qualificações Bíblicas para a Verificação de um Verdadeiro Profeta
 - A. Dt 13.1-5 (predições/sinais são relacionados com a pureza monoteísta)
 - B. Dt 18.9-22 (falsos profetas/verdadeiros profetas)
 - C. Ambos homens e mulheres são chamados e designados como profetas ou profetizas
 1. Miriã – Ex 15
 2. Débora – Jz 4.4-6
 3. Hulda – 2Rs 22.14-20; 2Cr 34.22-28
 - D. Nas culturas circundantes, profetas eram verificados por meio de adivinhação. Em Israel, eram verificados por:
 1. Um teste teológico – o uso do nome de YHWH
 2. Um teste histórico – predições acuradas
- G. Orientações Úteis para Interpretar a Profecia
 - A. Encontre a intenção do profeta original (editor) observando o contexto histórico e literário de cada oráculo. Geralmente isso envolve Israel quebrando a Aliança Mosaica em algum sentido.
 - B. Leia e interprete o oráculo inteiro, não parte dele; esboce-o, assim como o conteúdo. Veja como ele se relaciona com os oráculos circundantes. Tente esboçar o livro inteiro (por unidades literárias e nível de parágrafo).
 - C. Assuma uma interpretação literal da passagem até que algo no texto aponte para um uso figurativo; então procure colocar a linguagem figurativa em prosa.
 - D. Faça análise da ação simbólica à luz do contexto histórico e passagens paralelas. Esteja certo de lembrar que é uma literatura do antigo Oriente Próximo, não literatura ocidental ou moderna.

E. Trate predições com cuidado:

1. Elas são exclusivamente para os dias do autor?
2. Elas foram cumpridas subsequentemente na história de Israel?
3. São eventos futuros?
4. Elas têm um cumprimento contemporâneo e ainda um futuro?
5. Permita aos autores da Bíblia, não aos modernos autores, que guiem suas respostas.

F. Preocupações especiais:

1. A predição é qualificada por resposta condicional?
2. É claro a quem a profecia é endereçada (e por quê)?
3. Existe uma possibilidade tanto bíblicamente e/ou teologicamente, para múltiplos cumprimentos?
4. Os autores do NT sob inspiração foram capazes de ver o Messias em muitos lugares no AT que não são óbvios para nós. Eles usavam jogo de palavras ou tipologias. Uma vez que não somos inspirados, é melhor que deixemos essa abordagem com eles.

H. Livros úteis

1. *A Guide to Biblical Prophecy* de Carl E. Armerding e W. Ward Gasque
2. *Entendes o que lêes?* Gordon Fee e Douglas Stuart
3. *My Servants the Prophets* de Edward J. Young
4. *Plowshares and Pruning Hooks: Rethinking the Language of Biblical Prophecy and Apocalyptic* de D. Brent Sandy
5. *Cracking the Old Testament Code*, D. Brent Sandy e Ronald L. Giese, Jr.

APÊNDICE CINCO

PROFECIA DO NOVO TESTAMENTO

- I. A profecia do NT não é como a profecia do AT (BDB 611), que tinha a conotação rabínica da revelação inspirada de YHWH (cf. At 3.18,21; Rm 16.26). Somente os profetas poderiam escrever a Escritura.
 - A. Moisés foi chamado de profeta (cf. Dt 18.15-21)
 - B. Livros históricos (Josué – Reis [exceto Rute]) eram chamados “profetas anteriores” (cf. At 3.24).
 - C. Profetas apoderavam-se do lugar do Sumo Sacerdote como fonte de informação vinda de Deus (cf. Isaías – Malaquias)
 - D. A segunda divisão do cânon hebraico é “Os Profetas” (cf. Mt 5.17; 22.40; Lc 16.16; 24.25,27; Rm. 3.21).
- II. No NT, o conceito é usado de diferentes maneiras:
 - A. Referindo-se aos profetas do AT e sua mensagem inspirada (cf. Mt. 2.23; 5.12; 11.13; 13.14; Rm. 1.2)
 - B. Referia-se à mensagem para um indivíduo em lugar de um grupo (i.e., profetas do AT falavam primariamente a Israel)
 - C. Referia-se tanto a João o Batista (cf. Mt 11.9; 14.5; 21.26; Lc 1.76) quanto a Jesus como proclamadores do Reino de Deus (cf. Mt 13.57; 21.11,46; Lc 4.24; 7.16; 13.33; 24.19). Diz-se também que Jesus é o grande profeta (cf. Mt 11.9; 12.41; Lc 7.26).
 - D. Outros profetas no NT
 - 1. Infância de Jesus como registrada no Evangelho de Lucas (i.e., memórias de Maria)
 - a. Isabel (cf. Lc 1.41-42)
 - b. Zacarias (cf. Lc 2.25-35)
 - c. Ana (cf. Lc 2.36)
 - 2. Predições irônicas (cf. Caifás, João 11.51)
 - E. Em referência a quem proclama o evangelho (a lista de dons proclamadores em 1Co 12.28-29; Ef 4.11)
 - F. Em referência a um dom contínuo na igreja (cf. Mt 23.34; At 13.1; 15.32; Rm 12.6; 1Co 2.10,28-29; 13.2; Ef. 4.11). Algumas vezes isto pode se referir a mulheres (cf. Lc 2.36; At 2.17; 21.9; 1Co. 11.4-5).
- III. Profetas do NT

- A. Eles não davam a revelação inspirada do mesmo modo que os profetas do AT (i.e., Escritura). Esta declaração é possível por causa do uso da frase “a fé” (i.e., o sentido de um evangelho completo) usada em At 6.7; 13.8; 14.22; Gl. 1.23; 3.23; 6.10; Fp. 1.27; Jd 1.3-20.
Este conceito é claro a partir da frase inteira usada em Judas 1.3, “a fé que de uma vez por todas entregue aos santos.” A fé “de uma vez por todas” se refere às verdades, doutrinas, conceitos e ensinamentos da visão de mundo cristã. Essa ênfase “uma vez” é a base bíblica para a limitação teológica da inspiração dos escritos do NT e para a não permissão de que escritos tardios sejam considerados revelatórios. Existem áreas muito cinzas, incertas e ambíguas no NT, mas os crentes afirmam pela fé que tudo que é “necessário” para a fé e prática está incluso com suficiente claridade no NT. Este conceito tem sido delineado no que chamamos “triângulo revelacional”:

1. Deus tem se revelado na história espaço-temporal (REVELAÇÃO)
2. Ele escolheu certos escritores humanos para documentar e explicar Seus atos (INSPIRAÇÃO)
3. Ele deu Seu Espírito para abrir as mentes dos homens a fim de que possam entender esses escritos, não definitivamente, mas adequadamente para sua salvação e efetiva vida cristã.
Não há posteriores escritos autoritativos, visões, ou revelações. O cânon está fechado. Temos toda a verdade que precisamos para responder apropriadamente a Deus. Esta verdade é melhor vista de acordo com os escritores bíblicos versus o desacordo de crentes sinceros e piedosos. Nenhum orador ou escritor moderno tem o mesmo nível de liderança divina que os escritores da Escritura tinham.

B. De algumas maneiras os profetas do NT eram similares aos profetas do AT

1. Predição de eventos futuros (cf. Paulo, At 27.22; Ágabo, At 11.27-28; 21.10-11; outros profetas desconhecidos, At 20.23)
2. Proclamando julgamento (cf. Paulo, At 13.11; 28.25-28)
3. Atos simbólicos que vividamente descreviam um evento (cf. Ágabo, At 21.11)

C. Eles proclamavam as verdades do evangelho algumas vezes em modo preditivo (cf. At 11.27-28; 20.23; 21.10-11), mas este não é o foco primário. O profetizar em 1 Coríntios é basicamente comunicar o evangelho (cf. 14.24, 39).

D. Eles eram os meios contemporâneos pelos quais o Espírito revelava as aplicações contemporâneas e práticas das verdades de Deus a cada nova situação, cultura ou período de tempo (cf. 1Co 14.3).

E. Eles eram ativos nas antigas igrejas plantadas por Paulo (cf. 1Co. 11.4-5; 12.28,29; 13.29; 14.1,3,4,5,6, 22,24,29,31, 32,37,39; Ef. 2:20; 3:5; 4:11; 1 Ts.5:20) e são mencionados no *Didaquê* (escritos no final do primeiro século ou no segundo, data incerta) e no Montanismo do segundo e terceiro séculos no norte da África.

IV. Os dons do NT cessaram?

A. Esta questão é difícil de responder. Definir o propósito dos dons ajuda a clarificar o assunto. Eles eram designados para confirmar a pregação inicial do evangelho ou são meios permanentes do ministério da igreja a si mesma e ao mundo perdido?

B. A fim de responder a essa questão, deve-se olhar para a história da igreja ou para o próprio NT? Não há indicação no NT de que os dons espirituais eram temporários. Aqueles que tentam usar 1Co 13,8-13 para falar do assunto, abusam da intenção autoral da passagem, que diz que tudo exceto o amor passará.

C. Eu sou inclinado a dizer que, uma vez que o NT é autoritativo e não a história da igreja, os crentes devem afirmar que os dons continuam. Contudo, creio que a cultura afeta a interpretação. Alguns textos muito claros não são mais aplicáveis (i.e., o beijo santo, mulheres usando véus, reunião nas casas, etc). Se a cultura afeta o texto, então, por que não a história da igreja?

D. Esta é uma questão que simplesmente não pode ser respondida definitivamente. Alguns crentes defendem a “cessação” e outros a “não-cessação.” Nesta área, assim como em muitas outras questões interpretativas, o coração do crente é a chave. O NT é ambíguo e cultural. A dificuldade é ser capaz de discernir quais textos são afetados pela cultura/história e quais são para todos os tempos e culturas (cf. Fee e Stuart, *Entendes o que lêes?*, pp. 14-19 e 69-77). É aqui que as discussões sobre a liberdade e a responsabilidade, que são encontradas em Rom. 14.1-15.13 e 1Co 8-10, são cruciais. Como respondemos às questões é importante de duas maneiras.

1. Cada crente deve andar por fé à luz do que ele tem. Deus olha para nosso coração e motivos.

2. Cada crente deve permitir a outros crentes que andem no seu próprio entendimento da fé. Deve haver tolerância nos limites bíblicos. Deus quer que amemos uns aos outros como ele nos ama.
- E. Para sumarizar a questão, o Cristianismo é uma vida de fé e amor, não uma perfeita teologia. Um relacionamento com Ele que cause impacto em nosso relacionamento com outros é mais importante que informação definitiva e perfeição dogmática.

APÊNDICE SEIS

POESIA HEBRAICA

I. INTRODUÇÃO

- A. Este tipo de literatura compreende um terço do Antigo Testamento. Isto é especialmente comum nos “Profetas” (todos menos Ageu e Malaquias continham poesia) e o “Escritos” do cânon hebraico.
- B. É muito diferente da poesia em português. A portuguesa é desenvolvida da grega e da latina, que é primariamente baseada no som. A poesia hebraica tem muito mais em comum com a poesia cananita. Não há linhas acentuadas ou rima na poesia do antigo Oriente Próximo (mas há um compasso).
- C. A descoberta arqueológica do norte de Israel em Ugarit (Ras Shamra) ajudou estudiosos da poesia do AT. Esta poesia do século 15 A.C. tem óbvias conexões literárias com a poesia hebraica.

II. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POESIA

- A. Ela é muito compacta.
- B. Tenta expressar uma verdade, sentimentos ou experiências em imaginário.
- C. É primariamente escrita e não oral. É altamente estruturada. Sua estrutura é expressa em:
 - 1. Linhas equilibradas (paralelismo)
 - 2. Jogo de palavras
 - 3. Jogo de sons

III. A ESTRUTURA, R. K. Harrison, *Introduction To The Old Testament*, pp.965-975)

- A. O bispo Robert Lowth em seu livro, *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews* (1753) foi o primeiro a caracterizar a poesia bíblica com linhas equilibradas de pensamento. A maioria das traduções modernas em inglês é formatada para mostrar as linhas da poesia.
 - 1. Sinônimos – as linhas expressam o mesmo pensamento em diferentes palavras:
 - a. Sl 3.1; 49.1; 83.14; 103.13
 - b. Pv 19.5; 20.1
 - c. Is 1.3,10
 - d. Am 5.24; 8.10
 - 2. Antitético – as linhas expressam os pensamentos opostos por meio de contraste ou declarando o positivo e o negativo:
 - a. Salmos 1.6; 90.6
 - b. Provérbios 1.29; 10.1,12; 15.1; 19.4
 - 3. Sintético – as próximas duas ou três linhas desenvolvem o pensamento – Sl 1.1-2; 19.7-9; 29.1-2
 - 4. Quiasmo – um padrão de poesia expressando a mensagem em uma ordem ascendente e descendente. O ponto principal é encontrado no meio de um padrão.

- B. A. Briggs, no seu livro *General Introduction to the Study of Holy Scripture* (1899) desenvolveu o estágio seguinte da análise da poesia hebraica:
1. Emblemático – uma oração literal e a segunda, metafórica, Sl 42.1; 103.3
 2. Climático ou degrau – as orações revelam a verdade em um estilo ascendente, Sl 19.7-14; 29.1-2; 103.20-22.
 3. Introvertido – uma série de orações, usualmente ao menos quatro relacionadas com a estrutura interna da linha 1 a 4 e 2 a 3 – Sl 30.8-10a.
- C. G.B. Gray, em seu livro *The Forms of Hebrew Poetry* (1915) desenvolveu um conceito de orações equilibradas seguidas por:
1. Completo equilíbrio – onde toda palavra na linha um é repetida ou balanceada por uma palavra na linha dois – Sl 83.14 e Isaías 1.3
 2. Equilíbrio incompleto onde as orações não têm o mesmo tamanho – Sl 59.16; 75.6
- D. Hoje há um crescente reconhecimento do padrão estrutural literário no Hebraico, chamado quiasmo, que denota um estranho número de linhas paralelas formando uma lente através da qual a linha central é enfatizada.
- E. Tipo de padrão sonoro encontrado em poesia no geral, mas não tão frequentemente na poesia oriental:
1. Colocada em ordem alfabética (acróstico cf. Sl 9,34,37,119; Pv 31.10ss; Lm. 1-4)
 2. Jogo com consoantes (aliteração, cf. Sl. 6.8; 27.7; 122.6; Is. 1.18-26)
 3. Jogo com vogais (assonância, cf. Gn. 49.17; Ex. 14.14; Ez. 27.27)
 4. Jogo com repetições de semelhantes palavras sonoras com diferentes significados (paronomásia)
 5. Jogo de palavras que, quando pronunciadas, soam como a coisa que elas nomeiam (onomatopéia)
 6. Abertura e desfecho especiais (inclusivos)
- F. Há muitos tipos de poesia no Antigo Testamento. Alguns são tópicos e outras são formas relacionadas.
1. Cântico de dedicação – Nm 21.17-18
 2. Cântico de trabalho – (aludidas mas não registradas em Jz 9.27); Is. 16.10; Jr. 25.30; 48.33
 3. Canções - 21.27-30; Is. 23.16
 4. Canções de bebida – negativo, Is 5.11-13; Am 6.4-7, e positivo, Is 22.13
 5. Poemas de amor – Cântico dos Cânticos, enigmas de casamento – Jz 14.10-18, cântico de casamento – Sl 45
 6. Lamentos/canto fúnebre – (aludidos mas não registrados em 2Sm 1.17 e 2Cr. 35.25) 2Sm 3.33; Sl 27, 28; Jr. 9.17-22; Lm.; Ez. 19.1-14; 26.17-18; Na. 3.15-19
 7. Cânticos de guerra - Gn. 4.23-24; Ex. 15.1-18,20; Nm. 10.35-36; 21.14-15; Js. 10.13; Jz. 5.1-31; 11.34; 1Sm. 18.6; 2Sm. 1.18; Is. 47.1-15; 37.21
 8. Bênçãos especiais ou bênção de um líder - Gn. 49; Nm. 6.24-26; Dt. 32; 2Sm. 23.1-7
 9. Textos mágicos – Balaão, Nm 24.3-9
 10. Poemas sacros – Salmos
 11. Poemas acrósticos – Sl 9,34,37,119; Pv. 31.10ss e Lamentações 1-4
 12. Maldições - Nm. 21.22-30
 13. Poemas de zombaria - Is. 14.1-22; 47.1-15; Ez. 28.1-23

14. Um livro de poemas de guerra (Jashar) - Nm. 21.14-15; Js. 10.12-13; 2 Sm. 1.18

IV. DIRETRIZES PARA INTERPRETAR POESIA HEBRAICA

- A. Procure pela verdade central da estrofe (isto é como o parágrafo em prosa). A RSV foi a primeira tradução moderna a identificar poesia por estrofes. Compare as traduções modernas para percepções úteis.
- B. Identifique a linguagem figurada e expresse-a em prosa. Lembre que este tipo de literatura é muito compacta, muito é requerido ao leitor interpretar.
- C. Esteja certo de relacionar os poemas ao contexto literário (com frequência o livro inteiro) e ao contexto histórico.
- D. Juízes 4 e 5 são muito úteis para ver como a poesia expressa a história. Juízes 4 é prosa e Juízes 5 é poesia do mesmo evento (também compare Êxodo 14 e 15).
- E. Procure identificar o tipo de paralelismo envolvido, se é sinônimo, antitético ou sintético. Isto é muito importante.

APÊNDICE SETE

LITERATURA DE SABEDORIA HEBRAICA

I. O GÊNERO

A. Tipo de literatura comum no antigo Oriente Próximo. J. Williams, “Wisdom in the Ancient Near East,” *Interpreter Dictionary of the Bible*, Suplemento)

1. Mesopotâmia (1Rs. 4.30-31; Is. 47.10; Dn. 1.20; 2.2)
 - a. A Suméria desenvolveu uma tradição de sabedoria tanto proverbial quanto épica (textos de Nippur).
 - b. A sabedoria proverbial da Babilônia era ligada à magia sacerdotal. Não era moralmente focada (W. G. Lambert, *Babylonian Wisdom Literature*). Este não era um gênero desenvolvido como em Israel.
 - c. A Assíria também tinha uma tradição de sabedoria; UM EXEMPLO SERIA os ensinamentos de Ahiqar. Ele era um assessor de Senaqueribe (704-681 A.C.).
2. Egito (1Rs. 4.30; Gn. 41.8; Is. 19.11-12)
 - a. “Os Ensinamentos de Vizier Ptah-hotep,” escrito cerca de 2450 A.C. Seus ensinamentos eram em parágrafos, não em forma proverbial. Eles eram estruturados como em forma de pai para seu filho, assim também, “Os Ensinamentos do Rei Meri-ka-re,” cerca de 2200 A.C. (LaSor, Hubbard, Bush, *Old Testament Survey*, p. 533).
 - b. A Sabedoria de Amen-em-opet, escrito cerca de 1200 A.C., é muito similar a Provérbios 22.17-24:12.
3. Fenícia (Ez. 27:8-9; 28:3-5)
 - a. As descobertas em Ugarite mostraram a estreita relação entre a sabedoria Hebraica e Fenícia, especialmente a métrica. Muitas das palavras incomuns e raras na literatura de sabedoria bíblica são agora compreendidas a partir das descobertas arqueológicas em Ras Shamra (Ugarite).
 - b. Cântico dos Cânticos é muito parecido com os cânticos de casamento fenício chamados *vespas*, escritos cerca de 600 A.C.
4. Canaã (i.e., Edom, cf. Jr 49.7; Obadias 1.8). Albright revelou a semelhança entre a literatura de sabedoria hebraica e cananita especialmente nos textos Ras Shamra de Ugarite, escritos cerca do século 15 A.C.:
 - a. Com frequência as mesmas palavras aparecem em pares
 - b. Presença de quiasmos
 - c. Há sobrescritos
 - d. Há notações musicais
5. A Literatura de Sabedoria Bíblica inclui os escritos de muitos não-israelitas:
 - a. Jó de Edom
 - b. Agur de Massa (um reino israelita na Arábia Saudita (cf. Gn 25.14 e 1Cr 1.30)
 - c. Lemuel de Massa
6. Há dois livros judeus não-canônicos que compartilham desse gênero.
 - a. Eclesiastes (Sabedoria de Ben Siraque)
 - b. Sabedoria de Salomão (sabedoria)

B. Características Literárias

1. Essencialmente de dois tipos distintos
 - a. Instruções proverbiais para uma vida feliz e próspera (originalmente oral, cf. Pv. 1.8; 4.1)
 - (1) Curta
 - (2) Facilmente inteligível culturalmente (experiência comum)
 - (3) Pensamentos estimulantes (prendendo declarações da verdade)
 - (4) Usa geralmente contrastes
 - (5) Geralmente verdade, mas nem sempre aplicável
 - b. Tópicos especiais mais desenvolvidos, trabalhos literários (usualmente escritos) como Jó, Eclesiastes e Jonas...
 - (1) Monólogos
 - (2) Diálogos
 - (3) Ensaaios
 - (6) Tratam das principais questões e mistérios da vida
 - (7) Os sábios desejavam desafiar o status quo teológico!
 - c. Personificação da sabedoria (sempre feminino). O termo sabedoria era feminino.
 - (1) Com frequência em Provérbios a sabedoria é descrita como uma mulher (cf. 1.8-9.18)
 - (a) Positivamente
 - i. 1.20-33
 - ii. 4.6-9
 - iii. 8.1-36
 - iv. 9.1-6
 - (b) Negativamente
 - i. 7.1-27
 - ii. 9.13-18
 - (2) Em Provérbios 8.22-31, a sabedoria é personificada como a primeira criação por meio da qual Deus criou todas as demais coisas (3.19-20; Sl. 104.24; Jr. 10.12). Este deve ser o pano de fundo uso que João faz de *logos* em João 1.1 em referência a Jesus o Messias.
 - (3) Isto também pode ser visto em Eclesiastes 24.
2. Esta literatura é única na Lei e nos Profetas (Jr 18.18) no sentido de que ela é endereçada ao indivíduo e não à nação. Não há alusões históricas ou ao culto. Ela foca primariamente na vida moral diária, próspera e feliz.
3. A literatura de sabedoria bíblica é similar às vizinhas em sua estrutura, mas não no conteúdo. O Deus único e verdadeiro é a base sobre a qual toda a sabedoria bíblica está fundada (e.g. Gn 41.38-39; Jó 12.13; 28.28; Pv. 1.7; 9.10; Sl.111.10).
4. A sabedoria hebraica era muito prática. Tinha base na experiência, não na relevação especial. Focava em fazer a pessoa ter uma vida de sucesso (toda a vida, secular e sagrada). É o divino “bom senso.”
5. Porque a literatura de sabedoria usava a razão humana, a experiência e observação, ela era internacional, transcultural. Foi a visão de mundo monoteísta religiosa, que muitas vezes não é dito, que fez da sabedoria de Israel uma sabedoria reveladora.

II. POSSÍVEIS ORIGENS

- A. A literatura de sabedoria se desenvolveu em Israel como uma alternativa ou equilíbrio às outras formas de revelação (Jr. 18.18; Ez. 7.26)
1. Sacerdote – lei – forma (coletiva)
 2. Profeta – oráculo – motivo (coletiva)
 3. Sábio – sabedoria – vida diária prática e vitoriosa (individual)
 4. Assim como havia profetizas em Isarel (Miriã, Hulda) assim, também, havia mulheres sábias (cf. 2Sm. 14.1-21; 20.14-22)
- B. Este tipo de literatura aparentemente se desenvolveu:
1. Como histórias folclóricas ao redor de fogueiras
 2. Como tradições familiares passadas pela tradição masculina
 3. Escritas e financiadas pelo Palácio Real:
 - a. Davi é conectado com os Salmos
 - b. Salomão é conectado com Provérbios (1Rs 4.29-34; Sl. 72 e 127; Pv. 1.1; 10.1; 25.1)
 - c. Ezequias é conectado à edição da literatura de sabedoria (Pv 25.1)

III. PROPÓSITO

- A. É basicamente o “como fazer” da felicidade e do sucesso. É primariamente individual em seu foco. Ela é baseada em:
1. A experiência de gerações prévias
 2. Relações na vida de causa e efeito
 3. Confiar em Deus é garantia de recompensas (cf. Dt. 27-29)
- B. Era o modo que a sociedade tinha de passar na verdade e treinar a próxima geração de líderes e cidadãos.
- C. A sabedoria do AT, embora nem sempre expressa, vê o Deus da Aliança por detrás da vida. Para os hebreus, não havia uma forte divisão entre sagrado e secular. Toda a vida era sagrada.
- D. Era um meio de desafiar e equilibrar a teologia tradicional. Os sábios eram livres pensadores não limitados por seus livros da verdade. Eles ousavam perguntar, “Por que?”, “Como?”, “E se?”

IV. CHAVES PARA INTERPRETAÇÃO

- A. Declarações proverbiais curtas
1. Procura por elementos comuns na vida usados para expressar a verdade;
 2. Expressa a verdade central em uma simples sentença declarativa;
 3. O mesmo contexto não irá ajudar a procurar por passagens paralelas no mesmo assunto.
- B. Peças literárias maiores
1. Certifique-se que expresse a verdade central do todo;
 2. Não tome versículos fora do contexto;
 3. Verifique a ocasião histórica ou razão do escrito.

C. Algumas interpretações equivocadas (Fee & Stuart, *Entendes o que lêes?*, p. 207)

1. As pessoas não leem o livro da sabedoria inteiro (como Jó e Eclesiastes) e procuram por sua verdade central, mas tiram partes do livro do seu contexto e aplicam literalmente à vida moderna.
2. As pessoas não entendem a unicidade do gênero literário. Esta é uma literatura do antigo Oriente altamente compacta e figurativa.
3. Provérbios são declarações de verdades gerais.

V. EXEMPLOS BÍBLICOS

A. Antigo Testamento

1. Jó
2. Salmos 1, 19, 32, 34, 37 (acróstico), 49, 78, 104, 107, 110, 112-119 (acróstico), 127-128, 133, 147, 148
3. Provérbios
4. Eclesiastes
5. Cântico dos Cânticos
6. Lamentações (acróstico)
7. Jonas

B. Extra canônico

1. Tobias
2. Sabedoria de Ben Sirach (Eclesiástico)
3. Sabedoria de Salomão (Livro da Sabedoria)
4. Macabeus

C. Novo Testamento

1. Os provérbios e as parábolas de Jesus
2. O livro de Tiago

APÊNDICE OITO

APOCALÍPTICA

(Tópico especial retirado do meu comentário sobre Apocalipse)

- I. Apocalipse é um gênero literário unicamente judeu, a apocalíptica. Era usado com frequência em momentos de crise para expressar a convicção de que Deus estava no controle da história e iria trazer livramento ao Seu povo. Este tipo de literatura é caracterizada por:
 - A. Um forte senso de soberania universal de Deus (monoteísmo e determinismo)
 - B. Uma luta entre o bem e o mal, a era presente e a era por vir (dualismo)
 - C. Uso de códigos secretos (geralmente do AT ou da literatura apocalíptica judaica intertestamentária)
 - D. Uso de cores, números, animais e algumas vezes animais/humanos
 - E. Uso de mediação angélica por meio de visões e sonhos, mas geralmente através da mediação de anjos
 - F. Foca fundamentalmente no fim dos tempos (nova era)
 - G. Uso de um conjunto fixo de símbolos, não a realidade, para comunicar a mensagem do fim do tempo
 - H. Alguns exemplos desse tipo de gênero são:
 1. Antigo Testamento
 - a. Isaías 24-27, 56-66
 - b. Ezequiel 37-48
 - c. Daniel 7-12
 - d. Joel 2.28-3.21
 - e. Zacarias 1-6, 12-14
 2. Novo Testamento
 - a. Mateus 24, Marcos 13, Lucas 21, e 1 Coríntios 15 (em alguns modos)
 - b. 2 Tessalonicenses 2 (em alguns modos)
 - c. Apocalipse (capítulos 4-22)
 3. Não-canônico (tirado do livro de D. S. Russell, *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*, pp. 37-38)
 - a. I Enoque, II Enoque (Segredos de Enoque)
 - b. O Livro dos Jubileus
 - c. Os Oráculos de Sibilino/The Sibylline Oracles III, IV, V
 - d. O Testamento dos 12 Patriarcas
 - e. Salmos de Salomão
 - f. A Assunção de Moisés
 - g. O Martírio de Isaías
 - h. Apocalipse de Moisés (Vida de Adão e Eva)
 - i. Apocalipse de Abraão
 - j. Testamento de Abraão
 - k. II Esdras (IV Esdras)

I. Baroque II, III

- I. Existe um senso de dualismo neste gênero. Ele vê a realidade como uma série de dualismos, contrastes ou tensões (tão comum nos escritos de João) entre:
 - 1. Céu – terra
 - 2. Era má (homens maus e anjos maus) – nova era de justiça (homens piedosos e anjos piedosos)
 - 3. Existência atual – existência futura
- J. Tudo isso está se movendo para a consumação trazida por Deus. Este não é o mundo que Deus desejou, mas Ele opera e projeta sua vontade continuamente para a restauração da comunhão íntima iniciada no Jardim do Éden. O evento de Cristo é a plenitude do plano de Deus, mas as duas eras trouxeram os dualismos correntes.

APÊNDICE NOVE

PARÁBOLAS

I. PARÁBOLAS

- A. Os Evangelhos foram escritos muito tempo depois da vida de Jesus. Os escritores do Evangelho (com a ajuda do Espírito) estavam culturalmente habituados com a tradição oral. Os rabinos ensinavam por meio de apresentações orais. Jesus imitou essa abordagem oral nos seus ensinamentos. Para nosso conhecimento Ele nunca escreveu nenhum dos seus ensinamentos ou sermões. Para auxiliar a memorização, as apresentações de ensino eram repetidas, resumidas e ilustradas. Os escritores do Evangelho retinham esses auxílios de memória. A parábola é uma dessas técnicas. Parábolas são difíceis de definir: “Parábolas são mais bem definidas como histórias com dois níveis de sentido; o nível da história provê um espelho pelo qual a realidade é vista e entendida.” (*Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 594)
- B. É difícil definir exatamente o que era entendido pelo termo “parábola” nos dias de Jesus
1. Alguns dizem que reflete o termo hebraico *mashal*, que era um tipo de enigma (Mc 3.23), sábios dizeres (Pv, Lc 4.23), dizeres curtos (Mc 7.15) ou misteriosos (“dizeres escuros”).
 2. Outros sustentam uma definição mais limitada, como uma história curta.
- C. Dependendo de como se define o termo, um em cada três ensinamentos registrados de Jesus foram em forma de parábola. Este era um gênero literário principal no NT. As parábolas certamente são ditos autênticos de Jesus. Se aceitarmos a segunda definição, então há ainda muitos tipos diferentes de histórias curtas
1. Histórias simples (Lc 13.6-9)
 2. Histórias complexas (Lc 15.11-32)
 3. Histórias contrastantes (Lc 16.1-8; 18.1-8)
 4. Histórias tipológicas/alegóricas (Mt. 13.24-30, 47-50; Lc 8.4-8, 11-15; 10.25-37; 14.16-24; 20.9-19; Jo 10; 15.1-8)
- D. Ao lidar com essa variedade de material em parábolas, deve-se interpretar esses relatos em muitos níveis. O primeiro deve ser princípios de hermenêutica geral aplicáveis a todos os gêneros. Algumas orientações são as seguintes:
1. Identificar o propósito do livro inteiro ou ao menos a unidade literária maior.
 2. Identificar a audiência original. Isto é significativo que a mesma parábola é dada a diferentes grupos, por exemplo:
 - a. Ovelhas perdidas em Lucas 15, direcionado aos pecadores
 - b. Ovelhas perdidas em Mateus 18, direcionado aos discípulos
 3. Certifique-se de ver o contexto imediato da parábola. Com frequência Jesus, ou o escritor do evangelho, aponta o assunto principal (usualmente no final da parábola ou imediatamente antes dela).
 4. Expresse a intenção (ou intenções) central da parábola em uma sentença declarativa. As parábolas geralmente têm dois ou três personagens. Geralmente há uma verdade implícita, um propósito ou ponto (trama) para cada personagem.
 5. Verifique as passagens paralelas em outros Evangelhos e depois os outros livros do NT e do AT.

- E. O segundo nível de princípios interpretativos são aqueles que se relacionam especificamente ao material da parábola:
1. Leia (ouça, se possível) a parábola várias vezes. Elas foram dadas para um impacto oral, não para análise escrita.
 2. Muitas parábolas têm somente uma verdade central que é relacionada ao contexto literário e histórico tanto de Jesus quanto do evangelista.
 3. Tenha cuidado ao interpretar os detalhes. Com frequência eles são apenas parte do contexto da história.
 4. Lembre-se de que parábolas não são realidade. Elas são analogias da vida, mas com frequência exageradas, para levar a um ponto (uma verdade).
 5. Identifique os principais pontos da história que uma audiência judaica do primeiro século provavelmente teria entendido. Então olhe para a mudança ou surpresa. Normalmente ela vem no final da história (cf. A. Berkeley Mickelsen, *Interpreting the Bible*, pp. 221-224).
 6. Todas as parábolas foram dadas para omitir uma resposta. A resposta está geralmente relacionada ao conceito de “Reino de Deus.” Jesus era o inaugurador do Reino Messiânico (Mt 21.31; Lc 17.21). Aqueles que O ouvem devem responder a Ele agora! O Reino era também futuro (Mt 25). O futuro de uma pessoa era dependente de como a pessoa respondia a Jesus naquele tempo. As parábolas do reino descrevem o novo reino que chegou em Jesus. Elas descrevem sua ética e demandas radicais de discipulado. Nada pode ser como era. Tudo é radicalmente novo e focado em Jesus!
 7. As parábolas com frequência não expressam o ponto ou a verdade central. O intérprete deve procurar as chaves da interpretação que revelam as verdades centrais original e culturalmente óbvias, mas agora obscuras para nós.
- F. Um terceiro nível que é com frequência controverso é aquele dos mistérios da verdade da parábola. Com frequência Jesus falava desses mistérios (cf. Mt. 13.9-15; Mc 4.9-13; Lc 8.8-10; Jo. 10.6; 16.25). Isto tinha uma relação com Isaías 6.9-10. O coração do ouvinte determina o nível de entendimento (cf. Mt. 11.15; 13.9,15,16,43; Mc 4.9,23,33-34; 7.16; 8.18; Lc 8.8; 9.44; 14.35).
- Contudo, deve-se dizer que às vezes a multidão (Mt. 15.10; Mc 7.14) e os fariseus (Mt. 21.45; Mc 12:12; Lc 20:19) entendiam exatamente o que Jesus estava dizendo, mas recusavam-se a responder apropriadamente àquilo pela fé e pelo arrependimento. Em um sentido esta é a verdade da parábola do semeador (Mt.13; Mc 4; Lc 8).
- As parábolas eram um meio de ocultar ou revelar a verdade (Mt. 13.16-17; 16.12; 17.13; Lc 8.10; 10.23-24). Grant Osborne, em *Hermeneutical Spiral*, p. 239, acentua que:
- “As parábolas são um ‘mecanismo de encontro’ e funcionam diferentemente dependendo da audiência... Cada grupo (líderes, multidão, discípulos) são diferentemente abordados pelas parábolas. Com frequência mesmo os seus discípulos não entendiam as parábolas nem os ensinamentos (cf. Mt. 15.16; Mc 6.52; 8.17-18,21;9.32; Lc 9.45; 18.34; Jo 12.16).”
- G. Um quarto nível também é controverso. Ele trata com a verdade central das parábolas. Muitos intérpretes modernos têm reagido (justificadamente) à interpretação alegórica das parábolas. As alegorias transformam os detalhes em sistemas elaborados de verdade. Este método de interpretação não foca no contexto histórico e literário ou na intenção autoral, mas apresenta o pensamento do intérprete, não do texto.

Contudo, deve ser admitido que as parábolas que Jesus interpretou eram quase alegóricas ou pelo menos, tipológicas. Jesus usava os detalhes para conduzir a verdade (o Semeador, Mt. 13; Mc 4; Lc 8 e o credor incompassivo, Mt. 21; Mc 12, Lc 20).

Algumas parábolas também têm várias verdades principais. Um bom exemplo é a parábola do Filho Pródigo (Lc. 15.11-32). Não apenas o amor do pai e o capricho do filho mais novo, mas a atitude do filho mais velho também contribui para o significado completo da parábola.

Uma citação de grande utilidade de *Linguistics and Biblical Interpretation*, de Peter Cotterell and Max Turner:

Adulf Jilucher teve o papel mais importante na academia de Novo Testamento na decisiva tentativa de entender o papel da parábola no ensino de Jesus. A alegorização radical das parábolas foi abandonado e a procura começou por uma chave que nos capacitasse a penetrar seu verdadeiro significado. Mas como o estudioso J. Jeremias deixou claro, ‘Seus esforços para libertar as parábolas das interpretações arbitrárias e fantásticas dos detalhes fez com que ele caísse num erro fatal.’ O erro era insistir não meramente que uma parábola deveria ser entendida como que conduzindo uma ideia singular, mas que a ideia deveria ser tão geral quando possível” (p. 308).

Outra citação útil é do livro *The Hermeneutical Spiral*, de Grant Osborne:

“Eu tenho percebido muitas indicações de que as parábolas são na verdade alegorias, não obstante controladas pela intenção do autor. Blomberg (1990) de fato argumenta que há tantos pontos quanto caracteres nas parábolas e que eles são realmente alegorias. Enquanto isso seja um pouco exagerado às vezes, está mais perto da verdade do que a abordagem de “um ponto” (p. 240).

- H. As parábolas deveriam ser usadas para ensinar verdades doutrinárias ou para iluminar verdades doutrinárias? Muitos intérpretes têm sido influenciados pelo abuso do método de interpretação alegórica das parábolas que permite que elas sejam usadas para estabelecer doutrinas sem conexão com a intenção original de Jesus nem com aquela do escritor do evangelho. O significado deve estar conectado à intenção autoral. Jesus e os escritores do evangelho estavam sob inspiração, mas os intérpretes, não.

Contudo, mesmo sendo mal abordadas, as parábolas ainda funcionam como veículos de ensino da verdade doutrinária. Observe o que escreve Bernard Ramm sobre isso:

“As parábolas ensinam verdades doutrinárias e a reivindicação de que elas não devem ser usadas de todo em escritos doutrinários, é imprópria... Devemos checar nossos resultados com o ensino claro e evidente de nosso Senhor e com o restante do Novo Testamento. As parábolas com adequadas precauções devem ser usadas para ilustrar doutrina, iluminar a experiência cristã e para ensinar lições práticas.” *Protestant Biblical Interpretation* (p. 285).

- II. Em conclusão, deixe-me dar três citações que refletem advertências em nossa interpretação de parábolas.

- A. Retirada de *Entendes o que lêes?*, de Gordon Fee e Doug Stuart:

“As parábolas sofreram o destino da má interpretação na igreja apenas segundo o Apocalipse” (p. 135)

- B. Retirada de *Understanding and Applying the Bible*, J. Robertson McQuilkin:

“As parábolas têm sido a fonte de incontáveis bênçãos na iluminação do povo de Deus em relação à verdade espiritual. Ao mesmo tempo, as parábolas têm sido a fonte de incontáveis confusões tanto na doutrina quanto na prática da igreja” (p; 164).

- C. Retirada de *The Hermeneutical Spiral*, de Grant Osborne:

“As parábolas estão entre o que mais se escreve sobre abusos hermenêuticos das porções da Escritura... É o gênero bíblico mais dinâmico e ainda assim o mais difícil de compreender. O potencial de comunicação da parábola é enorme, uma vez que ela cria uma comparação ou história baseada em experiências diárias. Contudo, a história em si é capaz de ter muitos significados, e o leitor moderno tem tanta dificuldade interpretativa quanto os ouvintes originais” (p. 235).

APÊNDICE DEZ

GLOSSÁRIO DE TERMOS USADOS NOS ESTUDOS LÉXICOS, TEXTUAIS E HISTÓRICOS

GLOSSÁRIO

Adocionismo. Era uma das antigas formas como era vista a relação de Jesus com a divindade. Ela afirmava basicamente que Jesus era um humano normal em cada aspecto e que foi adotado num sentido por Deus, ao ser batizado (Mt 3.17; Mc 1.11) ou na Sua ressurreição (Rm 1.4). Jesus viveu uma vida tão exemplar que, em certo momento (batismo ou ressurreição), Deus O adotou como Seu “filho” (Rm 1.4; Fil. 2.9). Esta era a visão de uma igreja ainda nova e de uma minoria do oitavo século. Ao invés de Deus ter-se tornado homem (Encarnação) o adocionismo reverte isso e agora é o homem que se torna Deus!

É difícil verbalizar como Jesus, Deus Filho, Divindade preexistente, foi recompensado ou exaltado por uma vida exemplar. Se ele já era Deus, como podia ser “promovido”? Se Ele tinha glória divina preexistente, como podia receber mais honra? Mesmo sendo difícil para nós compreendermos, de alguma forma o Pai honrou Jesus em um sentido especial por Seu perfeito cumprimento da Vontade do Pai.

Alexandrina, Escola. Ver “Escola Alexandrina”.

Alexandrino. Manuscrito grego do quinto século, de Alexandria, no Egito. Inclui o Velho Testamento, Apócrifos, e a maior parte do Novo Testamento. É uma de nossas mais fortes testemunhas para quase todo o Novo Testamento grego (exceto partes de Mateus, João e 2º Coríntios). Quando este manuscrito, que é designado como “A” e o manuscrito designado como “B” (Vaticanus) concordam em um texto, ele é considerado como original pela maioria dos estudiosos na maioria das instâncias.

Alegoria. Tipo de interpretação bíblica que originalmente se desenvolveu no judaísmo alexandrino. Foi popularizado por Filon, de Alexandria. Seu fundamento básico é o desejo de tornar a Escritura relevante para uma cultura ou sistema filosófico, para isso ignorando o contexto histórico e/ou o contexto literário dela. Busca um significado escondido ou espiritual por trás de cada texto da Escritura. Deve-se admitir que Jesus (em Mateus 13) e Paulo (em Gálatas 4) usaram de alegoria para comunicar a verdade. Isso, contudo, foi na forma de tipologia, não estritamente como alegoria.

Alta Crítica. Procedimento de interpretação bíblica com foco no contexto histórico e na estrutura literária de um livro bíblico em particular.

Ambiguidade. Incerteza que resulta num documento escrito quando há dois ou mais significados possíveis ou quando duas ou mais coisas estão sendo referidas ao mesmo tempo. É possível que João use ambigüidade proposital (duplo entendimento).

Analogia da Escritura. Frase usada para descrever a visão de que toda a Bíblia é inspirada por Deus e, portanto, não é contraditória, mas complementar. Esta afirmação pressuposicional é a base para o uso de passagens paralelas na interpretação de um texto bíblico.

Antioquia, Escola de. Ver “Escola de Antioquia”.

Antropomórfico. Significando “ter características associadas com seres humanos,” este termo é usado para descrever nossa linguagem religiosa a respeito de Deus. Vem do termo grego para Humanidade. Significa que falamos sobre Deus como se Ele fosse homem. Deus é descrito em termos físicos, sociológicos e psicológicos que se aplicam a seres humanos (Gn 3.8; 1Rs 22.19-23). É claro, trata-se apenas de analogia. Contudo, não há categorias ou termos além dos seres humanos para usarmos. Portanto, nosso conhecimento de Deus, embora verdadeiro, é limitado.

Antitético. Um dos três termos descritivos usados para denotar a relação entre as linhas da poesia hebraica. Refere-se às linhas da poesia que apresentam oposição de significado (Pv. 10.1, 15.1).

A priori. Basicamente sinônimo do termo “pressuposição”. Envolve o raciocínio a partir de definições, princípios ou posições previamente aceitos e tidos como verdadeiros. Diz-se daquele que é aceito sem exame ou análise.

Apocalipse, Literatura do. Ver Literatura Apocalíptica. **Apologia, Apologista (Apologética, Apologeta).** Da raiz grega de “defesa legal”. É uma disciplina específica dentro da teologia e busca dar evidência e argumentos racionais para a fé cristã.

Arianismo. Ário (ou Arius) era presbítero em uma Igreja de Alexandria, no Egito, durante o terceiro século e início do quarto. Ele afirmava que Jesus era pré-existente, mas não Divino (não da mesma essência do Pai), possivelmente baseando-se em Provérbios 8.22-31. Ele foi desafiado pelo bispo de Alexandria, que em 318 d.C. começou uma controvérsia que duraria muitos anos. O arianismo tornou-se o credo oficial da Igreja do Oriente. Em 325 d.C., o Concílio de Nicéia condenou Arius e declarou a total igualdade e Divindade do Filho.

Aristóteles. Um dos filósofos da Grécia antiga, aluno de Platão e mestre de Alexandre, o Grande. Sua influência, mesmo hoje, chega a muitas áreas dos estudos modernos. Isso resulta de ele ter enfatizado o conhecimento através de observação e classificação. É um dos princípios do método científico.

Autógrafos. Nome dado aos escritos originais da Bíblia. Os originais, escritos à mão, foram todos extraviados. Somente cópias de cópias permanecem. São a fonte da maioria das variantes textuais nos manuscritos hebraicos e gregos e nas versões antigas.

Autor original. Refere-se aos autores/escritores originais da Escritura.

Autoridade Bíblica. Termo usado em sentido muito especializado. É definido como sendo o entendimento daquilo que o autor original disse para a sua época e a aplicação desta verdade para a nossa época. A autoridade bíblica é geralmente definida como a adotar a própria Bíblia como nosso único guia e autoridade. Contudo, à luz de interpretações atuais e impróprias, limitei o conceito à Bíblia como interpretada pelos princípios do método histórico-gramatical.

Baixa crítica. Ver “Crítico textual”.

Bezae. Manuscrito grego e latino do sexto século d.C. É designado como “D”. Contém os Evangelhos e Atos, além de algumas das epístolas gerais. É caracterizado por numerosos acréscimos dos escribas. Forma a base do “Textus Receptus”, a principal tradição manuscrita grega que deu origem à mais antiga tradução em inglês (a King James Version).

Campo semântico. Refere-se à abrangência total dos significados associados a uma palavra. É constituído basicamente das diferentes conotações que uma palavra tem em diferentes contextos.

Cânon. Termo usado para descrever escritos que se creem terem inspiração especial. É usado tanto para as Escrituras do Velho quanto para as do Novo Testamento.

Comentário. Tipo especializado de livro de pesquisa. Dá o panorama geral de um livro bíblico e tenta explicar o significado de cada seção do livro. Alguns focam na aplicação, enquanto outros lidam com o texto de maneira mais técnica. Estes livros são úteis, mas convém que sejam usados somente depois que se tenha feito estudo preliminar pessoal. As interpretações dos comentaristas nunca devem ser aceitas sem análise. Assim, normalmente é útil comparar diversos comentários, que apresentem perspectivas teológicas diferentes.

Concordância. Tipo de ferramenta de pesquisa para Estudo da Bíblia. Relaciona todas as ocorrências de cada palavra em ambos os testamentos. Ajuda de diversas formas: (1) determinando a palavra hebraica ou grega que está por trás das palavras em nossa língua; (2) comparando passagens em que a mesma palavra hebraica ou grega foi usada; (3) mostrando onde dois diferentes termos hebraicos ou gregos estão traduzidos pela mesma palavra em nossa língua; (4) mostrando a frequência do uso de certas palavras em certos livros ou autores; (5) ajudando a encontrar uma passagem na Bíblia (conforme Como Usar a Ajuda no Estudo do Novo Testamento Grego, ⁽¹⁾ de Walter Clark, pp. 54-55).

Cristocêntrico. Termo usado para descrever a centralidade de Jesus. Eu o uso em conexão com o conceito de que Jesus é Senhor de toda a Bíblia. O Velho Testamento aponta para Ele, que é seu objetivo e cumprimento (cf. Mt 5.17-48).

Crítico textual. Estudo dos manuscritos da Bíblia. O crítico textual é necessário porque os originais não existem e as cópias diferem cada uma da outra. O crítico textual tenta explicar as variações e chega tão perto quanto possível da fraseologia dos originais do Velho e do Novo Testamentos. É frequentemente chamado de “baixa crítica”.

Dedutivo. Método de lógica ou raciocínio que parte de princípios gerais para detalhes específicos por meio da razão. É oposto ao raciocínio indutivo, que reflete o método científico partindo dos detalhes específicos para chegar a conclusões gerais (teorias).

Dialético. Método de raciocínio pelo qual o que parece contraditório ou paradoxal é mantido junto em uma tensão que busca uma resposta única, que inclui ambos os lados do paradoxo. Muitas doutrinas bíblicas têm pares dialéticos: predestinação e livre arbítrio; segurança e perseverança; fé e obras; decisão e disciplina; liberdade cristã e responsabilidade cristã.

Diáspora. Termo técnico grego usado pelos judeus palestinos para descrever outros judeus, que estejam vivendo fora das fronteiras geográficas da Terra Prometida.

Eclético. Termo usado em conexão com o crítico textual. Refere-se à prática de escolher leituras de diferentes manuscritos gregos para chegar ao texto que se supõe estar mais próximo do escrito original. Rejeita a ideia de que uma só família de manuscritos gregos capture os originais.

Eisegese. Oposto de exegese. Se exegese é “extrair” (ou compreender) a idéia ou intenção original do autor, este termo implica em “introduzir” (ou adicionar, por interpretação) ideias ou opiniões externas.

Equivalência dinâmica. Uma das teorias de tradução da Bíblia. A tradução da Bíblia pode ser vista como uma correspondência contínua “palavra por palavra”, em que cada palavra em nossa língua tem que ser traduzida de uma palavra em hebraico ou grego, ou como uma “paráfrase”, em que somente o pensamento é traduzido, sem tanto cuidado com a fraseologia ou expressões originais. Entre estas duas teorias está “a equivalência dinâmica”, que procura levar a sério o texto original, mas o traduz em formas e expressões gramaticais modernas. Uma discussão realmente boa dessas diversas teorias de tradução é encontrada na p. 35 de Como Ler a Bíblia por Todo o Seu Valor, ⁽¹⁾ de Fee e Stuart.

Escola de Alexandria (ou Alexandrina). Método de interpretação bíblica desenvolvida em Alexandria, no Egito, durante o segundo século d.C. Usa os princípios interpretativos básicos de Filon, que era um seguidor de Platão. É frequentemente chamada de método alegórico. Provocou desvios na Igreja até o tempo da Reforma. Seus

proponentes mais destacados foram Orígenes e Agostinho. Ver *A Igreja Está Lendo a Bíblia Direito?* ⁽²⁾ (Academic, 1987), de Moisés Silva.

Escola de Antioquia. Método de interpretação bíblica desenvolvida em Antioquia, na Síria, durante o terceiro século d.C., como reação ao método alegórico de Alexandria, no Egito. Sua força básica era o foco no significado histórico da Bíblia. Interpretava a Bíblia como literatura normal e humana. Esta escola envolveu-se na controvérsia a respeito de Cristo ter duas naturezas (nestorianismo) ou uma (ao mesmo tempo completamente Deus e completamente homem). Era rotulada como herética pela Igreja Católica Romana e deslocou-se para a Pérsia, mas teve pouca importância. Seus princípios hermenêuticos básicos mais tarde tornaram-se princípios interpretativos dos reformadores protestantes clássicos (Lutero e Calvino).

Espiritualização. Sinônimo de alegorização no sentido de que remove contexto histórico e literário de uma passagem e a interpreta com base em outros critérios.

Etimologia. Aspecto do estudo da palavra que tenta certificar-se do significado original de uma palavra. A partir do significado de sua raiz, usos especializados são mais facilmente identificados. Na interpretação, a etimologia não é o foco principal, mas o significado e o uso contemporâneo de uma palavra.

Exegese. Termo técnico para a prática da interpretação de uma passagem específica. Significa “extrair” (do texto) implicando que o nosso propósito é entender a ideia ou intenção original do autor, contexto literário, a sintaxe e o significado contemporâneo de uma palavra à luz do contexto histórico.

Expressão idiomática. Definição usada para as frases encontradas em diferentes culturas com significado especializado sem vínculo com o significado normal dos termos individuais. Alguns exemplos modernos: “chovendo canivete”, “desculpa esfarrapada”, “fazer corpo mole” etc. A Bíblia contém este tipo de frases também.

Fragmentos Muratorianos. Lista dos livros canônicos do Novo Testamento, escrita em Roma antes do ano 200 d.C. (por Antonio Muratori). Contém os mesmos vinte e sete livros que o NT protestante, o que mostra claramente que as igrejas locais em diferentes partes do Império Romano já tinham estabelecido o cânon, muito antes dos concílios da igreja no quarto século.

Gênero. Termo francês que denota os diferentes tipos de literatura. O impulso do termo está na divisão de formas literárias em categorias que compartilham características comuns: narrativa histórica, poesia, provérbio, apocalipse e legislação.

Gênero literário. Refere-se às distintas formas que a comunicação escrita humana pode assumir, como poesia ou narrativa histórica. Cada tipo de literatura tem seus próprios processos hermenêuticos especiais, além dos princípios gerais para a literatura como um todo.

Gnosticismo. A maior parte do conhecimento desta heresia vem dos escritos gnósticos do segundo século. Contudo, as ideias incipientes já estavam presentes no primeiro século (e antes).

Algumas das tendências declaradas do gnosticismo de Valentim e Ceríntio no segundo século são: (1) matéria e espírito coexistem eternamente (dualismo ontológico). A matéria é má e o espírito é bom. Deus, que é espírito, não pode estar envolvido diretamente em criar a matéria, que é má; (2) há emanações (*eons* ou níveis angelicais) entre Deus e a matéria. A última ou mais baixa dessas emanações era YHWH do AT, que formou o universo (*kosmos*); (3) Jesus era uma emanação como YHWH, porém mais alta na escala, isto é, mais perto do verdadeiro Deus. Alguns o colocavam como o mais alto, porém ainda menor do que Deus e certamente não a encarnação da Divindade (João 1.14). Uma vez que a matéria é má, Jesus não podia ter um corpo humano e continuar sendo Divino. Portanto, ele era um fantasma espiritual (1Jo 1.1-3; 4.1-6); e (4) a salvação era obtida através da fé em Jesus mais conhecimentos especiais, somente conhecido por pessoas especiais. O

conhecimento (“senhas”) tinha que passar através de esferas celestiais. O legalismo judaico era também exigido para chegar a Deus.

Os falsos mestres gnósticos defendiam dois sistemas éticos opostos: (1) para alguns, o estilo de vida era totalmente desvinculado da salvação. Para eles, salvação e espiritualidade estavam condicionados nos conhecimentos secretos através das esferas angelicais (eons); ou (2) para outros, o estilo de vida era crucial para a salvação. Eles enfatizavam um estilo de vida ascético como evidência de verdadeira espiritualidade.

Hermenêutica. Termo técnico para os princípios que guiam a exegese. É tanto um conjunto de parâmetros específicos quanto uma arte ou dom. A hermenêutica bíblica ou sagrada é normalmente dividida em duas categorias: princípios gerais e princípios especiais, que se aplicam aos diferentes tipos de literatura encontrados na Bíblia. Cada tipo diferente (gênero) tem seus parâmetros específicos, mas também compartilha de procedimentos de interpretação tidos como comuns.

Iluminação. Nome dado ao conceito de que Deus falou à humanidade. O conceito pleno é normalmente expresso por três termos: (1) revelação – Deus atuou na história humana; (2) inspiração – Ele deu a própria interpretação de Seus atos e o significado deles para certos homens escolhidos para registrá-los para a humanidade; e (3) iluminação – Ele deu Seu Espírito para ajudar a humanidade a entender a Sua auto-revelação.

Inclinação ou Tendência. Termo usado para descrever uma forte predisposição a respeito de um assunto ou ponto de vista. É a disposição mental em que a imparcialidade a respeito de um assunto ou ponto de vista em particular é impossível. É uma posição preconcebida.

Indutivo. Método de lógica ou raciocínio que parte das partes para o todo. É o método empírico da ciência moderna. É basicamente a abordagem de Aristóteles.

Interlinear. Tipo de ferramenta de pesquisa que permite àqueles que não leem nenhuma das linguagens bíblicas analisarem o seu significado e estrutura. Coloca a tradução (geralmente para o inglês) num nível palavra por palavra imediatamente abaixo da linguagem bíblica original. Esta ferramenta combinada com um “léxico analítico” dará as formas e definições básicas do hebraico e do grego.

Inspiração. Conceito de que Deus falou à humanidade guiando os autores bíblicos para registrar precisa e claramente a Sua revelação. O conceito completo é normalmente expresso por três termos: (1) revelação – Deus atuou na história humana; (2) inspiração – Ele deu a própria interpretação de Seus atos e seu significado para certos homens escolhidos para registrá-los para a humanidade; e (3) iluminação – Ele deu Seu Espírito para ajudar a humanidade a entender a Sua auto-revelação.

Judaísmo Rabínico. Esta fase da vida do povo judeu começou no exílio babilônico (586-538 a.C.). Como a influência dos sacerdotes e do Templo tinha sido removida, as sinagogas locais tornaram-se o foco da vida dos judeus. Estes centros locais judaicos de cultura, comunhão, adoração e Estudo da Bíblia tornaram-se o foco da vida religiosa nacional. Nos dias de Jesus esta “religião dos escribas” era paralela à dos sacerdotes. Na ocasião da queda de Jerusalém, em 70 d.C., a forma dos escribas, dominada pelos fariseus, controlava a direção da vida religiosa dos judeus. Era caracterizada pela interpretação prática e legalista da Torá, como explicada pela tradição oral (Talmude).

Legalismo. Atitude caracterizada por uma ênfase exagerada em regras ou em rituais. Tende a depender da execução humana de regulamentos como forma de obter a aceitação de Deus. Tende a depreciar a relação e a elevar o desempenho, sendo ambos importantes aspectos da relação dos pactos entre um Deus santo e uma humanidade pecadora.

Léxico analítico. Tipo de ferramenta de pesquisa que permite identificar cada forma grega no Novo Testamento. É uma compilação, na ordem alfabética grega, de definições e formas básicas. Em combinação com uma tradução

interlinear, permite aos crentes que não leem grego analisar formas gramaticais e sintáticas do Novo Testamento grego.

Linguagem descritiva. Usada em conexão com os idiomas em que o Velho Testamento está escrito. Fala de nosso mundo em termos como as coisas parecem aos cinco sentidos. Não é uma descrição científica, nem pretende ser.

Literal. Outro nome para o foco textual e histórico que era o método hermenêutico de Antioquia. Significa que a interpretação envolve o significado normal e óbvio da linguagem humana, mas também reconhecendo a presença de linguagem figurada.

Literatura Apocalíptica. Gênero predominantemente judaico, possivelmente exclusivo deles. Era como um tipo de escrita codificada usada em tempos de invasão e dominação dos judeus por forças estrangeiras. Assume que um Deus pessoal e redentor criou o mundo e controla seus eventos, e que Israel tem especial interesse e cuidado dele. Esta literatura promete vitória final através de esforços especiais de Deus.

Ela é grandemente simbólica e fantástica, com muitos termos misteriosos. Frequentemente expressa a verdade através de cores, números, visões, sonhos, meditação angélica, palavras com códigos secretos e frequentemente apresentando um agudo dualismo ou contraste entre o bem e o mal.

Alguns exemplos deste gênero são: (1) no VT, Ezequiel (capítulos 36-48), Daniel (capítulos 7-12) e Zacarias; e (2) no NT, Mt 24; Mc 13; 2Ts 2 e o Apocalipse.

Literatura de Sabedoria. Gênero de literatura que era comum no antigo oriente próximo (e no mundo moderno). Basicamente era uma tentativa de instruir uma nova geração com princípios para uma vida bem sucedida, através de poesia, provérbios ou ensaios. Era direcionada mais para o indivíduo do que para a coletividade. Não fazia alusões à história, mas era baseada nas experiências da vida e na observação. Na Bíblia, de Jó até o Cântico dos Cânticos a presença e o louvor de YHWH estão assumidos, mas esta visão religiosa de mundo não está explícita nas experiências humanas a cada momento.

Como gênero, declara verdades gerais. Contudo, é um gênero que não pode ser usado em todas as situações específicas. São declarações gerais que nem sempre se aplicam a cada situação individual.

Estes sábios ousaram encarar as perguntas difíceis da vida e frequentemente desafiaram a visão religiosa tradicional (como em Jó e Eclesiastes), produzindo equilíbrio, mas ao mesmo tempo criando tensão para as respostas fáceis a respeito das tragédias da vida.

Manuscrito. Termo relativo às diferentes cópias do Novo Testamento grego. Geralmente se dividem em diferentes tipos: (1) o material em que foram escritos (papiro, couro); ou (2) a forma da escrita em si (tudo em maiúsculas ou em minúsculas). É abreviado como “MS” (quando no singular) ou “MSS” (no plural).

Massorético, texto. Ver “Texto massorético”.

Metonímia. Figura de linguagem na qual o nome de uma coisa é usado para representar mais alguma coisa associada a ela. Como exemplo, “a chaleira está fervendo” de fato significa que “a água dentro da chaleira está fervendo”.

Nestorianismo. Nestor foi o patriarca de Constantinopla no quinto século. Ele foi treinado em Antioquia da Síria e afirmava que Jesus tinha duas naturezas, uma completamente humana e outra completamente divina. Esta opinião se desviava da visão ortodoxa de Alexandria a respeito do assunto. A principal preocupação de Nestor era o título “mãe de Deus,” dado a Maria. Nestor tinha como opositor Cirilo de Alexandria e, por implicação, seu próprio treinamento em Antioquia, que era quartel geral da abordagem histórico, gramático e textual da

interpretação bíblica, enquanto Alexandria era o quartel geral da escola de interpretação quádrupla (alegórica). Nestor finalmente foi deposto do seu cargo e exilado.

Papiro. É um tipo de material que era usado no Egito para escrever. É feito de junco dos rios e foi o material em que as mais antigas cópias do Novo Testamento grego foram escritas.

Paradoxo. Refere-se às verdades que parecem contraditórias, mas ao mesmo tempo sendo ambas verdadeiras, embora havendo certa tensão entre uma e outra. Elas constroem a verdade pela apresentação de seus aspectos opostos. Muitas verdades bíblicas são apresentadas em pares ou duplas paradoxais (ou dialéticas). As verdades bíblicas não são estrelas isoladas, mas constelações formadas de estrelas.

Paráfrase. É o nome de uma teoria de tradução bíblica. A tradução da Bíblia pode ser vista como uma correspondência contínua “palavra por palavra”, em que para cada palavra em hebraico ou em grego tem que existir uma palavra em nossa língua, ou como uma “paráfrase”, na qual só o pensamento ou ideia é traduzido, dando menos importância à redação ou às palavras do original. Entre essas duas teorias existe “a equivalência dinâmica”, que procura levar a sério o texto original, mas o traduz em formas e expressões gramaticais modernas. Uma discussão realmente dessas diversas teorias de tradução é encontrada na página 35 de Como Ler a Bíblia por Todo o Seu Valor, ⁽¹⁾ de Fee e Stuart.

Parágrafo. É a unidade literária interpretativa básica, na prosa. Contém um pensamento central e seu desenvolvimento. Se acompanharmos seu impulso ou verdade principal, não vamos dar importância ao que não tem, nem vamos perder a ideia original do autor.

Paroquialismo. Refere-se a tendências que existem dentro de um ambiente teológico e cultural local. Não reconhece a natureza transcultural da verdade bíblica nem de sua aplicação.

Passagens paralelas. São parte do conceito de que toda a Bíblia foi dada por Deus e, portanto, é o melhor intérprete de si mesma e produz o melhor equilíbrio de verdades paradoxais. É útil igualmente quando alguém está tentando interpretar uma passagem ambígua ou obscura, assim como também ajudam a encontrar a passagem mais clara e outros aspectos escriturísticos de um determinado assunto.

Platão. Um dos filósofos da Grécia antiga. Sua filosofia influenciou grandemente a igreja primitiva através dos sábios de Alexandria, no Egito, mais tarde, de Agostinho. Ele propôs que tudo na terra é ilusório e mera cópia de um arquétipo espiritual. Mais tarde alguns teólogos que equipararam as “formas e ideias” de Platão com o reino espiritual.

Pressuposição. Refere-se ao nosso entendimento preconcebido de um assunto. Frequentemente formamos opiniões ou julgamentos a respeito de algum ponto antes de abordar as Escrituras. Esta predisposição é também conhecida como tendência, posição a priori, uma suposição ou presunção.

Prova textual. É a prática de interpretação da Escritura pela citação de um versículo, sem preocupar-se com seu contexto imediato ou mais amplo, na unidade literária em que está. Isto tira os versículos da intenção original do autor e geralmente envolve a tentativa de provar uma opinião pessoal através da afirmação da autoridade bíblica.

Quadro do mundo e Visão do mundo. São termos companheiros. Ambos são conceitos filosóficos relativos à criação. A expressão “quadro do mundo” refere-se ao “como” da criação, enquanto “visão do mundo” se refere a “Quem”. São expressões relevantes à interpretação de que Gn 1-2 lida principalmente com o Quem, não com o “como” da criação.

Revelação. Nome dado ao conceito de que Deus falou à humanidade. O conceito completo é normalmente expresso por três termos: (1) revelação – Deus atuou na história humana; (2) inspiração – Ele deu a própria interpretação

e significado de Seus atos a certos homens escolhidos para registrá-los para a humanidade; e (3) iluminação – Ele deu Seu Espírito para ajudar a humanidade a entender Sua auto-revelação.

Revelação natural. É uma categoria da auto-revelação de Deus ao homem. Envolve a ordem natural (Rm 1.19-20) e a consciência moral (Rm 2.14-15). Sl 19.1-6 e Rm 1-2 falam a respeito dela. É distinta da revelação especial, que é auto-revelação específica de Deus na Bíblia de modo supremo em Jesus de Nazaré.

Esta categoria teológica vem sendo reafirmada pelo “movimento velha terra” (“old earth movement”) entre cientistas cristãos (por exemplo, os escritos de Hugh Ross). Eles usam esta categoria para afirmar que toda a verdade é verdade de Deus. A natureza é uma porta aberta para o conhecimento de Deus; é diferente da revelação especial (a Bíblia) e dá à ciência moderna a liberdade para pesquisar ordem natural. Em minha opinião, é uma oportunidade maravilhosa e nova de testemunhar para o moderno mundo científico ocidental.

Rolos do Mar Morto. Refere-se a uma série de textos antigos escritos em hebraico e aramaico, que foram encontrados perto do Mar Morto em 1947. Formam a biblioteca religiosa do judaísmo sectária do primeiro século. A pressão da ocupação romana e das guerras dos zelotes nos anos 60 levou-os a esconder em cavernas e buracos os rolos hermeticamente fechados em jarros de barro. Esses rolos nos ajudaram a entender o contexto histórico da Palestina do primeiro século e confirmaram que os textos massoréticos são muito precisos, pelo menos na época próxima de Cristo. São conhecidos pela abreviação “RMM” (Rolos do Mar Morto).

Sabedoria, Literatura de. Ver “Literatura de Sabedoria”.

Semântica. Ver “Campo semântico”.

Septuaginta. Nome dado à tradução grega do Velho Testamento hebreu. A tradição diz que foi escrito em setenta dias por setenta judeus estudiosos para a biblioteca de Alexandria, Egito. A data tradicional é em torno de 250 a.C. (na realidade possivelmente levou uns cem anos para ser concluída). Esta tradução é significativa porque (1) dá um texto antigo para compararmos ao texto Massorético hebraico; (2) mostra-nos o estado da interpretação judaica nos séculos terceiro e segundo a.C.; (3) permite-nos ter um entendimento dos judeus messiânicos antes da rejeição de Jesus. Sua abreviação é “LXX”.

Sinaítico. Manuscrito grego do quarto século d.C. foi encontrado pelo estudioso alemão Tischendorf, no Mosteiro de Santa Catarina, em Jebel Musa, sítio tradicional do Monte Sinai. Este manuscrito é designado pela primeira letra do Alfabeto hebraico chamado “aleph” [?]. Contém tanto o Velho quanto o Novo Testamento, ambos completos. É de nossos mais antigos MSS unciais.

Sinônimo. Refere-se a termos com significados exatos ou muito parecidos (se bem que na realidade não existam duas palavras que se sobreponham semanticamente de modo completo). São tão próximos que podem substituir um ao outro numa sentença sem perda de significado. É também usado para designar uma das três formas hebraicas de paralelismo poético. Neste sentido, refere-se a duas linhas de poesia que, juntas, expressam a mesma verdade (Sl 103.3).

Sintaxe. Termo grego que trata da estrutura de uma sentença. Trata das formas como partes de uma sentença são agrupadas para formar um pensamento completo.

Sintética. Um dos três termos relacionados aos tipos de poesia hebraica. Fala de linhas de poesia que compõem entre si um sentido cumulativo, às vezes chamado “climático” (Sl 19.7-9).

Talmude. É o título da codificação da tradição oral dos judeus, que criam que ela tinha sido dada oralmente por Deus a Moisés no Monte Sinai. Na realidade parece ser a sabedoria coletiva dos mestres judeus através dos anos. Há duas versões escritas diferentes do Talmude: a babilônica e a palestina, mais curta e incompleta.

Tendência. Ver “Inclinação”.

Teologia sistemática. Um dos estágios da interpretação, que tenta relacionar as verdades da Bíblia de forma racional. É a apresentação lógica, mais que meramente histórica, da teologia cristã em categorias (Deus, homem, pecado, salvação etc.).

Texto massorético. Refere-se aos manuscritos hebraicos do Velho Testamento no nono século d.C., que foram produzidos por gerações de judeus estudiosos e que contêm vogais, pontos e outras notas textuais. Deu origem ao texto básico do Velho Testamento em nossa língua. Seu texto tem sido historicamente confirmado pelos MSS hebraicos, especialmente Isaías, encontrados entre os Rolos do Mar Morto. É abreviado como “TM”.

Textus Receptus. Esta designação se desenvolveu na edição de Elzevir do NT grego in 1633 d.C. Basicamente é a forma do NT grego produzida a partir de uns poucos manuscritos ligeiramente mais antigos e das versões latinas de Erasmo (1510-1535), Estéfano (1546-1559) e Elzevir (1624-1678). Em Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento, ⁽¹⁾ p. 27, A. T. Robertson diz que “o texto bizantino é praticamente o Textus Receptus”. O texto bizantino é o menos valioso das três linhagens dos primeiros manuscritos gregos (ocidental, alexandrino e bizantino). Ele acumulou séculos de erros dos textos copiados manualmente. Contudo, A. T. Robertson também diz que “o Textus Receptus preservou para nós um texto substancialmente preciso” (p. 21). Esta tradição manuscrita grega (especialmente a terceira edição de Erasmo, em 1522) forma a base da tradução da Bíblia King James Version de 1611 d.C.

Tipológica. Tipo especializado de interpretação. Normalmente envolve verdades do Novo Testamento encontradas em passagens do Velho Testamento, por meio de um símbolo analógico. Esta categoria de hermenêutica era um elemento importante do método Alexandrino. Por causa do abuso deste tipo de interpretação, é conveniente limitar seu uso a exemplos específicos registrados no Novo Testamento.

Torah. Termo hebraico para “ensino”. Veio a ser o título oficial para os escritos de Moisés (Gênesis até Deuterônômio). Para os judeus, é a divisão com mais autoridade no cânon hebraico.

Unidade literária. Refere-se às divisões principais do pensamento de um livro bíblico. Pode ser formada por uns poucos versículos, por parágrafos ou até capítulos. É uma unidade independente com um assunto central.

Vaticanus. Manuscrito grego do quarto século d.C. Foi encontrado na biblioteca do Vaticano. Continha originalmente todo o Velho Testamento, os Apócrifos e o Novo Testamento. Contudo, algumas partes foram perdidas (Gênesis, Salmos, Hebreus, as Pastorais, Filemom e Apocalipse). É um manuscrito muito útil para determinar a fraseologia dos originais. É identificado por uma letra “B” maiúscula.

Vulgata. Nome da tradução latina da Bíblia por Jerônimo. Tornou-se a tradução básica ou “comum” para a Igreja Católica Romana. Foi feita por volta do ano 380 d.C.

YHWH. Nome de Deus no Pacto do Velho Testamento. É definido em Ex 3.14. É a forma CAUSATIVA do termo hebraico “ser”. Os judeus tinham medo de pronunciar o nome, receosos de tomá-lo em vão; por isso, substituíram pelo termo Adonai, “Senhor”, que é a forma como o nome divino na antiga aliança é traduzido para a nossa e para outras línguas.

APÊNDICE ONZE

BIBLIOGRAFIA DE LIVROS CITADOS E RECOMENDADOS

- Barr, James. *The Semantics of Biblical Language*. Oxford: Oxford University Press, 1961
- Barton, John. *Holy Writings – Sacred Text: The Canon in Early Christianity*. Richmond: John Knox Press, 1997
- Berkhof, Louis. *Systematic Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1939
- _____. *Principles of Biblical Interpretation*. Grand Rapids: Baker 1950
- Black, David A., ed. *Rethinking New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Baker Academic, 2002
- Braga, James. *How to Study the Bible*. Portland: Multnomah, 1982
- Bruce, F. F. *The Books and the Parchments*. Old Tappan, N. J.: Revell, 1963
- _____. *New Testament History*. Garden City: Doubleday, 1969
- _____. *The English Bible: A History of Translations From the Earliest Versions to the New English Bible*. Oxford: Oxford University Press, 1970
- _____. *Answers to Questions*. Grand Rapids: Zondervan, 1972
- _____, ed. *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1955
- Carson, D. A. *The King James Version Debate: A Plea for Realism*, 1979
- _____. *Biblical Interpretation and the Church*. Nashville: Thomas Nelson, 1984
- _____. *Exegetical Fallacies*. Grand Rapids: Baker, 1984
- Cole, Alan. *The Epistle of Paul to the Galatians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1964
- Cotterell, Peter and Max Turner. *Linguistics and Bible Interpretation*, 1989
- Dana, Harvey Eugene. *Searching the Scriptures*. Kansas City: Central Seminary, 1946
- Danker, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study*. Concordia, 1970
- Dembski, William A., ed. *Mere Creation*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1998
- Ehrman, Bart D. *The Orthodox Corruption of Scripture*. Oxford: Oxford University Press, 1993
- Falk, Darrell R. *Coming to Peace With Science*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2004
- Fee, Gordon D. *Gospel and Spirit: Issues in New Testament Hermeneutics*. Peabody: Hendrickson, 1991

- Fee, Gordon D. and Douglas Stuart. *How to Read the Bible for All Its Worth*. Grand Rapids: Zondervan, 1982
- _____. *To What End Exegesis?* Grand Rapids: Eerdmans, 2001
- Ferguson, Duncan S. *Biblical Hermeneutics*. Atlanta: John Knox Press, 1937
- Froehlich, Karlfried. *Biblical Interpretation in the Early Church*. Philadelphia: Fortress, 1984
- Gilbert, George Holley. *Interpretation of the Bible, a Short History*. New York: MacMillan, 1908
- Grant, Robert M. and David Tracy. *A Short History of the Interpretation of the Bible*. Philadelphia: Fortress, 1984
- Greenlee, J. Harold. *Introduction to New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972
- Hayes, John H. and Carl R. Holladay. *Biblical Exegesis*. Atlanta: John Knox Press, 1934
- Hendricks, Howard G. *Living By the Book*, 1991
- Henricksen, Walter A. *A Layman's Guide to Interpreting the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1973
- Hirsch, E. D. *Validity In Interpretation*. New Haven: Yale University, 1967
- _____. *Aims of Interpretation*. New Haven: Yale University, 1978
- Hooykaas, R. *Religion and the Rise of Modern Science*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972
- Jansen, John Fredrick. *Exercises in Interpreting Scripture*. Philadelphia: Geneva Press, 1968
- Jeeves, Malcolm A. *The Scientific Enterprise and the Christian Faith*. Downers Grove: InterVarsity, 1969
- Jensen, Irving L. *Independent Bible Study: Using the Analytical Chart and the Inductive Method*. Chicago: Moody, 1963
- Johnson, Elliott E. *Expository Hermeneutics*. Grand Rapids: Zondervan, 1990
- Johnson, Phillip E. *Darwinism on Trial*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993
- Kaiser, Otto and Werner G. Kummel. *Exegetical Method*. New York: Seabury, 1981
- Kaiser, Walter C., Jr. *Towards An Exegetical Theology*. Grand Rapids: Baker, 1981
- Kaiser, Walter C. Jr., Peter H. Davis, F.F. Bruce, and Manfred T. Baruch. *Hard Sayings of the Bible*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1996
- Kitchen, K. A. *Ancient Orient and the Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity, 1966
- Kubo, Sakae and Walter Specht. *So Many Versions*. Grand Rapids: Zondervan, 1983
- Kuhatschek, Jack. *Apply the Bible*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990
- Ladd, George Eldon. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974

- Liefeld, Walter L. *New Testament Exposition*. Grand Rapids: Zondervan, 1984
- _____. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999
- Longman, Tremper III. *Literary Approaches to Biblical Interpretation*, vol. 3, 1987
- Marle, Rene S. J. *Introduction to Hermeneutics*. New York: Herder and Herder, 1967
- Marshall, I. Howard, ed. *New Testament Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977
- Mayhue, Richard. *How to Interpret the Bible For Yourself*. Chicago: Moody, 1986
- McQuilkin, J. Robertson. *Understanding and Applying the Bible*. Chicago: Moody, 1983
- Metzger, Bruce M. *The New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration*. Oxford: Oxford University Press, 1964
- _____. *The New Testament: Its Background, Growth and Content*. New York: Abingdon, 1965
- _____. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. New York: United Bible Societies, 1971
- _____. *The Early Versions of the New Testament*, 1977
- _____. *The Canon of the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1997
- Mickelsen, A. Berkeley. *Interpreting the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 1963
- Newport, John P. and William Cannon. *Why Christians Fight Over the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1974
- Nida, Eugene. *God's Word in Man's Language*. London: William Carey, 1952
- _____. *The Hermeneutical Spiral*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1991
- Osborn, Grant R. and Stephen B. Woodward. *Handbook For Bible Study*. Grand Rapids: Baker, 1979
- Patte, Daniel. *Early Jewish Hermeneutics in Palestine*. Missoula, MT: Society of Biblical Literature and Scholars Press, 1975
- Poe, Harry L. and Jimmy H. Davis. *Science and Faith*. Nashville: Broadman, 2000
- Poythress, Vern S. *Science and Hermeneutics*. Grand Rapids: Academie, 1988
- Ramm, Bernard. *The Christian View of Science and Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954
- _____. *Protestant Biblical Interpretation*. Grand Rapids: Baker, 1970
- Ratzsch, Del. *The Battle of Beginnings*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1996
- Rowley, H. H. *The Relevance of the Bible*, 1940
- Sandy, D. Brent and Ronald L. Giese, Jr. *Cracking Old Testament Codes*. Nashville: Broadman, 1995

- _____. *Plowshares and Pruning Hooks: Rethinking the Language of Biblical Prophecy and Apocalyptic*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002
- Scholer, D. W. *A Basic Bibliographic Guide for New Testament Exegesis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1973
- Schultz, Samuel J. and Morris A. Inch, eds. *Interpreting the Word of God*. Chicago: Moody, 1976
- Silva, Moises. *Biblical Words and Their Meaning*. Grand Rapids: Zondervan, 1983
- _____. *Has the Church Misread the Bible?* Grand Rapids: Zondervan, 1987
- Silva, Moises, ed. *Foundations of Contemporary Interpretation*. Grand Rapids: Zondervan, 1996
- Sire, James W. *Scripture Twisting*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1980
- Stagg, Frank. *New Testament Theology*. Nashville: Broadman, 1962
- Stein, Robert H. *A Basic Guide to Interpreting the Bible: Playing by the Rules*. Grand Rapids: Baker, 2000
- Sterrett, J. Norton. *How To Understand Your Bible*. Downers Grove: InterVarsity, 1973
- Stewart, Douglas. *Old Testament Exegesis*. Philadelphia: Westminster, 1980
- Stewart, James S. *A Man In Christ*. New York: Harper and Row, 1935
- Stibbs, Alan Marshal. *Understanding God's Word*. London: InterVarsity, 1950
- Stuart, Douglas. *Old Testament Exegesis*. Philadelphia: Westminster, 1980
- Tenney, Merrill C. *Galatians: The Charter of Christian Liberty*. Grand Rapids: Eerdmans, 1950
- Terry, Milton. *Biblical Hermeneutics*. Grand Rapids: Zondervan, 1974
- Thiselton, Anthony C. *The Two Horizons*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980
- Traina, Robert A. *Methodical Bible Study*. Grand Rapids: Zondervan, 1985
- Vanhoozer, Kevin J. *Is There a Meaning in This Text*. Grand Rapids: Zondervan, 1998
- Vaughn, Curtis, ed. *Twenty-Six Translations of the Bible*. Chattanooga: AMG, 1985
- Vine, W. E. *Vine's Expository Dictionary of New Testament Words*. Westwood, N. J.: Revell, 1966
- Virkler, Henry A. *Hermeneutics*. Grand Rapids: Baker, 1981
- Walke, B. K., D. Guthrie, G. D. Fee and R. K. Harrison. *Biblical Criticism: Historical, Literary and Textual*, 1997

APÊNDICE DOZE

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA

Não tenho interesse especial por declarações de fé ou credos. Prefiro afirmar a própria Bíblia. Contudo, compreendi que uma declaração de fé permitirá àqueles que não me conhecem avaliar minha perspectiva doutrinária. Em nossos dias, com tanto erro teológico e engano, a seguir ofereço um breve resumo de minha teologia.

1. A Bíblia, tanto o Velho quanto o Novo Testamento, é a Palavra de Deus inspirada, infalível, autorizada e eterna. É a auto-revelação de Deus registrada por homens sob direção sobrenatural. É a nossa única fonte de verdade clara a respeito de Deus e Seus propósitos. É também a única fonte de fé e prática para Sua igreja.

2. Há somente um Deus eterno, criador e redentor. Ele é o criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. Ele revelou a Si mesmo como amoroso e cuidadoso, embora sendo também imaculado e justo. Ele revelou a Si mesmo em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito; verdadeiramente distintos e ao mesmo tempo um em essência.

3. Deus está ativamente no controle do Seu mundo. Há tanto um plano eterno e inalterável para Sua criação quanto um individual, que permite aos seres humanos terem livre arbítrio. Nada acontece sem o conhecimento e a permissão de Deus, mas Ele permite decisões individuais tanto para anjos quanto para seres humanos. Jesus é o Eleito do Pai e Nele todos são potencialmente eleitos. A presciência de Deus a respeito dos acontecimentos não reduz os seres humanos a um roteiro de predestinação. Todos nós somos responsáveis por nossos pensamentos e atos.

4. A humanidade, embora criada à imagem de Deus e sem pecado, escolheu rebelar-se contra Deus. Embora tentados por um agente sobrenatural, Adão e Eva foram responsáveis por seu egocentrismo voluntário. Sua rebelião afetou a humanidade e a criação. Todos necessitam da graça e misericórdia de Deus, tanto por nossa condição coletiva, em Adão, quanto por nossa rebelião individual voluntária.

5. Deus providenciou um meio de perdão e restauração a humanidade caída. Jesus Cristo, filho Unigênito de Deus, tornou-se homem, viveu uma vida sem pecado e, por meio de sua morte substitutiva, pagou a penalidade pelo pecado da humanidade. Ele é o único meio de restauração da comunhão com Deus. Não há outro meio de salvação, exceto através da fé em Sua obra completa.

6. Cada um de nós tem que receber pessoalmente a oferta divina de perdão e restauração em Jesus. Isto é alcançado por meio da confiança voluntária nas promessas de Deus através de Jesus e de um afastamento decisivo de todo pecado conhecido.

7. Todos nós estamos completamente perdoados e restaurados com base na nossa confiança em Cristo e no arrependimento do pecado. Contudo, a evidência deste novo relacionamento é vista numa vida mudada e em mudança. O alvo de Deus para a humanidade é não apenas o céu, algum dia, mas a semelhança de Cristo já na atualidade. Aqueles que estão verdadeiramente remidos, embora ocasionalmente possam pecar, continuarão com fé e arrependimento por toda a vida deles.

8. O Espírito Santo é “o outro Jesus”. Ele está presente no mundo para guiar o perdido a Cristo e para desenvolver a semelhança de Cristo no salvo. Os dons do Espírito são dados na salvação. Eles são a vida e o ministério de Jesus repartidos entre Seu corpo, que é a Igreja. Os dons, que basicamente são as atitudes e motivos de Jesus, necessitam ser motivados pelo fruto do Espírito. O Espírito está ativo em nossos dias como era nos tempos bíblicos.

9. O Pai tornou Jesus Cristo ressuscitado Juiz de todas as coisas. Ele retornará à terra para julgar toda a humanidade. Aqueles que confiaram em Jesus e cujos nomes foram escritos no livro da vida do Cordeiro receberão corpos glorificados e eternos quando Ele voltar. Estarão com Ele para sempre. Contudo, aqueles que se recusaram a

aceitar a verdade de Deus estarão separados eternamente das alegrias da comunhão com o Deus Triúno. Eles serão condenados juntamente com o Diabo e seus anjos.

O assunto certamente não está completo nem esgotado, mas tenho esperança de que revelará a você as preferências teológicas do meu coração. Gosto da declaração:

“No que é essencial – unidade; no que é secundário – liberdade; em todas as coisas – amor.”

UM POEMA

**Algo não pode significar o que nunca pretendeu
Tenho isso em meu coração.
E quando estudo as Escrituras
Ouço o eco desse refrão.**

**Tenho estudado hermenêutica e exegese também,
Então, como consequência disso,
Tenho mudado minha perspectiva em alguma medida
Tenho aprendido algumas nomenclaturas
difíceis de definir
como relativismo cultural e desenho textual.
Há ainda muito mais que quero aprender,
Como desenterrar a verdade
Espero algum dia torna-me um detetive-leitor da Bíblia
Um novo respeito tenho tido pela Santa Palavra de Deus somente
Inspirando-me a conhecer a verdade e ouvi-la como foi ouvida.
Mas sei que devo lembrar-me:
Parei em frente a uma porta aberta,
e jamais posso retornar novamente para onde estava.**

Pat Bergeron

11/27/91